



**D. MARIA DE PORTUGAL**  
(1538-1577)  
**PRINCESA DE PARMA**

*Monumenta Sparsa*

CENTRO INTERUNIVERSITÁRIO DE  
HISTÓRIA DA ESPIRITUALIDADE

PORTO  
1998



UNIVERSIDADE DO PORTO  
CENTRO INTER-UNIVERSITÁRIO  
DE  
HISTÓRIA DA ESPIRITUALIDADE





**D. MARIA DE PORTUGAL**  
(1538-1577)  
**PRINCESA DE PARMA**

*Monumenta Sparsa*

DIRECÇÃO DE  
JOSÉ ADRIANO DE FREITAS CARVALHO

UNIVERSIDADE DO PORTO  
CENTRO INTER-UNIVERSITÁRIO  
DE  
HISTÓRIA DA ESPIRITUALIDADE

---

Impressão: Humbertipo / Porto

Depósito legal: 131219/99

*Colaboradores:*

Isabel Morujão  
Jacobó Sanz Hermida  
João Carlos Serafim  
José Adriano de Freitas Carvalho  
Luís de Sá Fardilha  
Maria de Lurdes Correia Fernandes  
Pedro Vilas-Boas Tavares  
Zulmira C. Santos

Investigação apoiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia  
Edição subsidiada pela Fundação Eng. António de Almeida





*Francesco Pourbus Senior*  
Galeria Nacional de Parma



**D. MARIA DE PORTUGAL**  
(1538-1577)  
**PRINCESA DE PARMA**

*Monumenta Sparsa*

CENTRO INTERUNIVERSITÁRIO DE  
HISTÓRIA DA ESPIRITUALIDADE

PORTO  
1998





A decisão de reunir o conjunto de documentos em torno de D. Maria de Portugal (1538-1577), princesa de Parma desde 1565, que aqui se publica, tem, como a maior parte da investigação, a sua raiz na *petite histoire*...

Em 1990, em Nápoles – para onde foi levada grande parte dos arquivos dos Farnese parmenses depois da sua aliança com os Bourbon –, pesquisando o que poderia restar, em arquivos e bibliotecas, que pudesse ajudar a reconstituir a biografia dessa princesa como suporte e moldura do breve «memorial de vida» que, depois da sua morte, divulgou o Padre Sebastião de Morais, S. J., seu antigo confessor, vimo-nos confrontado, juntamente com a Doutora Maria de Lourdes Correia Fernandes, com a surpresa, que então nos pareceu impossível que traduzisse a realidade dos factos, de que, para além do que registara, em *Portogallo e Italia nel secolo XVI* (Napoli, 1914), o benemérito A. Pelizzari, nada mais havia... Tudo o resto desaparecera, entre mudanças e incêndios... Só a simpatia e boa vontade dos funcionários patenteando, diante da nossa incredulidade, as lacunas de livros e estantes, logrou convencer-nos... E mesmo assim, haverá que pesquisar com mais vagares... Em Parma, apenas uma frustrante sondagem à existência de exemplares das numerosas edições da sua biografia espiritual traçada por esse seu confessor que pudessem existir nessa bela biblioteca que se alberga no Palácio della Pilotta... Depois, quase nada fomos encontrando em Lisboa... E Évora, tantas vezes lugar de corte e perene e importante centro da Companhia de Jesus, apenas revelava, à parte de alguma carta oficial, uma tradução – e em castelhano – da *Lettera scritta dal R. P. Confessore della Serenissima Principessa di Parma e Piacenza ad una principale Signora supra la vita e morte di Sua Alteza...*, quer dizer da *Vita e Morte della Serenissima Principessa di Parma e Piacenza* que os homens do oratório da Catedral de Bolonha mandaram editar em 1578. Em Vila Viçosa, terra ducal a que, segundo Fr. Luis dos Anjos. O.S.A., no *Jardim de Portugal* (Coimbra, 1626), pertence, nataliciamente, enquanto mulher exemplar em virtudes e santidade, os estragos do tempo e igualmente as mudanças – de Vila Viçosa para Lisboa... – tinham-se feito também sentir... E nem sequer a alta gentileza e perícia dos funcionários do arquivo da Casa de Bragança foi capaz de fazer surgir um único documento ou de apontar uma pista arquivística... O seu próprio nome estava confuso, se não perdido, nas memórias das gentes... E, se calhar, também na dos papéis... É certo que os portugueses – e seria interessante tentar perceber porquê – nunca se interessaram em difundir o seu nome e a sua vida, pois, tanto quanto sabemos, nunca traduziram nem editaram a obracinha do malogrado bispo do Japão..., ainda que não faltem, entre nós, desde cedo, referências à biografia da princesa que dependem desse texto. Em Parma, depois dessa primeira sondagem «literária», o Dr. Pedro Tavares e eu próprio, alcançamos, mercê de algumas pistas que, entretanto, nos sugeriu o Prof. Giuseppe Bertini – o que, naturalmente, não podemos deixar de agradecer – alguma documentação significativa, se não dos interesses da princesa, pelo menos da sua dedicação e da sua boa vontade para servir os desejos e os interesses dos muitos que, de longe e de perto, a ela recorriam.

A continuação da investigação e os incentivos de um Colóquio-Seminário permitiram encontrar, como já ficou registado, novos documentos e apurar tanto a lição de alguns como precisar a sua cronologia e até atribuição\*.

Deste modo, decidimos tentar reunir o que, édito ou inédito, se revelasse de interesse para o nosso propósito e publicá-lo, em edição provisória, como apoio a esse Colóquio-Seminário que o Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto realizou (28-29-30 de Maio de 1998) sobre a figura dessa pequenina senhora portuguesa que durante onze anos, e no meio de tantas angústias, foi mulher de um Alexandre Farnese.

Naturalmente, neste volume, continuam a faltar alguns documentos, pois, em face da vastidão do conservado no Archivio dello Stato di Parma referente aos anos em que a princesa aí viveu, optámos por publicar neste primeiro volume, apenas a documentação que, directamente, lhe diz respeito – na vida ou na morte. Deixámos, por isso, para um próximo volume toda a que, vivendo ela, concerne a seus filhos – desde as suas doenças à sua eleição para algumas confrarias... – e a outras personagens que, directa ou indirectamente, na sua correspondência

ou em seus memoriais, à princesa se referem ou a ela aludem... Tentando evitar repetições, privilegiamos ainda alguns dos textos que podem documentar, desde Portugal, os primeiros ecos da *fama vitae* e da *fama sanctitatis* da Princesa de Parma.

Deste modo, publicam-se, pela primeira vez, alguns textos importantes, e, antes de mais, não só o texto italiano da *Vita e Morte della Serenissima Principessa di Parma e Piacenza* – fonte de quase tudo o que se tem dito sobre Maria de Portugal –, mas também a sua tradução manuscrita em castelhano que se conserva na Biblioteca Pública de Évora... Dispostos segundo uma ordem aproximadamente biográfica, esperamos que possam não só ajudar a definir alguém que, em geral sempre aparece confundida com outras princesas do mesmo nome, mas também revelar-se uma base de futuras investigações que se debrucem sobre uma figura que, descontadas as flores de Retórica, pôde, desde cedo, ser apontada como um exemplo de mulher e de grande senhora..., entendamos desse ideal de princesa cristã que tantos do seu tempo procuraram propor.

Esta edição actualizada e mais completa dos *Monumenta Sparsa* só é possível graças à compreensão e generosidade da «Fundação Eng. António de Almeida» a quem, na pessoa do seu Presidente, Dr. Fernando Aguiar Branco, agradecemos penhoradamente.

Porto, 21 de Outubro de 1998

José Adriano de Freitas Carvalho.

\* Na transcrição e edição dos documentos que se seguem, procurou-se ser o mais fiel possível à lição diplomática, quer dos textos já editados, quer dos documentos inéditos. No entanto, em algum caso, em face da ambiguidade textual, vimo-nos forçados a racionalizar a pontuação.

Por outro lado, devido à não adaptação do programa informático a certos grafismos arcaicos, vimo-nos na necessidade de utilizar o [˘] em vez de [˘~] sobre algumas nasais [e], [i] e [u].

*Monumenta Sparsa*



**CARTA**  
**de Fr. André da Ínsua a el-rei D. Sebastião**

Senhor, A outra carta que vay com esta, escrevi a Vossa Alteza cuidando que se partise logo hũu correio que El Rey mandava. E como não partio ao tempo que esperavão, veyo Antonio Ribeiro, criado do embaxador, e me deu a carta de Vosa Alteza de 16 de Julho, pela quall me mandava que de novo apertase o negocio principall ha que vim. E segundo nela vejo, parece que V. A. tem pera si que se perdeo qua algũu tempo neste negocio. Vosa Alteza pode crer que ainda que por algũas vezes fuy maltratado da minha gota, por honde parecia que se podia perder tempo, que nunca se perdeo hũu ponto, porque, como despois de eu falar a El Rey não era necesario apertalo por minha pessoa senam pelo bispo e Rui Gomez, da cama honde estava era muytas vezes visitado, o fazia com toda a vigilancia possivell, de maneira que quando podia parecer que não se fazia nada pera a arte del Rey e o seu umor, se andava dobrado caminho, em especiall procurando eu de guardar tanto o que V. A. na minha instrução e agora por esta carta me tanto encomenda e manda, que trate isto com tanta brandura e suavidade de maneira que nem o apertar seja de modo que quebre nem o deferir seja de modo que dane. E bem ve Vosa Alteza que ate chegada deste Madrid não foy posivell poderse fazer nada, porque tudo foy caminhar e festas em Valença, em Cuenca; e chegando, e Sua Magestade asentado, enfermou, e socederão cousas pelas quaes Rui Gomez e o bispo confessor me aconselharão que me não bulise em nada ate me eles darem aviso, e asi mo derão pera começar apertar o negocio como o fiz, de que ja dei conta a V. A. Pela carta da Rainha nosa senhora entendo como ja V. A. tinha sabido tudo o que pasava, porque, segundo entendo, ao escrever da sua não tinha a Rainha nosa senhora recebido a minha que tratava da fala que fiz a El Rey, pela quall saberia como ja tinha feyto tudo o que V. A. nesta dos 16 me tinha mandado sem faltar hũu ponto, que ando nisto tão cauteloso polos perigos que a arte del Rey traz consigo, que nehũa cousa lhe falo sem primeiro a limar muyto bem com Ruy Gomez e com o bispo confessor. E ainda digo a V. A. que anda isto tão conaedo [?] que muytas cousas não ousou dizer a El Rey (como era o negocio de seu casamento de Inglaterra) e eles mas fazem dizer e me aprovão muytas outras que eu não ousaria de tocar. E isto fazem porque ambos tem muyto grande conhecimento e experiencia do sogeito e natureza de Sua Magestade. De maneira que quanto a esta carta não tenho mais que responder, por ter ja cumprido em tudo o que V. A. me manda. E quanto ao que V. A. me diz que convem despacharme e proceder em este negocio com brevidade, porque asi no segredo como nos juizos que se podem lançar, pode isto contrariar a meu habito e profissão e ao serviço de V. A., a isto digo que, quanto ao segredo, ja na outra escrevo que ate Sua Magestade, praticando com o confessor, se espantou muyto de em tanto tempo não aver pessoa que atine nem sospeite isto, em tanto que ate Princeza ategora pode saber nada. E Ruy Gomez e o bispo se gloriam muyto de isto estar em tanto segredo. Dos juizos V. A. esteja muyto seguro, que nesta corte tem os homẽes tanto que fazer consigo que nehũa conta tem com seus vizinhos, e prouvera a Nosa Senhor que asi o estivera ela em outras cousas como esta livre de tratar de vidas alheas como outras que ha no mundo. Nem ha quem se espante de mim nem posa tomar juizo, porque ha mais de vinte anos que trato esta corte e casi sempre em officios publicuos ou acompanhando quem os tinha, pelo quall som muyto conhecido de todos os principes e senhores deste Reino, por honde não pode aver novidade na minha estada aqui, em especiall sabendo todos a razão e amizade que ha entre mim e o bispo confessor. Os juizos que pode aver serão do embaxador Dom Francisco e de Dom Jose seu filho que qua veyo inquietalo, porque estando ele ja muy chãao em minha estada e sem nenhũu escrupulo, depois que veyo e o ouvio se começou de novo a desconfiar de mim, e de la com cartas o faz cada dia levantandome que eu me gabo que com comissão de Vosa Alteza vim casar a senhora Dona Maria, cousa que em minha vida imaginei. V. A. pode crer que no segredo sou hũa pedra, e saberse o negocio do çerrar os portos o embaxador parecendolhe que se sanea nisto, o diz a todos, dizendo que se eu dixer que venho a outra cousa, que não falo o que he, e algũs mo vem perguntar e eu contudo a ninguem respondo a preposito antes lho perguntey e ele me confessou que o dizia. E contudo he muyto bõo homem e de muyto boa condição e folga muyto de se aconselhar em tudo o que ha de fazer,

comigo, e acha em mim toda a amizade e verdade, se não fose querelo inquietar seu filho. Pelo quall saiba V. A. que não negoceo eu o que me manda de maneira que seja contra meu habito e profissão nem contra o serviço de V. A. como na sua aponta, porque sobre ser tão conhecido nesta corte e ter tantos senhores e amigos, a pessoa viva visito senão a Ruy Gomez e ao bispo e ao embaxador. E a fama em a authoridade que eu tenho nesta corte he muyto conforme a honrra do habito e profissão e muyto ao serviço de V. A. E Noso Senhor me he testemunha como hũa das cousas que mais areciei em aceitar este caminho foy o perigo do embaxador e de ver o que Dom Jose seu filho, antes que eu de la partise jazendo em hũa cama doente, fez de alvoroços sobre esta vinda minha. Noso Senhor a vida de V. A. conserve em estado de graça. Desta Madrid, oje, 5 de Agosto de 1564. A Rainha nosa senhora me escreve sobre a cômmissão que trouxe aqerqua do casamento de V. A. Eu lhe respondo o que nisto pasa e o que se deve fazer. Sua Alteza lhe dara conta de tudo pera logo com muyta brevidade me mandar responder o que ha por seu serviço. Frey Andreas Insulanus.

[A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, 3-18-87. (Leitura de F. Lopes, *Fr. André da Ínsua, Geral dos Observantes Franciscanos*, in *A. I. A.*, Segunda Época, XII (1952), 76-78.)]

MINUTA

de carta do Cardeal D. Henrique para Fr. André da Ínsua (1564)

Padre Frey André, A Senhora Infante Dona Isabel minha Irmã me deu conta do que lhe escrevereys acerca do casamento de minha sobrinha com o Principe de Parma e do que pasareys acerca diso com Ruy Gomez, e por muy certo tenho que em tudo guardarieys o que se devia em tal materia, e que a mym tanto toca, pola parte que me cabe em todas as cousas de minha sobrinha, a qual eu tenho muy grande amor e conforme a ele ey de procurar sempre toda sua consolacam e descanso. E porque por esta razam e por outras muytas que nesta materia concorrem, tenho eu grande obrigacam de as olhar e considerar como devo a este amor, me pareceo necesario pera niso poder melhor falar, entender particularmente o que se aponta por parte do Principe posto que a pesoa de minha sobrinha e as suas grandes calidades requeiram muy poucos ou nenhũs apontamentos. Tambem queria saber o que o senhor Rey de Castela nesta materia ordena fazer, que tenho por muy certo que sera tudo o que deve, tendo minha sobrinha com ele tam conjunto dividido. E posto que do estado do Principe e da entrada dele tenha algũa informacam e a senhora Ifante minha irmã me tenha dito o que diso lhe tendes scripto, todavia folgaria de particularmente mo escreverdes. O modo de tratardes esta materia e saberdes as cousas que dela vos aponto, deixo a vos pera o fazerdes em tal maneira que nam perjudique ao que se deve no resgardo que he razam que se tenha a pesoa de minha sobrinha e a meu serviço.

Para Frey Amdre da Insula sobre o casamento do Principe de Parma com a senhora Dona Maria.

Esta carta screveo o Cardeal de sua mão.

**MINUTA**  
**de carta do cardeal D. Henrique para Fr. André da Ínsua (1564)**

Padre Frey Andre, por outra carta vos escrevo acerca do que tendes pasado na materia do casamento de minha sobrinha com o Principe de Parma, sobre o qual hũu pouco tocastes na carta que screvestes agora deradeiramente a El Rey meu senhor. E posto que do que confio de vos devo sperar que procedereys em tal materia com aqueles modos e formas que se devem ao serviço del Rey meu senhor e a mym e a minha sobrinha, todavia me pareceo devervos lenbrar por esta carta que o que falardes e tratardes nesta materia, assy no que vos encomendo que saibais como no responder ao que vos nele falarem, procedaes em tal maneira que nam se entenda que o fazeys em nome del Rey meu senhor nem por ordem e comisam minha, porque por agora nam convem entenderse isto nem seria razam por parte de S. A. nem minha darse ainda agora nela penhor, e parece que basta mostrardes vos que todas estas cousas tratâes como de voso e que as quereys entender e saber pera dardes delas melhor razam se qua se poder melhor entender o negocio. E esta ordem que vos encomendo que tenhâes seja pera vos somente porque asi pera o de laa como pera o de qua nam seria bem saberse, e eu confio de vos que o fareys asy inteiramente.

1564. Para Fr. Andre da Imsula sobre o casamento do Príncipe de Parma com a senhora Dona Maria.

Esta carta screveo o Cardeal de sua mão.



CARTA

de Fr. André da Ínsua ao rei Sebastião de Portugal sobre as dificuldades no contrato de casamento de D. Maria com o príncipe de Parma (Madrid, 13.11.1564).

Senhor, Estando pera tomar conclusão neste contrato do casamento da sôra Dona Maria, tornou a recair o ayo do Príncipe que tem a procuração do Duque de Parma, e de maneira que fica muy perigoso; polo quall nada temos acabado, porque ha dias que tiveramos mandado ja os apontamentos se isto não fora. E porque sera perigo morrer este homem agora, porque era necessario mandar a Parma buscar outros poderes, por isso quiz dar aviso [a?] Ifante Dona Isabel dos pontos em que qua fazião toda a diffículdade pera me poder avisar do que lhe parecia e do que V. A. avia por seu serviço. Em tres pontos a y qua toda a diffículdade: o primeiro he no que hão de asinar aos Príncipes de renda em quanto não erdarem; o outro he o que hão de asinar a senhora Dona Maria; e o terceiro que hão de dar davantagem a senhora Dona Maria morrendo o Príncipe sem filhos. Quanto ao primeiro não querem dar a ambos senão vinte mill cruzados, e a senhora Dona Maria destes oyto, e morrendo o Príncipe sem filhos que lhe darão seu dote e arras e mais a quarta parte de tudo que pode montar tudo ate çem mill cruzados. Fiquamos ainda neste combate porfiando, folgaria que Vosa A. me mandase avisar do que lhe parece. Outros pontos a y em que cuido que nos concertaremos, dos quais a Ifante podera informar a Vosa A. O Papa movido por paz da cristandade comete agora em muyto grande segredo ao bispo confessor que trate com Sua Magestade algũ bõ meyo acerqua da precedencia de França, porque quer fazer tudo o que julgar que se pode fazer. Isto manda em tanto segredo por os perigos que ha nesta casa dalva por parte do Duque de Florença, os quais não sofrem que cousa de bem venha por mão do bispo nem de Ruy Gomez. O bispo e Ruy Gomez tratão agora de hũu bõ meyo que cuido que, sem fazerem injuria a El Rey de França, podera Sua Magestade ficar satisfeyto. Espero em Noso Senhor que se fara com toda paz. Isto me dixerão este dous homens em grande segredo, que o não sabe ninguem do Conselho ategora, e praticuão comygo o modo que se podia dar, o quall cuido que se achara. Vosa A. o mande ter em todo o segredo ate que saya a lume. Noso Senhor a vida de Vosa A. conserve em estado de graça. Deste Madrid, oje 13 de Novembro de 1564. Fr. Andreas Insulanus.

*Endereço:* A El Rey noso senhor.

## CONFIRMAÇÃO

## Ratificação e aprovação dos contratos do casamento de D. Maria com o Principe de Parma, Alexandre Farnese.

IN DEI NOMINE. AMEN. Tenore præsentis publici Instrumenti, cunctis pateat evidenter. Quod anno à Nativitate Domini, Millesimo, quingentesimo, sexagesimo sexto, Indictione nona, die vero prima, mensis Januarij. Sede apostolica vacante, In mei Notarij publici, Testiumque infra scriptor: ad hoc specialiter vocatorum, & rogatorum præsentia. (ibidemque etiam præsentibus, videntibus, audientibus, & assistentibus, Serenissimæ Domina, Margarita ab Austria, infra scripti Illustrissimi & Excellentissimi Domini Ducis Octavij Farnesij Uxore, necnon Reverendo in Christo patre, Domino Emanuele Dalmada, Episcopo Angrensi, Serenissimi Principis Sebastiani Regis Portugalie, à Consilijs, per Suam Majestatem, ad comitandum & deducendum ex Portugalia in Flandriam, & Bruxellas Ducatus Brabantie, Cameracen. ad maritum, Serenissimam Dominam, Donam Mariam, filiam Serenissimæ Domine Iffantæ Donæ Isabellæ, specialiter deputato) Personaliter constituti, Illustrissimus & Excellentissimus Dominus, Dominus Octavius Farnesius, Dux secundus Parmæ, Placentie, & Castri, ac Marchio Novariæ, &c. Necnon Illustrissimus & Excellentissimus Dominus Princeps Alexander, suus filius legitimus, Dixerunt & protestati fuerunt, se habuisse & habere plenam & perfectam scientiam & notitiam, de omnibus & singulis capitulis, conventionibus & pactis, ac de omnibus in eis contentis, per & inter generosum & Magnificum Virum Dominum Julianum Ardinghellum, Nobilem florentinum, equitem ac militem Hospitalis Sancti Joannis Hierosolimitani, tanquam eorundem Illustrissimorum & Excellentissimorum Dominorum Ducis Octavij, & Principis Alexandri respective, procuratorem, ad omnia & singula, in infra inserto Ratificationis Instrumento, Idiomate portugalen. ac hispanico, & à quomodolibet descripto, contenta peragendum, specialiter constitutum ex una, & Serenissimam Dominam Iffantem Donam Isabellam, ac prefatam Serenissimam Dominam, Donam Mariam suam filiam, ex Serenissimo felicis recordationis, Domino Iffante Don Edoardo, filio etiam bonæ memoriæ, Serenissimi Regis Portugalie, Don Emanuelis, Principales principaliter pro se ipsis, & presertim pro dicta Serenissima Domina Dona Maria, partibus ex altera, pro securitate & complemento Dotis & Antifati, ac omnium & singulorum Jurium Dotalium ejusdem Serenissimæ Domine Donæ Mariæ, tunc Sponsæ, nunc vero uxoris prefati Illustrissimi & Excellentissimi Domini Principis Alexandri Farnesij, & Illor. occõne, initis, factis, acceptatis, & Juratis, prout & quemadmodum in dicto publico infra inserto Ratificationis Instrumento per Magnificum Dominum Pantaliam Rebello Notarium publicum, sub Data Ulxibonæ Anno à Nativitate Domini Millesimo, quingentesimo, sexagesimo quinto, Die sexta mensis Junij, desuper confecto, rogato, stipulato & subscripto, latius continetur. Ad quod quidem Instrumentum originale apud acta dicti Notarij existens, prefati Illustrissimi Domini Dux Octavius & Princeps Alexander se referunt. Voluntque omnia & singula infra scripta ad illud semper condigne referri, & prout in eodem Instrumento continetur, in omnibus & per omnia conformiter intelligi & interpretari. Tenor vero hujusmodi Instrumenti, de quo supra fit mentio (meliori tamen collatione cum dicto suo originali semper salvo) sequitur & est talis.

EN NOME DE DEUS AMEN. Saibaõ quantos este publico Instrumento de Approvaçaõ, ratificaçaõ, Declaraçaõ, e acceptaçaõ, virem, que no anno do Nascimento de nosso Senhor Jesu Christo, de mil e quinhentos e sesenta e cinco annos, aos seis dias do mes de Junho, nesta Cidade de Lisboa, nos Paços delRei nosso Senhor, nos aposentamentos da Serenissima Senhora Iffante Dona Isabel, estando a dita Senhora Iffante presente, e a Serenissima Senhora Dona Maria sua filha, e filha do Serenissimo Senhor Iffante Don Duarte que Deus aja, netta do Serenissimo Rey dom Manuel, que esta em gloria, e bem assi estando presente, o muito Magnifico Comendador Juliano Dardinguelo, como procurador bastante do Illustrissimo e muito Excelente Senhor Don Octavio Farnese Duque de Parma, e Plazença, logo perante mim Notario publico, e testemunhas ao diante nomeadas, diseraõ as dictas Serenissimas Senhoras Iffante Dona Isabel, e Senhora Dona Maria sua filha, que ellas tinhaõ muito bem visto, e entendido, o contracto de Dote, e casamento que fora feito, antre o Excellentissimo Senhor Dom Alexandre Farnese, Principe de Parma, e Plazença, e ella Senhora D. Maria, e asi os acordos, e convenças, pactos, e asentos do dicto Dote, em os quaes avia acordado, o dito Senhor Duque, Pay do dito Senhor Principe, e que tudo approvavaõ, e ratificavaõ, e aviaõ por firme e valioso, e queraõ,

e aviam por bem, que tudo se comprisse, asi, e da maneira, que no dito contracto se contem, e que de suas partes tudo o compririaõ sem falta, nem diminuiçaõ alguna, e a d ... Senhora Iffante por licentia delRey nosso Senhor, e provisao que para iso lhe passou, que ao diante yran trasladada, Jurou aos Sanctos Evangelhos, sobre os quaes pos sua maõ direita, de tudo de sua parte cumprir, como no dicto Instrumento di Dote se contem, e o dicto Comendador Ardinguelo, como procurador do dicto Senhor Duque, disse que elle declarava a quantidade de que o dicto Senhor Duque podia testar, e despor em sua ultima vontade, que era de cem mil cruzados, dos bens patrimoniaes, e aludiaes, a qual declaraçao fazia conforme a hum acordo, e capitulo do dicto contracto, e as dictas Serenissimas Senhoras Iffante Dona Isabel, e a Senhora Dona Maria sua filha disseram com parescer delRey nosso Senhor, e da Raynha nossa Senhora, e do Senhor Cardeal Iffante, e por lho pedir o dicto Senhor Principe de Parma, que consentiaõ, e aviam por bem a dicta declararam, que o dicto Comendador Ardinguelo fazia dos dictos cem mil cruzados, e que eraõ contentes que naõ taõ somente, o dicto Senhor Duque podesse testar dos dictos cem mil cruzados, e dispor delles em sua ultima vontade, mas ainda que podesse delles dispor, em quaesquer actos entre vivos, que elle quisesse, e por bem tivesse, sem embargo, que no capitulo do contracto que disse falla se naõ diga senaõ que poderia testar e dispor, em sua ultima vontade, da quantidade que neste Reyno seu procurador declarasse, com consentimento dellas dictas Senhoras, e sem embargo da ratificaçaõ, que o dicto Comendador Ardinguelo tem feito no dicto contracto. A qual declaraçao, outro si, o dicto Comendador Ardinguelo fes que o dicto Senhor Duque podesse dispor ate contia dos dictos cem mil cruzados, assi em auctos inter vivos, como em sua ultima vontade. Outro si foi dicto, e declarado pelo dicto Comendador Ardinguelo, como procurador do dicto Senhor Duque de Parma e Plazença, que o dito Senhor Duque dava, como de feito deu, daguora para todo sempre, ao dito Senhor Principe seu filho, e a dicta Senhora Dona Maria, o Marquessado da Cidade de Novara, com todos seus termos, e Jurisdicãõ, mero, e mixto Imperio, assi e da maneira como elle dito Senhor Duque o tem e lhe pertence, e milhor se com direito o poderem aver, reservando somente pera elle Senhor Duque, as concessoes dos perdoens, e graças dos desterrados e banidos do dicto Marquessado, porque os dictos perdoens e graças, elle Senhor Duque somente os podera dar, e conceder. E outro si declarou o dicto Comendador Ardinguelo que os alimentos que por bem do contracto os dictos Senhores Principe de Parma, e Senhora Dona Maria, haõ daver delle Senhor Duque, que os averaõ pellas rendas do dicto Marquessado, e o que faltar pera comprimento dos dictos alimentos que no dicto Dote saõ declarados, elle Senhor Duque lhos dara e assignara, em terras e lugares, de que elles Senhores Principe, e Senhora Dona Maria sejaõ contentes, as quaes declaraçoens, e tudo o mais conteudo neste Instrumento, e no dicto contracto de Dote, o dicto Comendador Ardinguelo prometeo, e se obrigou, que o dicto Senhor Duque de Parma, e Plazença, tudo approvaria, e ratificaria, e averia por bom e firme, e por de tudo as dictas Serenissimas Senhoras Iffante, e Senhora Dona Maria sua filha, e o dito Comendador Ardinguelo, como procurador do dito Senhor Duque serem contentes mandaraõ ser feito este publico Instrumento, que se obrigarão a cumprir em tudo, como nelle se contem sob obrigaçaõ de suas rendas, e bens avidos, e por aver, que para iso obrigaraõ, e o dicto Comendador Ardinguelo obrigou a tudo cumprir, os beens e rendas do dicto Senhor Duque avidos e por aver, e renunciaraõ todas as leys, direitos e cousas que em seu favor façaon, ou possaõ fazer, porque dele nenhuma cousa queren usar, senaon cumprir con effecto este contracto, e todo o que nelle se contem, e eu Notario publico, como pessoa publica, tudo o sobredito stipulei e accetei per solene stipulaçaõ, das partes presentes, em nome das absentes a quem o negocio toca, ou ao diante poder tocar testemunhas que a todo foraon presentes, e asinaraon con as ditas Serenissimas Senhoras, e Comendador Ardinguelo, Antaõ Martins da Camara Capitaõ e Governador da Ylha da Praya, e Pero Leitaõ fidalguo da casa do Senhor Dom Duarte, Duque de Guimaraens, Condestabre destes Reynos, &c. E o licenciado Afonso Vaz Tenreiro, Desembargador e ouvidor da casa da dita Senhora Iffante, e o treslado da provisao delRey nosso Senhor he o seguinte. EU ELREI faço saber, aos que este Alvará viren, que eu ey por bem e me praz, que Jurando a Iffante dona Isabel minha muito amada, e prezada Tia, o contracto do casamento, que se fez entre o Principe de Parma, e Plazença, e dona Maria sua filha minha muito amada e prezada tia, o escrevaõ que o dicto contracto fizer, possa screver o dicto juramento sem embargo da ordenaçao do livro quarto titulo terceiro, que o contraíro dispoem, e este se comprira posto que naõ passe pella Chancelaria, sem embargo da ordenaçao em contrario, Diogo Fernandes o fez em lisboa, a cinco de junho de Mil e quinhentos e sesenta e cinco, Balthasar da Costa o fez escrever, o Cardeal Iffante, sobscripçaõ, Alvara perque Vossa

Alteza ha por ben que jurando a Senhora Iffante dona Isabel, o contracto do casamento, que se fez entre o Principe de Parma, e Plasença, e a Senhora dona Maria sua filha, o scrivaõ que o dicto contracto fizer possa screver o dicto Juramento sem embargo da ordenaçãõ, e que este não passe pela Chancelaria. E o contracto do dicto Dote, yra trasladado no fim desta scriptura, e eu Pantaliãõ Rabello que esto screvi, e a dita Senhora Dona Maria prometeo e se obrigou de nunca em nenhum tempo yr nem contravir per si, nem per outrem, directe, nem indirecte contra a dicta clausula da declaraçãõ que se fez acerca dos cem mil cruzados de que o dicto Senhor Duque podera dispor, assi em actos inter vivos, como em sua ultima vontade, e que asi o promete de jurar, e firmar com Juramento avendo para isso provisãõ delrey nosso Senhor a qual averia, e disseraõ mais as dictas Serenissimas Senhoras Iffante Dona Isabel, e Senhora Dona Maria, que renunciavaõ o beneficio do Senatus Consulto Veliano, e todo outro qualquer direito, e cousa que em seu favor possa fazer, porque de ninhuã cousa queriaõ uzar nem gozar, senaõ con effecto comprir o que dicto he, e para todo comprir obrigarãõ suas pessoas, e de seus herdeiros e soccessores, e seus beens de Raiz avidos e por aver, testemunhas os sobreditos, e o treslado do dicto contracto he o seguinte. *IN NOMINE DOMINI AMEN.* Sepan quantos este Instrumento de loacion, ratificacion, y approbacion vieren, como aviendose hecho pacto y concordado entre Ia Serenissima Infante dona Isabel, y Illustrissima Señora doña Maria su hija y del Serenissinio Infante dom Duarte hijo del Serenissimo Rey de Portugal Dom Manuel de buena memoria, y por ellas el muy Illustrre Señor dom Theotonio de Vergança, su procurador de una parte, y el Illustrissimo y Excellentissimo Señor don Octavio Farnese, Duque de Parma y Plasencia, y em su nombre, el mui magnifico y mui Reverendo Señor el Comendador Ardinguelo, como su procurador de la otra parte los infra scriptos capitulos, pactos, concordias, y convenciones, por el matrimonio, que con la voluntad y bendicion de Dios se ha de celebrar, em haz de la Sancta iglesia, entre el Excellentissimo y Illustrissimo Señor dom Alexandre Farnes, Principe de Parma, hijo legitimo natural del dicho Señor Duque de Parma Plasencia, y de La Serenissima Madama Margarita de Austria conjuges, y la suso dicha Illustrissima Dona Maria, pareciendo a los dichos Señores procuradores, que el poder que para los infra scriptos capitulos tenia el dicho Señor Comendador Ardinguelo no era sufficiente para las cosas en ellos contenidas, se embio el Instrumento de los dichos capitulos, al dicho Illustrissimo, Excellentissimo Señor Duque de Parma, &c. para que los ratificasse, emologasse, y approvasse, el qual Señor Duque no los ratifico alla, por algunos respectos, sino que quiso avisar al dicho Señor Comendador su procurador de algunas cosas que era de su intencion, y dar poder de nuevo al dicho Señor Comendador, informado del dicho Senõr Duque para que loasse, approbasse, y ratificasse todo lo capitulado y concordado entre las dichas partes, segun y como pareciesse al dicho Señor Comendador, al qual a hun que por una carta missiva el dicho Señor Duque uviesse dado cõmission, que no firmasse ni approbasse los dichos capitulos, sinõ conforme a lo que tenia en la dicha carta, avisado con todo esso por postera determinacion cometio al dicho Señor Comendador su procurador por otra carta em cifra, que si no se podia concluyr con aquellas moderaciones, que el dicho Señor Duque queria, que se conluisse segun y como estaria concordado y capitulado entre los dichos procuradores, como parescen estas cosas por el dicho poder, y por un capitulo de la carta del Illustrissimo y Excellentissimo Señor Duque scripta em cifra, el qual fue descifrado em presentia de Christoval de Rianõ Notario y scrivano publico, y los testigos nonbrandose nel instrumeto, que el dicho scrivano hizo sobre el descifrarle, los quales instrumetos de poder y capitulo de la dicha carta descifrado, son los siguientes. *IN NOMINE DOMINI. Amen.* Anno ab Incarnatione ejusdem Millesimo, quingentesimo, sexagesimo quarto, Indictione octava, die vero Sabbati, decima mensis Februarij, Placentie in Cittadella dictæ civitatis, videlicet in quadam camera superiori coram Magnifico Domino Tiburtio Burtio Parmense equite Hierosolimitano, Magnifico Domino Jo. Baptista Pico Spoletano, & Magnifico domino Jo. Baptista charissimo Parmense omnibus in presentiarum commorantibus in dicta Civitate Placentiæ, cum infra scripto Illustrissimo & Excellentissimo Domino Domino Duce constituyente, testibus notis vocatis & rogatis, Ibique Illustrissimus & Excellentissimus D. Dominus Octavius Farnesius Placentiæ & parmæ Dux secundus, dicens in primis, & ante omnia, quod non intendit vigore presentis Instrumenti comprobare seu approbare vel ratificare gesta per infra scriptum Reverendum & Magnificum dominum ejus procuratorem usque in presentem diem respectu infra scriptorum capitulorum, nisi quatenus ea comprehendantur in facultatibus ac mandatis per prelibatum Illustrissimum & Excellentissimum D. Dominum Ducem Constituentem in infra scriptum Reverendum & Magnificum D. ejus procuratorem ante presens mandatum datis & factis, sed omnia de novo

remittere arbitrio presenti infra scripti Reverendi & Magnifici Domini procuratoris sui, & ut infra non revocando propterea aliquos procuratores per Excellentissimam suam Illustrissimam hactenus constitutos, sed potius confirmando, sponte & ex certa sciensia, & non per aliquem errorem fecit, constituit, creavit, e solenniter ordinavit ac facit, constituit, creat, & solenniter ordinat, suum verum, certum, legitimum, & indubitatum missum, Nuntium, agentem, actorem, factorem, & negotiorum suorum infra scriptorum procuratorem liberum & generalem, ac etiam specialem, & quicquid etiam, prout melius dici, fieri, & esse possit, itaque specialitas generalitati non deroget nec é contra, multum Reverendum ac Magnificum D. fratrem Julianum Ardinghelum nobilem Florentinum, equitem ac militem hospitalis Sancti Joannis Hierosolymitani absentem tanquam presentem solum & in solidum, Ad & pro ipso Illustrissimo & Excellentissimo D. domino Duce constituyente & ejus nomine, approbandum, ratificandum, emologandum & confirmandum, & approbare, ratificare emologare, & confirmare possendum, ac etiam quatenus opus sit, de novo faciendum, concludendum, stabiliendum, & contrahendum, ac promittendum, obligandum & stipulandum infra scripta capitula, conventiones, & pacta, cum persona, seu personis in dictis capitulis expressis, & nominatis, seu alijs eandem, vel similem potestatem habentibus, nomine prelibati Illustrissimi & Excellentissimi D. Domini Ducis constituentis, inde & supradictis infra scriptis omnibus & singulis conventionibus, pactis, & capitulis, sub quacumque poena, pacto, modo, promissione & conditione, & per omnem modum, viam, causam, & formam, de quibus & prout infra, & dicto Magnifico domino ejus procuratori, & ut supra constituto, ad plenum de mente prelibati Illustrissimi & Excellentissimi Domini Ducis constituentis ut dixit informato, melius videbitur & placuerit, & de quibus capitulis pactis & conventionibus, & de omnibus in eis contentis dictus Illustrissimus & Excellentissimus D. Dominus Dux Octavius constituens, dixit & protestatus est habuisse plenam & perfectam scientiam, & notitiam, & de eorum respective tenoribus, & continentijs, etiam de verbo ad verbum, quæ quidem capitula & pacta, ac conventiones sunt tenoris subsequentis, videlicet. Primeramente, que el dicho mui Illustre Señor don Theotonio promete en el dicho nombre, que la dicha Illustrissima Señora Dona Maria se casara por palábras de presente que hagan verdadero matrimonio con el dicho Excellentissimo Don Alexandro Farnes Principe de Parma y Plasencia, segun y como manda la sancta madre yglesia de Roma, lo qual se hara desde agora por procuracion del dicho Excellentissimo Señor Principe de Parma. Item que por causa y contemplacion del dicho matrimonio, las dichas Serenissima Infante dona Isabel, y Illustrissima Señora Dona Maria su hija, daran y pagaran por dote, y en nombre de dote, al dicho Excellentissimo Principe de Parma, y por el al Excellentissimo Señor Duque Octavio su Padre, o a su procurador, setenta mil ducados en la forma y manera siguiente, es a saber, veinte mil ducados en tantas joyas, oro, y plata, y perlas, en las quales avra quatro mil ducados de adereços de su persona y casa tan solamente, los quales se han de estimar por quatro personas, dos puestas por cada una de las partes, y en caso de discordia, que las partes nombren un tercero, y por lo que a la mayor parte dellos paresciene se passe, y esto se ha de apreciar en la Ciudad de lisboa en Portugal (las quales cosas se han de dar luego hecho el dicho matrimonio, por palabras de presente por procurador que specialmente el dicho Señor Principe constituirá a hazer el dicho matrimonio, y si las dichas joyas, oro, y plata, y adereços no montare la dicha suma de los dichos veinte mil ducados, que sean obligadas las dichas Serenissima Infante y Illustrissima Señora Dona Maria, y sus herederos y successors a cumplir em dinero contado hasta en la suma de los dichos veinte mil ducados luego que se acaben de apreciar) los otros cinquenta mil ducados se han de dar y pagar desde el día, que el dicho matrimonio se celebrar por palabras de presente en la haz de la sancta madre yglesia en la dicha Ciudad de lisboa por su procurador em un anno, y para seguridad de los dichos cinquenta mil ducados, daran un mes antes que se casen por palabras de presente, cédulas de mercaderes abonados, a contentamiento del dicho Excellentissimo Señor Principe de Parma, y del Excellentissimo Duque su padre, o su procurador los quales dichos cinquenta mil ducados, se han de pagar en Roma, o en Milan, o en Anveres, o en la dicha Ciudad de lisboa, de manera que el dicho Excellentissimo Señor Principe de Parma no pierda cosa alguna en la moneda ni en los cambios, sino que aya por entero en una de las dichas Ciudades los dichos cinquenta mil ducados, o el justo valor dellos. Item se obliga el dicho mui Illustre Señor Don Theotonio en el dicho nombre que venidas las urcas de Flandres para llevar a la dicha Illustrissima Señora dona Maria, la consignara para llevar a Flandres donde se haura de velar, y consumir el matrimonio con la gracia de Dios, y de la sancta madre yglesia. Item promete el dicho Excellentissimo Principe de Parma, &c. con voluntad & beneplacito que tiene del dicho Excellentissimo Señor Duque

su padre en cuyo poder han de entrar los dichos setenta mil ducados, y el dicho mui magnifico y mui Reverendo Señor Comendador Ardinguelo en el dicho nombre que la dicha dote de los dichos setenta mil ducados en la forma suso dicha pagadera, la aseguran los dichos Excellentissimos Señores Duque de Parma y Plasencia padre, y Principe su hijo, sobre todos sus estados y bienes que tienen y posseñ ternan y posseeran de qualquier suerte, o natura que sean, specialmente sobre los que posseem en el Reino de Napoles, y en el estado de Milan los quales todos en qualquier lugar que sean desde agora para entonces, y de entonces para agora, obligan y hypothecan, salvo el beneplacito del directo Señor en los feudales, el qual beneplacito prometen de haver dentro de quatro mezes, contados desde el día, que effectuare el dicho casamiento por palabras de presente, y assi se obligan, y obligaron tambien por la restitucion dello, y conservacion de lo dicho a sus herederos y successores em amplissima forma. Otro si han concordado los dichos Señores don Theotonio, y Comendador Ardinguelo, que si el dicho Señor Principe muriere antes de la dicha Illustrissima Señora Dona Maria, que en tal caso por arras y antefato quartadotario y donacion *propter nuptias* se le den veinte y tres mil y trezientos y treinta y tres ducados y un tercio, que es la tercia parte de los dichos setenta mil ducados del dote, para que dellos, no teniendo hijos pueda hazer a su llana y libre voluntad, assi en la propiedad de los dichos veinte y tres mil y trezientos treinta y tres ducados, y un tercio, como en el usufructo dellos, la qual donacion aun que se haga por contemplacion del dicho matrimonio por mas cautela quieren que sea insinuada conforme a la donacion hecha al Señor Principe en este Instrumento, y con las mismas renunciaciones del Señor Duque, y del Señor Principe las quales quieren las partes que sean havidas aqui por expresas y insertas, y si tuviere hijos deste matrimonio que goze en su vida la dicha Illustrissima dona Maria del dicho antefato, y arras arriba dicho, y despues de su muerte las ayan sus hijos del dicho Señor Principe, no embargante que el dicho dote aya sido tan solamente de cinquenta mil ducados en contado, y lo demas en joyas, oro, plata, y quatro mil de adereços porque sean recibidos estimados y como dinero contados, y para ellos tambien sea constituido por arras quarta dotario antefato y donacion *propter nuptias* los dichos veinte y tres mil ducados. Otro si en caso que el dicho Principe murisse ante que la dicha Illustrissima Señora Dona Maria, y quisiesse guardar viduidad y vivir en ella, en tal caso allen de el dote, antefato, y arras para que mas commodamente y conforme a su qualidad pueda vivir. Desde agora para entonces, y de entonces para agora le hazen los dichos Señores Duque de Parma y Principe su hijo donacion irrevocable inter vivos de tanta renta cada anno, quanta importare la tercera parte de los fructos mas crescidos del dote y arras, la qual goze por los dias de su vida, y mientra quisiere vivir vidualmente, y que por esta causa no se desfalque ni quicte nada assi de los intereses del dote como del interusurio del antefato y donacion *propter nuptias*, la qual donacion se entienda otro si con las clausulas y renunciaciones y juramentos puestas en la Donacion del Excellentissimo Principe que su padre le haze, las quales con este capitulo y Instrumento se tienen por repetidas, las quales se han de començar a pagar luego el anno del luto acabado. Item se obliga y promete el dicho Señor Principe, y el dicho Señor Comendador Ardinguelo en el dicho nombre que en todos los casos de restitucion de dote assi por derecho comun de los Emperadores, como por costumbre, el dicho Excellentissimo Señor Principe, y el dicho Excellentissimo Duque su Padre, y cada uno dellos in solidum y sus successores restituiran los dichos setenta mil ducados, los cinquenta mil en contado como se pagaron, y los veinte mil ducados de contado, no embargante que se ayan dado en joyas, oro, plata, y adereços de la persona y casa de la dicha Illustrissima Señora dona Maria, los quales dichos setenta mil ducados de contado, y las arras, y antefato, daran y pagaran dentro de un anno contado desde el día que huviere lugar la restitucion de dote y arras, y no lo pagando, que gane la Illustrissima Señora dona Maria los intereses mas crescidos que suelen y pueden ganar dineros dotales, y que en el entretanto la dicha Illustrissima Señora Dona Maria por su propria autoridad pueda particularmente tomar la possession de los bienes obligados al dicho Dote y arras y antefato sin autoridad de Juez, como desde agora los dichos Excellentissimos Señores Duque y Principe padre y hijo, por si, y por sus successores se constituyen tener y posseer en nombre, y per la dicha Illustrissima Señora dona Maria y sus successores, y que por la cantidad que subieren los dichos intereses del dicho Dote y arras pueda hazer y haga a la dicha Illustrissima Senora dona Maria los fructos suyos de los lugares que terna possession por la dicha causa, sin que por los tales fructos hasta en la suma que montaren los dichos intereses mas crescidos, se le puedan descontar, ni desfalcar cosa del dicho Dote y arras, y antefato, empero si los dichos fructos de los tales lugares y bienes montaren mas de los dichos intereses mas subidos, en tal caso los fructos

que assi excedieren y sobrepujaren al dicho interesse mas crecido, desfalcando primero de los dichos fructos, que assi excedieren todas las cosas necessarias, assi para el gobierno de los lugares, como para cobrar los fructos, se ayan de descontar y desfalcar del dote y arras, y que el dicho primero anno llamado anno de luto, que es obligada, a esperar la paga del dote, arras, y antefato, se le den a la dicha Illustrissima Señora dona Maria los alimentos y otras cosas necessarias, como se davan antes que uiesse lugar la restituicion. Item que el dicho Illustrissimo y Excellentissimo Señor Duque de Parma y Plasencia, y el dicho Señor Comendador Ardinguelo en su nombre desde agora y dos horas antes que muera el dicho Illustrissimo Señor Duque, salvo y reservado el consentimiento del Señor Directo, y no de otra manera por este presente capitulo renuncia, refuta, y dona, y haze donacion de todos los estados *etiam titulares*, y de Dignidades que tiene y posee terna y poseera y que le competem y competeran por qualquier via que fueren al dicho Excellentissimo y Illustrissimo Principe de Parma su hijo primogénito proximo y immediato successor del dicho Señor Duque, y a sus descendientes *ex corpore suo legitime*, y todos los bienes alodiales avidos y por aver, reservandose en su vida el usufructo y administracion, y gobierno, y dignidad dellos, excepto de aquellos lugares y bienes, sobre los quales el dicho Excellentissimo Señor Duque de Parma as tendra por bien de consignar los assientos, y alimentos a los conjuges, que estos desde agora les quedan libres el gobierno y dominio dellos en los feudales, guardada y reservada la natura del feudo, y aquella en ninguna manera alterada, y debaxo la natura de los feudos avitos, paternos, y antiguos, *nec aliter; nec alio modo*, y que no sean feudos nuevos, en persona del dicho Principe su hijo, mas que sean avitos paternos y antiguos segun la forma de los privilegios que dellos tiene en la misma forma y modo con las quales prevernian, y se poseerian por el dicho Principe su hijo, y por sus hijos de su cuerpo legitimamete descendientes, por legitima y ordinaria succession, en virtud de los privilegios que tiene si la dicha donacion y refutacion no fuesse hecha, y en caso de muerte (*quod absit*) del dicho Principe sin hijos de su cuerpo legitimamete descendientes *ab intestato*, en los dichos stados, Señorios, Ciudades, Villas, y feudos, succedan y puedan succeder todos aquellos los quales en virtud de los privilegios que *tunc de Jure*, podrian succeder si la presente donacion y refutacion no fuesse hecha, la qual donacion no haga ni pueda hazer perjuizio, y novacion, o alteracion a la natura y calidad de los dichos stados, Señorios, y feudos, y forma de los privilegios que dellos tiene por manera, que si los dichos Señorios, stados y feudos huviessen de tener la natura de feudos avitos, paternos, y antiguos, no se entienda hecha donacion ni hazerse sino en este caso tan solamente, porque el dicho Duque haze y entiende hazer la dicha renunciacion, refutacion, y donacion, en tanto y quanto no ser mudada, ni alterada la natura dellos, segun la forma de los privilegios, porque su intencion es desde agora para entonces, y de entonces para agora assegurar al dicho Principe su hijo y sus descendientes ut . . . de la succession de los stados y Señorios, Ciudades, Villas y feudos, y otros bienes, y no de otra manera, ni de otro modo, y que de los alodiales, que pueda reservarse para testar una summa cantidad honesta, y que sea declarado por el dicho Señor Duque, *ab arbitrium; boni viri*, al tiempo de la ratificacion que hiziere el dicho Duque, y otro si se reserva la legitima, y *debitum bonorum subsidium*, que es la *vita militie*, o dote de Paragio en los feudales, y en los alodiales, la legitima *debita jure nature*, a los hijos si los huviere deste, o otro matrimonio, y porque esta donacion excede la suma del derecho y tiene necesidad de insinuarse, y renunciar las leys del derecho, que disponen que la donacion no valga entre padre y hijo, den de agora el dicho Señor Duque, y el dicho Señor Comendador como procurador en su nombre del dicho Señor Duque, emancipa al dicho Excellentissimo Principe su hijo, y promete y jura. *in animam constituentis* a los Sanctos Evangelios que terna y tiene el dicho Señor Duque para agora, y para siempre ia mas, y en todos los tiempos la dicha donacion por firme y agradable, y no la revocara por cousa ni razon alguna de ingratitud, o otra qualquier causa, o razon que ymaginar se pueda, antes en caso, que se la revocasse, quiere el dicho Señor Duque, y el dicho Señor Comendador su procurador en su nombre que tal reservacion sea havida por confirmacion, y que en ningun tiempo pueda el dicho Señor Principe retroceder ni renunciar al dicho Señor Duque los dichos stados y bienes dados, y en caso que lo hiziere *ex nunc* de nuevo, quantas vezes lo hiziere que no valga, sino que sea havidos por ningunos, y tantas *ex nunc, prout ex tunc*, el dicho Señor Duque torna a donarlos, y revestirlos al dicho Señor Principe su hijo con el juramento y renunciaciones en este capitulo contenidas, y assi jura por los Sanctos Evangelios el dicho Señor Comendador *in animam constituentis*, como procurador que renuncia las leys que mandan que las donaciones sean insinuadas, y que disponen que la donacion entre padre y hijo no valga, y que el dicho Señor

Principe, y sus descendientes la puedan hazer y insinuar quantas vezes quisieren, que para este effecto los haze procuradores yrrevocables al dicho Señor Principe su hijo y sus descendientes, y desde agora con las reservaciones suso dichas se constitue tener y poseer el dicho Señor Duque, y el dicho Señor Comendador en su nombre, todos los dichos bienes feudales, y alodiales, y stados, en nombre del dicho Señor Principe su hijo, y de sus descendientes, en la donacion, pueda ser clausulada, con todas las clausulas necessárias a consejo de letrados, Notarios, scrivanos expertos, no mudando la sustancia, empero con toda utilidad del dicho Excellentissimo Principe su hijo, y en favor del, y de sus descendientes. Otro si han concordado los dichos Señores Excellentissimo Duque, y Comendador Ardinguelo en su nombre, que en caso que el dicho Excellentissimo Principe herede a la Serenissima Madama Margarita su madre en vida del duque su padre, lo que assi heredare lo goze dende entonces el dicho Principe, con lo que desde agora se le señala para sustentamiento de su casa, lo qual que assi se le señala no se le pueda quitar, por aver heredado a su madre, y el dicho Señor Duque por este capitulo renuncia a qualquier derecho, y usufructo que en caso de fallecimiento de la dicha Serenissima Madama Margarita le competiesse, con convencion y pactos particulares, o en otra qualquiera manera porque el dicho Excellentissimo Duque es contento que en todo caso plenariamente succeda el dicho Señor Principe a la dicha Serenissima su madre, y si la dicha Serenissima Madama Margarita dispusiesse en favor del dicho Excellentissimo Duque, que en tal caso todo lo que por la dicha razon le perveniere desde agora lo da, cede, dona, y renuncia en el dicho Principe su hijo. Otro si han concordado, que si la dicha Señora Dona Maria muriere, antes que el dicho Señor Principe sin hijos, que en tal caso pueda solamente testar y disponer de la tercia parte de su dote y arras, y las otras dos tercias partes vengán, y succeda en ellas la Serenissima Infante dona Isabel, o sus herederos. Otro si han concordado que la dicha Illustrissima Señora dona Maria, aya de renunciar, y renuncie a la succession y legitima de la Serenissima Infante su madre *abintestato* tan solamente, y que se tiene por contenta por su legitima, o qualquier otros derechos de parte de su madre tan solamente, con los dichos setenta mil ducados, y desto se hara un Instrumento a parte, antes del matrimonio por palabras de presente, a contentamiento de la dicha Serenissima Señora Infante dona Isabel. Otro si han concordado, en que si el dicho Señor Principe muriesse con hijos, en vida del dicho Duque su Padre, los quales no fuessen de hedad para gobernar las tierras y lugares que se le donan desde agora al dicho Señor Principe, enteramente sobre los quales ha de tener sus alimentos, que en tal caso sea balia y gobernadora la dicha Illustrissima Señora Dona Maria hasta que ellos sean de hedad de gobernar, y lo mismo se entienda quando estos niños menores heredassen a sus abuelos antes de tener hedad legitima, que puedan empero en sus testamentos, los dichos Excellentissimos Señores Duque y Principe su hijo dar al gobierno de la dicha Señora Dona Maria un acompañado, quedando las firmas y sello a la dicha Señora Dona Maria gobernadora, balia, y tutora conforme al derecho commun de los Emperadores, pero en caso que la Serenissima Madama Margarita fuere viva, los dichos don Theotonio y Comendador Ardinguelo son concordados, que por el respeto, y reverencia que se le deve tener, como a Señora y madre, ella sea Gobernadora, balia, y tutora de los dichos menores, durante su menor hedad, exceptando los bienes, Villas, y lugares, que como dicho es, se señalan desde luego para los dichos alimentos, y en caso que no fuere servida aceptar la dicha balia y tutela, o el Duque, o Principe su hijo no dispusiesse lo contrario en favor de la dicha Señora Dona Maria, se declara que la dicha Señora dona Maria lo sea segun y como se contiene en el principio deste dicho capitulo. Otro si han concordado, que el gasto que se hiziere para llevar a la dicha Illustrissima Señora dona Maria en flandres, y adereçarles, y assentarles su casa, a los conjugues, sea a costa del dicho Excellentissimo Señor Duque de Parma y Plasencia, y no de la Illustrissima Señora Dona Maria. Otro si han acordado, que en el despedir de los criados y criadas Portugueses que consigo llevare la dicha Señora dona Maria, que esté al alvedrio de los dichos Señores Principe y Dona Maria, y que a las criadas que se casaren en casa de la dicha Señora dona Maria, el dicho Señor Principe de su propria hazienda les de el dote que les pareciere, y si algunos criados, o criadas Portugueses se quisieren bolver, o los que embiaren a Portugal despedidos, el dicho Señor Principe les de algo para el camino, y les pague su salario, y dote a las mugeres, como arriba se dize. Otro si han concordado que en caso, que el dicho Excellentissimo Principe, a quien Dios de largos annos muriesse con hijos, o sin ellos, la dicha Illustrissima Señora Dona Maria, quisiesse bolverse a Portugal, que en tal caso le sean dados su dote y arras como esta dicho arriba, y todo lo demas que tuviere, y en qualquier manera poseyere y fuere suyo, como son los bienes obligados al dote arras, y antefato no le siendo



hecho pagamiento dello, como arriba esta declarado, para que lo pueda llevar livremente assi ella como sus criados y criadas, y lo pueda vender y cambiar y enagenar, y hazer dello a sus voluntades, y los dichos Señores Excellentissimo Duque, y sus herederos y successores les hayan de pagar la costa del viage a la dicha Señora Dona Maria, y su casa hasta que llegue a Portugal donde falieron, la qual costa se entiende de todas las cosas necesarias para su persona y toda su casa, declarando, que en caso que teniendo hijos la dicha Señora Dona Maria se quisiere yr a Portugal, que no es de creer, que en tal caso, dexe seguridad, que despues de sus dias bolvera el antefato a sus hijos. Item han concordado el dicho Señor Comendador Ardinguelo en el dicho nombre del Excellentissimo Señor Duque de Parma, &c. y el Principe su hijo, que todo lo que se diere en contemplacion, ou por causa del matrimonio, ou por otra qualquier via causa o razon, a la dicha Illustrissima Señora D. Maria, y que ella ganare, o avanzar en los alimentos que se le señalaren, o de qualquier otra manera que sea, todo para la dicha Illustrissima Señora dona Maria, y sus herederos, y no se presuma ser ganado de la hazienda de su marido, ni de sus suegros, ni por su contemplacion, y que livremente pueda de todo ello hazer lo que quisiere. Item han concordado tratado y convenido, el dicho Señor Comendador Ardinguelo como procurador del dicho Señor Duque, y el dicho Excellentissimo Señor Principe por ellos y sus herederos y successores, que daran y pagaran en cada un anno por sus tercios a la dicha Illustrissima Señora dona Maria, para el gasto de su casa, y de lo que quisiere, nueve mil ducados, los quales daran y pagaran en cada un anno en los dichos terminos, comenzando a correr desde el dia que se velaren, todo el tiempo que durare el matrimonio y hum anno despues de disuelto el dicho matrimonio, que caso que se dissolviesse por muerte del dicho Señor Principe, como arriba esta dicho, en otro capitulo, que es el anno llamado del luto, y assi promete el dicho Señor Duque, y el dicho Señor Comendador, en su nombre, que dara otro si durante la vida del dicho Senor Duque al dicho Señor Principe su hijo, de mas de los dichos nueve mil ducados, otros doze mil ducados en cada hum anno, pagados por sus tercios, para sustentacion de su casa y familia, los quales de señalara el dicho Señor Duque sobre las rentas y lugares que a Su Excellencia bien visto fuere de que le haze donacion, como arriba esta declarado, y el dicho Excellentissimo Principe será servido como del se espera, y promete de hazer heredando a sus padres, o a qualquier dellos de crescer los dichos alimentos dellos dichos nueve mil ducados a la dicha Señora dona Maria para sustentacion, y entretenimiento de su familia, y esto conforme a lo que heredare, y al dicho Señor Principe le paresciere, y que queda, y se dexa a su arbitrio. Item han concordado los dichos Señores procuradores, en los dichos nombres, que en los dichos capitulos y cada uno dellos lo que toca en favor de las partes, y qualquier dellas se pueda en qualquier tiempo todo junto y cada uno por si estender y clausular a toda utilidad de las dichas partes, o qualquiera dellas, no mudada ni alterada la sustancia de los dichos capítulos por ningun caso. Otro si han convenido y concertado, que el dicho Illustrissimo Señor Duque de Parma y Plasencia con Instrumento a parte, insertando los presentes capitulos, donara, refutara, y cedera de nuevo, y approvara, y ratificara con Juramento todo y qualquier cosa de las contenidas en este Instrumento y capitulos en la mais ampla y autentica forma que derecho lugar aya, y la misma aprobacion hara por su parte la Serenissima Infante Dona Isabel y la Illustrissima Dona Maria su hija. Item han concordado que la Magestad delRey Don Phelippe nuestro Señor, y el Serenissimo Rey de Portugal, sean servidos de prometer que haran que todo esto se guarde, y se cumpla, y aya entero y cumplido effecto, y el dicho Señor Duque de Parma la ratificara, y approvara todo dentro de quatro meses de la echa deste Instrumento. Et ad faciendum fieri de predictis omnibus & singulis, & quolibet, eorum, publicum Instrumentum, seu publica Instrumenta, & publicas scripturas, per quemcumque Notarium, seu quoscumque Notarios, cum quibuscumque clausulis, renunciationibus, obligationibus, promissionibus, & alijs debitibus, & in forma valida, & sicut & prout dicto magnifico Domino procuratori & ut per excellentiam suam constituto, melius videbitur, & placuerit & generaliter ad omnia alia & singula dicendum & faciendum, quæ in predictis & circa predicta & quolibet predictorum, & eorum occasione, & dependentibus ab eisdem fuerint dicenda & facienda, & quæ merita causarum, & aliorum predictorum postulant & requirunt, etque per quemcumque verum & legitimum procuratorem expediri possent, etque ipsemet Illustrissimus & Excellentissimus D. Dominus Dux constituens dicere & facere posset, si presens & personaliter interesset & effet, dans & concedens dicto Magnifico domino procuratori suo, ut supra constituto, in predictis & circa predicta, & quolibet eorum, & eorum occasione, & connexis & dependentibus ab eis, plenam & liberam potestatem, & absolutam & generalem administrationem, & plenum liberum & generalem ac absolutum

mandatum, & etiam speciale, ubi magis speciale exigeretur, cum libera, absoluta & generali administratione, itaque specialitas generalitati non derogat, nec è contra, promittensque & promisit ipse Illustrissimus & Excellentissimus Dominus Dominus Dux constituens predicto Magnifico Domino procuratori suo, ut supra constituto absenti, & mihi Notario infra scripto tanquam publice personæ presenti, stipulanti & recipienti nomine suo, & vice & nomine cujuslibet personæ, cujus interest, intererit, seu interesse poterit ac possit in futurum, atque corporaliter manibus tactis scripturis ad Sancta Dei Evangelia, juravit, predicta omnia & singula supra scripta, & in presenti instrumento contenta, & quicquid dictus Reverendus ac Magnificus dominus ejus procurator, & ut supra constitutus, in predictis, & circa predicta, & quolibet eorum, & eorum occasione, & connexis, & dependentibus ab eisdem duxerit faciendum, se firmum, ratum & gratum, & firma rata & grata, perpetuo habiturum, & non contraventurum & efficaciter adimpleturum, & volens dictum Magnificum Dominum procuratorem suum, ab omni onere satisfactionis relevare, promisit mihi Notario iam dicto stipulanti & recipi nti ut supra, iudicio sisti, & iudicatum solui, in omnibus suis clausulis, sub hypoteca & obligatione omnium bonorum suorum presentium, & futurorum mobilium & immobilium, etiam si talia forent de quibus deberet fieri mentio specialis, & quem non veniunt, nec comprehenduntur in generali obligatione solenniter contracta, & per me Notarium solenniter stipulata, & de predictis prælibatus Illustrissimus & Excellentissimus D. Dominus Dux constituens mandavit & rogavit, per me Notarium infra scriptum inde publicum confici debere Instrumentum. Ego Paulus Vespexianus Bigna, publicus apostolica imperialique, autoritatibus Notarius Placentinus, supra scriptis omnibus & singulis interfui, & rogatus supradictum mandati Instrumentum breviavi, finivi, scripsi in præmissorum fidem me manu propria subscripsi, signumque mei Tabellionatus apposui solitum & consuetum. Cum sepe numero ob locorum distantiam de fide & legalitate Notariorum dubitari soleat, idcirco nos Marcus Antonius Fasollus, Georgius Dordonus, Joannes Franciscus Sanasferius, & Octavius Scottus, Consules Venerandi Collegij Dominorum Notariorum Placentiæ, fidem facimus & attestemur supra scriptum D. Paulum Vespexianum Vignam, qui de supra scripto Instrumento rogatus extitit & illud extraxit, scripsit, & se subscripsit, fuisse & esse publicum, legalem & autenticum Notarium descriptum in matricula Dominorum Notariorum dictæ Civitatis, Instrumentisque & scripturis publicis per eum confectis in Iudicio & extra plenam & indubitam fidem adhiberi, & ad ipsum uti publicum, legalem & autenticum Notarium habitus fuit, & in dies habetur recursus. In quorum fidem. Datum Placentiæ ex Pallatio predicti Collegij, Die duodecima mensis februarii 1564. ab Incarnatione. Ego Jacobus Mechus Notarius publicus Placentinus, & presentis Venerandi Collegij Camerarius. De mandato me subscripsi.

EN la mui noble Villa de Madrid a veynte y un dias del mes de Março año del Señor de mil y quinientos y sesenta y cinco annos ante mi Christoval de Riaño Scrivano de Su Magestad y del numero de la dicha Villa y los testigos infra scritos parescieron presentes el mui Ilustre Señor Don Theotonio de Vergança, y el muy Magnifico y Reverendo Señor Comendador Ardinguelo, que residen en esta corte de Su Magestad como procuradores respectivamente de la Serenissima Infante dona Isabel, mujer que fue del Serenissimo Iffante don Duarte hijo del Serenissimo Don Manuel Rey de Portugal, y del Excellentissimo y Ilustrissimo Señor Octavio Farnese Duque de Parma y Plasencia, en virtude de los poderes que de los dichos sus partes tienen, como es notorio, y en presencia de mi el dicho Scrivano y Notario publico, disciffraron estando presentes los testigos infra scriptos los quales testigos ayudaron a decifrar un capitulo que venia scripto en una carta missiva, y aquella estava cierta parte dellas en cifra, y su data de la dicha carta y espedicion della parecia ser de Plasencia en Italia, a doze dias del mes de hebrero proximo que passo deste dicho año de quinientos y sesenta y cinco, y parescio estar firmada del sobredicho Señor Duque, la qual dicha firma dezia, Vostro Octavio Farnese, y estava sellada de un sello de las armas de Su Excellencia, la qual dicha carta segun constò por el sobrescripto della venia dirigida al dicho Señor Comendador Juliano Ardinguelo, e yo el dicho Scrivano e Notario publico de su pedimiento asisti y estuve presente a la diciffracion del dicho capitulo, juntamente con los dichos testigos, el qual se decifro por los dichos Señores, y dicifrado dixeron y afirmaron que contenia lo siguiente. CON li altra mia la quale vi scrivo aposta avio che possiate mostrarla a chi vi parra, vederve quando vi scrivo, & con le note fatte al margine della capitulatione, in certi lochi cognoscereti i miei gravami che sono evidenti, sopra di essi, vorrei fauste testa di reformali in tuto, o in parte, mostrando a don Theotonio e tal Señor Ruy Gomes con quanta ragione ricerco la riforma, & che gli altri capituli que non hanno note & aqueli consento, hanno vantaggio assai la parte de quei Signori, & se pure vedrete chivi forzino a comprobarli senza riforma,

& senza moderarli, comprobateli come voglino. E depues de fecha la dicha dicifracion la qual como dicho es, se hizo ante mi el dicho scrivano y testigos, luego los dichos Señores don Theotonio, y Comendador Ardinguelo juntamente con los dichos testigos que de yuso nonbrados dixeron y testificaron que la dicha dicifracion se hizo, y esta hecha, bien y fiel, y verdaderamente, sin trocar ni añadir, ni menguar, ni alterar cosa alguna, sino que el dicho capitulo, y parte de la dicha carta, que de susu va inserto y dicifrado, tiene el mismo entendimiento, que tenia cifra Original, y para mayor credito dello, lo juraron por Dios nuestro Señor, y por Sancta Maria su madre en forma de derecho, que es asi verdad, como de suso se contiene, a todo lo qual fueron y estuvieron presentes por testigos, el Señor Doctor Antonio Angelo de Carcasona, y Pedro de Aldobrandino, que residian en la dicha corte de Su Magestad, y los dichos Señores Don Theotonio y Comendador, y Doctor, y Pedro de Aldobrandino lo firmaron aqui de sus nonbres, Don Theotonio, el Doctor Carcasona, Pedro de Aldobrandino, Guilhelmo Ardm.<sup>lo</sup>, y yo Christoval de Riaño Scrivano del numero de la Villa de Madrid, y su tierra por Su Magestad presente fui a lo que dicho es, y lo fize screvir, y sinê, de mismo a tal, en testimonio de verdad, Christoval de Riaño Scrivano publico. Y por tanto en toda la mejor via, modo y forma que de derecho, o en otra manera pueda y deva, el dicho Señor Comendador Ardinguelo procurador suso dicho, queriendo usar la facultado a el dada por el dicho Señor Duque de Parma, &c. y confirmar los dichos capitulos, concordia convenciones, y cada uno dellos, y como se contienen en el Instrumento que el dicho Illustrissimo y Excellentissimo Señor Principe de Parma don Alexandre Farnese por si proprio, y el dicho Señor Comendador como procurador del dicho Señor Duque, otorgaron, y estipularon el instrumento de los quales capitulos, pactos, y concordias es lo que se sigue, el qual aqui se infiere por los capitulos insertados en el suso dicho poder no vienen bien trasladados, y les faltan algunas palavras. EN EL nonbre de la Sanctissima Trinidad, tres personas, y un solo Dios todo poderoso, capitulos, pactos y convenciones hechos, firmados, y stipulados, entre el muy Illustre Señor Don Theotonio hijo del Duque de Vergança como procurador y en nombre de las Serenissima Infante Dona Isabel, y Illustrissima y Excellentissima Señora Dona Maria su hija legitima y natural, y del Serenissimo Infante Don Duarte hijo del Serenissimo Rey don Manuel de buena memoria, Rey de Portugal, &c. cuyo poder va en este Instrumento incorporado juntamente con la cedula del Serenissimo Rey don Sebastian de Portugal, y sus herederos de una parte, y de la otra el Illustrissimo e Excellentissimo Señor Don Alexandro Farnese, Principe de Parma, y Plasencia, hijo legitimo y natural del Illustrissimo y Excellentissimo Señor Duque Octavio Farnese, y de la Serenissima Madama Margarita de Austria, con consentimiento que tiene de los dichos sus Padres, por el y sus successores, y el muy magnifico y muy ... Señor Comendador Ardinguelo, como procurador del dicho Excellentissimo Señor Duque de Parma, &c. cuyo poder va assi mesmo en este Instrumento incorporado, sobre el casamento y matrimonio que con la bendicion de Dios, y dispensacion que tienen de Su Sanctidad, por ser deudos, se ha de hazer entre los dichos Señores Illustrissimo y Excellentissimo Principe de Parma, y Illustrissima Dona Maria los quales son los siguientes. Primeramente que el dicho muy Illustre Señor Don Theotonio promete en el dicho nombre que la dicha Illustrissima Señora Dona Maria se casara por palabras de presente que hagan verdadero matrimonio, con el dicho Excellentissimo Don Alexandro Farnese Principe de Parma y Plasencia, segun y como manda la sancta madre yglesia de Roma, lo qual se hara desde agora por procurador del dicho Excellentissimo Señor Principe de Parma. Item que por causa y contemplacion del dicho matrimonio, las dichas Serenissima Infante Dona Isabel, y Illustrissima Señora Dona Maria su hija daran y pagaran por Dote, y en nombre de dote al dicho Excellentissimo Principe de Parma, y por el al Excellentissimo Señor Duque Octavio su padre, o a su procurador, setenta mil Ducados, en la forma y manera siguiente. Es a saber veinte mil ducados en tantas joyas, oro, plata, y perlas, en, las quales havra quatro mil Ducados de adereços de su persona y casa tan solamente, los quales se han de estimar por quatro personas, dos puestas por cada una de las partes, y en caso de discordia que las partes nombrem un tercero y por lo que a la mayor parte dellos pareciere, se passe y esto se ha de apreciar en la Ciudad de Lisboa en Portugal, las quales cosas se han de dar luego hecho el dicho matrimonio por palabras de presente, por procurador que specialmente el dicho Señor Principe constituyra a hazer el dicho matrimonio, y si las dichas joyas, oro, y plata y adereços no montare la dicha suma de los dichos veinte mil ducados, que sean obligadas las dichas Serenissima Infante, y Illustrissima Señora Dona Maria, y sus herederos y successores a cumplir en dinero contado hasta en la suma de los dichos veinte mil Ducados, luego que se acaben de apreciar. Los otros cinquenta mil Ducados se han de dar y pagar, desde el día,

que el dicho matrimonio se celebrare por palabras de presente, en la haz de la sancta madre yglesia, en la dicha Ciudad de Lisboa, por su procurador en un anno, y para seguridad de los dichos cinquenta mil Ducados, dara dos, a contentamiento del dicho Excellentissimo Señor Principe de Parma, y del Excellentissimo Duque su padre, o su procurador, los quales dichos cinquenta mil Ducados se han de pagar en Roma, o en Milan, o en Anveres, o en la dicha Ciudad de Lisboa, de manera que el dicho Excellentissimo Señor Principe de Parma no pierda cosa alguna en la moneda, ni en los cambios, syno que aya por entero en una de las dichas Ciudades los dichos cinquenta mil Ducados, o el justo valor dellos. Item se obliga el dicho muy Illustre Señor Don Theotonio en el dicho nombre, que venidas las urcas de Flandres para llevar a la dicha Illustrissima Señora Dona Maria, la consignara para llevar a flandres donde se havran de velar y consumir el matrimonio con la gracia de Dios, y de la sancta madre yglesia. Item Promete el dicho Excellentissimo Principe de Parma, &c. con voluntad y beneplácito que tiene el dicho Excellentissimo Señor Duque su padre en cuyo poder han de entrar los dichos settenta mil ducados, y el dicho muy Reverendo y muy Magnifico Señor Comendador Ardinguelo, en el dicho nombre, que la dicha Dote de los dichos setenta mil ducados en la forma suso dicha pagadera, la assegura los dichos Excellentissimos Señores Duque de Parma y Plasencia, padre, y Principe su hijo sobre todos sus stados y bienes que tienen, y poseen, ternan y poseeran, de qualquier suerte, o natura que sean, specialmente sobre los que poseen en el Reyno de Napoles y en el stado de Milan, los quales todos en qualquier lugar que sean desde agora para entonces, y de entonces para agora, obligan y hypothecan, salvo el beneplacito del directo Señor en los Feudales, el qual beneplacito prometen de aver dentro de quatro meses contados desde el dia que effectuare el dicho casamiento por palabras de presente, y assi se obligan y obligaron tambien por la restituicion dello, y conservacion de lo dicho, a sus herederos y successores em amplissima forma. Outro si han concordado los dichos Señores Don Theotonio y Comendador Ardinguelo, que si el dicho Señor Principe muriere antes de la dicha Illustrissima Señora Dona Maria que en tal caso por arras y antefato y quarta datario y donacion *propter nuptias*, se le den veynte y tres mil y trezientos y treinta y tres ducados y un tercio, que es la tercia parte de los dichos setenta mil ducados del dote para que dellos no teniendo hijos pueda hazer a su llana y libre voluntad, assi en la propiedad de los dichos veinte e tres mil y trezientos y treinta y tres Ducados y un tercio, como en el usufructo dellos, la qual donacion, aun que se haga por contemplacion del dicho matrimonio por mas cautela quieren que sea insinuada conforme a la donacion hecha al Señor Principe en este Instrumento. Y con las mismas renunciaciones del Señor Duque y del Señor Principe las quales quieren las partes que sean avidas aqui por expressas y insertas, y si tuviere hijos deste matrimonio que goze en su vida la dicha Illustrissima Dona Maria del dicho antefato y arras arriba dicho, y despues de su muerte las ayan sus hijos del dicho Señor Principe, no embargante que el Dote aya sido tan solamente de cinquenta mil Ducados en cotado, y lo de mas en joyas, oro, plata, y quatro mil de adereços, porque sean recebidos, estimados y como dinero contados, y para ellos tambien se han constituydo por arras quarta datario antefato y donacion *propter nuptias* los dichos veynte y tres mil ducados. Otro si en caso que el dicho Principe muriesse antes que la dicha Illustrissima Señora Dona Maria, y quisesse guardar viduidad y vivir en ella, en tal caso allende del Dote, antefato y arras para que mas comodamente y conforme a su qualidad pueda vivir, desde agora para entonces, y de entonces para agora le hazen los dichos Señores Duque de Parma, y Principe su hijo donacion irrevocable *inter vivos* de tanta renta cada anno, quanta importare la tercera parte de los fructos mas crescidos del Dote y arras la qual goze por los dias de su vida, y mientras vivir quisiere vidualmente, y que por esta causa no se desfalque ni quite nada, assi de los interesses del Dote, como del interusurio del antefato, y donacion *propter nuptias*, la qual donacion se entienda otro si con las clausulas y renunciaciones y juramentos puestas en la donacion del Excellentissimo Principe que su padre le haze, las quales con este capitulo y Instrumento se tienen por repetidas, las quales se han de començar a pagar luego el anno del luto acabado. Item se obliga, y promete el dicho Señor Principe, y el dicho Señor Comendador Ardinguelo, en el dicho nombre que en todolos casos de restituicion de dote, assi por derecho comun de los Emperadores, como por costumbre, el dicho Excellentissimo Señor Principe, y el dicho Excellentissimo Señor Duque su padre, y cada uno dellos *in solidum* y sus successores restituyan los dichos setenta mil ducados, los cinquenta mil en contado, como se pagaron, y los veynte mil ducados de contado, no embargante que se ayan dado en joyas, oro, y plata, y adereços de la persona, y casa de la Illustrissima Señora Dona Maria, los quales dichos setenta mil ducados de contado, y las

arras, y antefato, daran y pagaran dentro de un anno, contado desde el día que huviera lugar la restituicion de dote y arras, y no lo pagando, que gane la Illustrissima Señora Dona Maria los intereses mas crescidos que seulen y pueden ganar dineros dotales, y en el entretanto la dicha Illustrissima Señora Dona Maria, por su propria authoridad pueda particularmente tomar possession de los bienes obligados al dicho Dote y arras y antefato sin authoridad de Juez, como desde agora, los dichos Illustrissimos Señores Duque y Principe, padre y hijo por si y por successores se constituyen tener y poseer en nombre y por la dicha Illustrissima Señora Dona Maria y sus successores, y que por la quantidad que subieren los dichos intereses del dicho Dote y arras, pueda hazer y haga a la dicha Illustrissima Señora Dona Maria los fructos suyos de los lugares que terna possession por la dicha causa sin que por los tales fructos hasta en la suma que montare los dichos intereses mas crescidos se puedan descontar ni desfalcicar cosa alguna del dicho Dote y arras, y antefato, empero si los dichos de los tales lugares y bienes montaren mas los dichos intereses mas subidos, en tal caso, los fructos que assi excedieren y sobrepujaren al dicho interesse mas crescido, desfalcando primero de los dichos fructos que assi excedieren todas las costas necessarias, assi para el gobierno de los lugares, como para cobrar los fructos se ayan de descontar y desfalcicar del Dote y arras, y que el dicho primero año, llamado año de luto que es obligada a esperar la paga del dote, arras, y antefato, se de a la dicha Illustrissima Señora Dona Maria, los alimentos y otras cosas necessarias, como se davan antes que huviesse lugar la restituicion. Item que el dicho Illustrissimo y Excellentissimo Señor Duque de Parma y Plasencia, y el dicho Señor Comendador Ardinguelo en su nombre, desde agora y dos horas antes que muera el dicho Illustrissimo Señor Duque, salvo y reservado, el consentimiento del Señor Directo, y no de otra manera por este presente capitulo renuncia, refuta, y dona, haze donacion de todos los stados *etiam titulares*, y de dignidade que tiene y posee, terna y poseera, y que le competen, y competeran por qualquier vía que fueren al dicho Illustrissimo y Excellentissimo Principe de Parma su hijo primogenito, proximo y immediato sucessor del dicho Señor Duque, y a sus descendientes *ex corpore suo legitime*, y todos los bienes aludiales havidos y por haver, reservandose en su vida el usufructo y administracion y gobierno dignidad dellos, excepto de aquellos lugares y bienes sobre los quales el dicho Excellentissimo Señor Duque de Parma, &c. tendra por bien de consignar los assentos y alimentos a los conjuges que estos desde agora les quedan libres, el gobierno y Dominio dellos en los feudales guardada y reservada la natura del feudo, y aquella en ninguna manera alterada, y debaxo la natura de los feudos avitos, paternos, y antiguos, *nec aliter, nec alio modo*, y que no sean feudos nuevos en persona del dicho Príncipe su hijo, mas que sean avitos paternos y antiguos segun la forma de los privilegios que dellos tiene en la misma forma y modo, con las quales pervenian y se poseerian por el dicho Principe su hijo, y por sus hijos de su cuerpo legitimamente descendientes por legitima y ordinaria succession en virtud de los privilegios que tiene si la dicha Donacion y refutacion no fuesse hecha, y en caso de muerto (*quod absit*) del dicho Principe sin hijos de su cuerpo legitimamente descendientes *abintestato* de los dichos stados, Señorios, Ciudades, Villas y Feudos, succedan y puedan succeder todos aquellos los quales en virtud de los privilegios que tiene de *jure* podrian succeder, si la presente donacion y refutacion no fuesse hecha, la qual donacion, ni haga, ni pueda hazer perjuizio ni novacion, o alteracion a la natura y qualidad de los dichos stados, Señorios, y feudos, y forma de los privilegios que dellos tiene, por manera que si los dichos stados Señorios y feudos no huviesse de tener la natura de feudos avitos, paternos, y antiguos no se entienda hecha donacion ni hazerse, sino en este caso tan solamente, porque el dicho Duque haze y entiende hazer la dicha renunciacion, refutacion, y donacion, en tanto y quanto no ser mutada, ni alterada la natura dellas, segun la forma de los privilegios, porque su intencion es desde agora para entonce, y de entonce para agora assegurar al dicho Principe su hijo y sus descendientes ut supra de la succession de los stados y Señorios, Ciudades, Villas, y feudos, y otros bienes, y no de otra manera, ni de otro modo, y que de los aludiales que pueda reservarse para testar una summa y quantidad honesta, que sea declarado por el dicho Señor Duque, *ad arbitrium boni viri*, al tiempo de la ratificacion que hiziere el dicho Duque, y otro si se reserva la legitima, y *debitum bonorum subsidium*, que es la *vita militie*, o dote de paragio en los Feudales, y en los alodiales la legitima *debita jure natura* a los hijos, si los huviere deste, o otro matrimonio, y porque esta Donacion excede la summa del Derecho y tiene necessidad de insinuarse y renunciar las leys del derecho que dispone que la donacion no valga entre padre e hijo. Dende agora el dicho Señor Duque, y el dicho Señor Comendador, como procurador en su nombre, del dicho Señor Duque, emancipa al dicho Excellentissimo Principe su hijo, y promete, y jura

*in animam constituentis*, a los Sanctos Evangelios que terna y tiene el dicho Señor Duque para agora, y para siempre ja mas, y en todos los tiempos la dicha Donacion por firme y agradable, y no la revocara por causa ni razon alguna de ingratitud, o otra qualquier causa, o razon que imaginar se pueda, antes en caso que la revocasse quiere el dicho Señor Duque, y el dicho Señor Comendador su procurador en su nombre, que tal Revocacion sea avida por confirmacion, y que en ningun tiempo pueda el dicho Señor Principe retroceder, ni renunciar al dicho Señor Duque, los dichos stados, y bienes dados, y en caso que lo hiziere, *ex nunc* de nuevo quantas vezes lo hiziere que no valga, sino que sean havidos por ningunos, y tantas *ex nunc prout ex tunc*, el dicho Señor Duque torna a donarlos y revestirlos al dicho Señor Principe su hijo con el juramento y renunciaciones, en este capitulo contenidas, y assi jura por los Sanctos Evangelios el dicho Señor Comendador *in animam constituentis*, como procurador, que renuncia las leys que mandan que las donaciones sean insinuadas, y que disponen que la donacion entre padre y hijo no valga, y que el dicho Señor Principe, y sus descendientes la puedan hazer y insinuar quantas vezes quisieren que para este effecto los haze procuradores irrevocables, al dicho Señor Principe su hijo, y sus descendientes, y desde agora con las revocaciones suso dichas se constitue tener y posseer el dicho Señor Duque, y el dicho Señor Comendador en su nombre, todos los dichos bienes feudales y alodiales y stados en nombre del dicho Señor Principe su hijo, y de sus descendientes en la mejor forma y manera, que de derecho lugar aya y pueda, y quiere que esta donacion pueda ser clausulada com todas las clausulas necessarias a consejo de letrados, Notarios, scrivanos expertos, no mutando la sustancia, empero con toda utilidad del dicho Excellentissimo Principe su hijo, y en favor del y de sus descendientes. Otro si han concordado los dichos Señores Excellentissimo Duque y Comendador Ardinguelo en su nombre, que en caso que el dicho Excellentissimo Principe herede a la Serenissima Madama Margarita su madre en vida del Duque su Padre, lo que assi heredare lo goze dende entonces el dicho Principe con lo que desde agora se le señala para sustentamiento de su casa, lo qual que assi se le señala no se le pueda quitar por aver heredado a su madre y el dicho Señor Duque por este capitulo renuncia a qualquier derecho y usufructo, que en caso de fallestimiento de la dicha Serenissima Madama Margarita le competiesse con convencion y pactos particulares o en otra qualquier manera porque el dicho Excellentissimo Duque es contento que en todo caso plenariamente succeda el dicho Señor Principe a la dicha Serenissima su madre, y si la dicha Serenissima Madama Margarita dispusiesse en favor del dicho Excellentissimo Duque, que en tal caso, todo lo que por la dicha razon le perveniere desde agora lo da, cede, dona, y renuncia en el dicho Principe su hijo. Otro si han concordado que si la dicha Señora Dona Maria muriere antes que el dicho Señor Principe sin hijos, que en tal caso pueda solamente testar y disponer de la tercia parte de su Dote y arras, y las otras dos tercias partes vengán, y succeda en ellas la Serenissima Infante Dona Isabel, y sus herederos. Otro si han concordado, que la Illustrissima Señora Dona Maria aya de renunciar, y renuncie a la succession y legitima de la Serenissima Infante su madre *abintestato* tan solamente, y que si tiene por contenta por su legitima, o qualquier otros derechos de parte de su madre tan solamente con los dichos setenta mil ducados, y desto se hara un Instrumento a parte antes del matrimonio por palabras de presente a contentamiento de la dicha Serenissima Señora Infante Dona Isabel. Otro si han concordado en que si el dicho Señor Principe muriesse con hijos en vida del dicho Duque su padre los quales no fuessen de hedad para governar las tierras y lugares que se le donan desde agora al dicho Señor Principe enteramente sobre los quales ha de tener sus alimentos, que en tal caso sea balia y Governadora la dicha Illustrissima Señora Dona Maria hasta que ellos sean de hedad para governar, y lo mismo se entienda quando estes niños menores heredassen a sus abuelos, antes de tener hedad legitima, que puedan empero en sus testamentos los dichos Excellentissimos Señores Duque y Principe su hijo, dar al gobierno de la dicha Señora Dona Maria un acompanado, quedando las firmas y sello a la dicha Señora Dona Maria a solas, y si murieren *abintestato*, sea sola la dicha Señora Dona Maria Governadora Balia y tutora, conforme al derecho commum de los Emperadores. Pero en caso que la Serenissima Madama Margarita fuera viva, los dichos Don Theotonio, y Comendador Ardinguelo son concordés, que por el respecto y reverencia que se le deve tener como a Señora y madre, ella sea Governadora Balia y tutora de los dichos menores, durante su menoredad, exceptando los bienes Villas y lugares, que como dicho es se señalan desde luego para los dichos alimentos, y en caso que es se no fuera servida acceptar la dicha Balia y tutela, o el Duque, o Principe su hijo no dispusiesen lo contrario en favor de la dicha Señora Dona Maria, se declara que la dicha Señora Dona Maria lo sea, segun y como se contiene en el principio deste dicho

capitulo. Otro si han concordado que el gasto que se hiziere para llevar a la dicha Illustrissima Señora Dona Maria en Flandres, y adereçarles, y assentarles su casa, a los conjuges, sea a costa del Excellentissimo Señor Duque de Parma y Plasencia, y no de la Illustrissima Señora Dona Maria. Otro si han concordado que en el despedir de los criados, y criadas Portugueses que consigo llevare la dicha Señora Dona Maria, que esté al avedrio de los dichos Señores Principe y dona Maria, y que a las criadas que se casaren en casa de la dicha Señora Dona Maria, el dicho Señor Principe de su propria hazienda les de el dote que le paresciere, y si algunos criados, o criadas Portugueses se quisieren bolver, o los que embiaren a Portugal despedidos, el dicho Señor Principe les de algo para el camino, y les pague su salario, y dote a las mugeres, como arriba se dize. Otro si han concordado, que en caso, que el dicho Excellentissimo Principe (a quien Dios de largos annos) muriesse con hijos, o sin ellos, la dicha Illustrissima Señora Dona Maria quisiesse bolverse a Portugal, que en tal caso les sean dados su Dote y arras, como esta dicho arriba, y todo lo de mas que tubieren, y en qualquier manera posseyere, y fuere suyo, como son los bienes obligados al Dote, Arras, y entefato, no le siendo hecho pagamiento dello, como arriba esta declarado, para que lo pueda llevar livremente, assi ella como sus criados y criadas, y la puedan vender, cambiar, y enagenar, y hazer dello a su voluntad, y los dichos Señores Excellentissimo Duque, y sus herederos, y successores les ayan de pagar la costa del viage a la dicha Señora Dona Maria, y su casa, hasta que llegue a Portugal donde salieron, la qual costa se entienda de todas las cosas necessárias para su persona y toda su casa, declarando, que en caso que teniendo hijos la dicha Señora Dona Maria se quiziere yr a Portugal (que no es de creer) que en tal caso dexé seguridad que despues de sus dias, bolvera el antefato a sus hijos. Item han concordado el dicho Señor Comendador Ardinguelo en el dicho nombre del Excellentissimo Duque de Parma, &c. y el Principe su hijo, que todo lo que se diere en contemplacion, o por causa del matrimonio, o por otra qualquier via, causa, o razon a la dicha Illustrissima Señora Dona Maria, y que ella ganare, o avanzar en los alimentos que se le señalaren qualquier, o de otra manera que sea todo para la dicha Illustrissima Señora Dona Maria, y sus herederos, y no se presuma ser ganado de hazienda de su marido, ni de sus suegros, ni por su contemplacion, y que livremente pueda de todo ello hazer lo que quiziere. Item han concordado y tractado, y convenido, el dicho Señor Comendador Ardinguelo como procurador del dicho Señor Duque, y el dicho Excellentissimo Señor Principe por ellos y sus herederos y successores, que daran y pagaran en cada hun anno por sus tercios, a la dicha Illustrissima Señora Dona Maria para el gasto de su casa, y de lo que quisiere nueve mil Ducados, los quales daran y pagaran en cada hun anno, en los dichos terminos, començando a correr desde el dia que se velaren todo el tiempo que durare el matrimonio y un anno despues de disuelto el dicho matrimonio, y que caso que se dissolviesse por muerte del dicho Señor Principe, como arriba esta dicho en otro capitulo, que es el anno llamado de luto, y assi promete el dicho Señor Duque, y el dicho Comendador en su nombre que dara otro si durante la vida del dicho Señor Duque, al dicho Señor Principe su hijo de mas de los dichos nueve mil Ducados, otros doze mil ducados en cada un anno pagados por sus tercios, para sustentacion de su casa y familia, los quales le señalara el dicho Señor Duque sobre las rentas y lugares, que a Su Excellencia bien visto fuere, de que le haze donacion, como arriba esta declarado, y el dicho Excellentissimo Principe sera servido como del se espera, y promete de hazer heredando a sus padres, o qualquier dellos, de crescer los dichos alimentos de los dichos nueve mil Ducados a la dicha Señora Dona Maria para sustentacion y entretenimiento de su familia, y esto conforme a lo que heredare, y al dicho Señor Principe paresciere, y que pueda y se dexara a su arbitrio. Item han concordado los dichos Señores procuradores, en los dichos nombres, que en los dichos capitulos, y cada uno dellos lo que toca en favor de las partes, y qualquier dellas se pueda en qualquier tiempo todo junto y cada uno por si estender y clausular a toda utilidad de las dichas partes, o qualquier dellas, no mudada, ni alterada la sustancia de los dichos capitulos por ningun caso. Otro si han convenido y concertado, que el dicho Illustrissimo Señor Duque de Parma y Plasencia con Instrumento a parte insertando los presentes capitulos, donara, refutara, y cedera de nuevo, y approvara y ratificara con juramento, todo y qualquier cosa de las contenidas en este Instrumento y capitulos, en la mas ampla y autentica forma que de derecho, lugar aya, y la misma approbacion y ratificacion hara por su parte la Serenissima Infante Dona Isabel, y la dicha Illustrissima Dona Maria su hija. Item han concordado que la Magestad del Rey don Philipe nuestro Señor el Serenissimo Rey de Portugal sean servidos de prometer que haran que todo esto se guarde y se cumpla, y aya entero y cumplido effecto, y el dicho Señor Duque de Parma lo ratificara

y approbara todo dentro de quatro meses de la hecha deste Instrumento, lo qual todo que dicho es, y en cada una cosa y parte della, los dichos muy Illustre Señor Don Theotonio, y muy Magnifico Señor Comendador Ardinguelo por virtude de los poderes que tienen de sus partes, obligaron cada uno dellos los bienes y rentas de los dichos sus partes assi feudales, reservando, quanlo a ellos, el assensu del directo Señor, como alodiales derechos y acciones, de qualquier genero, o condicion que sean, y que sera guardado, cumplido y pagado en todo, y por todo, segun y de la manera que se contiene en los capitulos de suso contenidos, y en cada uno dellos, y que no se yra ni verna contra cosa alguna, ni parte dello, en tiempo alguno, ni por alguna manera, ni se reclamara, ni contradira por ninguna via, causa, ni razon que sea, ni se alegara lesion, ni engano, ni otra causa, que lo pueda impedir, si contra ello fueren, o vinieren que les no valan, y sobre ello no sean oydos en juizio, ni fuera del, y para lo assi cumplir, y guardar, y pagar, dieron todo poder cumplido a qualesquier justicias y Juezes de qualesquier Reynos, y Señorios, donde esta scriptura paresciere, a la jurisdiccion de los quales sometieron a sus partes, renunciando, como renunciaron el proprio fuero, jurisdiccion, y domicilio de cada una de sus partes, y la ley, *si convenerit, de jurisdictione omnium Judicum*, para que por todos los remedios y rigores de derecho, constingan, compelan, y appremien dar, y pagar, y cumplir lo suso dicho, como si sobre ello fuesse dada sentencia diffinitiva por Juez competente, y passada en cosa juzgada, y renunciaron qualesquier leys, fueros, y derechos, Plazos, terminos, privilegios, y otras leys, y la ley y derechos en que dize que general renunciacion de las leys que sea fecha no valga, y quieren que estas obliagaciones, y firmezas sean estendidas segun la mas ampla forma de la Camera apostolica, debaxo de la qual se obliga el dicho Señor Principe, y los dichos Señores procuradores a sus Principales, y que deste Instrumento y scriptura se haga uno, y muchos Instrumentos, y tantos quantos querran las dichas partes, en special el dicho Excellentissimo Señor Principe con juramento renunciò el beneficio de la menor edad y restitucion *in integrum*, sendo dello certificado, y a qualquier lesion que en ello se pudiesse por su parte pretender, y assi el dicho Señor Principe, en su anima propria, y los dichos Señores procuradores en la anima de sus principales juraron solemnemente sobre los Evangelios de cumplir y guardar todo lo contenido en este presente Instrumento, y capitulacion, y lo otorgaron ante de mi el scrivano publico y testigos de suso scriptos, y qualquier dellos que paresca, valva, y haga fee en juizio y fuera del, los queles dichos Señores procuradores quieren que sus poderes vayan aqui debaxo todo de un señal y clausula insertos, que son los seguintes.

EN NOME de Deus Amen. Saibaõ quantos esta scriptura de poder e procuraçaõ virem, que no anno do Nascimento de nosso Senhor Jesu Christo, de mil e quinhentos e sesenta e quatro annos, aos quatro dias do mes Doutubro, do dito anno, na Cidade de Lisboa, nos paços da Serenissima, muyto alta, e muyto excellente Princesa Iffante dona Isabel, molher do Iffante Dom Duarte que sancta gloria haja, em presença de mim Notario, e das testemunhas ao diante nomeadas logo pella dita Senhora Iffante foi dito que por quanto antre ella, e o Illustrissimo e muy excellente Principe Duque de Parma, se fala em casamento dantre o Illustrissimo e muy excellente Principe de Parma, filho primogénito herdeiro do dito Senhor Duque de Parma, e a Senhora Dona Maria filha do dito Senhor Iffante dom Duarte, e da dita Senhora Infante dona Isabel, para con a graça de nosso Senhor se aver de concluir e acabarsse elle, e assi for servido a dicta Senhora Iffante dona Isabel, por esta presente scriptura disse que dava, e outorgava ao muy Illustre Senhor Dom Theotonio seu hirmaõ todo seu poder comprido inteiro, livre e bastante, segundo que milhor, e mais compridamente o poderia, e devia dar, e outorgar, e en tal caso se requiere de feito, e de direito, e o fazia, ordenava, constituya, seu procurador geeral, e special em tal maneira que a geralidade naõ derogue a specialidade, nem a specialidade, a geeralidade, para que elle Senhor Don Theotonio pella dicta Senhora Iffante, e em su nome possa tractar, assentar, concordar, capitular, todas as cousas, de qualquer natureza, calidade, e importancia que seraõ tocantes e compridouras ao casamento dantre o dicto Senhor Principe de Parma, e a dicta Senhora Dona Maria, assi em presença do dicto Principe de Parma, corno de quaesquer procuradores que o Senhor Duque seu pay e elle pera isso ordenarem, e que mostrarem seus poderes e procuraçoens sufficientes, e abastantes por elles assinadas e selladas do seu sello, e que possa capitular, assentar concordar, prometer e jurar em seu nome que dara por molher, e esposa, ao dicto Senhor Principe de Parma, a dicta Senhora Dona Maria sua filha, para que se possa desposar con ella per palavras de futuro e avida a dispensaçã, que nosso muy Santo padre pera isso ha de outorgar, se possa desposar, e casar con ella por palavras de presente fazentes matrimonio, segundo ordem da sancta madre igreja de Roma, e que fara, comprira e guardara tudo o que pello dito Senhor Dom Theotonio for capitullado



e acceptado com as condiçoens, pactos vinculos, e sob as penas e firmezas que por elle for assentado, concordado, capitulado, como se por a dita Senhora Iffante e sua pessoa fosse feito, e lhe dava todo seu comprido poder para que sobre o dicto casamento, dote, arras, corregimentos, e sobre todas, e quaesquer cousas, a elle tocantes, e compridouras em qualquer manera que seja o dicto seu procurador possa assentar, concordar e affirmar, e em seu nome, assente, concorde, e affirme todas e quaesquer capitulaçoens, contractos, scripturas, e obrigaçoens de qualquer manera e qualidade que sejaõ com aquellas penas firmezas, pactos, vinculos, condiçoens, e renunciaçoens, que a elle ben visto lhe for, e bem lhe parescer, e que assi mesmo possa prometer, que a dita Senhora Iffante em sua pessoa outorgara tudo o que por elle acerca do dicto casamento for prometido, assentado, capitullado, e firmado, e concordado, e outro si que possa jurar em alma della Senhora Iffante, que guardara e comprira e mantera realmente, e con effecto, tudo o que assi por elle for prometido, e assentado, e capitulado, sem cautela, engano, nem dissimulaçaõ alguma, e que naõ yra nen vira contra isso, nem contra parte alguma disso, sob aquellas penas que pello dicto seu procurador forem postas, e concordadas, e para todo o que dito he lhe dava e outorga todo seu poder, comprido e livre, e geral administraçaon, e prometeo e segurou por esta presente scriptura, de ter, guardar, cumprir, e manter realmente e com effecto tudo o que pello dito seu procurador, sobre o dicto casamento for concordado, assentado, capitullado, e prometido, segurado, outorgado, e jurado, de qualquer natureza, e calidade e importância que seja de o aver por grato, rato, firme, e valioso, e de naõ yr, nen vir contra isso, nem contra parte alguma disso, em tempo algum, nem por alguna maneira sob obrigaçaõ expressa que para isso fazia de todos seus beens, avidos e por aver, os quæs todos para isso expressamente obriga, e que assi mesmo possa o dicto Senhor Dom Theotonio sobstavelescer hum procurador, ou procuradores para tudo o nesta scriptura contheudo, aos quæs disse, que dava outorgava, e concedia, os poderes aqui declarados, em firmeza de tudo, o qual mandou ser feita esta scriptura, e dar della ao dicto Senhor Don Theotonio os traslados que comprassem o que eu dicto Notario fiz por special provisao que para ello tenho DelRey nosso Senhor cujo theor he o que se segue. Eu elRey faço saber aos que este meu alvara virem, que por quanto ora se fala em casamento dantre o Principe de Parma, e Dona Maria minha tia filha do Iffante dom Duarte meu tio que sancta gloria aja, e da Iffante Dona Isabel, e para se aver de concluir, sera necessario fazerensse algumas scripturas, e contractos, eu ey por bem, e me praz de dar poder e authoridade, a Pantaliao Rabello scudeiro fidalgo de minha casa para fazer em publico quaesquer procuraçoens, scripturas, e contractos tocantes ao dicto casamento, e para isso somente o faço Notario publico e lhe dou toda authoridade que de direito se requiere, e este me praz que valha como carta sem embargo da ordenaçao do segundo livro titulo vinte, que diz que as cousas cujo effeito ouver de durar mais de un anno passem per cartas, e passando per alvaras, naõ valhaõ, e posto que naõ passe pella Chancellaria, sem embargo da ordenaçao em contrario. Feito em Lisboa, a tres dias do mes doutubro de Mil e quinhentos e sesenta e quatro. Alvara perque Vosa Alteza da poder, e authoridade a Pantaliao Rabello para fazer em publico quaesquer procuraçoens, scripturas, e contractos tocantes ao casamento dantre o Principe de Parma, e a Senhora Dona Maria, e para isso somente o faz Notario publico, e lhe da toda a authoridade que de direito se requiere, e que este valha como carta, e naõ passe pella Chancellaria. Testemunhas que a todo isto foraõ presentes, Fernao de Sande Cavaleiro fidalgo da casa delRey nosso Senhor, e Thesoureiro da dicta Senhora Iffante, e Diogo Fernandes de Rodas Cavaleiro da casa delRey nosso Senhor, e Geronimo Vieira moço da Camara da dicta Senhora Iffante, e eu Pantalhao Rabello que esto screvi em meu livro de notas, e delle o tirey bem e fielmente, e aqui meu publico signal fis que tal he. IN DEI NOMINE AMEN. Anno à Nativitate ejusdem Domini Millesimo, quingentesimo, sexagesimo quarto, Indictione septima, Die vero Decima octava Septembris, Pontificatus autem Sanctissimi Domini nostri Papæ Pij anno quinto, in mei Notarij publici, Testiumque infra scriptorum ad hoc specialiter vocatorum, & rogatorum presencia, personaliter constitutus Illustrissimus & excellentissimus Dominus Octavius Farnesius, Parmæ & Plasentæ Dux secundus, principalis principaliter pro se ipso, suisque hereditus & successoribus imperpetuum, ac mihi Notario publico infra scripto cognitus, citra tamen quorumcumque procuratorum suorum per eum hactenus constitutorum revocationem sponte & ex certa animi sui scientia, & alio omni meliori modo, via, jure, forma & causa quibus magis & melius potuit & potest, fecit, constituit, creavit, & solenniter ordinavit, atque facit, constituit, creat, & solenniter ordinat, suum verum certum legitimum, & indubitatum procuratorem, actorem, factorem, & negotiorum suorum infra scriptorum gestorem, & Nuncium specialem & generalem, Ita tamen quod specialitas generalitati

non deroget, nec è contra, multum Magnificum ac Reverendum Dominum fratrem Julianum Ardinghelum nobilem Florentinum equitem ac militem Hospitalis Sancti Joannis Hierosolimitani, absentem tanquam presentem, ut nomine & vice excellentiæ suæ Illustrissimæ & pro ea, se suisque heredibus & successoribus tam in Ducatu Parmæ, Placentiæ & Castri, necnon Marchionatu Novariæ, quam in omnibus alijs Civitatibus, Terris, Castris & bonis quibuscunque, stabilibus, mobilibus, feudalibus, & burgensaticis, quæ de presenti habet, tenet, & possidet, vel in futurum habebit, tenebit, & possidebit, cum omnibus & singulis eorum dependentibus & continentibus, annexis & connexis, dictorumque Ducatum, ac Marchionatus & omnium supradictorum & cujuslibet eorum, cum integro eorum statu, valeat & possit obligare, pro securitate Dotium dandarum Illustrissimo & excellentissimo Domino Alexandro Farnesio, Principi Parmæ & Placentiæ ejus filio primogenito legitimo & naturali, cum sponsa & uxore, vel alio ejus nomine, Illique restituendum, in omnem casum restituendarum Dotium, & insuper pecuniam ex ipsius dotibus habendam, ac alia bona specialiter obligandum, & ad constituendum Dotarium antefatum, vel donationem propter nuptias, ad quartam seu tertiam, tanquam more & consuetudine Dominorum Ducum, Principum, & Procerum Italiæ, qua & prout convenire poterit, lucrificandum per Illustrissimam & excellentissimam Dominam sponsam, in omnem casum in quo uxores vel sponsæ illud lucrantur, & pro illiusque cautella ac securitate obligandum, tam dictos Ducatus Parmæ Placentiæ, Castri, ac aliarum Civitatum, terrarum, oppidorum, bonorum feudalium, alodialium, stabilium, atque mobilium, & integrum eorum statum, quam etiam in pecunia numerata, cum vel alios ipsius nomine cautos reddere, atque securos, omni meliori modo forma, via ac jure quo fieri poterit, assensu directi Domini, quatenus bona feudalialia tanguntur, semper reservato, ac ad submittendum Illustrissimum & excellentissimum Dominum Ducem jurisdictioni, exâmini & cohortioni Curiæ Cameræ apostolicæ & D. Camerarij ejusque Auditoris, seu Commissarij, ac locumtenentis, & aliarum quarumcunque Civitatum, tam ecclesiasticarum quam secularium ubique constitutarum, & prout opus fuerit, necnon omnes & singulas sententias, etiam excommunicationis, processus fulminatione, & censuras alias, ac precepta & mandata premissorum occasione acceptandum & subeundum, exceptione, Privilegijs Indultis, literis & gratijs, tam apostolicis quam alijs ipsi Illustrissimo & Excellentissimo Domino constituentî concessis & concedendis, ac etiam beneficio absolutionis et restitutionis in integrum, appellationi, ac omni juris canonici & civilis remedio, per quæ contra premissa, vel eorum aliquid, posset quomodolibet se tueri, renunciandum, quodque ipse Illustrissimus & excellentissimus Dominus constituens omnia & singula, quæ per dictum suum procuratorem, de & super premissis, & circa ea conventa, promissa, & jurata, ac alia facta, gesta & habita fuerint, plene & integre persolvat, faciat, attendet, ac firmiter & inviolabiliter adimplebit, & in ipsius Domini constituentis animam jurandum, & promittendum, & generaliter ad omnia alia & singula dependentia, emergentia, annexa & connexa, ac alia quæ in premissis, & circa ea necessaria fuerint seu quomodolibet opportuna, & quæ ipse Illustrissimus & excellentissimus D. Dux constituens faceret, & facere posset, si presentibus presens & personaliter interesset, etiamsi talia forent, quæ mandatum exigent magis speciale, quam presentibus, sit expressum, faciendum, dicendum, gerendum, exercendum & procurandum, promittens insuper prelibatus Illustrissimus & excellentissimus Dominus constituens, mihi Notario publico infra scripto tanquam publicæ & authenticæ personæ solenniter stipulanti & recipienti, vice & nomine omnium & singulorum quorum interest, intererit, aut interesse poterit quomodolibet in futurum, se firmum, ratum, & gratum, perpetuo habiturum, totum id & quicquid per dictum procuratorem suum, ut supra constitutum, actum, dictum, gestum, factum, procuratum, & celebratum fuerit, in premissis, seu aliquo premissorum, & ad majorem cautelam quæ cum illis prodesse, & non obesse solet, quod denuo, iterum, ipse Illustrissimus & excellentissimus Dominus Dux, omnia & singula prefata cum gesta fuerint per aliud publicum Instrumentum, emologabit & ratificabit, & ipse Illustrissimus & excellentissimus Dominus Dux in forma publica se obligabit ad dictamen, & consilium sapientis Illustrissimæ & excellentissimæ Dominiæ futuræ sponsæ, & uxoris dicti Illustrissimi Domini Principis pro securitate & cautela omnium supra contentorum, revelans nihilominus ex nunc, & revelare volens eundem procuratorem suum constitutum, ab omni onere satisfaciendi, judicio sisti, & judicatum solvi, cum omnibus & singulis clausulis necessarijs & opportunis, ac sub hypotheca & obligatione omnium & singulorum bonorum suorum, presentium & futurorum tam feudalium quam alodialium stabilium atque mobilium, cum integro eorum statu, cum precarijs ac constitutis, & cum potestate capiendi, obligans se suosque heredes & successores, & renunciâ, cum qualibet alia juris & facti renunciatione ad hæc necessaria pariter & cautela, super quibus omnibus & singulis premissis idem Illustrissimus & excellentissimus

Dominus constituens, sibi à me Notario publico infra scripto unum vel plura publicum seu publica, fieri petijt atque confici Instrumentum & Instrumenta. Acta hec fuerunt Parmæ in Pallatio seu Domo habitationis, Illustrissimi & excellentissimi Domini Ducis constituentis, sita in Vicaria Sancti Pauli, & in Camera ejus cubiculari, presentibus ibidem Illustrissimo Domino Paulo Vitello Tifernati filioque Illustrissimi Domini Nicolai, habitatore de presenti in Civitate Parmæ, in Vicaria Sancti Joannis Nobile Juris utriusque Doctore domino Dominico della Turre Verenense ad presens habitatore dictæ Civitatis, in Vicaria Sanctæ Anastasiæ, seu Sancti Thome, & Magnifico Domino Joanne Baptista Picco Speletano, in dicta Civitate, & in Vicaria Sancti Michaelis residente, omnibus testibus idoneis, ad predicta omnia specialiter vocatis & rogatis, ac asserentibus se cognoscere predictum Illustrissimum & excellentissimum D. Ducem & me Notarium infra scriptum filio Domini Nicolangeli, filioque magnifici Domini Ludovici. Ego Hieronymus à Platea filiusque Domini Galeatij civis Parmæ Vicariæ Sancti Blasij Notarius publicus Parmensis, quia de supradicto, seu supra scripto mandati Instrumento sic (ut premittitur) in hanc publicam formam per me redacto rogatus fui, ideo me cum appositione mei soliti signi Notariatus, subscripti in fidem promissorum. Ancianis Magnifici Regiminis Magnificæ communis Parmæ universis & singulis has nostras inspecturis, pateat & sit notum, qualiter Magnificus Dominus Hieronymus à Platea supradictus, que de presenti Instrumento rogatus extitit, tempore ejus rogatus, & ante, & post, atque de presenti, fuit, erat, & est, fidus & legalis Notarius Parmensis in Collegio Dominorum Notariorum Parmæ, admissus, receptus & descriptus, Instrumentis & rogatibus ejusdem, & in Judicio & extra plena fides adhibita fuit, atque, Indies adhibetur, in quorum fidem, &c. Datum Parmæ xj Septembris, 1564. Alexander Callegarius Cancellarius. IN DEI NOMINE AMEN. Anno à Nativitate ejusdem Domini Millesimo quingentesimo, sexagesimo quarto, Indictione septima, Die vero 18. Septembris, Pontificatus autem Sanctissimi Domini nostri Papæ Pij anno quinto, in mei Notarij publici testiumque infra scriptorum ad hoc specialiter vocatorum & rogatorum presentia personaliter constitutus Illustrissimus & excellentissimus Dominus Octavius Farnesius Parmæ & Placentiæ Dux secundus, principalis principaliter pro se ipso, suisque heredibus & successoribus in perpetuum, ac mihi Notario publico infra scripto cognitus, citra tamen quorumcumque procuratorum suorum per eum hactenus constitutorum quomodolibet revocationem, sponte & ex certa animi sui sciencia, & omni meliori modo, via, jure, forma, & causa, quibus magis & melius poterat & potest, fecit, constituit, creavit, & solenniter ordinavit, atque facit, constituit, creat, & solenniter ordinat, suum, verum, certum, legitimum, & indubitatum procuratorem actorem factorem, & negotiorum suorum infra scriptorum gestorem, & nuncium specialem & generalem, ita tamen quod generalitas specialitati non deroget, nec è contra, multum Magnificum, ac Dominum fratrem Julianum Ardinghelum nobilem Florentinum, equitem ac militem Hospitalis Sancti Jannis Hierosolymitani, absentem tanquam presentem specialiter & expresse, ad promittendum vice & nomine presentis Illustrissimi & excellentissimi Domini constituentis, & pro eo, Illustrissimo & excellentissimo Domino Alexandro Farnesio Principe ejusdem constituentis filio primogenito legitimo & naturali, scutos Duodecim mille auri, singulo anno durante ejusdem vita pro provisione ejus victus eidem dando, & solvendo de trimestri in trimestre, vel in alijs terminis, prout dicto procuratori videbitur, & pro cautela & securitate dictæ promissionis dictorum scutorum duodecim mille auri solvendorum ut supra, obligantur perdictum Illustrissimum Dominum Ducem, constituentem, erga predictum Dominum Alexandrum necnon omnia & singula, ejusdem Illustrissimi Domini constituentis bona, presentia & futura, & tam burgensatica quam feudalialia, & fructus & redditus eorum, assensu Directi Domini semper reservato, respectu bonorum feudalium, quatenus opis sit & non aliter, & ad submittendum Illustrissimum & excellentissimum Dominum constituentem pro observatione dictæ promissionis, Jurisdictioni, examini & cohertioni Curie Cameræ apostolicæ, & Domini Camerarij, ejusque Auditoris, seu Commissarij, ac locumtinentis, & aliarum quarumcumque Curiarum, tam ecclesiasticarum quam secularium, ubique constitutarum, necnon omnes & singulas sententias, & excommunicationis fulminationis, & censuras alias, ac precepta & mandata, promissorum occasione acceptandum & subeundum exceptionibus, privilegijs, indultis, litteris & gratijs tam apostolicis quam alijs, ipsi Illustrissimo & excellentissimo Domino constituenti concessis & concedendis, ac etiam beneficio absolutionis, & restitutionis in integrum appellationi, actioni juris civilis, & canonici remedio, per quæ contra premissa, vel eorum aliquid posset quomodolibet se tueri, renunciandum, quodque ipse Illustrissimus & excellentissimus Dux constituens omnia & singula, quæ per dictum suum procuratorem de & super premissis, & circa ea conventa promissa & jurata, ac alia facta, gesta & habita fuerint, plene & integre persolvat, faciat, attendet, & firmiter, ac inviolabiliter adimplebit, & ad in ipsius

Illustrissimi & excellentissimi Domini constituentis animam jurandum, & predicta omnia & singula, promittendum, & generaliter ad omnia alia & singula, dependentia, emergentia, annexa & connexa, quæ in premissis & circa ea necessaria fuerint, seu quomodolibet opportuna, & quæ ipse Illustrissimus Dominus constituens faceret & facere posset, si presens presentis & personaliter interesset, etiam si talia forent quo mandatum exigerent magis speciale quam presentibus sit expressum, faciendum, dicendum, gerendum, & exercendum & procurandum. Promittens insuper predictus Illustrissimus Dominus constituens mihi Notario publico infra scripto, tanquam publicæ & authenticæ personæ, solenniter stipulanti & recipienti, vice & nomine omnium & singulorum, quorum interest, intererit, aut interesse poterit quomodolibet in futurum, se firmum ratum, & gratum, perpetuo habiturum totum id & quicquid per dictum procuratorem suum, ut supra constitutum, actum, dictum gestum, factum, procuratum, & celebratum fuerit in premissis, seu aliquo premissorum, & ad majorem cautelam, quæ cum illis gesta fuerint prodesse & obesse non solet, quod denuo iterum ipse Illustrissimus & excellentissimus Dominus Dux constituens, omnia & singula predicta cum gesta fuerint per aliud publicum Instrumentum emologabit & ratificabit, & in forma publica, ad permissa omnia & singula se & bona sua obligabit, pro majori dicti Principis cautela, & securitate, revelans nihilominus ex nunc, & revelare volens eundem procuratorem suum constitutum, ab omni onere satisfaciendi, iudicio sisti, & iudicatum solvi, cum omnibus & singulis clausulis, necessarijs & opportunis, sub hypoteca & obligatione, omnium & singulorum bonorum suorum presentium & futurorum, tam feudalium, quam alodialium, stabilium atque mobilium cum integro eorum statu, cum precarijs & constitutis, & cum potestate capiendi, obligans se, suosque heredes & successores & renunciens cum qualibet alia juris vel facti renuntiatione ad hæc necessaria pariter & cautela, super quibus omnibus & singulis, idem Illustrissimus & excellentissimus Dominus constituens, sibi à me Notario publico infra scripto, unum vel plura, publicum seu publica fieri petijt atque confici, Instrumentum seu Instrumenta. Acta hec fuerunt Parmæ, in Pallatio seu domo habitationis predicti Illustrissimi & excellentissimi Domini Ducis constituentis sita in Vicaria Sancti Pauli, in Camera ejus cubiculari, presentibus ibidem Illustrissimo Domino Paulo Vitello Tifernati, filioque Illustrissimi domini Nicolai, habitatori de presenti in Civitate Parmæ & in Vicaria Sancti Joannis, Nobile Juris utriusque Doctore Domino Dominico della Turre Veronensi, ad presens habitatori dictæ Civitatis, in Vicaria Sanctæ Anastasiæ, seu Sancti Thomæ & Magnifico domino Joanne Baptista Picco, Spoletano in dicta Civitate, in & Vicaria Sancti Michaelis residente, omnibus testibus idoneis, ad presentata omnia specialiter vocatis & rogatis, ac asserentibus se cognoscere predictum Illustrissimum & excellentissimum Dominum Ducem, & me Notarium infra scriptum, filium Domini Nicolangelii filiique Magnifici Domini Lodovici. Ego Hieronimus à Platea filiusque domini Galeatij Civis Parmæ Vicariæ Sancti Blasij, Notarius publicus Parmensis, qui de supradicto mandati Instrumento, sic ut premittitur in hanc publicam formam per me redacto, rogatus fui, ideo me cum appositione mei soliti signi Notarius subscripsi in fidem premissorum. Anciani Magnifici Regiminis Magnificæ communitatis Parmæ, universis & singulis presentes inspecturis pateat & sit notum, qualiter Magnificus dominus Hieronymus de Platea, qui de presenti Instrumento rogatus extitit, tempore ejus rogatus, & ante, & post, fuit, erat, & est, fidedignus & legalis Notarius Parmensis in Collegio Dominorum Notariorum Parmæ admissus, receptus, & descriptus, Instrumentisque, & rogatus ejusdem, & in iudicio & extra plena fides, adhibita fuit, atque in dies adhibetur. In quorum fidem, &c. Datum Parmæ die xjx Septembris 1564. Alexander Callegarius Cancellarius. IN DEI NOMINE AMEN. Anno à Nativitate ejusdem Domini Millesimo quingentesimo, sexagesimo quarto, Indictione septima, Die vero Decima octava Septembris, Pontificatus autem Sanctissimi Domini nostri Papæ Pij anno quinto, in mei Notarij publici, testiumque infra scriptorum ad hoc specialiter vocatorum & rogatorum presentia, personaliter constitutus Illustrissimus & excellentissimus Dominus Octavius Farnesius, Parmæ & Placentæ Dux secundus, principalis principaliter pro se ipso, suisque heredibus & successoribus, imperpetuum, ac mihi Notario publico infra scripto cognitus, citra tamen quorumcumque procuratorum suorum hactenus quomodolibet constitutorum revocationem, sponte & ex animi sui scientia, & omni meliori modo, via, jure, forma, & causa, quibus magis etiam melius potuit & potest, fecit, constituit, creavit, & solenniter ordinavit, atque facit, constituit, creat & solenniter ordinat, suum verum certum, legitimum, & indubitatum procuratorem, actorem, factorem, & negotiorum suorum infra scriptorum gestorem & Nuncium specialem & generalem, ita tamen quod specialitas generalitati non deroget, nec è contra, multum Magnificum, ac Reverendum Dominum fratrem Julianum Ardinghelum nobilem Florentinum, equitem ac militem Hospitalis Sancti Joannis Hierosolymitani, absentem, tanquam presentem specialiter &

expresse nomine & vice predicti Illustrissimi & excellentissimi Domini constituentis, & pro eo, promittendum Illustrissimo & excellentissimo Domino Alexandro Farnesio, ejusdem Illustrissimi & excellentissimi Domini constituentis filio legitimo & naturali primogenito, scutos duodecim mille auri, singulo anno, durante ejus vita, pro provisione ejus victus, eidem dandos & solvendos, de trimestri in trimestre, vel in alijs terminis, prout dicto ejus procuratori videbitur, vel majorem vel minorem quantitatem dictorum scutorum duodecim mille, taxandam & arbitrandam, per Illustrissimum & excellentissimum Dominum Principem Evoli, cui absenti tanquam presenti, sponte & omni meliori modo, & ut supra, dedit & concessit, datque & concedit auctoritatem & potestatem taxandi & arbitrandi dictam provisionem victus predicti Illustrissimi Domini Alexandri Principis in majori vel minori quantitate dictorum scutorum duodecim mille auri, constituens etiam ex nunc ipsum Illustrissimum & excellentissimum Principem Evoli ad id procuratorem suum, quatenus opus sit, & pro cautela & securitate dictae promissionis dictorum scutorum duodecim mille auri, vel majoris, vel minoris quantitatis (ut premittitur) taxandi, vel arbitrandi, & solvendi ut supra obligand. presentem Illustrissimum & excellentissimum Dominum Ducem constituentem, & omnia & singula ejusdem bona, presentia & futura, & tam burgensatica quam feudalialia, salvo tamen semper assensu directi domini respectu feudalium, quatenus opus sit, & non aliter, & ad submittendum Illustrissimum & excellentissimum Dominum constituentem jurisdictioni, examini & cohercioni Curiae Camerae apostolicae & Domini Camerarij, ejusque Auditoris seu Commissarij, ac locumtenentis, & aliarum quarumcumque civitatum, tam ecclesiasticarum, quam secularium ubique constitutarum, & prout opus fuerit, necnon omnes & singulas sententias, etiam excommunicationis processus fulminationem, & censuras alias, & precepta ac mandata promissorum occasione acceptandum & subeundum, exceptionem, privilegijs, Indultis, litteris, gratijs, tam apostolicis quam alijs, ipsi Illustrissimo Domino constituenti concessis & concedendis, ac etiam beneficio absolutionis & restitutionis in integrum appellationi, ac omni juris canonici & civilis remedio, per quae contra premissa, vel eorum aliquod, posset quomodolibet se tueri, renunciandi, quodque Ipse Illustrissimus & excellentissimus Dominus constituens, omnia & singula, quae per dictum suum procuratorem, de & super promissis, & circa ea conventa, promissa, & jurata, ac alia facta, gesta & habita fuerint, plene & integre persolvat, faciat, attendet, ac firmiter & inviolabiliter observavit, & adimplebit, & ad in ipsius Illustrissimi & excellentissimi Domini constituentis animam jurandum, & promittendum, & generaliter ad omnia alia & singula, dependentia, emergentia, annexa & connexa, ac alia quae in promissis, & circa ea necessaria fuerint seu quomodolibet opportuna, & quae Ipse Illustrissimus & excellentissimus Dominus constituens, faceret & facere posset, si presentibus presens & personaliter interesset, etiamsi alia forent, quae mandatum exigent magis speciale quam presentibus sit expressum, faciendum, dicendum, gerendum, exercendum & procurandum, promittens insuper prelibatus Illustrissimus & excellentissimus Dominus constituens mihi Notario publico infra scripto tanquam publicae & authenticae personae solenniter stipulanti & recipienti, vice & nomine omnium & singulorum quorum interest, intererit, aut interesse poterit quomodolibet in futurum, se firmum, ratum, & gratum, perpetuo habiturum, totum id & quicquid per dictum procuratorem suum, ut supra constitutum, actum, dictum, gestum, factum, procuratum, & celebratum fuerit in promissis seu aliquo promissorum, & ad maiorem cautelam, quae cum illis prodesse & non obesse solet, quod denuo iterum presentatus Illustrissimus & excellentissimus Dominus constituens omnia & singula predicta cum gesta fuerint, per aliud publicum Instrumentum emologabit, & ratificabit, & Idem Illustrissimus & excellentissimus Dux, in forma publica, se obligabit pro cautela & securitate omnium supra contentorum, revelans, ex nunc, & revelare volens, eundem procuratorem suum constitutum, ab omni onere satisfaciendi, Judicio sisti, judicatum solvi, cum omnibus & singulis clausulis necessarijs & opportunis, ac sub hypotheca & obligatione omnium & singulorum bonorum suorum presentium & futurorum, tam feudalium, quam alodialium, stabilium, atque mobilium, cum integro eorum statu, cum precarijs ac constitutis, & cum potestate capiendi, obligans se, suosque heredes & successores, & renuncias cum qualibet alia Juris & facti renunciatione ad haec necessaria pariter & cautela, super quibus omnibus & singulis promissis, Idem Illustrissimus & excellentissimus Dominus constituens sibi à me Notario publico infra scripto, unum vel plura, publicum seu publica fieri petijt atque confici Instrumentum, & Instrumenta. Acta haec fuerunt Parmae in Pallatio seu Domo habitationis predicti Illustrissimi & excellentissimi Domini Ducis constituentis sita in Vicaria Sancti Pauli, & in Camera ejus cubiculari. Presentibus ibidem Illustrissimo Domino Paulo Vitello Tifernati filioque Illustrissimi Domini Nicolai, habitatore de presenti in Civitate Parmae, in Vicaria Sancti Joannis, Nobile Juris utriusque Doctore domino Dominico della Torre Veronense, ad

presens habitatore dictæ Civitatis in Vicaria Sancti Marcellini, & Magnifico Domino Joanne Baptista Pico Spoletano in dicta Civitate, & in Vicaria Sancti Michaelis residente, omnibus testibus idoneis, ad predicta omnia specialiter vocatis & rogatis, ac asserentibus se cognoscere predictum Illustrissimum & excellentissimum Ducem, & me Notarium infra scriptum, filio domini Nicolai, filioque magnifici Domini Ludovici. Ego Hieronymus à Platea, filiusque Domini Galeatij civis Parmæ Vicariæ Sancti Blasij Notarius publicus Parmensis, quia de supradicto mandati Instrumenti, sic (ut premittitur) in hanc publicam formam per me redactus rogatus fui, Ideo me cum apositione mei soliti signi Notariatus, subscripsi, in fidem premissorum. Ancianis Magnifici Regiminis Magnificæ communitatis Parmæ, universis & singulis presentes inspecturis pateat & sit notum, qualiter Magnificus Dominus Hieronymus à Platea Civis Parmensis, qui de presenti Instrumento rogatus extitit, tempore ejus rogatus, & ante, & post, fuit, erat, & est de presenti fidedignus & legalis Notarius Parmensis, Collegio Minorum Notariorum Parmæ admissus, receptus, & descriptus, Instrumentisque & rogatus ejusdem, & in Judicio & extra plena fides adhibita fuit, atque indies adhibetur, In quorum fidem, &c. Datum Parmæ xjx Septembris 1564. Alexander Callegarius Cancellarius. EN testimonio de lo qual, los dichos contrahentes lo firmaron aqui en mi registro de sus nombres. Alessandro Farnese. Don Theotonio. Frai Guilhelmo Ardinguelo. Presentes por testigos a todo lo suso dicho, el Señor Don Francisco Pereira Embaxador del Serenissimo Rey de Portugal, y el Principe de Evoli, Ruy Gomes de Sylva Mayordomo mayor del Principe de España nuestro Señor, y el Regente Polo, y Marques de Oriolo del consejo supremo de Italia, Fecho em Madrid, a nueve dias del mes de Genero de Mil y quinientos y sesenta e cinco annos, y los sobredichos testigos lo firmaron aqui de sus nombres. Ruy Gomes da Sylva. Don Francisco Pereira. Laurentius Polo. II Marchese de Oriolo. El qual Instrumento y capitulos segun y como en ellos se contiene, y cada uno dellos palabra, por palabra, segun que mas largamente y mejor puede por el poder y capitulo de la dicha carta, y cada una dellas, el dicho Señor Comendador Ardinguelo en nombre y por parte del dicho Señor Duque de Parma, y como su procurador, loava, approvava, ratificava, emologaba, y confirmava, y de nuevo en quanto era menester, y podia, octorgava, pactava, concordava, y convenia, como por el presente Instrumento, loo, y approbo, ratifico, emologo, y confirmo y de nuevo otorgo y concordo, assi en lo contenido en los capitulos y cada uno dellos, como en lo contenido en las fuerças generales y clausulas de la obligacion contenidas en el Instrumento suso dicho y capitulos que aqui van ynsertos, las quales fuerças y obligaciones generales y Juramentos aun que en el Instrumento de poder no vengán insertadas, quiere el dicho Señor Comendador en el dicho nombre ratificarlas y approbarlas, emologarlas, y confirmarlas, y de nuevo otorgar, y consentir, como aprueva, confirma, emologa, y ratifica, y de nuevo otorga, y consiente, excepto que por quanto el dicho Señor Duque al tiempo de la presente ratificacion, emologacion, y aprobacion havia de declarar conforme a lo capitulado la cantidad de que podría testar a alvedrio de buem baron, queren los dichos Illustrissimo y excellentissimo Señor Principe y el muy Illustre Señor Don Theotonio, y el muy magnifico y Reverendo Señor Ardinguelo que la tal declaracion se reserve para se hazer em Portugal, y specialmente quiere el dicho Señor Principe, que consintiendo la dicha Serenissima Señora Infante, que pueda el dicho Señor Duque disponer de la cantidad que assi declarare tanto en vida como en muerte, que en tal caso lo pueda hazer, assi y como si specialmente fuesse capitulado en el tiempo de la Donacion y capitulacion suso dichas, y promete y se obliga el dicho Señor Comendador, que el dicho Señor Duque dentro de siete meses, de nuevo por mas cautela, ratificara y loara todo lo suso dicho, y este presente Instrumento de emologacion, y aprobacion y ratificacion, y nuevo consentimiento segun y como aqui se contiene palabra por palabra, y lo firmara de su nombre, y por observancia de las cosas suso dichas, y cada uno dellas, Juro el dicho Señor Comendador en el nombre suso dicho, en anima de su Principal sobre los sanctos quatro Evangelios, que todo lo capitulado, concordado, pactado y contenido en este Instrumento, y en el otro dicho Instrumento otorgado en la Villa de Madrid a nueve dias del mes de Henero del año de mil y quinientos y sesenta y cinco, que el dicho Illustrissimo y excelentissimo Señor Duque su principal lo guardara, y hara guardar, y que por si ni personas interpuestas no verna contra las cosas suso dichas, ni alguna dellas, y para este effecto obligava, y obligo de nuevo los bienes del dicho Señor su principal, segun y como estan obligados, en el otro Instrumento suso dicho. En fee de qual, el dicho Señor Comendador Ardinguelo lo firmo de su nombre, juro, y otorgo, testigos que fueron presentes a todo lo suso dicho. El Regente Polo del Consejo de Su Magestad y el Marques de Oriolo, el dicho supremo consejo, y el secretario Juan Dominico de Lorsa, y Hieronimo Gassol, y Andres de Sanguesa criados de Su Magestad Catholica, fecha,

y otorgada en Villa de Madrid, a veynte y cinco dias del mes de Março de Mil y quinientos y sesenta y cinco annos, en presencia de mi Diego de Vargas Secretario de Su Magestad Catholica, y Scrivano y Notario publico, frai Guiliano Ardinguelo. El dia siguiente, que se contaron veinte y seis dias de Março del dicho anno de Mil y quinientos y sesenta y cinco, en la misma Villa de Madrid el Illustrissimo y excellentissimo Señor Principe de Parma, Don Alexandro Farnes en presencia de mi el Secretario Diego de Vargas Scrivano publico de Su Magestad y los testigos de suso nombrados, loando, approbando, ratificando la approbacion y ratificacion suso dicha, hecha por el Señor Comendador Ardinguelo como procurador del Illustrissimo y excellentissimo Señor Duque de Parma su Padre, acepta las donaciones y todas las demas cosas que estan particularmente contenidas en los dichos capitulas matrimoniales, y Instrumento de ratificacion suso dicho, de lo qual requirio a mi el dicho Secretario, y Scrivano publico que hiziesse el presente acto, y en fee dello lo firmo de su nombre, Alexandro Farnes. Testigos que fueron presentes a todo lo suso dicho, Don Luis Enriques gentilhombre de la boca de Su Magestad, Pedro Aldrovandini, y Hieronymo Gasol residentes en Corte de Su Magestad. E yo Diego de Vargas Secretario de Su Magestad, y del Consejo, y Escrivano publico en todos sus Reynos y Señorios, en virtud de la facultad que para ello Su Magestad me dio firmada de su Real mano, que es del tenor seguinte ElRey Diego de Bargas mi secretario, y de mi consejo, por quanto aviendose de tratar y concluir matrimonio entre el Illustrissimo Don Alexandro Farnes, Principe de Parma, mi sobrino, y la Illustrissima Señora Dona Maria hija de los Infantes de Portugal, Don Duarte, y dona Isabel, y siendo necessario para la execucion dello hazersse los capitulas matrimoniales, y otros autos, contactos y Instrumentos dellos dependientes. Porende por la presente, vos nombro y mando, que como tal mi secretario y Notario publico que sois intervengais en ello y hagais los dichos capitulos matrimoniales, y los demas autos que fueren menester, dandoos poder cumplido que no embargante qualquier constituicion, y ordenacion que aya en contrario, podais para la validacion y firmeza dellos recibir de las partes los juramentos necessários, fecha en Madrid, a ocho de Enero, año de mil y quinientos y sesenta y cinco. Yo ElRey. Saganta lo fize screvir, y doy fee que conosco a los dichos contrayentes, y otorgantes, y los testigos de suso nombrados. En fe de lo qual lo signe de mi signo acostumbrado que es tal, en testimonio de verdad. Diego de Bargas. E depois desto aos vinte e tres dias do mes de Junho de mil quinhentos sesenta e cinco annos, nesta Cidade de Lisboa, nos apousentos da dita Senhora Iffante dona Isabel, estando presente a dita Serenissima Senhora Dona Maria sua filha, e bem asi estando presente o muito magnifico Comendador Ardinguelo, logo pella dita Senhora Dona Maria foy dito perante mim Scrivaõ e testemunhas ao diante nomeadas, que elRey nosso Senhor lhe tinha dado licença, para poder jurar, o que neste contracto atras scripto disera que avia de jurar, como se contem na provisaoõ do dito Senhor que ao diante yra trasladada: e por tanto disse que jurava, como defeito jurou aos Santos Evangelhos, sobre os quaes pos sua mano direita de tudo o contheudo no Instrumento atras, de declaracão que foy feita cumprir e guardar em tudo, e per tudo, e nunca em nenhum tempo yr contra yssso, per si nem per outrem, *directe nec indirecte*, e pera tudo assi cumprir, obrigou todas suas rendas, e bens avidos e por aver, e o dicto Comendador Ardinguelo, em nome dos dictos Senhores Duque e Principe, como seu procurador bastante acceptou tudo o sobredito, testemunhas que foraõ presentes, que assinaõ com a dicta Senhora Dona Maria, o Comendador Ardinguelo, Antaõ Martins da Camara, Capitaõ, e Governador da Ilha da Praya, e Pero Leytaõ fidalgo da casa do dicto Senhor Dom Duarte, e o licenciado Afonso Vaaz Tenreiro desembargador e ouvidor da casa da dita Senhora Iffante, e o tresllado do Alvara delRey nosso Senhor he o seguinte. Eu elRey faço saber, aos que este Alvara virem, que eu ey por bem e me praz que jurando Dona Maria minha muito amada e prezada tia, o contracto do seu casamento, o escrivaõ ou Taballiaõ que o dicto contracto fizer possa nelle escrever o dicto juramento, sem por yssso encorrer em pena alguma, sem embargo da ordenaçao que o defende, e este mando que se cumpra como se nelle contem, posto que naõ seja passado pella Chancellaria, sem embargo da ordenaçao em contrario. Symaõ da Costa o fez em Lisboa a vinte de Junho de Mil e quinhentos e sesenta e cinco. Balthasar da Costa o fez escrever. O Cardeal Iffante. Tresllado da subscripção. Ha Vossa Alteza por bem, que jurando a Senhora Dona Maria o contrato de seu casamento, o escrivaõ que o fizer, possa nelle escrever o dicto juramento, sem por isso encorrer na pena da ordenaçao, e sem embargo della, e que este naõ passe pella Chancellaria. E eu Pantaliaõ Rabello que esto screvi. O qual Instrumento de Approvaçao, ratificaçam, declaraçam, e acceptaçam, eu Pantalam Rebelo escudeiro fidalgo da casa delRey nosso Senhor e Notario publico geral em sua Corte, e em todos seus Reinos, e Senhorios,

em meu livro de notas tomei, e dele o fiz tirar bem e fielmente por meu fiel escrivão com o traslado do dicto Dote que nele esta inserto, e aqui meu publico sinal fiz que tal he. Pantaliam Rebello. ET IDEO dicti Illustrissimi & excellentissimi Domini Dux Octavius Farnesius, & Princeps Alexander ejus Filius, sponte & ex certa eorum scientia, & non vi, dolo, metu, aut aliquo errore juris vel facti, ducti, vel circumventi, ac aliis omnibus, jure, via, modo, & forma, quibus & prout melius & efficacius potuerunt & possunt, ac fieri & esse possit, dictum preinsertum Ratificationis Instrumentum, ac omnia & singula in eo contenta, & quodlibet eorum, quæ hic nominatim & pro expressis haberi voluerunt & volunt (salva tamen semper & habita relatione ad dictum originale Instrumentum ut supra) & non aliis, aliter, nec alio modo, approbaverunt, emologaverunt, ratificaverunt, & confirmaverunt, ac per hoc presens publicum Instrumentum, approbant, emologant, ratificant, & confirmant, promittunt & se obligant, & quilibet eorum insolidum, approbavit, emologavit, ratificavit & confirmavit, promisit & se obligavit, ac approbat, emologat, ratificat & confirmat, promittit & se obligat, in totum & per totum, ac in omnibus & per omnia, & pro tanto quod eum tangit & concernit, & cum illis modis, pactis, conditionibus, promissionibus, obligationibus, penis & alijs cautelis, de quibus & prout latius in dicto preinserto instrumento, continetur & sit mentio, & insuper dicti Illustrissimo & excellentissimi Domini Dux Octavius, & Princeps Alexander, pacto expresso, per solennem stipulationem, promiserunt, convenerunt, & se obligarunt, promittuntque conveniunt & se obligant, & quilibet eorum in solidum, promisit, convenit & se obligavit, ac promittit, convenit, & se obligat, mihi Notario publico infra scripto tanquam publicæ & authenticæ personæ, solenniter stipulanti & recipienti, vice ac nomine omnium & singulorum, quorum interest, intererit, aut interesse poterit, quomodolibet in futurum, etiam sub solenni juramento per eosdem, & eorum quemlibet, in manibus mei Notarij publici infra scripti (tactis corporaliter scripturis sacrosanctis præstito) ac etiam sub hypoteca & obligatione omnium & singulorum bonorum suorum, mobilium & immobilium, presentium & futurorum, & qualibet alia juris & facti renunciatione ad hæc necessaria pariter cautela, omnia & singula in presenti Instrumento, & in dicto alio preinserto contenta, (ac non minus & non aliis quam si hic de illis omnibus & singulis, & eorum quolibet, specialis specifica & expressa, facta fuisset & esset mentio & repetitio) perpetuo & perpetuis temporibus, firma, rata, & grata, habere, tenere, attendere, & observare etiam efficaciter adimplere, & non contravenire, vel contrafacere, de jure vel de facto, per se, vel alium seu alios, aliqua ratione vel causa, vel aliquo modo, casu vel jure, sive ullo legum decretorum, seu Rescriptorum auxilio, & propterea in eodem instanti, dictus Illustrissimus & excellentissimus Dominus Dux Octavius, etiam pacto expresso, per solennem stipulationem & sub solenni juramento ut supra, promisit, & convenit, eidem Illustrissimo Domino Principi Alexandro suo filio, presenti, ac pro se, & pro dicta Serenissima Domina Dona Maria sua uxore, recipienti, & stipulanti, ac mihi Notario publico infra scripto tanquam publicæ & authenticæ personæ, etiam pro eisdem, ac vice & nomine prefatæ Serenissimæ Domine Iffantæ Donæ Isabellæ, ac omni singulorum aliorum quorum interest, intererit, aut interesse poterit, quomodolibet in futurum, solenniter stipulanti & recipienti, Ratificationem, emologationem, approbationem, & confirmationem predictas, modo promisso per cum factas, ac omnia & singula tam in presenti, quam in preinserto Ratificationis instrumento contenta, conventa, promissa, apposita & declarata, tam per eum, quam etiam ejus nomine, & Instrumenta ipsa, & utrumque ipsorum semper omni futuro tempore, habere & tenere, ratas, gratas, & firmas, ac rata, grata & firma, illasque & illa attendere & adimplere, ac efficaciter & inviolabiliter observare & contra ea, vel ipsorum aliquod, non facere, dicere, opponere, allegare, vel venire, revocare, vel retractare divertere, vel pervertere interrumpere, vel violare aut aliter in contrarium pretendere vel impedire de jure, vel de facto, per se, vel alium seu alios, aliis quam ratione vel causa, vel etiam aliquo modo, casu vel jure, sive ullo legum, vel decretorum seu rescriptorum auxilio. Pro quibus omnibus & singulis supra dictis (sicut permittitur) attendendis, & firmiter observandis dictus Illustrissimus & excellentissimus Dominus Dux Octavius, obligavit eisdem Dominis Principibus Alexandro & Mariæ conjugibus, & eorum cuilibet, & pariter ipse Illustrissimus Dominus Princeps Alexander, pro tanto quod ad eum spectat & pertinet, etiam obligavit eidem Serenissimæ Domine donæ Mariæ suæ uxori, pignori, in ampliori forma cameræ apostolicæ se, suosque heredes & successores, ac omnia & quecumque sua & eorum bona, mobilia & immobilia, alodialia, feudalia, etiam titulata, presencia & futura, ubicumque existentia, & cujuscumque qualitatibus & conditionibus, censeantur (mediante tamen & semper salvo, assensu directi Domini, pro feudalibus, necessario & requisito) quem quidem assensum dictus Illustrissimus Dominus Dux, declaravit se nondum recepisse, sed brevi ab ipso Domino Directo recepturum esse. Ceterum prefati Illustrissimi &



excellentissimi Domini Dux Octavius, & Princeps Alexander super omnibus & singulis promissis, & quolibet eorum, renunciaverunt, & quilibet eorum in solidum renunciavit, exceptioni dictarum ratificationis, confirmationis, approbationis, promissionis, conventionis, & obligationis non sic factarum ut superius continetur & est expressum, & generaliter omnibus & singulis alijs exceptionibus & defensionibus juris & facti, quibus mediantibus omnia promissa se quomodolibet juvare, tueri, & dependere possent, & quilibet eorum posset. Quæ quidem omnia & singula in hoc presenti ratificationis Instrumento, contenta & descripta, partes voluerunt & volunt semper intelligi, declarari & precise accipere & interpretari, prout & contractus matrimonialis loquitur, dicit & sonat, & non aliter, nec alio modo, etiamsi à me Notario infra scripto, aliter fuerit dictum, recitatum, vel scriptum, propterea quod nolunt à dispositione ipsius contractus matrimonialis, ne ungue quidem divedere, nec aliquo modo ipsum alterare Super quibus promissis omnibus & singulis, ipse Illustrissimus & excellentissimus Dominus Dux Octavius, & dictus Illustrissimus & excellentissimus Princeps Alexander, ejus filius, respective, à me Notario publico infra scripto, unum vel plura, publicum, seu publica fieri petierunt atque confici Instrumentum & Instrumenta. Acta fuerunt hec Bruxelle Ducatus Brabantiae Cameracensis Diocesis. In Palatio Regio, in quadam Camera superiora, sub anno, Indictione, die, & mense, quibus supra. Presentibus ibidem spectabilibus & Magnificis viris, Domino Claudio Theobaldutio Senogaliensis Diocesis ejusdem Illustrissimi & excellentissimi Domini Ducis Octavij, & domino Hostilis de Valentibus, Spoletanæ Diocesis prefatæ Serenissimæ Dominæ Margaritæ ab Austria, respectiva secretrijs, & familiaribus domesticis, Testibus ad premissa vocatis, specialiter atque rogatis. Instante etiam ad hoc, prefato Reverendo Domino Emanuele Dalmada, Episcopo Angrensi, T quia ego Franciscus Hochtmanus, publicus sacris apostolica & imperiali auctoritatibus Notarius, in Archivio Romanæ Curiae descriptus, ac aliis legitime approbatus, Bruxellæ residens, Predictis Ratificationi, confirmationi, approbationi, Promissioni, Conventioni, & obligationi omnibusque alijs & singulis promissis, dum sic (ut prefertur) fierent & agerentur, una cum prenominationis testibus presens interfui, illaque sic fieri vidi & audivi, ac rogatus in notam sumpsi. Ideo hoc presens publicum Instrumentum, manu propria scriptum, exinde confeci, publicavi, & in hanc publicam formam redegi, signoque & nomine meis solitis & consuetis signavi & subscripsi, in fidem & testimonium omnium & singulorum promissorum requisites.

**CARTA**  
**do Cardeal Farnese à Rainha D. Catarina**

Ser.ma Regina

É cosi grande et segnalato l'obligo che io nuovam.te riconosco havere con V. M.ta per cagion del favore, che ella et il Re mio Sig.re si sono compiaciuti di fare à casa mia degnandosi che tra la S.ra D. Maria et il Principe di Parma mio Nipote habbia à seguir matrimonio, che volendonele io render quelle gratie che si convengono, non ritruovo parole che bastino à far tale ufficio: basterò non dimeno à conservarne perpetua memoria et à basciarne la mano à V. M.ta cosi di lontano con quella maggiore humilta et riverenza che io posso; pregando intanto N. S. Dio à voler suplire per me, col darmi occasione di potere alla giornata mostrare al mondo con l'opere verso il servitio delle MM.ta VV.e quello che io no posso al p'nte mostrare in questa carta. Di Roma, à X d'Aprile M.D.LXV.

Di V. M.ta

Humiliss.o S.re  
(Ass.) Il Car. Farnese

**APONTAMENTO**  
**relativo à partida de D. Maria para Flandres.**

Plas S<sup>ma</sup> Dona M<sup>a</sup> Princesa de Parma vieraõ de Frandes a levala com quatro naos groças, e tres pataxos, o Conde de Manfete e a Condessa sua molher e damas e fidalgos chegaraõ a Lx<sup>a</sup> no fim de Agosto de 65. onde se detiveraõ quinze a 16 dias em quanto se apprestava a partida de S.A. que foy aos 15 de 7<sup>bra</sup> Elrey a levou ante a naõ capitayna e o Cardeal entrou com ella na naõ e todos os S<sup>res</sup> do Rn<sup>o</sup>, pararaõ em Belem donde estiveraõ tres dias nelles, sahio em terra a Princesa ao mostr<sup>o</sup> e acompanhada do S<sup>or</sup> D. Duarte e seu irmaõ, onde tãbẽ a tornou a ver a Infanta D. Isabel sua mãy foi com a Princesa D. M.<sup>el</sup> de Almada Bpo de Angra por mandado delRey e outros Portugueses e Portuguesas.

[Bibliothèque Nationale de Paris, *Fonds portugais*, ms. 8, fol. 113. (Leitura de J. Veríssimo Serrão, *Documentos inéditos para a História do Reinado de D. Sebastião*, Coimbra, 1958, 125)]

APONTAMENTO

De como a snorã dona Maria filha da Infante dona Isabel foi pera Parma.

O Infante dom Duarte filho delRey dom Manoel o primeiro deste nome foi cazado com a Infante dona Isabel filha do duque de bragança + don theodossio a qual Infante por sua morte ficou hũm filho a que tambem chamaram dom duarte que faleçeo solteiro na cidade de Euora como adiante contarey em seu lugar teue mais duas filhas a mais uelha se chamaua dona Maria que casou com ho Príncipe de Parma pera o que ueyo hũa Armada em busca dela m<sup>ta</sup> bem forneçida, de mui lustrosos soldados e o conde de Mäsfelth snör framengo por general com sua molher e damas e todo mais neçessario: chegando esta armada desparou m<sup>ta</sup> e groça artelharia toda a tarde. E elRey dom sebastiam o cardeal dom Anrique que depois foi Rey de Portugal e a Rainha dona Caterina. e a Infante dona Maria. e a mai da noiua. e o snör dom duarte seu Irmão estauao todos postos em hũa uaranda dos paços da Ribeira sentados em seu trono Real onde receberaõ o conde e sua molher e mais senhores que em sua companhia uinhaõ. ouue aquela noute seraõ Real e fuisse esta snorã aos —14— do mes de setembro dia da tresladaçam da uera Cruz do anno de 1565. foi elRey o cardeal e seu Irmão com ela ate bordo da Urca: a snorã dona caterina sua Irmã mais moça casou ca em Portugal com ho duque de bragança dom Ioam.

### RECEBIMENTO

da Senhora D. Maria filha do Infante D. Duarte, que santa glória haja, com o Embaixador de El-Rei de Castela, em nome e como procurador do Príncipe de Parma, assentado em Conselho a 7 de Maio de 1565. E o dito recebimento se fez domingo, 13 do dito mês de Maio. Foi o Senhor Cardeal pelo Embaixador a sua casa, e o trouxe consigo.

El-Rei, nosso Senhor, cavalcou e foi tomar o Embaixador ao cabo do terreiro, ao Arco dos Pegos; foi com El-Rei, nosso Senhor, o Senhor D. Duarte.

A Rainha, nossa Senhora, com a Senhora D. Maria e com as Infantes D. Maria e D. Isabel, esperaram El-Rei fora do estrado, na sala grande, e, depois de subidos a êle, se foram à Capela, onde o Bispo, Capelão-Mor, fez o recebimento.

Acabado o recebimento, se tornaram Suas Altezas à sala grande e se assentaram em seu estrado, e houve serão, ao qual foi presente a Rainha, nossa Senhora. Dançou El-Rei, nosso Senhor, com a Senhora D. Maria.

Acabado o serão e El-Rei recolhido, o Senhor D. Duarte levou o Embaixador a sua casa e se deceu com êle, e depois se despediu e se tornou à sua.

À segunda-feira logo seguinte comeu o Embaixador com El-Rei, nosso Senhor, e assim comeu também com Sua Alteza o Cardeal e o Senhor D. Duarte. A presidência ao Embaixador, por razão do noivo.

A Infanta D. Isabel e a Senhora D. Maria, sua filha, comeram êsse dia com a Rainha, nossa Senhora.

O Príncipe de Parma, depois de feito o recebimento, mandou visitar Suas Altezas pelo cavaleiro Ardirigue Locen.

Mandou sua Alteza por êle a casa do Embaixador de Castela, onde pousava D. Diogo Lopes Lima, Veador de sua Casa, o qual o trouxe a Sua Alteza, pela sesta. Esperou o Sua Alteza, em sua casa, com o Senhor Cardeal e seus oficiais sòmente, em pé. Não lhe deu a mão, e perguntou-lhe pelo Príncipe, e com isso se despediu o Cardeal e tirou-lhe o barrete.

Acabado isto, se foi o dito cavaleiro à Rainha, nossa Senhora, que o esperou em sua casa, assentada em uma cadeira, e assim o ouviu, e não consentindo que se assentasse em joelhos.

Aos 6 dias do mês de Agosto de 1565 chegou a Belém a Armada que Madama mandou de Frandes, para ir nela a Senhora D. Maria, a qual era de sete urcas, e nela veio o Conde e Condessa de Mansfelt, e um seu filho e filha, para acompanharem a Senhora D. Maria.

Mandou [-os] o Senhor Cardeal logo visitar por Damião de Góis, Guarda-Mor da Tôrre do Tombo.

Domingo, ... de Agosto surgiu a dita armada defronte dos Paços da Ribeira. Foi o Senhor D. Duarte em um bergantim esperar a Condessa e as damas que vinham para serviço da Senhora D. Maria; foi com êle D. Constantino, D. Fulgêncio, seu irmão, Jorge da Silva e D. Fernão Martins Mascarenhas. Esperou[-o] El-Rei, nosso Senhor, o Conde e a Condessa na varanda da capela, com a Rainha, nossa Senhora, o Senhor Cardeal e a Senhora Infante D. Maria e a Senhora Infante D. Isabel e a Senhora D. Maria, em pé.

Sexta-feira, 14 de Setembro de 1565, se embarcou a Senhora D. Maria. Foi a Rainha, nossa Senhora, com Ela até à porta da sala grande, e daí se tornou com a Senhora Infante, D. Isabel; El-Rei, nosso Senhor, e o Senhor Infante foram com Ela até à urca, sem subirem acima. Mandou Sua Alteza, com a Senhora D. Maria, até Frandes, D. Manuel de Almeida, Bispo de Angra

[Pero de Alcáçova Carneiro, Conde de Idanha, *Relações do tempo em que ele e seu pai, António Carneiro, serviram de secretários (1515-1568)*, Lisboa, 1937, 355-357.]

**DESPOSÓRIO**

**da Serenissima Senhora D. Maria, com o Príncipe de Parma Alexandre Farnesio, e das festas, com que foi solenizado.**

Era em todo o Mundo tão venerada a fama das virtudes da Serenissima Senhora D. Maria, como soberana a serie de seus Reaes progenitores, por cujos singulares dotes a pertendiaõ com ambiciosa emulaçaõ para sua consorte os mayores Príncipes da Europa, querendo authorizar os seus thronos, e communicar novos esplendores às suas Coroas com a magestade de tão virtuosa Princeza. Entre todos aquelles, que aspiraraõ a tão alta fortuna, foy preferido o invencivel Heroe Alexandre Farnesio, superior ao Macedonico não sómente na gloria das emprezas militares, mas no exercicio de acções religiosas, cujo nome se conservará eternamente gravado na fachada do Templo de Marte, como digno premio das suas heroicas façanhas; sendo o mayor de todas a esposa, que o Ceo benignamente lhe concedeo, de que foy instrumento a vigilante industria de sua mãy D. Margarida de Austria. Governava esta Princeza os Estados de Flandres com tão prudente gravidade, que era ao mesmo tempo temida, e amada naquelles oppulentos Paizes, triunfando a severidade, com que administrava a justiça, da ternura do sexo para nunca degenerar em frouxidaõ culpavel: e como desejava augmentar os interesses Politicos da sua Casa, e conhecesse, que com nenhuma outra negociaçaõ o podia conseguir, se não casando seu filho com huma Princeza de alto nascimento, escreveo a seu irmão Filippe Segundo de Castella para que interpondo a sua Real authoridade alcançasse para esposa de seu sobrinho a Serenissima D. Maria, que assistia em Portugal, pois com tão soberano consorcio se illustraria augustamente a Ducal Casa de Parma, por ser prima com irmãa do Príncipe D. Joaõ, pay delRey de Portugal D. Sebastiaõ, e da Rainha de Castella D. Maria sua mulher, netos ambos do famoso Monarcha D. Manoel. A esta pertençaõ, em que se interessava tambem a gloria de Hespanha, condescendeo benevolmente Filippe Prudente, e para manifestar o excessivo gosto, com que a approvara, a executou com tal brevidade, que em 14. de Março deste anno de 1565. se concluíraõ os contratos matrimoniaes entre estes dous Príncipes, celebrados por Christovaõ Riano, nos quaes se dotou a Princeza com setenta mil cruzados; e para inviolavel observancia do que nelles fora pactado confirmaraõ as suas clausulas com juramento os dous contrahentes por seus procuradores; sendo o do Principe, Juliaõ Ardinguello, Cavalhero Florentino, e Commendador da Religiaõ de Malta, e da Princeza, D. Theotonio de Bragança, que se assinaraõ com as testemunhas assistentes à solemnidade deste acto, que foraõ D. Francisco Pereira, Embaixador de Portugal na Corte de Hespanha, o Principe de Evoli Ruy Gomes da Sylva, Mordomo môr do Principe de Hespanha, Lourenço Polo, e o Marquez de Oriolo do Conselho de Italia. Expedio logo Filippe a Lisboa por seu Embaixador a D. Affonso de Tovar, que havia dous annos assistira nesta Corte com o mesmo character, para que da sua parte representasse a seu sobrinho D. Sebastiaõ, e sua irmãa D. Catharina o inexplicavel jubilo, que tivera com a feliz conclusaõ daquelle desposorio, com que novamente se duplicavaõ os vinculos do parentesco da Coroa de Hespanha com a de Portugal. Acompanhava ao Embaixador Juliaõ Ardinguello, Procurador do Principe de Parma, e tanto que chegaraõ a Lisboa foraõ cumprimentar a Princeza D. Maria, e na sua presença se ratificaraõ solememente os desposorios em 22. de Mayo com as clausulas estipuladas em Madrid.

Ao dia decretado para a celebraçaõ dos desposorios, foy o Embaixador buscar a Princeza, que sahio do seu Palacio acompanhada de seu irmão o Senhor D. Duarte, seu tio o Cardeal D. Henrique, o Duque de Aveiro D. Jorge com seus filhos, o Marquez de Torres-Nove, D. Pedro, e D. Constantino montados todos em soberbos cavallos, e caminhando com tão magnifica, e numerosa comitiva se augmentou mais o applauso de tão festivo dia com a Real pessoa delRey D. Sebastiaõ, assistido de toda a Corte preciosamente vestida, que para claro argumento da estimaçaõ, que fazia da Princeza, a foy buscar para a conduzir ao seu Palacio, e encontrando-a no caminho foraõ entre ambos reciprocas as demonstrações de jubilo, e agrado, com que explicaraõ os affectos dos corações. Com igual alegria esperavaõ a Princeza no Paço sua mãy a Infanta D. Isabel, a Rainha D. Catharina, a Infanta D. Maria, filha delRey D. Manoel, e da Rainha D. Leonor com todas as Damas, e Senhoras; e depois de mutuamente se praticarem aquelles obsequios, que sem offensa da soberania são sinceros indices da benevolencia, e da

ternura, desceo a Princeza com todas as Pessoas Reaes, acompanhadas da primeira Nobreza de hum, e outro sexo, à Capella Real, onde D. Juliaõ de Alva, Capellaõ mor, revestido de Pontifical recebeo a Senhora D. Maria com o Principe de Parma, sendo seu procurador para este acto o Embaixador de Castella, e em quanto duraraõ as ceremonias deste Sacramento era taõ suave a harmonia dos instrumentos taõ diversos na fórma, como unidos no concento, que alegrava os animos, e suspendia aos ouvidos. Na tarde deste festivo dia para que fosse mais plausivel na posteridade se fez hum sarao em huma sala do Palacio, em que ElRey dançou com a Princeza desposada, admirando todo aquelle luzido Congresso, que lhe assistia, o garbo, com que este Principe regulava primorosamente os movimentos do bayle, animados pela proporcionada symetria do corpo, a quem communicava mayor graça a gentileza do rosto na florente idade de doze annos, que entaõ contava. O Senhor D. Duarte, irmão da Serenissima Esposa, antepondo os jubilos do dia à gravidade dos annos, dançou com D. Catharina Deza, Dama da Rainha D. Catharina, que entre todas se distinguia no excesso da fermosura. Proseguiraõ os outros Cavalheros com as mais Senhoras este festivo obsequio à Princeza até à meya noite.

Ao dia seguinte se fabricou em huma espaçosa sala do Paço hum amfiteatro de madeira de altura de sete, ou oito degraos, que cercava toda a sala, a qual estava armada de preciosos pannos de ouro, e seda. Na frente estava hum docel bordado de perolas, e debaixo delle huma cadeira com duas almofadas guarnecidas de ouro, e todo o pavimento cuberto de tapetes de seda. Aos lados da cadeira serviaõ de magestoso ornato dous grandes Aparadores formados em meyo circulo, e fechados com huma ayrosa balaustrada repartida em oito degraos, sobre os quaes estavaõ pendentes dous doceis de brocado, que corovaõ duas preciosissimas copas; ornada huma de todo o genero de pratos, taças, vasos, e outras pessas de ouro macisso, e a outra de prata liza, e lavrada, taõ elegantemente fabricada, que competia o primor da arte com a preciosidade da materia. Nesta grande casa se preparou hum esplendido banquete para o Embaixador de Castella, logrando a singularidade de hum favor, de que não havia memoria de semelhante em Portugal, qual foy de assentarse com elle à mesa ElRey D. Sebastiaõ, o Cardeal D. Henrique, e o Senhor D. Duarte, onde por espaço de tres horas, que durou o convite, exercitou Elrey tal benevolencia com o novo hospede, que quiz mostrar, que o privilegio de taõ festivo dia dispensava nos attributos da Magestade. Foy servida a mesa pelos Gentis-homens da Camera, e Cavalheros da primeira graduacão, não cessando em todo este tempo de suspender aos ouvidos a harmonica consonancia de varios instrumentos. De tarde deu a Rainha D. Catharina outro banquete em differente sala, ornada de preciosas tapessarias, e grande copia de pessas de ouro, e prata, não sendo inferior ao precedente no ornato, e magnificencia, ao qual assistiraõ unicamente com a Rainha, a Princeza D. Maria, sua mãy a Infanta D. Isabel, e a Infanta D. Maria, filha delRey D. Manoel. Recebiaõ as Damas da Rainha as iguarias das mãos dos Cavalheros, que chegavaõ até à porta da sala, e as collocavaõ sobre a mesa. Passados quatro dias convidou a Infanta D. Maria a Princeza desposada, e sua mãy para outro banquete, que lhe deu no Paço com igual grandeza aos que lhe precederaõ, e em a noite deste dia houve sarao, em que dançaraõ muitos Cavalheros, e Damas da Casa Real, e das duas Princezas.

Empenhou-se a nação Portuguesa em competencia dos seus Monarchas solemnizar este augusto desposorio, fazendo as mayores demonstrações do seu fiel jubilo, e magnifica profusaõ. Na praça do Palacio se levantaraõ alterosos palanques fabricados com primorosa architectura, os quaes se armaraõ com todo o genero de tapessarias, e se ornaraõ com varios quadros, em que o pincel explicava em varios symbolos a felicidade deste soberano consorcio. Entre toda esta magnificencia se distinguio a nação Flamenga em a fabrica de hum Palacio soberbamente ornado, onde estava exposta huma sumptuosa mesa cuberta de innumeraveis iguarias, e assistida de acordes instrumentos, e sonoras vozes, lisonjeando-se ao mesmo tempo o palato com o delicado das viandas, e os ouvidos com a harmonia da musica. Principiou esta festividade pelo combate de dezasete touros, cuja furia foy destramente rebatida por outros tantos Cavalheros montados em generosos cavallos. Acabado este espectáculo, posto que festivo, sempre horroroso, entraraõ pela praça quatro companhias de Fidalgos, composta cada huma de dezaseis, que faziaõ o numero de sessenta e quatro montados sobre ayrosos brutos para correrem o jogo das canas, onde se admira igual sciencia, que agilidade. Era guia da primeira companhia D. Diniz de Alencastro, filho do Commendador môr; da segunda D. Miguel de Noronha, sobrinho do Marquez de Villa-Real; da terceira D. Luiz de Alcaçova, filho do Secretario de Estado Pedro de Alcaçova Carneiro; e da quarta D. Joaõ Pereira, filho de D. Francisco Pereira, Embaixador neste tempo em Castella. Precediaõ para mayor pompa a cada hum destes quatro Fidalgos,

seis cavallos Andaluzes acubertados de preciosos pannos. Vestiaõ todos os sessenta e quatro Cavalheros à Mourisca, trajando cada quadrilha para differença veludos de diversas cores. Cubriaõ as cabeças com turbantes ornados de inextimaveis joyas, e candidas plumas; embraçavaõ adargas formadas com galante artificio, onde o couro para reparar os golpes era cuberto de ouro, e prata, sendo dos mesmos metaes as franjas com que eraõ orladas. Acompanhavaõ a cada Cavalhero oito pagens, e oito lacayos preciosamente vestidos, chegando taõ lustrosa comitiva a fazer o numero de mil e vinte quatro pessoas, que formavaõ hum exercito agradavel. Ao tempo, que entraraõ na praça as quatro fileiras, se dividiraõ em duas, e começando com bem disciplinada ordem a sahir de dous em dous os combatentes, logo de quatro em quatro, e de oito em oito se principiou aquelle festival conflicto, onde arremeçavaõ com imperceptivel agilidade as canas, e reparavaõ os golpes nas adargas com bisarra destreza, causando aos expectadores aquella fingida hostilidade alegria, e não horror, pois todo o estrago, e furor do combate se convertia em jubilo, e applauso de taõ solemne dia.

Tanto que a Princeza D. Margarida de Austria recebeo a desejada noticia de estar effeituado o casamento de seu filho com a Senhora D. Maria, mandou aprestar huma soberba Armada, digna de ser conductora de sua nora, de que nomeou por General a Pedro Ernesto, Conde de Mansfelt, vindo acompanhado da sua mulher Maria Memorancy, e seu filho Carlos Mansfelt. Constava a Armada de sete naos grandes, e tres pequenas, excepto trinta navios mercantís. Chamava-se a Capitania Santa Margarida, sendo taõ alterosa, que era de setencentas e cincoenta tonelladas, guarneçada com trinta e cinco peças de bronze, e quarenta e cinco de ferro. Entre as muitas cameras, que tinha, era a principal destinada para hospicio da Princeza, armada de veludo carmezim franjado de ouro, com hum docel de brocado, e cuberto o pavimento de finissimos tapetes. A cama se ornava de damasco de ouro, cuja cabeceira era delicadamente pintada de ouro, e ultramarino, com mesas, e cadeiras da mesma pintura, sobre as quaes estavaõ almofadas de veludo carmezim, orladas de passamanes de ouro. Entre todo este precioso, e magnifico ornato levavaõ a precedencia dous vestidos, que o Principe mandava à sua Serenissima Esposa, dos quaes hum era de veludo carmezim, bordado de ouro e forrado de pelles de arminho; e o outro de veludo roxo, tecido de canutilho de ouro, e prata com o forro de pelle de lobo cerval, que a natureza com excesso da arte pintou graciosamente em fôrma de dados. As outras cameras onde vinhaõ o Conde General, sua mulher, Monsignor Latienlogia, Mordomo de Sua Alteza, Fabio Lembo, Commissario da Armada, e outros Fidalgos, estavaõ armadas de diversas tapessarias. A segunda nao chamada Santiago era de seiscentas e setenta tonelladas, guarneçada de setenta e cinco peças de artilharia; e a terceira chamada a Magdalena tinha quarenta e cinco peças de guarniçaõ, de que era Capitaõ o filho do General da Armada.

Em doze de Agosto sahio a Armada do porto de Flessinga, e entrando pelo canal, onde estaõ os bancos de Flandres, que tem de extensãõ cento e quarenta legoas, navegou até a costa de Inglaterra com algumas calmarias, e ventos contrarios, até que em dezanove dias chegou a Lisboa. Logo que foy avistada das torres de Cascaes, e Belem, explicaraõ pelas estrondosas vozes de trezentos tiros o jubilo, com que recebiaõ aquelles hospedes, a cujo ruidoso obsequio correspondeo a Armada com outras tantas salvas, arvorando em cada navio o seu estandarte de damasco carmezim, em que se via bordado de ouro em huns as Armas de Portugal, em outros as de Castella, e nos mais as da Casa Farnese, Borgonha, e Austria, suavizando o horror dos eccos do bronze a harmonia de innumeraveis instrumentos, que enchiaõ os ares de consonancia, e os corações de alegria. Passados tres dias mandou ElRey D. Sebastiaõ a D. Constantino de Bragança, e seu irmão D. Duarte, tios da Princeza desposada, com outros Cavalheros, entre os quaes foy o Embaixador de Castella D. Affonso de Tovar, buscar a bordo ao General, e mais pessoas de distincãõ, que com elle vinhaõ: e praticados de huma, e outra parte aquelles obsequios, que se costumaõ observar em semelhantes occasiões, foraõ conduzidos ao Palacio, onde os esperava ElRey com todas as pessoas Reaes, e tanto que chegaraõ à sua presença se levantou ElRey, a quem seguio toda a Nobreza, e recebendo com grande benignidade ao Conde General, sua mulher, e todos os Cavalheros da sua comitiva, ordenou, que fossem hospedados em hum quarto do Palacio, que já estava preparado sumptuosamente para este effeito. Os outros Cavalheros, e Gentis-homens, que vieraõ na Armada, se repartiraõ pelas casas de varios Fidalgos, onde a hospedagem competio com a profusão de seus generosos animos. Ainda se extendeo mais a benevolencia dos nossos Principes, pois a Rainha D. Catharina com a Princeza D. Maria, e sua mãy a Senhora D. Isabel deraõ hum banquete à Condessa de Mansfelt, e mais Senhoras da sua companhia, onde se vio o appetite lisongeado de viandas taõ peregrinas, que até a India Oriental concorreo com a agua do rio Ganges para o regalo dos convidados,



e a que beberão os Cavalheiros Italianos era do Tibre, que elles julgaõ pela mais pura, e excellente de todo o Mundo. Deu-se fim a este convite com hum sarao em que todas as Damas causaraõ com ayrosos movimentos jucundo divertimento aos olhos. Passados quinze dias convidou ao Conde General, e todos os Cavalheiros da sua comitiva D. Constantino, filho do Duque de Bragança, para hum sumptuoso banquete de peixe, onde a variedade, de que abunda o Tejo, deu bastante materia ao artificio dos cozinheiros para fazer tal copia de delicadas iguarias, que ao mesmo tempo saciavaõ os olhos, e os appetites. A mesa foy servida de prata de raro primor, e de louça da India, cuja qualidade era taõ admiravel, que competia com aquelle metal precioso.

Chegou o tempo de partir a Princeza para Flandres, e antes que se embarcasse mandou ElRey à Armada hum generoso refresco, e ao Conde General, à Condessa sua mulher, Cavalheiros, e Damas da sua comitiva preciosas joyas. Sahio do Paço a Princeza acompanhada delRey, o Cardeal D. Henrique, e toda a Corte, e por mais que queria dissimular o sentimento, que lhe causava a separação dos seus naturaes, a quem finamente amava, cedia a magestade do semblante à ternura do coração. Para mayor argumento da veneração, que tinha à Princeza ElRey D. Sebastião se embarcou com todas as pessoas Reaes na Capitania, e foraõ navegando placidamente até Belem, onde se detiveraõ tres dias, e sahindo a terra a Princeza visitou o Mosteiro dos Religiosos de S. Jeronymo, sumptuosa fabrica de seu inclyto avô ElRey D. Manoel. Neste lugar foraõ as ultimas despedidas, em que se admiraraõ dous effeitos contrarios, e repugnantes, quaes eraõ jubilo, e pezar; alegrando-se huns de ter a fortuna de serem dominados por taõ suave Princeza; lamentando outros o verem-se privados para sempre da sua amavel presença, sendo mais penetrante o golpe desta ausencia para sua mãy, e seu irmão, que nos ultimos abraços destillaraõ os corações pelos olhos, fazendo os apertados vinculos da natureza mais intoleravel esta separação. Entre as pessoas mais authorizadas, que compunhaõ a comitiva da Princeza, eraõ o Bispo de Angra D. Manoel de Almada pelas suas grandes letras, e o Padre Sebastião de Moraes, da Companhia de Jesus, pelas suas virtudes, que sendo destinado para Confessor da Princeza, chegou depois a ser Bispo do Japaõ. Antes que a Armada levasse as ancoras expedio o Conde General ao seu Mordomo môr para dêsse a noticia da partida da Armada a D. Margarida de Austria, e ao Duque Octavio Farnese, e a seu filho, que impacientemente esperavaõ taõ alegre nova, e para se prepararem as solemnes festas, com que a Cidade de Bruxellas havia receber a Princeza, naõ sendo impedimento para esta publica congratulação a intempestiva morte do Cardeal de Santo Angelo, irmão do Duque de Parma. Ao mesmo tempo expedio o Conde de Mansfelt a Carlos Buissoto à Corte de Castella para que significasse a Filippe Prudente como estava para dar à vêla conduzindo a Flandres a Princeza sua sobrinha, cuja noticia estimou excessivamente.

**CELEBRAÇÃO**  
**do Casamento e festas em Bruxelas**

Profecta est clasis, qua serenissima Princeps Maria illustrissimi viri Alexandri Farnesii Parmæ, Placentiæque Principis uxor Olyssippone Idibus Sept. 4 Nonas Novemb. in Flandriam pervenit anno Domini 1565. Ingressa est Bruxellam in festo Divi Martini, ubi celebratæ fuerunt nuptiæ.

Dum petit, æquoreas Neptunus protinus undas,  
Æolus et ventos temperat ipse suos.  
Postquam dilectos fines ac regna suorum  
Deseruit lachrymans, per mare vecta rate.  
Aspicit in tonsos nimbose cacumina montes  
Littoris anfractus, ardua saxa, nives.  
Miraturque nouum cælum Arctophylaca, Triones  
Pigraque vicino sydera fixa polo.  
Protea subter aquis, uiridemque Palæmona, canum  
Nerea cum Glaucos, Dorida, Leucotheam.  
Quumque ex conspectu scopulosa Britannia longe     ali. populosa  
Sese ostentaret, luxque, diesque foret.  
Ecce maris veniunt Nymphæ Nereides una,  
Impelluntque rates cæruleis manibus.  
Carbasa tensa Noto facili, navesque sequuntur  
Pontivagas nando, quas vehit unda fluens.  
Quarum concentu dulcis veniebat ad aures  
Harmonia, et motæ flebile murmur aquæ.  
Letatur Princeps rerum novitate, tuendo  
Longicomas circum per freta longa Deas.  
Inter quas Triton modo personat æquora concha,  
Et modo dulcisona carmina voce canit.  
Tunc subit in mentem mater, fraterque, sororque  
Vitæ solamen, numina chara sibi.  
Mox desiderio patriæ lachrymare parumper  
Quum inciperet Nymphæ, fluctibus in mediis.  
Emanuel flentem solatur Episcopus Angræ,  
Ac lenit curas, tristitiæque levat.  
«Pelle tuis lachrymas oculis venerabilis –infit–,  
Princeps, egregii Principis uxor eris.  
Coniugio felix turba comitata nepotum  
Vixeris, omnipotens ad meliora vocat».  
Dixerat, illa sedens regalia lumina mappa  
Tersit, marmoreas nave secante vias.     ali. classe

Commissa fuit clarissima Princeps Maria a Rege Sebastiano, Reginaque Catharina doctissimo viro Emanueli de Almada, Angræ vigilantissimo Episcopo, Metropolitanæ Olyssipponensis Ecclesiæ Cantori, utriusque iuris doctore, sacræque Theologiæ studiosissimo, ut eam ad illustrissimum virum Alexandrum Farnesium, Placentiæ, Parmæque Principem perduceret.

Eripuitque Deus magnis sævisque periculis,  
Scilicet ex undis, ignibus atque vadis.

Tribus noctibus, totidemque diebus navis, qua vehebatur clarissima Princeps Maria Hispanico mari adversos ventos, tempestatesque non sine magno periculo cum tota classe pertulit cregione oppidi Gallaciæ, quod Finis terræ dicitur. Quo tempore Regia ac perinde animosa virgo sociorum

labefactatos spiritus secundioris spe fortunæ instauravit. Apud Angliam naus, qua eadem Princeps vehebatur bis incensa est, parumque abfuit quin tota simul combureretur. Prius iuxta Baiam, arcem Angliæ, cui supereminet conditum tempore Iulii Cæsaris castellum, ubi veterrima ostenduntur nunc tela. Iterum iuxta castellum de Dobra, civitas quoque dicitur Dobra. Eademque bis Flandriæ vadis harenosis parum feliciter adhæsit, auxilioque omnipotentis Dei evasit. Quadraginta novem dies per mare classis navigavit.

Linquitur a tergo intractabilis Anglia bello,  
Inque suos portus picta carina redit.  
Vix terram attigerat pedibus, vix denique Virgo  
Presserat, accurrit magna caterva virum.

Illustrissimus vir Alexander Farnesius Parmæ, ac Placentiæ Princeps clarissimi domini Octavii Farnesii, illustrissimæque Margarete ab Austria, inferioris Germaniæ moderatricis filius. Margareta filia Imperatoris Caroli quinti Cæsaris.

Inter quos Princeps iuvenis pulcherrimus ibat,  
Dulcis amor patriæ, Cæsaris atque nepos.  
Nomen Alexander Farnesius unicus hæres,  
Thusco vectus equo, chrysea vestis erat.  
Qui postquam vidit proprius, complectitur ulnis,  
Sponsam, mox tales fudit ab ore sonos:  
«Salve Nympharum Hesperiae decus, alta propago  
Lysiadum, coniux auspice vecta Deo,  
Dixerat, amplexuque tenet, quem Regia virgo  
Adspiciens, tepido perluit imbre genas.  
Deiecitque oculos, subfudit et ora rubore  
Pulchra verecundo, conticuitque diu.  
Nulla mora est, ultro ducit Farnesius Heros  
Nymphen, atque intra mœnia celsa rapit.  
Hic Hymenæus adest, celebrant connubia Patres,  
Matronæque, simul dant pia thura focis.  
Ventum est in templum, Nymphæ generosa peracto  
Recte coniugio ducitur in thalamum.  
Non tacuere tubæ, cytharæ, psalteria, lætis,  
Alta salutantum vocibus aula fremit.  
Plausit in accesu populosa Brabantia, nata  
Cæsaris ipsa magis gaudet adesse nurum».

Cæsaris filia mater illustrissimi viri Alexandri Farnesii Parmæ ac Placentiæ Principis dicitur Margareta.

Belgarumque caput Gandauum, Parma, Cremona,  
Ac Bruxella fremit, finitimique loci.  
Cumque, Middelburgo Brugæ, Andoverpia Musis  
O Ringelbergi nobilitata tuis.

Zelandia Insula circumdata mari, unde Zelandus, -a, -um. Primus locus Zelandiæ Middelburghum civitas Zelandiæ caput, ad quam Princeps Maria venit.

Arridet variis salebrosa Zelandia formis,  
Inque suis ludit finibus, ante fores.  
Agnoscunt docti felicia sæcula Vates  
Protinus, acclamant inque chorum cœunt.  
In cœlum palmas tollit quoque Flandria, vestit  
Aurea tela viros, purpura pulchra domos.

Fœmineo generi Seres tegumenta, galeros  
Talares peplos dant, tuba rauca sonat.  
Cernere erat Phrygios per frondea compita cursus.  
Et turmas equitum ludere mille modis  
Antiquos thyasos, mimos et ludicra nunquam  
Antea visa, graves perque theatra senes.  
Et modo per funem volitat, modo pendet in alto  
Æthere schœnobates, atque repente volat.  
Insuper exercent validis præludia belli  
Viribus illustres, picta Chimæra furit. fur. i. jurere  
videtur.

Et modo belligeros armis imitantur Iberos  
Interdum Turcas, Marticolasque Getas  
Itque procul sonitus, franguntur pila, Machæræ.  
Cornipedesque ruunt, area pulsa gemit.  
Et circum stantes longo curvamine metas  
Dura lupata regunt ora ferocis equi.  
Cætera quid referam (quæ sunt longissima) versu?  
Scriptores alios sit monuisse satis,  
Tandem Parma tenet, nemorosa Placentia gaudet  
Principis accessu, coniugioque pio.

Clarissimæ Principis Mariæ. serenissimi Principis Eduardi sororis, præstantissimique Parmæ  
Principis uxoris, a Cadabale Gravio Calydonio editum Epithalamium: Loquuntur novem Musæ.

Regis invicti generosa Neptis	
Principi Parmæ thalamo recepta	scilicet Emanuelis.
Tollit in cœlum caput, atque tanto	Calliope.
Coniunge digna est.	
Utinam prolem generet beatam	Melpomene.
Cernat et gnatos, simul et nepotes,	
Spectet illorum fera bella, palmas	
Atque triumphos.	Euterpe.
Utinam vivat Pyliam senectam	
Templa gnatorum comitata turba	
Intret, et supplex Superos adoret	alias corde.
Supplice mente.	Erato.
Læta Belgarum populos, et urbes	
Atque Lucorum videat recessus.	
Fluminum cursus, gelidoque cœlo	
Plaustra, Booten.	
Thure fumantes pia ditet aras	Polymnia.
Semper, instauret sacra templa, donis	
Augeat, mæstos inopes et ægros	
Adiuvet ipsa.	
Servet hanc mundi fabricator, atque	Vrania.
Præstet ornatum, meliora donent,	
Collocet summo meritam fovendo in	
Vertice rerum.	
Sponsa sis felix nimium decentis	Terpsichore.
Principis, rector Superum gubernet,	
Detque constanter faciles honores	
Hic, et ubique.	
Virgo te Dium celebrata cantu	Thalia.
(Quæ Deum quondam peperit supremum)	
Ducat in cælos, patriamque charam	
Post tua fata.	
Charoli salve speciosa neptis,	Clio.
Inter illustres magis apta Nymphas	
Nuptiis, Regum veneranda proles,	
Gloria matris.	

Aliud Ephitalamium in nuptias clarissimi viri Alexandri Farnesii Parmæ ac Placentiæ Principis, Serenissimæque Principis Mariæ invictissimi Regis Emanuelis neptis. Cadabale Gravio Calydonio authore.

Huc ades o Hymenæe revinctus tempora sertis,  
Te vocat ad thalamos regia Nympha suos.  
Clarus Alexander precibus Farnesius orat,  
Cœtibus ut præsis, purpureoque toro.  
Pulchrer Hymen venias, princeps te spectat uterque,  
Te numeris inhiat Belgica turba novis.  
Ocyus ut properes tibi rustica fistula cantat,  
Te chorus, et thyasi, te tua pompa decet.  
Nupsit Alexandro modo Lusitanica virgo,  
Cui Mariæ est nomen, Lysiadumque genus:  
Extulit ille caput, meritoque per alta vagatur  
Sydera, magnorum flosque decusque virum.  
Cæsaris ille nepos, hæres virtutis avitæ,  
Dulcis amor matris, gloria rara soli.  
Hanc Dryades recolunt, hanc et coluere Napææ,  
Ad docuit Pallas Pegasidesque Deæ.  
Hanc pater et mater, fraterque Duardus amarunt,  
Diligit et Felix Iulia, chara soror.  
Ipsa est quæ veteres vincat probitate Sabinas,  
Teque maritali Penelopeia fide.  
Ipsa tibi princeps multos devota per annos  
Constitit, et longam mansit adusque moram,  
Eloquio facilis, vel cui Cornelia cedat,  
Maiestate graves vicerit Hæmitheas.  
Non ipsam Germana soror, non patria, frater  
Non tenuit, propria nec pia mater humo.  
Mulum illi debes Princeps placidissime Parmæ,  
Omnia posposuit fortis amote tui      Apostrophe.  
Puniceo qualis florens Hyacinthus in horto  
Vincit honore fabas, myrtea virga rubos.  
Invicti regis talis celeberrima neptis  
Hesperia Nymphis abstulit omne decus.  
Invidere tibi Princeps generosa decorem  
Tres Divæ, Iuno, Pallas, et alma Venus.  
Nympharumque chorus, pariter Nereides omnes,  
Quas mare, quas tellus, quas et Olympus alit.  
Huc igitur croceis velatus crura cothurnis      Alit. i. nutrit ac  
Mox concede pater, concio tota rogat.      fovet per exce-  
Tristantur nimium mentes animique duorum      llentiam dictum.  
Præcipue, reliquos te sine mœror habet.  
Huc lætos vultus, rubicundum et fronte galerum  
Incensasque tuo fer quoque more faces.  
Ferque Deos tecum recreant quos rura nemusque,  
Capripedes Faunos, cornigerumque Senem.  
Pan calamos perflat, iungisque Hymenæe volentes,  
Pan amat, ad thalamos dulce iocaris Hymen.  
Flora rosas, messemque Ceres, Pomana racemos,  
Atque suas Genius sponte ministrat opes.  
Diffugient tristi venias si nubila vultu,  
Omnibus et populis gaudia mille dabis.  
Ipse per immensum Tyrio contextus amictu,  
Aera diffusis advolitato comis.  
Nunc ad regales mensas Hymenæe venito,  
Tibia te variis clamat eburna modis.

Pronuba Iuno veni, cui vincla iugalia curæ  
Sunt, moderata Venus, caste Cupido simul.  
Numina sunt præsto, fulsitque repente per altum  
Æthera Sol radiis, floribus arva rubent.  
Omnia læta oculis se ostendunt, pontus et ipse  
Stravit aquas, luci dulce melos resonant.  
Inferiorque viret toto Germania tractu,  
Ac Bruxella suos guadet adesse Deos.  
Tympana rauca tonant, totusque retunditur aer,  
Menia pulchra nitent, cornipedesque ruunt.  
Epithalamii finis.

EPITALÂMIO

Ao casamento da Senhora D. Maria com o Senhor Alexandre Farnes, Príncipe de Parma

<p>Estava Amor seu arco guarneçando,  Em novo fogo as setas temperando,  Cercado dos Amores, uns tecendo  A corda, outros a aljaba cruel dourando.  Pelos floridos prados vão colhendo  Outros mil flores, só de Amor cantando,  Mil flores, que todo o ano ali florecem,  Das quais ó filho, e à mãe capelas tecem.</p>	5
<p>Nunca vistas no Mundo, nem cheiradas  As flores são, que Amor para si cria.  Dumas o liquor faz, em que apuradas  As setas ficam, quando as elle afia:  Dumas o liquor frio, em que banhadas  As outras são, quando as do fogo esfria,  Em tôdas cruel, em tôdas espantoso.  Inda mais nas segundas temeroso.</p>	10
<p>Ardem duas forjas; duas bigornas batem  Não os feos ministros de Vulcano,  Uns fermosos Amores, que debatem  Sobre quem fará mais ao Mundo dano.  Ali os tiros, com que se combatem  Os duros peitos, ali a arte, e engano,  Ali os desejos, e temores suam,  Uns corações abrandam, outros encruam.</p>	20
<p>Tempera uia água o chumbo, outra água o ouro,  Escolhe Amor dos tiros quais lhe aprazem.  Aqui está o seu poder, e seu tesouro,  Aqui os vencidos seus despojos trazem.  Uns coroados vem de Mitho, e Louro,  Outros miseramente mortos jazem.  Segundo a cada um lhe coube em sorte  Assi ou vive em glória, ou vive em morte.</p>	25
<p>Entrou a mãe: e vendo assi occupado  O filho em novas setas, novo fogo,  Depois de o beijar, tendo-o abraçado,  Porque es, meu filho (diz) duro a meu rogo?  Té quando sofrerás tam desprezado  Andar teu nome, e eu trazida em jogo?  Para quem tomas arco, ou a quem te armas,  S'ós teus mores amigos das as armas?</p>	30
<p>Não vês que uia MARIA mais que humana  S'estima? e quebra as setas, que apontaste?  Outra Pallas ao Mundo, outra Diana,  Que nunca a amor nenhum a sogigaste?  Ou tu mesmo a temeste, ou se ela engana</p>	35
	40
	45

Com o favor, que tégora lhe mostraste;  
Assi soberba vive em meu despeito,  
E só Diana, e Palas traz no peito.

Eu digo das duas filhas a primeira  
Do Ifante claríssimo excelente, 50  
Da clara mãe imagem verdadeira  
Neta do Rei primeiro do Oriente.  
Porque não farás tu que também queira  
Acrescentar a luz resplandecente,  
Com que o Mundo se faz mais rico, e claro 55  
Com o fruto de tal tronco ao Mundo raro?

Tambem te defendiam CATERINA  
Claríssima Princesa as castas Musas;  
Em cujo choro d'alto assento dina  
De Minerva te dava mil escusas: 60  
Venceste, em fim aquel'alma peregrina  
Com a força, de que tu, se queres, usas,  
Já ao seu sangue o seu amor juntaste,  
E daquele alto espirito triunfaste.

Porque consentiras que assi te ofenda 65  
Soberbamente a Irmam? meu filho, estende  
Pelo Mundo teu mando, não se entenda  
Que quando alguém quizer se te defende.  
Porque tal falta em ti se não compreenda,  
Afia a seta, um novo fogo acende: 70  
Um novo fogo, que aquela alma inflame,  
E quanto ela é d'amar, tanto e mais ame.

Não negue ao Mundo a esperança certa  
Que já concebem do alto ajuntamento,  
Quando SEBASTIÃO a porta aberta 75  
Mostrar das altas obras alto intento.  
Não só com ajuda da fortuna incerta,  
Mas do grande DUARTE, e d'outros cento  
Do Real sangue, e das Irmãs se espera  
Descobrir ind'ao Mundo a nova esfera, 80

Que veja os altos Reis, e Emperadores  
Seu claro sangue, tam ditosas plantas,  
Que a terra encheram de seu fruto, e flores  
D'altas vitórias e os Céus d'almas santas.  
E que seria o Mundo sem amores? 85  
Donde tantos Herois, e donde tantas  
Claríssimas Princezas nasceriam,  
Quantas do Real tronco floreciam?

Assi Venus falou: «se tardei tanto,  
(Responde o filho) ó mãe, foi por ter pejo 90  
D'inda não descobrir no Mundo quanto  
Convém para alta empresa, que eu desejo».  
Sempre me fez temor, e fez espanto  
Aquele Real espirito, que inda vejo  
Fora da geral sorte, altivo, e puro, 95  
Frio a meu fogo, ás minhas setas duro.



Mas já tenho buscado, já sei onde  
 Entregue seu amor devidamente.  
 Um alto espirito achei, que bem responde  
 Em tudo ao seu, em nada diferente. 100  
 Em quanto o Sol descobre, e a noite esconde,  
 D'um polo ao outro, do Tejo ao Oriente,  
 Não pode haver de amor tal igualdade  
 S'eu de duas fizer ãa vontade.

Lá, onde os raios seus Apolo esfria, 105  
 E da sua fermosura mais reparte,  
 Um fermoso, e Real Príncipe se cria.  
 Em quem juntos se vem Apolo, e Marte.  
 Seu alto estado tem na Lombardia.  
 D'Alemanha governa a melhor parte. 110  
 Do altíssimo sangue dirivado  
 Do sumo Império, e mor Pontificado.

CAROLO Quinto a Mãi, PAULO Terceiro  
 O Pai, lhe dão por seus progenitores,  
 Dous Monarcas do Mundo, um verdadeiro 115  
 Padre da Igreja, exemplo aos sucessores;  
 Outro Maximo Cesar, derradeiro  
 Dos que bem pareceram Emperadores,  
 D'OCTAVIO herdeiro, a quem Parma, e Plazencia  
 Em Real trono dão obediência 120

Est'é o novo ALEXANDRE, Real planta,  
 E da casa Farnes alta esperança,  
 Qu'inda tem com MARIA parte tanta  
 Do seu sangue que aos pais, e avós alcança. 125  
 Deu ao Mundo DUARTE a Rainha santa  
 MARIA, e o nome à neta por herança,  
 Maria, e JOANA irmãs os Reis d'Espanha  
 Nos deram, de Panonia, e d'Alemanha.

Filhos das duas Irmãs, Carlo, e Duarte:  
 Um MARGARITA deu, outro Maria. 130  
 Margarita Alexandre, assi se parte  
 O sangue entr'êles, e genealogia.  
 Assi no Mundo todo tem igual parte;  
 Ambos netos de Reis sobrinho, e tia,  
 Ambos dos Reis d'Espanha os mais chegados. 135  
 E d'outros Reinos, d'outros Principados.

Quando em moço as três Graças o criavam,  
 Disseras êle um ser dêstes Amores.  
 Somente as leves penas lhe faltavam;  
 Arco, e coldre trazia, e passadores. 140  
 Já com seu medo as aves não voavam,  
 Cansa os monteiros, cansa os caçadores,  
 Por bravas matas, pelos bosques altos  
 Voar faz o ginete, e dar mil saltos.

Igual ao teu Adonis o fermoso, 145  
 Quando, mãi, o seguias na montanha,  
 Hora derriba o Porco temeroso,  
 Hora do Leão vence a fôrça, e manha.

Tal ALEXANDRE a todos espantoso Já alegre Italia, e Austria, e Alemanha, Esprito generoso invicto, e grande, Que nem perigo, ou medo há, que o abrande!	150
Viveo sempre téqui livre, e seguro, Sem nunca conhecer meu senhorio. Escolhi do meu coldre um aço duro, Inda o peito achei duro, e o achei frio. Apontei outro de metal mais puro Em nome de MARIA, e eis que um rio Já d'amorosas lágrimas derrama Dos olhos, que não vem inda quem ama.	155      160
Espantado entre si da fôrça nova, Espantado do fogo, em que a alma ardia, Ora já um exercício, ora outro prova Por enganar, se pode, a fantasia. Ele se engana, a chaga mais renova, A chaga, que abriu o nome de MARIA. MARIA chama, Maria, ah sospira. E para onde o Sol dece, os olhos vira.	165
Quem fez ùa ferida tam secreta Neste meu peito? (diz o moço ardendo) Em que esfera, em que Céu, em que planeta Está êste fogo novo, em que me acendo? Senti o golpe duro, não vi a seta. Nunca amor entendi, agora o entendo. Chegou-me a suavíssima peçonha, Em qu'alma vive morta, e esperta sonha.	170      175
Ditosa vida, Amor, ditosa morte, Ditoso êste meu fogo, e meu cuidado; Mais ditoso meu fado, e minha sorte, S'em ti me tinha tanto bem guardado. Empresta-me essas asas, com que corte Este ar, que me tem cá eclipsado O meu dia, e meu Sol, que do Ocidente Me abre um novo, e lucido Oriente.	180
Ah triste! Quanto mar se mete em meo! Quanto Ceo entre mim, e o meu desejo! Quanto mais cresce o amor, cresce o receo De nunca ver um bem, que eu mais desejo. Porque arte poderia, ou porque meo, Assi como arco cá por quem não vejo, A meus olhos fazer caminho aberto, Que de tam longe me posessem perto?	185      190
Nestas imaginações se consumia Aquele esprito, e todo em amor brando; Nos retratos ocupa noite, e dia, Mas mais viva em sua alma a está pintando. Tanto pode a alta fama de MARIA! Tanto as Graças, e as Musas vão cantando Dos dões, que nela o Céu largo reparte, Que eu cuido, que fui nisto a menos parte.	195      200

Ajuntar quero, Mãi, êstes amores.  
 Tu ajuda tambem: assi o Céu manda.  
 Cá os suspiros ouço, e sinto as dores  
 De quem tam longe lá a sua alma manda. 205  
 De Mirtho coroada, e de alvas flores  
 Venus o Céu serena, o vento abranda.  
 Ambrósia os seus cabelos espiravam,  
 E quanto os olhos viam, namoravam.

Ajunta ao carro os brancos Cisnes logo,  
 As ondas de Neptuno vai cortando. 210  
 Ardem as ágoas em amoroso fogo,  
 D'Amor brandas Sereas vão cantando.  
 Os Amores em riso, em festa, em jogo  
 As Nereidas de flores coroando,  
 Mandam que no mar façam nova estrada, 215  
 E as ondas amanssem à tornada.

Chegára já a MARIA a clara fama  
 Daquele Real Príncipe devido  
 Em tudo a seu amor, inda o não ama,  
 Mas já seu nome é dela bem ouvido. 220  
 Assi d'ambos a Estrêla os leva, e chama  
 Ao bem, que a ambos lhes tem Deus prometido;  
 A branda Deusa, que ela não conhece,  
 O peito brandamente lhe amolece.

Quantas vezes aos olhos lho presenta! 225  
 Quantas vezes suas grandezas canta!  
 Ora por ùa via, ora outra a tenta,  
 E já a novos cuidados a levanta.  
 O pensamento engana, a alma contenta.  
 E ela do que em si vê se peja, e espanta. 230  
 E quando mais duvida, e mais se enlea,  
 Então Amor espia, então saltea.

Forjava em tanto ùa seta venenosa  
 Amor, e por sua mão lhe pôs a erva.  
 Três vezes a banhou n'ágoa amorosa, 235  
 Três vezes por sua mão lhe pôs a erva.  
 Ali s'esconde a' chama deleitosa,  
 Que cria amor, do desamor preserva.  
 Todo inflamado em fogo se arma, e voa,  
 Ardendo fica o ar, e o coldre soa. 240

Claríssima MARIA, olha que se arma  
 O Amor contra ti, a ti vai voando:  
 Alexandre, Alexandre, Parma, Parma  
 Os amores com êle vão gritando.  
 Aqui não há defesa, aqui não há arma, 245  
 Obedece a quem vai já triunfando  
 Dêsse teu puro peito tam benigno  
 De que ALEXANDRE só pode ser digno.

Pôs tôda a fôrça Amor no arco, e tiro:  
 Soou o golpe, e ao desarmar o estalo, 250  
 Ele ouviu um brandíssimo suspiro,

Que declarou o mais, que eu ora calo. Venceo, e retirou-se e eu me retiro, Que não sei o que escrevo, nem que falo. Diga-o Amor, que a tudo foi presente, E diga-o quem o encobre, e quem o sente.	255
Vem o Himineo nua mão a facha acesa, N'outra o anel do santo ajuntamento. Vergonhosa, e contente está a Princesa, Contente, e honesta dá o consentimento. Ei-la em nova prisão, mas doce presa, Vê-se em seu rosto seu contentamento. E então mais resplandece a fermosura. Que tam longe acendeo uia chama pura.	260
Batendo vai as asas a Alegria A Real casa de prazer enchendo. Naquela grã Cidade não cabia O alvoroço do bem que estão vendo. Viva ALEXANDRE, diz, viva MARIA, Assi do Tejo ao Nilo vai correndo. Recebe todo o Mundo a alegre nova, Alegre o Mundo o louva, o Céu o aprova.	265 270
Festeja o grande Rei sua tam amada Tia, e mostra de amor aberto o peito; D'altíssima Rainha acompanhada, Que por filha a estima em seu conceito. Por quem podia ser feita, e tratada Obra tam santa, tam ilustre feito, Senão por ti HENRIQUE Infante santo, Honra, e ornamento do purpureo Manto?	275 280
Vem as Ninfas do Tejo tomar parte Da alegre festa, e suas danças guiam. Com sua fermosura, graça e arte Venus, Graças, e Amores desafiam. Às Ninfas favorece o grã DUARTE, E as Ninfas parecia que venciam; Nascem bandos de Amor, e do seu fogo, Mas todos são de amor, de festa e jogo.	285
Ali os dous claríssimos Senhores, Luz e esperança á casa Real d'Aveiro, Levam d'alegre festa mil louvores Por juízo das Ninfas verdadeiro. Ali amores se trocam por amores. Diga-o Amor, que estava no terreiro, Quantos fogos ali então se esfriaram, E quantos outros novos se criaram.	290 295
Neste geral prazer já vejo mágoas, Já mil lágrimas vejo saudosas. Eis que cortando vem salgadas ágoas Armada frota, velas amorosas. Ardem d'ua parte, e d'outra em vivas frágoas Duas almas, uia doutra desejosas. Triste de quem sua alma parte, e arranca, E dos olhos as fontes não estanca!	300

Claríssima ISABEL, Princeza santa, 305  
De divinas virtudes raro exemplo,  
Ditosa mãe de tam ditosa planta,  
A quem a antiga Roma erguera um templo;  
Quanta alegria, e saudade quanta  
Igualmente ora em ti juntas contemplo! 310  
Mas alegre-te mais, pois que já viste,  
E inda verás mais bens, que ós Céus pediste.

Venus com aquela alegre companhia  
Já prestes tem o seu carro fermoso,  
Consigo em seu assento põem MARIA 315  
Saudosa da mãe a leva ao esposo.  
Ao Rei, à mãe, à pátria se devia  
Aquele sentimento piadoso.  
Mas entre tanto os Cisnes vão nadando.  
E as lágrimas o Amor vai enxugando. 320

Sai sobre ágoa Neptuno, honra e obedece  
À neta do grão Rei, que o mar abrindo  
Lhe mostrou novo Mundo, e lhe oferece  
Manso todo seu reino, e a vai seguindo.  
De dia o Sol, de noite resplandece 325  
A clara Lua, a noite descobrindo,  
Quantos MARIA vem, se alegram, e espantam  
Nereidas, e Tritões: e assi lhe cantam:

*Ner.* Amor, e que cousa há tam fera, ou crua,  
Que a filha á mãe arranques do seu seo, 330  
E faças que já mais não seja sua,  
E assi a entregues em poder alheio?  
Como és Amor, s'esta crueza é tua?  
Que mais faz o imigo de ira cheo  
Na entrada Cidade a saco dada? 335  
Boa estrela te leve, hora dourada.

*Trit.* Amor, e que cousa há mais piadosa?  
Que o puro amor, com outro puro pagas,  
E o doce nome da chama amorosa  
Com outro fogo, e doce chama apagas; 340  
E que força é que a esposa vergonhosa  
À mãe a tomes, e ao esposo a tragas?  
Que mór bem há, que ùa hora desejada?  
Boa estrela te leve, hora dourada.

*Ner.* Como o lírio fermoso no cerrado 345  
Horto, com o brando Sol, com o orvalho crece,  
Nunca o gado o tocou, Pastor, arado,  
Sombra, ou geada, ou vento não lhe empece.  
Das moças é, e dos moços desejado,  
Mas se o mão toca, seca, ou s'emurchece. 350  
Tal é a Dama antes que é casada.  
Boa estrela te leve, hora dourada.

*Trit.* Como a Vide, que só nasce em deserto  
Nunca já s'ergue, nunca fruto cria,  
Cortada cai do frio, e Céu aberto, 355  
Nem Lavrador a lavra, nem queria.

Mas se fôr junta a Ulmo, que está perto  
 Já o Lavrador a quer, já a lavraria.  
 Tal é a Dama, despois que é casada.  
 Boa estrela te leve, hora dourada. 360

*Ner.* Leve o esposo a esposa prometida.  
 Quem lha pode negar? quem tal consente?  
 Quem pode, a prometeo; é-lhe devida.  
 A filha à mãe, e Amor obediente. 365  
 Ajuntem-se duas almas n'ua vida,  
 Este o princípio foi da humana gente.  
 A cada um sua estrela está guardada.  
 Boa estrela te leve, hora dourada.

*Trit.* Vivei, Príncipes altos, cedo vejam  
 Os olhos, que vos amam, o que esperam. 370  
 Dai Príncipes ao Mundo, que o bem rejam,  
 Quais já vossos avós, e pais lhe deram.  
 Outros Manoeis, e outros Carlos sejam,  
 Honra do Mundo, quais aqueles eram.  
 Será de vós sua alta estrela herdada. 375  
 Boa estrela vos leve, hora dourada.

Lá te levam, Senhora, fôrças grandes.  
 Não valem contra Amor nenhuns reparos.  
 Mas móres foram as fôrças, que de Frandes  
 Acenderam em ti fogos tam claros. 380  
 Sempre de ti alegres novas mandes.  
 Sempre conformes sede, espiritos raros,  
 Almas ditosas, almas bem trocadas,  
 Em versos imortais sejais cantadas.

**EPITALÂMIO**  
**No casamento da Senhora Dona Maria com**  
**o senhor Alexandre Farnês**  
**Príncipe de Parma e de Plazencia**

Maravilhas do Amor quem as entende?  
Os segredos do Amor quem os alcança?  
Uns corações em vivo fogo acende,  
A outros nega de si toda esperança.  
Concede a uns que amem, a outros o defende. 5  
D' uns mostra ter, d'outros não ter lembrança.  
Outros de si descuida, até ùa hora  
Em que os acha despostos, e os namora.

Não é isto no Amor esquecimento,  
Que todo coração tem na memória, 10  
Mas é ordenança sua que um momento  
Espera, em que a cad' um dê pena ou glória  
Cuida um peito de si que é livre e isento  
E que terá do Amor sempre vitória:  
Mas cedo ou tarde ò Amor tudo obedece, 15  
Que todo coração duro amolece.

Cria-se um livre espirito descuidado  
De se render ò que Amor n'Alma cria,  
E sempr' o Amor é dele desprezado  
Consigo se contenta a noute e o dia. 20  
E de mil armas anda sempre armado  
Contra Amor forte, e contra sua porfia,  
Mas a seu tempo Amor tudo saltea,  
E a quem mais se defende mais enlea.

Das mesmas armas de que s'arma o peito 25  
Contr' ele, dessas mesmas mais s' ajuda,  
E sempre lh' é o espirito mais aceito  
Que mais se lhe defende, e mais s' escuda:  
Porque então seu poder menos perfeito  
Se mostra, quando logo se lhe muda 30  
Um coração de nada defendido  
Que quando se defende e é vencido.

Quem cantará do Amor as grandes cousas  
S' inda as comuns não podem bem cantar-se. 35  
Bem sinto espirito meu que não repousas  
Por dizer o que não deve calar-se.  
Mas também vejo claro que não ousas  
Começar o que não pode acabar-se.  
Mas canta tu do Amor e seus poderes,  
Qu' ele te guiará se te perderes. 40

Foi visto ir pelo ar o Amor voando  
Num claro dia, e todo em Prazer cheo,  
Fermosamente os ares serenando  
Derramando mil flores de seu seo.

A Festas e a Prazeres convidando A mil Amores que o levavam em meo. Danças. Risos, e Jogos o seguiam. E mil cantos ant' ele e as Graças iam.	45
Iam todos coroados de Capelas De mil flores diversas bem tecidas: Branças, roxas, vermelhas e amarelas Entre Mirto e Belver entremetidas. Todas suaves ò cheiro, à vista belas. Todas d' Amor, e para Amor colhidas. Assi se trata o Amor mimosamente Quando algũa alegria grande sente.	50
Em alta voz d'ũa parte nomeavam MARIA, fermosíssima MARIA. Logo em voz alta d' outra parte alçavam ALEXANDRE ditoso com MARIA. E todos juntos outra vez cantavam Os nomes d' ALEXANDRE e de MARIA. E não cessava o Amor com seus Amores D' estes nomes cantar e seus louvores.	60
Foram voando assi té que chegaram Ond' estava sua mãe Vénus fermosa Num jardim fermosíssimo onde a acharam Como ela sempre está branda e mimosa. De Ninfas que em amores se criaram Acompanhada estava e vangloriosa. No jardim tudo são flores e rosas. Tudo Ninfas alegres e fermosas.	65
Tudo mimos; delícias e perfumes, Fontes, fermosas ágoas, e frescura. Tudo danças, e gostos, não queixumes. Tudo tratar d' Amor, e de brandura. Medir conforme òs gostos os costumes. Fazer por conservar a fermosura. Não negar à vontade os apetitos, Nem render a desgostos os espritos.	75
Enquanto ali as árvores florecem Com cuidado são vistas e tratadas, S' acontece secar, e reverdecem Não as deixam de todo desprezadas. Mas se co tempo secam e se murchecem Logo deste jardim são arrancadas, Que no jardim de Vénus não é olhada Árvore de que não s' espere nada.	85
Chegando o filho à mãe com prazer tanto: Com tantas vozes d' alegria cheas. De todo se torvou co grande espanto. Mas diz-lhe o filho. Mãe que te salteas? Este prazer que em tão alegre canto Mostro, e em tudo o que vês, tu não mo creas Se não te parecer que é bem devido Ò que te contarei que é socedido.	90
	95



Diz a mãe, já um pouco em si tornada.  
 Feroso filho meu, quando te vejo  
 Figura-se-m' em ti a vista amada  
 Do meu feroso Adónis, meu desejo. 100  
 E vendo-te fiquei toda torvada  
 De sobressalto grande e amor sobejo.  
 Mas conta-me já tuas alegrias,  
 E onde te detiveste tantos dias.

O minino da mãe sempre mimoso 105  
 Se lh' encostou sobre o feroso peito,  
 Contente de si mesmo e glorioso  
 De lh' haver de contar tão grande feito.  
 Mas da ira da mãe mui receoso  
 Que houvesse por afronta e por despeito 110  
 Não ser dele chamada às Santas vodas  
 A que foi a Alegria, e as Graças todas.

Bem sabes mãe (lhe diz o filho) que onde  
 Tendo acabado o Sol sua certa via  
 Sua ferosa luz cobre e s' esconde: 115  
 E òs Antípodas vai dar novo dia,  
 Ûa ferosa luz que corresponde  
 Em tudo à do feroso Sol, se cria,  
 Ou se criou té qui, e agora ida era  
 Dar nova luz a quem com amor a espera. 120

Maria esta é, Princesa em tudo clara,  
 Do claríssimo Infante Duarte filha,  
 Qu' inda que o mundo todo se buscara  
 Não se podera achar tal maravilha.  
 E d' Isabel das raras a mais rara 125  
 Que ò Ceo contenta, e ò mundo maravilha.  
 Princesa, cuja vida e exemplo raro  
 Às viúvas é honra, e louvor claro.

Filho do Rei cujo alto nome soa  
 E sempre soará devidamente 130  
 Da invicta e grandíssima Lisboa  
 Os derradeiros reinos d' Oriente:  
 Que acrescentou à sua grão Coroa  
 Com esforçado peito, e com prudente.  
 Digo Manuel, cujo alto espirito e grande 135  
 Sempre òs seus socessores o Céu mande.

Ela filha de James raro espirito  
 Senhor da grande casa de Bragança  
 De quem tem dado a Fama imortal grito.  
 E do sangue dos Reis grão parte alcança. 140  
 Socessor do grão Nuno, de que escrito  
 Mil maravilhas há, por cuja lança  
 Invencível, ind' é por próprio dano  
 Seu nome em ódio ò sangue Castelhana.

Esta Princesa grande, esta Maria, 145  
 Esta que pareceo sempre divina  
 Por exemplo tomou, por certa guia

A virtude da mãe de que era dina.  
 Nunca coube em seu peito ou fantasia  
 Pensamento ou memória dela indina. 150  
 Coas Graças e coas Musas se criava,  
 E Minerva seu espirito lh' inspirava.

Logo em minina para si a tomaram,  
 E sempre entre si mesmas a tiveram.  
 E tudo quanto ensinam lh' ensinaram, 155  
 Tudo o que podem dar tudo lhe deram.  
 Contra meus pensamentos sempre a armaram  
 Tal, que quasi invencível ma fizeram.  
 Eram seus exercícios de contino  
 Em tudo o que é de tal Princesa dino. 160

Descuidada de mim, do brando fogo  
 Qu' eu em quem quero brandamente crio:  
 Pudera crer que me trazia em jogo,  
 E que as setas em vão forjo e afio: 165  
 S' eu não soubera quanto val meu rogo  
 Qu' abranda e acende um peito duro e frio,  
 E que contra meu golpe que entra tudo  
 Nem duro peito val, nem forte escudo.

Nos mesmos exercícios e costumes  
 Com ela a irmã mais moça se criava. 170  
 Duas Estrelas claríssimas, dous lumes  
 A que seguia a que se bem guiava.  
 Igual amor entr' elas sem queixumes.  
 E um mesmo espirito em tudo o Céu lhes dava  
 Em tudo irmãs, em nada diferentes. 175  
 Ûa da outra, e ambas de si contentes.

Esta é aquela rara Caterina  
 Qu' o casto Himeneo tem com razão dado  
 O seu devido amor, paga só dina  
 D' amor de tantos anos e cuidado. 180  
 Coa primeira razão que a idade atina  
 Sobre tudo este bem foi dele amado.  
 Eu digo João herdeiro de Bragança,  
 Seu sangue, já seu 'sprito e esperança.

João do grão Teodósio filho e herdeiro 185  
 Não só do estado, mas da honra e glória:  
 Que do primeiro Sol té o derradeiro  
 Tem cheo o mundo d' imortal memória.  
 Teodósio em tudo grande, em tudo inteiro  
 De quem pode tecer-se larga história. 190  
 Teodósio a que o Céu deu liberalmente.  
 Teodósio que também deu largamente.

Nem com isto Maria se lembrava  
 De mim, nem do que eu já lh' ia lembrando  
 Para um Príncipe grande que eu amava 195  
 E que par' este amor fui só criando.  
 E se eu nisto té qui dissimulava  
 Foi porque dele sempre fui esperando  
 Que não só por estado pretendesse  
 Este amor, mas por si o merecesse. 200

Foi crescendo este Príncipe, e crescendo  
 Em tudo o que a um grão Príncipe é devido.  
 Eis que as Graças o estão de si enchendo  
 Com' a um ditoso esprito e bem nacido.  
 Eis que ò monte das Musas vai erguendo 205  
 O desejo, ei-lo delas bem ouvido.  
 Ei-lo já ò louro Apolo tão aceito  
 Qu' em tudo o que ele pode o faz perfeito.

Já em toda ocupação áspera e dura  
 Se ocupa, ei-lo no campo, ei-lo no monte. 210  
 Persegue as aves na maior altura,  
 Nem acha fera que não mate ou afronte.  
 Não tem Diana bosque, ou espessura,  
 Não mata, ou vale, ou prado, ou rio, ou fonte:  
 Qu' a estes exercícios dele usados 215  
 Possa ter escondidos nem vedados.

Já das armas quer Marte que o uso prove,  
 Já trata as suas, já as alheas não teme.  
 Já com destreza e com esprito move  
 O cavalo que co ele sua e treme. 220  
 Já sobr' ele mil graças o Céu chove  
 Porque em tudo de todos já o estreme.  
 Já em todo bom costume é bem criado.  
 Já é de todos justamente amado.

Era amado também devidamente 225  
 De muitas, mas eu sempre lhe guardava  
 O seu amor, porque mais dinamente  
 Merecesse este amor que eu procurava.  
 O seu amor que me outorgou contente  
 Sabendo para quem mo assi outorgava. 230  
 Sabendo que o outorgava já a Maria  
 Qu' ele por grande glória recebia.

Novo Alexandre, e só d' Octávio herdeiro  
 A quem Parma e Plazencia, e outros estados  
 Tem por próprio senhor e verdadeiro, 235  
 E nisso se hão por bem aventurados.  
 Octávio que do grão Paulo Terceiro  
 Tem o apelido e sangue derivados,  
 No sumo sacerdócio raro exemplo  
 Onde s' ergueo ò sumo e eterno Templo. 240

Novo Alexandre, da alta Margarita  
 Filho e herdeiro também, que dinamente  
 Em grandes reais governos s' exercita  
 Com esprito real, alto, e prudente. 245  
 Neto de Carlo Quinto que o incita  
 E o esprito lhe move, que altamente  
 A heróicos feitos sempre aspire,  
 E nunca deste exemplo os olhos tire.

Mandei logo ver s' abrandaria  
 Aquele peito real, e Alma segura 250  
 A que eu inda falar claro temia  
 Porquanto sempre foi contra mim dura:

As Graças e os Amores que a porfia  
Com dissimulação e com brandura  
Alexandre ant' ela òs Céos alçassem. 255  
E seu amor e graças lhe louvassem.

Ora do ser, do preço, e autoridade:  
Da graça, cortesia, e gentileza:  
Ora do ingenho, letras, e verdade:  
Da constância do ânimo, e pureza: 260  
Ora da real liberalidade:  
Da virtude, do espirito e da grandeza.  
Ora doutras mil graças lhe cantavam  
Que de fora e de dentro todo o ornavam.

Eu a tudo isto ali dissimulado 265  
Brandamente lh' abrindo ia os ouvidos  
Tais dões, com tal amor, e tal cuidado  
(Dizi' eu) devem ser bem recebidos.  
Não falo em real sangue, em alto estado  
Qu' ant' estes devem ser menos ouvidos, 270  
Valha o amor só com que Alma oferecida  
Te tem, e a mim em teu nome entregue a vida.

Não cessavam as Graças e os Amores  
A quem est' obra tinha encomendada:  
De dizer a su' Alma mil louvores 275  
D' ùa Alma d' outra com bom amor amada.  
Eis que se altera toda, eis muda as cores,  
Eis que quer consintir, e está calada.  
Enfim venceo Razão, que vencer deve,  
E que a tudo presente sempre esteve. 280

Razão venceo, não fogo, seta, ou tiro,  
Que só Razão a tais espiritos guia.  
Sem ela em vão num' Alma entro e suspiro  
S' ela tem a Virtude só por guia.  
Contente de mim mesmo os olhos viro 285  
Ô grave e real aspecto de Maria,  
E em nome d' Alexandre nela os ponho  
Que já a tudo por ela o anteponho.

Acudio logo ali Himeneo sagrado  
A confirmar este amor puro e santo: 290  
De Virtude, e Verdade acompanhado:  
De concórdia, de Paz, de Riso, e Canto:  
D' Igualdade, e de Fé, e Amor trocado:  
Dum Cuidado em duas Almas sem espanto  
De bons Desejos, cândidos, modestos: 295  
Contentamentos lícitos e honestos:

Logo entraram Prazeres, logo Danças,  
Contentamentos e diversas cores.  
Soltei òs corações as esperanças  
E acendi-os então mais nos amores. 300  
E com razão enchi de confiança  
A mil Ninfas de si, e de louvores:  
Mil Damas fermosíssimas que ornavam  
A grão festa qu' à esposa celebravam.

Ali a Ferosura, e a Mocidade Juntas á outras mil Graças s' estão vendo: Donde eu sem perdoar nenhuma idade Estou a uns e a outros combatendo. Dali o espirito roubo, e liberdade. Dali os nomes a muitos vou erguendo. Dali salteo a muitos, dali espio. Dali desencaminho, e dali guio.	305      310
Ali um da que ama os olhos nunca tira. Outro indino se chama, e ver não ousa. Um está todo mudo, outro suspira. Outro naquela glória só repousa. Outro que a nenhum bem destes aspira Ora olha ãa cousa, ora outra cousa. Ali busca cad' um todos os modos D' avantajar-se em tudo 'òs outros todos.	315      320
As Ninfas que em Coreas floreceram De todo ali poderam ser vencidas. As três Irmãs a posse ali perderam De fiar, e tecer, e cortar vidas. As deosas que do pomo contenderam Ali não foram vistas nem ouvidas. Perdoa Mãe verdade assi tão clara Mas não creio que ali se te julgara.	325
Õa claríssima luz ali se via De tão estranha e nova ferosura: Que a ferosa Manhã, e o claro Dia Ante seus olhos ficam névoa escura. De preço, autoridade, e cortesia: De graça, e de saber, e de brandura: De condição que do amor sempre risse Nunca em ninguém vi mais por mais que visse.	330     335
Digo aquela Francisca, grande glória Do sangue e nome d' Aragão famoso: Qu' esta idade das outras dá vitória E o mundo faz mais rico e mais feroso: Que o tempo que há-de vir, com sua memória Deste tempo fará mais saudoso: Õa das que na casa real florecem, Õa das que mais nela resplandecem.	340
O grão Rei, que com sua autoridade, Sebastião, celebra e honra este dia: Com grave e alegre aspeito em tenra idade Gracioso traz à dança a esposa tia. O ar, graça, e meneio, e gravidade Com que os passos concorda à melodia: Ninguém em mais idade inda o fezera Mas dum Rei milagroso que s' espera?	345    350
Dele s' espera que um caminho novo Até gora dos seus nunca seguido Abrirá òs seus ilustres e ò seu povo De quem será com fé e amor servido.	355

J' eu a este amor mil peitos daqui movo Ôs corações dos seus e é-lhe devido. E trará a seu império e a seu tesouro As Hespérides com seus pomos d' ouro.	360
Dele s' esperam milagrosos feitos Que milagres lh' está o Céu prometendo. Marte o está esperando com conceitos Que sem ele não pode ir concebendo. Cria Apolo os seus ramos mais aceitos Para coroa deles ir tecendo Com que os mesmos seus ramos mais illustre Tomando em sua cabeça preço e lustre.	365
I-lo-à seguindo em tudo o seu Duarte (Como quem o que deve em tudo guarda) E as suas Insígnias reais, seu Estandarte Que já com pronto e alegre ânimo aguarda: Com prudência, e conselho, esforço, e arte, Mas já esta glória a seu espirito tarda. E então dele será bem conhecido Quanto pode de Duarte ser servido.	370 375
O grão Duarte, que esta festa e dia Não só com amor d' irmão trata e festeja: Mas porque é dele honrado com alegria Que aprazer-lhe e servi-lo só deseja. Duarte, em quem o Céu grandes bens cria: Em que inda o mundo maravilhas veja, De príncipes exemplo puro e claro, Alta matéria a todo espirito raro.	380
Também de grande amor grande argumento Mostrou a alta Rainha Caterina: Que do seu recolhido apartamento Onde Alma pera o Céu somente afina: Deixando o seu contino sentimento Polo bem de que a terra foi indina: Consigo esta obra santa favorece, E ali entr' as Alegrias aparece.	385 390
Ali do grande Henrique claro Infante De letras e Virtude exemplo raro: D' espirito em todo bem firme e constante De peito na verdade aberto e claro: Dino que em imortais versos se cante E s' escreva com puro e alto aparo: Foi também este dia acompanhado E aprovado o que já tinha aprovado.	395 400
Alexandre que já n' Alma entendido E com a alegre e gloriosa nova Tinha o triunfo ò seu amor devido Com mil Prazeres seu Prazer aprova. E o espirito a grandezas sempre erguido Em outras mil grandezas o renova. Festeja o Português, e o Castilhano, O Áustrio, o Alemão, o Italiano.	405

Mas já seu peito que a mor bem aspira  
 Qu' é ver seu só bem que Alma deseja: 410  
 Já Maria ò Céu pede, e já suspira,  
 De nada se contenta té que a veja,  
 Nesta esperança seu amor respira,  
 De todo outro prazer s' afronta e peja.  
 Lá se lhe vai o 'sprito, e o pensamento, 415  
 Lá o cuidado, lá o entendimento.

Nesta lembrança a vida só sustenta,  
 Só deste bem que espera todo pende,  
 Co este bem que se sempre representa  
 A todo outro cuidado se defende, 420  
 Mas juntamente o esprito lh' atormenta  
 A tardança de que Alma mais s' ofende,  
 Ofende-se do tempo que lhe tarda  
 O bem de que ele todo bem aguarda.

Mil vezes diz. Como vivo eu agora 425  
 Tão longe do em que só quero ter vida?  
 Sem ver o rosto em que este esprito mora  
 E em que só meu amor enche a medida  
 Se só tua sombra assi Alma namora  
 Que anda de mim de todo despedida: 430  
 Que será quando vir o que eu entendo  
 Que só em ti s' está sintindo e vendo?

Desque aparece o Sol té que s' esconde:  
 Desque s' encobre té que torna o dia:  
 A todas partes olho, e não vejo onde 435  
 Ache sem ti repouso a fantasia.  
 Se por ti chamo, a Alma só responde,  
 Eu Maria nomeo, ela Maria.  
 Ah tempo de mim tanto òs Céos pedido  
 Que de ti mesma seja respondido. 440

Tempo ditoso em que t' eu ouça e veja:  
 E em que tu também m' ouças e me vejas.  
 Em que entendas dest' Alma o que deseja:  
 E de ti entenda est' Alma o que desejas.  
 Em que por teu amor sempre me reja: 445  
 E em que por meu amor sempre te rejas.  
 Se visse já est' amor assi trocado:  
 E em nossas Almas visse um só cuidado.

Que farei a este amor que me reprende  
 Como que meus cuidados não sintira? 450  
 Que força é esta que assi cá me prende  
 S' outra força maior de lá me tira?  
 Deste desejo em que s' o esprito acende  
 Quem me quer estorvar? Quem me retira?  
 Como? Não cortarei ventos e ágoas 455  
 Para cortar dest' Alma tantas magoas?

Nisto dias e noutes vai passando,  
 E em outras mil palavras amorosas:  
 Enquanto desejoso está esperando  
 As velas que já tem por vagarosas. 460

Fermosíssimas velas, que cortando  
As largas ondas foram, mais fermosas  
Polas fermosas Ninfas que levaram  
A que as ondas de todo se amansaram.

Fermosíssima e rara companhia: 465  
Fermosíssima frota que a levava:  
Tudo para o serviço de Maria  
Que com amor devido já esperava.  
Quanto se via ali, quanto se ouvia  
Prazer e amor nos corações criava. 470  
Encheo-se d' alvoroço a grã Cidade,  
E outras Almas s' encheram de saudade.

Entr' as damas que tudo mais ornavam:  
E a seu amor mil corações prendiam: 475  
Quatro os olhos e as Almas namoravam  
Com maravilhas que se nelas viam.  
Os espritos a muitos s' enleavam  
Cos espritos que nelas entendiam:  
Dinas de criar amor, inveja, e espanto.  
E a todo ingenho dar glorioso canto. 480

Ûa de quem com grande razão canta  
Todo o que a vê, e a julga por divina:  
É aquela fermosíssima Oranta  
De fermosura e Alma peregrina. 485  
Gloriosa, bem nacida, e rara planta  
Do ilustríssimo sangue Malespina:  
Por quem vitórias mil tenho alcançado,  
E Apolo a mil Poetas laureado.

Outra, cujo alto espirito e fermosura  
Fermosuras e espritos mil apaga: 490  
Por quem haver não pode sorte dura  
Inda que ùa Alma em só durezas traga  
A rara em tudo Antónia, honra segura  
Da Ilustríssima Casa de Gonzaga.  
Antónia, cujo nome em Cedro e Ouro 495  
Guardar-se deve como mor tesouro.

Outra em que eu bens grandíssimos conheço,  
E em quem, quanto se vê, no mundo é raro:  
Com cujo nome a muitos escureço  
E outros muitos levanto e mais aclaro: 500  
Por quem se deve ter por de mais preço  
O nome Aldobrandini ilustre e claro:  
É aquela fermosa e grã Genebra  
Que as setas me desponta, e o arco quebra.

É aquela d' Atiloi, em quem concorrem 505  
Mil grandes partes, a outra ilustre dama:  
Por cujo amor uns dinamente morrem,  
E ardem outros em amorosa chama:  
Cujos louvores polo mundo correm  
Com merecida, e com alegre fama. 510  
Esta de Frandes luz, d' Itália aquelas  
Não só Musas e Graças, mas Estrelas.



De todas Mãe dizer muito pudera:  
 Muito dos que d' amor e fé guiados  
 Trás o cuidado que eu a cada um dera 515  
 Brandamente de mim foram forçados:  
 Do bem que Alma dum brando amor espera  
 E ãa doce obediência lá levados.  
 Muito d' outras gravíssimas pessoas  
 De quem tu Fama em todo mundo soas. 520

Eis Maria entra já em nova fadiga  
 Do espirito, entr' obediência e saudade.  
 Dãa parte a nova obrigação que a obriga  
 A que já deu a vida e a vontade.  
 D' outra a conversação branda e amiga 525  
 E a doce e clara familiaridade  
 Da Mãe que sempre conversava e via,  
 Do irmão e irmã que como a si queria.

Houve enfim com razão de ser vencida  
 Da justa obediência que a obrigava, 530  
 E do amor daquel' Alma já afligida  
 Porquanto este seu bem já lhe tardava.  
 Eis que a Mãe na saudosa despedida  
 As lágrimas co amor dissimulava,  
 Em tudo o grão prazer que tem descobre, 535  
 E a tristeza da saudade encobre.

Mas já das ondas de Neptuno a fia,  
 À fúria a entrega já dos bravos ventos,  
 Mas sabe que quem tal criou Maria  
 Lhe fará brandos estes elementos. 540  
 E s' houver causa (o que ela não queria)  
 Que neles cause grandes movimentos:  
 Que será porque deles já cansada  
 Mais deseje chegar ond' é esperada.

Obedece Neptuno, e o seu Tridente. 545  
 As formosas Nereides vão seguindo.  
 E com seus Focas Proteo, alegremente  
 Vai as salgadas ondas dividindo.  
 A clara Lua e o Sol qual mais contente  
 A noute e o dia vão cerrando e abrindo 550  
 E o grande Eolo Rei que os ventos manda  
 Já a fúria lhes tempera, o ímpeto abranda.

Da claríssima Infante vão nadando  
 Coa filha os pensamentos e os espiritos.  
 Por mais que polas ondas vá voando 555  
 Trás ela vão desejos infinitos.  
 Continuamente a está imaginando.  
 No peito tem seus dões todos escritos.  
 N' Alma esculpida sua fermosura.  
 E ant' os olhos a tem sempre em pintura. 560

Maria chea de saudades grandes  
 Chora os bens que té li sempre tevera,  
 Mas o amor a que já se deve em Frandes  
 Brandamente a saudade lhe tempera.

	Mas ah Maria, porque a mais abrandes De ti e d' Alexandre que t' espera Ouve cantar os devidos louvores Que de ti cantam Graças, dele Amores.	565
<i>Graças</i>	Ond' estará ùa rara fermosura: Onde ùa graça desacostumada: Onde um espirito cheo de brandura: De preço, e autoridade nunca achada: E ùa Alma em todo bem sempre segura Das graças todas sempre acompanhada: Que a não busque outro espirito generoso? Vai em paz branda esposa, ò brando esposo.	570      575
<i>Amores</i>	Ond' estará um espirito em tudo raro Que grandezas em tudo só pretende: Onde um peito amoroso, puro, e claro Que sempre a amores baixos se defende: Onde um cuidado que não quer reparo Òs bons desejos que Amor n' Alma acende: Que não busque outro espirito alto e fermoso Vai em paz branda esposa, ò brando esposo.	   580     
<i>Graças</i>	Quanto ùa Alma pode, que se guia Só do que deve: quanto ùa graça rara: Quanto ùa fermosura igual ò dia Quando a luz do Sol claro está mais clara: Num alto espirito só de o ouvir cria Fogo d' Amor com que s' o espirito aclara. Cria fogo d' Amor brando e forçoso. Vai em paz branda esposa ò brando esposo.	585     590  
<i>Amores</i>	Quanto Amor pode, que um espirito ausente Só do que ouve e não vê assi se namora Que o que não vio é o que não ver mais sente, E só nesta dor gasta o dia e hora. Como que o vira, n' Alma o tem presente, E este cuidado só em seu peito mora. Assi o brando Amor é poderoso. Vai em paz branda esposa ò brando esposo.	  595     600
<i>Graças</i>	Com tua graça o ar serene e abrande, Só o necessário às velas favoreça Claríssima Maria. O Céu te mande Ùa clara luz que nunca s' escureça. Todo tempo contigo o prazer ande, Naça-te alegre o dia, e anouteça. Todo tempo do teu seja invejoso. Vai em paz branda esposa ò brando esposo.	    605   
<i>Amores</i>	Com teu amor, às Graças de Maria E òs grandes dões que a ornem bem devido: Claríssimo Alexandre, o Amor que guia Os corações que se lhe tem rendido Pouco a pouco a saudade em alegria Vá convertendo, e deste amor vencido Não esté seu real peito tão saudoso Vai em paz branda esposa ò brando esposo.	 610     615

<i>Graças</i>	<p> Contente logra tudo o que t' espera,  Contente o ouça quem te bem deseja.  Tenhas continuamente Primavera  Que assombrada de nuve nunca seja. 620  Dum Pólo ò outro Pólo, em toda a Esfera  Se cantem os bens que o mundo inda em ti veja.  E tudo encha teu nome glorioso.  Vai em paz branda esposa ò brando esposo. </p>
<i>Amores</i>	<p> Contente logra os grandes bens que esperas, 625  Vive Alexandre bem aventurado.  Com mil Palmas, mil Louros, e mil Heras  Sejas perpétuamente celebrado.  Teu grande nome que por ti fezeras  Dino de ser de todos bem cantado: 630  Será co de Maria mais famoso.  Vai em paz branda esposa ò brando esposo. </p> <p> Isto as Graças cantaram e os Amores,  Isto só todo espirito agora canta.  A estes devidos e reais louvores 635  Mil bons ingenhos Febo ora levanta.  De netos de tais Reis e Imperadores  Qu' inda o mundo ama, e de que s' inda espanta  Que outra cousa esperar-se poderia?  Que? De tal Alexandre e tal Maria? 640 </p> <p> Príncipes raros, que perpétua glória  Deixareis a esses vossos reais estados:  Conservai com amor vossa memória,  E eles com amor sejam conservados.  Assi será mais doce vossa história 645  Vossos nomes serão mais invejados.  Tudo com amor se cria e se sustenta,  Com amor se conserva, e s' acrecenta. </p> <p> Tenho-te Mãe contado as alegrias  Destes Príncipes grandes, e o cuidado 650  Que sem ti me deteve tantos dias,  Não tomes mal tempo tão bem gastado.  Se ordenar (díz a Mãe) filho querias  Cousas de tanto peso, e tal estado:  Como assi me deixaste tão de fora? 655  Mas não é tempo, queixar-m'-ei outr' hora. </p> <p> Não tens Mãe de que estar de mim queixosa  Por não tratar de seres lá presente  (Lhe díz o filho) pois estava a esposa  Inda do seu devido esposo ausente. 660  Vim-te contar esta história amorosa  Que o Céu quis, de que a terra está contente.  Agora é necessário que a Brusselas  Te vás, pera onde vão cheas as velas. </p> <p> Já ali pola esposa espera o esposo, 665  Ali estarás às vistas amorosas.  Ali espero d' andar vitorioso  Entre mil Damas brandas e fermosas. </p>

E das que com Maria do famoso  
Tejo ora vem, mas elas mais famosas 670  
Mil corações espero ter vencidos:  
E a suas vontades sempre oferecidos.

E porque eu nunca quero, antes me guardo  
De ser de meus costumes distraído:  
Me deixa ir daqui logo, e lá te aguardo 675  
Que quanto aqui há tudo é de mim vencido  
E a mil espíritos cuido já que tardo  
A que estou obrigado e oferecido.  
Foi-se o Amor, e os ares enchendo ia  
Dos nomes d' ALEXANDRE e de MARIA. 680

[Pero de Andrade Caminha, B. N. L., *Cod. 6384*, fol. 179r-200r. (Transcrição de Vanda Anastácio, in *Visões de glória. Uma introdução à poesia de Pero de Andrade Caminha*, Lisboa, 1993, IV, 826-848, ed. policopiada).]

**ODA**  
**Ao Senhor Dom Alexandre**

Claríssimo Alexandre, a quem espera A sagrada Tiara A que todo são peito honra, e venera: A que coa grande, e rara Virtude, que em ti vemos Ornada das mais partes, que entendemos Que em ti se vão cad' hora mais mostrando Te estás devidamente habilitando.	5
Que arte, que voz, que canto, ingenho, estilo: De teu nome eminente Que pode já voar do Tejo ò Nilo: Cantar pode igualmente, Pois tanto se oferece? Para que cos louvores que merece Teu nome, a toda parte vá seguindo. E todo peito a teu amor abrindo.	10     15
Quem cantará do amor? Quem da vontade Que à virtude fermosa Em tudo mostras? Cujas sã verdade Faz Alma gloriosa? E as obras de ti dinas Com que segui-la, com que amá-la ensinas? E o santo exemplo com que reprimido Fica quem da virtude anda esquecido?	20
À sua graça, à sua fermosura Tens Alma toda entregue: Como quem sabe que com graça pura O maior bem se segue. E das vãs fermosuras Que tanto bem impedem nada curas. Nela tens postos olhos, e nela Alma, Com ela aspiras à gloriosa Palma.	25     30
Esta é a fermosura mais louvada Que o Céu na terra estima, A ele Alma por ela é levantada E contra o mal se anima. Nesta o peito seguro Te fazes contra os vícios forte muro. Que não há mais segura fortaleza Que a que tem na Virtude sua firmeza.	35     40
Quem cantará igualmente do ornamento Com que a virtude santa Que de todo outro bem é fundamento Em ti mais se levanta Co estudo com que a ornas	45

Das letras com que em ti mais clara a tornas,  
 Das letras que com seu fermoso lustre  
 A todo ser dão ser mais claro e ilustre.

Neste estudo de ti tão dino, e Santo  
 Todo tempo aproveitais. 50

Por ele com ter alto espirito, quanto  
 Pode estorvar-te enjeitas.  
 Em tanto não te escusas  
 Da Santa ocupação das Santas Musas:  
 Que és exemplo, e motivo aos diligentes, 55  
 Vergonha, e confusão aos negligentes.

Dos passatempos que essa idade pede  
 Foges como de imigos,  
 Porque co entendimento que em ti excede  
 Entendes os perigos 60  
 Que Alma desassossegam  
 E o pensamento a ocupações entregam  
 Que fica em vão a ocupação do estudo  
 Que nada alcança se não deixa tudo.

Segue Real espirito esse desejo 65  
 Co fervor com que o segues:  
 Nada te seja impedimento, ou pejo  
 A que de todo entregues  
 Todo amor e cuidado  
 A tal estudo, a tempo assi gastado. 70  
 Que quando assi se gasta sempre deixa  
 Louvor, contentamento, e nunca queixa.

Teu Real sangue, e teu Real espirito  
 Veremos nisto claro,  
 E serás com razão cantado, e escrito 75  
 De todo espirito raro.  
 E farão com seu canto  
 Que com louvor, e amor, e gosto, e espanto  
 Teu nome a todo mundo corra, e voe,  
 E docemente em todo ouvido soe 80

Vens acudir às brandas saudades  
 Que sempre te suspiram.  
 Vens responder às divinas vontades  
 Que sempre te seguiram 85  
 Com amor verdadeiro,  
 Com Alma pura, e coração inteiro.  
 Digo da Real, e grande Caterina,  
 E das Reais Maria, e Serafina.

Com santo amor a Santa mãe te aguarda  
 Vem já, vem, não aguardes. 90  
 E porque sempre o grão desejo tarda:  
 Vem já, vem já, não tardes  
 As irmãs que te esperam,  
 Que te querem o que sempre te quizeram.  
 E enquanto sentem da tardança o dano 95  
 Cada momento lhes parece um ano.

Vem ao irmão, mas pai brando, amoroso  
No que te mostra e ama,  
Teodósio Príncipe alto, e milagroso,  
Dino d' imortal fama, 100  
E aos mais irmãos que te amam,  
E com desejo, e amor n' alma te chamam.  
Vem-te lograr de tantos bons amores  
A que a terra, e o Céu dão mil louvores.

Passem-se neles mil felices anos, 105  
De mil prazeres cheos,  
Claríssimos amores, sem enganos,  
Tristezas, nem receos.

E em nenhum tempo vejam  
Contra o que querem, contra o que desejam: 110  
Enfadamento, pena, nem desgosto,  
Mas sempre amor, contentamento, e gosto.

[Pero de Andrade Caminha, A. N. T. T., *Real Mesa Censória*, 476, 80-86. (Transcrição de Vanda Anastácio, in *Visões de glória. Uma introdução à poesia de Pero de Andrade Caminha*, Lisboa, 1993, IV, 893-896, ed. policopiada).]

**EPÍSTOLA**  
**Ao Senhor Alexandre Farnés**  
**Príncipe de Parma, e de Plazencia.**  
**No seu casamento com a Senhora D. Maria.**

Grande Alexandre, em quem liberalmente  
Tem o Céu grandes graças repartido  
Com que te fez amado geralmente.

A quem tem tanto agora concedido  
Que tens contigo o bem que desejaste, 5  
E a teu amor tem dado amor devido.

Que o grão contentamento qu' esperaste  
Já logras, já festejas com alegria  
D' Alma, que neste amor já confirmaste.

Quem tanto agora, ó Príncipe, ousaria 10  
Que tentasse estorvar-te esse cuidado  
Que todo outro cuidado te desvia?

Quem seria de si tão descuidado,  
Tão esquecido do que a ti se deve  
Qu' ir ante ti agora fosse ousado? 15

Mas bem sabes qu' a tudo o amor s' atreve,  
Ele me leva a ti, dele guiados  
Vão meus versos em qu' ele a culpa teve.

Versos que são d' amor encaminhados  
De sã vontade, e pura Alma nascidos 20  
Ouvidos devem ser e perdoados.

Mas como os meus serão tão atrevidos  
Qu' ir a ti, grande Príncipe s' atrevam,  
A quem imortais versos são devidos?

E inda qu' os meus jágora a ti se devam, 25  
Incultos, mal ornados, e sem arte  
Qu' haverá em ti que dinamente escrevam?

Ou queira, raro Príncipe, cantar-te  
Tão mimoso das Graças e das Musas  
Que de tudo o que tem quiseram ornar-te. 30

Ou cante os exercícios que sempre usas  
Dinos de teu Espírito raro e puro  
Com que te sempre à ociosidade escusas.

Ou teu peito no bem firme e seguro, 35  
Com que dás nessa idade exemplo claro  
Cante inda qu' em verso humilde e escuro



<p>Ou as grandes virtudes em que raro Te tem o Céu com larga mão já feito Em qu' és um lúcido e fermoso faro</p>	
<p>Ou cante teu real e grave aspeito Ornado d' humaníssima brandura Com que a teu amor trazes todo peito.</p>	40
<p>Ou a real, e clara, e Santa, e pura Tua larga e grande liberalidade Qu' inda no amor as Almas mais segura.</p>	45
<p>Ou a tua claríssima verdade Acompanhada d' ânimo constante E d'ua rara e natural bondade</p>	
<p>Ou do teu animoso Espírito cante Com que a Marte prometes glória nova E em que mais teu grão nome se levante:</p>	50
<p>Ou das grandezas qu' em ti o Céu renova Do avô Carlo quinto, Espírito grande Que todo Espírito canta, louva, e aprova:</p>	
<p>Ou dos milagres que o Céu em ti mande A tua casa Farnés, qu' em ti os espera Com qu' inda mais glorioso seu nome ande:</p>	55
<p>Ou do fermoso Louro, e da verde Hera Qu' em tua cabeça esperam nova glória Para qu' em um espírito alto quisesa:</p>	60
<p>Ou tudo o mais que d' imortal memória E de nome glorioso em ti é dino De qu' inda o mundo terá alegre história</p>	
<p>Que poderei cantar? Ou como indino Chegarei òs louvores que mereces Dinos dum raro ingenho, alto, e divino?</p>	65
<p>Grande e novo Alexandre, qu' escureces Grandes nomes antigos, grandes famas, E com grão nome e fama resplandeces.</p>	
<p>Com teus merecimentos grandes, chamas Os mais raros ingenhos, mais divinos Que com razão, grão Príncipe, mais amas.</p>	70
<p>Cantem-te mil espíritos peregrinos, Teus grandes e raríssimos Poetas, Tu dino deles, e eles de ti dinos.</p>	75
<p>Criados nas delícias mais secretas Das brandas Musas, de cujos escritos Mais alto estilo a teu louvor prometas.</p>	
<p>Cujos versos guiados dos espíritos De Minerva e d' Apolo, em tudo soam Ornados de louvores infinitos.</p>	80

Aqueles que Loureiros mil coroam.  
E do licor Castalino puro e santo  
Banhados, pelo mundo todo voam.

Que criem nova inveja, e grande espanto, 85  
E deixem clara imitação, e dina,  
Não só com teu louvor, mas com seu canto.

Eu, só direi o que m' o amor ensina  
Guiado dum devido e são desejo  
Qu' a teu serviço e amor a Alma m' inclina. 90

Direi o qu' em mim mesmo sinto e vejo  
Qu' é um grande fervor d' oferecer-te  
Quanto eu inda de ti cantar desejo.

Direi a obrigação que de querer-te  
Servir em tudo tenho, e de mostrar-te 95  
Que tudo isto te devo já sem ver-te.

Pois aquele raríssimo Duarte  
Teu novo irmão, que ocupa amor e espírito  
Em querer-te Senhor e contentar-te:

Entr' os seus o meu nome tem escrito, 100  
E cujo amor desd' os anos primeiros  
Foi meu principal canto, e meu escrito.

Duarte, em quem sempre vejo verdadeiros  
Sinais de teu amor, e a seus louvores  
Não chegam inda os muitos lisonjeiros. 105

Sangue real de Reis e Imperadores  
Ornado dum espírito grande em tudo,  
Cheo de doce fruto, e suaves flores.

Em cujo alto louvor de todo é mudo  
Todo o peito mais cheo d' Eloquência, 110  
E o mais claro ingenho está mais rudo.

Cheo de grão conselho, e alta prudência,  
E de virtudes mil, acompanhadas  
Da divina e louvada obediência.

Direi de nossas Almas qu' enlevadas 115  
Andam agora em teu contentamento,  
E em cantigas alegres ocupadas.

Cantam bens que t' esperam cento a cento,  
E mil a mil, que tu Alexandre vejas  
Que doutros muitos sejam fundamentos. 120

Logres teu grande bem como desejas,  
N' alma perfeitamente o tem e o ama,  
E com sua Alma ùa mesma Alma sejas.

Um santo, amor, ùa amorosa chama  
Tenha esses dous Espritos sempre cheos, 125  
Dinos de clara e gloriosa fama.

Sempre a clara concórdia nesses seos  
Segura esté, que tudo ordene e faça  
Com bons respeitos, e com justos meos.

Sempre um Espírito ò outro satisfaça, 130  
Continuamente dum pera outro voe  
Amor gracioso e amorosa Graça.

Em todas as palavras amor soe,  
E a tão suave som, tão amoroso  
Altos louvores todo espirito entoe. 135

O meu, grande Alexandre, desejoso  
Continuamente está dest' alta empresa,  
Mas a quem não será mui perigoso  
Tal Príncipe louvar, e tal Princesa?

[Pero de Andrade Caminha, A. N. T. T., *Real Mesa Censória*, 476, 228-236. (Transcrição de Vanda Anastácio, in *Visões de glória. Uma introdução à poesia de Pero de Andrade Caminha*, Lisboa, 1993, IV, 964-968, ed. policopiada).]

EPÍSTOLA  
À Senhora D. Maria a Frandes.

Cheas estão jágora d' alegria  
As Almas que tu cá tristes deixaste  
Claríssima Princesa, alta Maria.

Enquanto o mar incerto navegaste  
Trás ti de cá mil Almas navegavam,  
E passaram contigo o que passaste. 5

Todas as ondas que se levantavam,  
Todos os fortes ventos que as moviam  
Os espiritos de todo cá torvavam.

E cos grandes trabalhos que temiam  
Do duvidoso mar, do vário vento.  
Sempre por ti òs altos Céos s' erguiam. 10

Estavam num contino pensamento,  
Num contino trabalho, e num cuidado  
Em que ocupavam todo o entendimento. 15

Mas espirito nenhum tão descuidado  
Houve entre todos do qu' em ti s' espera  
Que não fosse em teu ânimo confiado.

Crendo que quem ò mundo tal te dera,  
Te daria um espirito que vencesse  
Tudo o qu' outros espiritos desespera. 20

E qu' inda que se tudo revolvesse  
Estaria teu peito tão seguro  
Que a temor, nem espanto te movesse.

Mas qu' espanto haverá num Espírito puro  
Como o teu Sereníssima Princesa  
Que sempr' o amor divino tem por muro? 25

Õa sant' Alma sempre do Céu presa  
Em qu' ele tantas graças sempre chove,  
E que tem o amor Santo por empresa: 30

Nada que passe ou veja a vence ou move,  
Busca a tudo remédio, a tudo acode,  
Nem há bem que a mude, ou mal que a trove.

Não há cousa a que bem não se acomode  
S' entende qu' assi o quer, e assi o ordena  
Quem tudo desfazer e fazer pode. 35

Passaste assi o trabalho, e grave pena,  
Os fastios do mar, e movimentos  
Envoltos em saudade não pequena.

Saudade devida, e pensamentos Devidos ô amor santo da mãe santa Que contigo passou. mares e ventos.	40
Claríssima, ditosa, e real planta Dos Reis de Portugal, e flor divina Que ô Céu com suave cheiro se levanta	45
A quem olhou com luz branda e benina Que sempre em maravilhas foi criando Com que de teu grão nome te fez dina:	
A quem foi nas virtudes informando, A quem deu um espirito em tudo raro, A quem d' ingelho e letras foi dotando:	50
Ergue a ti mesma o pensamento claro, Louva em ti quem te deu partes tão grandes Que dar não pode o mundo injusto e avaro.	
Enfim houveste de chegar a Frandes Per vários casos, per diversas cousas, Ond' é já bem que sua saudade abrandes.	55
Onde devidamente já repousas No amor d' Alexandre a ti devido. Qu' esta verdade já confessar ousas.	60
Grande Alexandre a ti só concedido, E do Céu um par' outro ambos criados, Cada espirito par' outro bem nacido.	
Amor conserva, amor prospera estados. Amor prosperamente os acrecenta, E doces faz o amor graves cuidados.	65
Se s' ergue o mar, se de rosto venta, Os que só o amor chama, e amor obriga Acodem com amor na mor tormenta.	
Mas tua grã prudência isto te diga, De teu mesmo conselho, ouve e aprende A teu serviço ter tod' Alma amiga.	70
Se quem cuida que serve mais te ofende Em te lembrar o que te nunca esquece, A obrigação da culpa me defende.	75
Claríssima Maria, o Céu parece Que a nossos olhos mais claro está agora, E qu' em tudo alegria resplandece	
Mais fermosa nos nace a branca Aurora. Em tudo o Céu mil graças cá derrama, Tod' Alma d' amor ri, de prazer chora	80
De ver o grão prazer da mãe que te ama, E o grão contentamento que há em tudo De teu glorioso nome, e clara fama;	

Que a quem entende mais deixa mais mudo 85  
E faz menos dizer quem mais te deve,  
Que para tanto todo ingenho é rudo.

Quem tanto, alta Princesa, não se atreve,  
Diga os prazeres só que te deseja  
Iguais às mores que já o mundo teve 90  
E qu'inda em ti com grande glória veja.

[Pero de Andrade Caminha, A. N. T. T., *Real Mesa Censória*, 476, 248-253. (Transcrição de Vanda Anastácio, in *Visões de glória. Uma introdução à poesia de Pero de Andrade Caminha*, Lisboa, 1993, IV, 975-977, ed. policopiada).]

O “adeus” a D. Maria

- [80] Em varios discursos caminhaua,  
Quão dos seus, que andauão derramados,  
Ora hü, ora outro, achando o que buscava,  
De se cansarem mais vão descansados:  
Por diferentes cousas preguntava,  
São diferentes casos recontados,  
E a importuna via assi passando,  
Foi pouco e pouco em Vlissea entrando.
- [81] Onde ja de varões da Transpadana  
Se enche a casa Real, novos lououres  
Cantando a ruda plebe Lusitana,  
Nouas queixas de amor, doces amores:  
Quando da Lusa origem soberana  
Ia cobiçosos, mandão embaixadores  
Principes, que de lingoas diferentes  
Senhores sam de belicosas gentes.
- [82] A Fama, que a Maria onesta e bela,  
Quanto merece inda não leuanta,  
Faz de remotas gentes pretendela,  
Depois que o nouo espanto o mundo espãta:  
Que merecer podia merecela,  
Que louuor chegara a louuar quanta  
Graça não vista tem, quanta beleza,  
Pois tão mimosa foi da natureza?
- [83] Nouo Sol resplandece, nouo dia,  
Noua pureza, e alta maravilha,  
Da Ifante Isabel naceo Maria,  
De tão fermosa mai tão bela filha:  
Estranho embaixador que a recebia  
Com Regia pompa o Real solio trilha,  
Ditosa foste Parma em tal senhora,  
Quem com tamanho bem o assi não fora?
- [84] Nouos prazeres fazem os Lusitanos,  
Que Amor conuerte em lagrimas saudosas,  
Ia polo mar a leuam os Parmezanos,  
Magoas em terra se ouem dolorosas:  
Peitos sospiram de maduros anos  
Cabeças se meneão lagrimosas,  
Não sofre amor futuras esperanças  
De bem futuro, em tão frescas lembranças.
- [85] Mais do que alegra o bem, cansa a tristeza,  
Deixa breue prazer, longa saudade,  
Corta polo amor da natureza  
A grande obrigação da calidade:

Em nenhum peito ha tanta aspereza.  
Que não fique saudoso de verdade,  
Sente tambem o Rey irse Maria,  
Porque a razam do sangue o requeria.

[86]

Corre depois o tempo, tudo esquece,  
A mais firme lembrança se consume,  
Largo experimentar tudo conhece,  
E tudo admite enfim longo costume:  
No Rey co entendimento o corpo crece,  
Ia em tomar o Cetro se resume:  
Liure poder em tão moderna idade  
Conuem que tenha grão capacidade.



EPITHALAMIUM

in laudem nuptiarum Alexandri et Mariae principum Parmae et Placentiae.  
Ad Henricum principem Serenissimum et Cardinalem reuerendissimum.

CVr regio operi, regio ortam sanguine,  
Et regio animo, et regiis virtutibus,  
Cunctisque donis expolitam regiis,  
Henrice magne, maximi regni decus,  
Firmumque; columen, nostra quo spes omnium  
Fulcita, nullos pertimescit impetus,  
Quos saepe iniquo dura sors fert tempore  
Cur non seremus regiam hic neptem tuam,  
Magni Eduardi filiam illustrissimam?  
Cui tu relictus optimi es patris loco,  
Cur nuptiali non canemus tibia?  
Geniale carmen? quod licet modulamine  
Sonet insuavi, nec satis leni fluat  
Vena infacetum, iam senile et horridum  
Vt poscit aetas nostra sic dulce auribus  
Exaudietur gentium ferme omnium  
Quas Christus atris inferorum faucibus  
Suo redemptas liberavit sanguine.  
Duo namque magni concinuntur principes  
Splendore clari regio, quibus nihil  
Toto orbe phoebus perspicit praestantius  
Cur regiam ergo non canemus virginem?  
Quam tu paterna caritate diligis  
Cur non seremus inter haec opuscula  
Opuscula sacra plena vocibus dei  
Quae nos timidula mente sacramus tibi  
Deus ipse mundi et omnium rerum sator  
Postquam hanc stupendam machinam hoc ingens opus  
Ex nihilo, opifice condidit dignum suo  
Formamque rebus iussit omnibus suam  
Inesse, et altum luce coelum fulgida  
Splendere voluit, ac nigrae terras vicem  
Habere noctis, ac libratas pondere  
Proprio manere, et legibus certas suis.  
Perstare et illa quattuor firma fide  
Quamuis repugnent corpora. Ac iussit diem  
Accendi ab ipso candicante lumine  
Late micantis solis, atrae cederet  
Vt certa nocti spacia, et alternis genus  
Mortale vicibus, cunctaque alerent mutuo  
Amore nexi phoebus et phoebe soror  
Haec rore multo nocte collapsa humida  
Fomento at ille calido amico, blandulo.  
Vnde alma tellus educat foetus suos  
Laetosque flores herbulis vir ridantibus  
Plenoque mittit vberes fructus sinu.  
Postquam haec supremus ille mundi conditor  
Splendore summo ornauit, ac pecudum genus  
Pictasque volucres ac maris vasti incolas

Pisces creauit. Ad suam hominem imaginem  
 Marem ediditque foeminam, queis subdidit  
 Creata cuncta, summum et imperium dedit  
 Hos arctiori vinculo ambos nexuit,  
 Hos carne in una iunxit, vno pectore  
 Vnaque mente vt ambo semper viuerent,  
 Ac veluti ab hominis costa, ab ossibus viri  
 Est foemina orta, sic pariter esset caro  
 Ambobus vna, mens, ratio, virtus, amor,  
 Idemque corpus, quod tamen seiungitur  
 Vt quaeque munus exequatur pars suum  
 Virique rebus se implicent virilibus,  
 Suasque peragant functiones foeminae  
 Mortale at istud prole crescat vt genus  
 Et excitetur, pulluletque latius  
 Mens vna, pectus vnum, et vna sit caro,  
 Vna et voluntas denique; vnus sit thorax.  
 Quod ergo summus coelitum iussit pater,  
 Quod ipse lege statuit aeterna Deus,  
 Quod alligauit vinculo firmissimo,  
 Quod ille nodis strinxit arctioribus,  
 Quos nulla vis mortalium distringeret  
 Illudque robur, tam vetus, tam nobile  
 Primumque sacramentum ab ipso numine,  
 Auctore rerum constitutum maximo  
 Cur non sacerdos et senex, antistitis  
 Teretes ad aures concinam integerrimi,  
 Si Christus ipse nostra spes, salus decus,  
 Deique verus natus, et verus Deus,  
 Quae prima terris edidit miracula  
 Voluit in ipsis edita esse nuptiis,  
 Nec adesse celebri respuit conuiuio,  
 Haec fixa terris, clara cur vestigia  
 Non insequemur? non quidem miracula  
 Humana vt edere queat imbecillitas,  
 Sed quae ille rector omnium, ac verus parens  
 Praesentia ornauit sua, nos versibus  
 Nostris canamus, regias nos nuptias,  
 Non infaceta concinamus tibia,  
 Laetoque laetos explicemus carmine  
 Lusus amorum, quos pudor sanctus probet,  
 Sunt laeta sanctis grata, vera nec solet  
 Obregere pietas nocte vultum nubila,  
 Clarum ac micantem lucidis stellis polum  
 Oneremus ergo precibus, et cantu pio,  
 Propicia vt istis numina adsint nuptiis  
 Christusque sancto faeat ut connubio,  
 Illi offeramus pectore ab humili preces,  
 Sancto offeramus sancta vota numini,  
 Cantus suauis, dulcia modulamina,  
 Numquam recusat supplices Deus preces,  
 Nec dulce carmen perbenignus respuit  
 Cui vatum ab ore profluens cantus placet  
 Pectus requirit humile, pectus candidum,  
 Pectusque; purum, pectus expers sordium,  
 illo precemur coelitum aeternum patrem,  
 Resonante plectro concinat dulcis lyra,  
 Poscatque leni cantu ab optimo deo,

Has vt beatas reddat vsque nuptias,  
 Reddat perennes, reddat insolubiles,  
 Plenas amoris, pacis, et concordiae,  
 Reddat quietas omnibusque auctas bonis.  
 Reddat suaues, in quibus nil tetricum  
 Nil sit molestum, nil acerbum aut asperum.  
 Nec sit querela, rixa, lis, metus, dolor,  
 A tam beatis haec facessant nuptiis.  
 Sint cuncta grata, laeta, amica, lenia,  
 Placida, quieta, temperata, dulcia.  
 Laetitia, lusus, gratulatio, iocus,  
 Risus, voluptas adsit et concordia.  
 Hic denique adsit terrae et aetheris Deus  
 Largitor ille maximus rerum omnium,  
 In vnum vt ambos nectat, vna mens regat  
 Et foueat ambos, velle nolle idem fiet.  
 Gignantque; natos patribus et claris auis  
 Similes, nec ausim postulare maximis  
 Maiora votis. Si cui ad summum gradum  
 Penetrare liceat, altius procedere  
 Non utique; dabitur. Si parentes inclyti  
 Summa attigerunt, liberis consistere  
 In gradibus illis, nil erit praeclarius.  
 Moderentur illi subditos populos sibi  
 Summa aequitate, forti et alios dextera  
 Ab hoste demant Turca, et augeant fidem  
 Virtute Christi et augeant prudentia.  
 Claris vt ataius, ac piis maioribus  
 Plerumque validis cum hostibus quondam accidit  
 Fudere saeua, Marte qui inuicto, agmina  
 Rerumque sceptrum firma teneat dextera,  
 Neutrumque vergat in latus. Constantia  
 Inuicta forti perstet vsque in pectore;  
 Sint constituta certa honesto praemia,  
 Supplicia vicio, caeco amore nil agant,  
 Nil odio, et ira quae mala male consulit.  
 Sit recte agendi norma virtus, sit scopus  
 Eadem ipsa virtus, sit sacer cultus Dei  
 In honore summo, sancta sit custodia  
 Legum sacrarum, Vt chara natos pignora  
 Amant parentes, sic suos populos ament.  
 At populi in oculis principes gerant suos  
 Illisque se debere cuncta intelligant,  
 Illis honores, vitam, opes, nomen, decus,  
 Accepta referant, his tamen superbia  
 Non vlla crescat, crescat at modestia.  
 Non ergo plebis intumescant plausibus,  
 Nullis agatur mens item terroribus,  
 Quae infracta venti saeuientis impetu  
 Nequit moueri, ceu scopulus immanibus  
 Hinc inde et usque concitatus fluctibus.  
 Haec obsecramus has preces aure excipe  
 Deus benigna, haec nostra vota perface,  
 Haec nostra plectro personante carmina  
 Hos musa modulos, fuci inanes concinit,  
 Haec simplici oro voce, nec sanctis libet  
 Nec forte possum rebus alios quaerere  
 Simplex colores, omnis hinc fucus procul

Exterminetur omnis ornatus procul,  
 Comptique crines, nimiaque elegancia  
 Pulchra calamistris. Eruditis vatibus  
 Quos Itala terra nutrit, haec relinquimus  
 Hic Parma diues, hic potens Placentia  
 Opibus et armis et poetis incluta  
 Parthenope, et illo clara alumno Mantua  
 Cui graecia ingens non recusat cedere.  
 Cantus ad alta sydera suos euehent,  
 Hos inter aliquis aestuabit Delphico  
 Vates furore, atque altius modulos suos  
 In astra tollet, nuptiarum suscitans  
 Deum parentem, qui aduocabit omnium  
 Caetus Deorum. Hic tam beatas nuptias  
 Ac tam decoras occinet, et illas suis,  
 Panget camaenis. Hymen hic pulcherrimus  
 Hymen hymeneus hic Hymen iterabitur,  
 Io gestientis dulce gaudium exprimet,  
 Io repetitum millies, moesta omnia  
 Excutiet animis. Dum elegans vates Deum  
 Laetam coronam lectam in unum viderit,  
 Aulam superbam maximi scribet Iouis.  
 Pingetque variis quo sedebit fulgidum  
 Solium smaragdis, ac locabit ordine  
 Deos deasque, Iuno prima maximo  
 Superba fastu, pallas artibus micans,  
 Iouisque cerebro nata et armipotens dea  
 Materque amorum fronte radians fulgida,  
 Illi sedebit proxima. Hic phoebus, nouem  
 Splendore fulgens aureo, sororibus  
 Comitatus aderit. Liber et cinctus hederā  
 Pulchra iuuenta cuius aetas florida  
 Non consenescit tempore. Hic Maia satus  
 Roseo ore virgam dextera, talaria  
 Ornata gestans pedibus. Hi laeti suas  
 Tenuere sedes, solus vno non potest  
 Consistere loco Cypriae matris puer.  
 Cui pharetra ab humero spiculis pendet grauis  
 Gemmis et auro ornata quae foris nitet  
 Latet sed intus toxicum insanabile,  
 Arcusque eburnus molle qui corpus mouens  
 Gratos odores fundit, illum passibus  
 Aequis sequeuntur gratiae. Post coelites  
 Reliqui sedebunt, Iupiter tum regio  
 Perpauca solio. Laetus Himen me suis  
 Efflagitauit precibus, ut vos huc simul  
 Omnes vocarem, ut pauca coram diceret  
 Quae maximi ille affirmat esse ponderis.  
 Conspectus iste vester est gratus mihi,  
 Nec esse quicquam gratius certe potest.  
 Nunc ille referat, quae mons illum adegerit  
 Causa, ut senatum cogi in vnum optauerit  
 Himeneus oculos pulchriores fulgidis.  
 Stellis in altum tollit, ac veluti petens  
 Veniam, decenti sic profatur gratia.  
 Longum ante tempus Iuppiter diuum parens  
 Optaram, ut iste caetus ornatissimus  
 Huc conueniret, illa quae modo proferam

Iucunda vobis, sic enim fore arbitror,  
 Concessu in isto tum liceret pandere.  
 Sed obfuerunt summa rerum obstacula,  
 Data haec facultas nunc fauore est omnium  
 Ex quo secundos arguor rerum exitus.  
 Quare benignis excipite nostra auribus.  
 In gente Ibera quam superbus alluit  
 Fuluis arenis, maximisque opibus Tagus.  
 Longoque fessis cursu equis, vbi placidam  
 Phoebus quietem carpit. Aula in regia,  
 Est clara regum neptis, omni gratia  
 Omni decore ornata, et omni superior  
 Praeclara princeps laude. Cuius iam soror  
 Catarina iunior est duci Brigantiae  
 Locata, summa, Nympha in ista conspicio,  
 Immensa stupeo dona, quis potens nitet.  
 Quaerendus illi sponsus est par omnibus  
 Spectandus opibus, genere, fama, gratia  
 Magnusque princeps regio dignus thoro,  
 Latum per orbem, sed meos cum flecterem  
 Sollicitus oculos, cuncta rimans, perspicas.  
 Vigilque late conspicatus huic parem  
 Reperire nequii. At vos quibus mortalium  
 Est cura, castos qui thoros, et virginum  
 Pudorem amatis, hic mihi succurrite,  
 Aetas in illa floret, et vigor animi,  
 Matura iam viro, nihil simile tamen  
 Rerum illa mente voluit, harum conscia  
 Isabella mater, mater aulae regiae  
 Tali vocare nomine illam possumus  
 Matrona sancta, digna vestra est gratia  
 Vestro fauore, summa cuius gloria  
 Nil crescere meis vtiq; laudibus ponit,  
 Nec est necesse quidpiam hic referam palam  
 Quando illa vobis quam mihi ipsi est notior.  
 Hominum alta virtus nota diis est maxime  
 Huiusce natam collocare vos decet.  
 Hic phoebus ore tum micante rettulit,  
 Haec ista virgo prole nata regia  
 Curæ videtur quae tibi esse maximae,  
 Est tota nostra, hanc coetui nos iunximus  
 Nouem sororum, vt iure nunc decem queas  
 Numerare musas. Cui nouem quae hic assident  
 Cessere primum perfibenter iam locum.  
 Hic pariter assensere cunctae nutibus,  
 Vltroque palmas obtulere virgini.  
 Risere charites, ac simul coram explicant  
 Tres se extitisse, sed mons esse quattuor,  
 Quod virgini illi porrigant primum locum.  
 Tunc ipse coeli rector, os manu tegens  
 Subrisit, oculos ad cupidinem erigens.  
 Nec latitat illum quod furens egit puer.  
 Fortasse, vobis, caecus effatur Deus,  
 Perspecta summa non mea est potentia,  
 Nolite caecum spernere puerum. Omnia  
 Mea tela amantum in corda recta dirigo,  
 Nec quispiam hominum est qui meis se liberet.  
 Modo mihi placeat, facibus. Ego victor polo,

Victorque terris, victor incedo mari.  
 Acciuit illum mater ac placido sinu  
 Tenere fouebat, mille libans oscula  
 Roseis labellis. Tunc supremo Iuppiter  
 Solio profatus quae latebant prodidit.  
 Hic iste quem videtis in matris sinu  
 Modo recubantem, pro suo arbitrio potens  
 Cuncta moderatur, ille quo vult omnia  
 Permutat. Ille clari Alexandri Italis  
 Qui natus oris, nunc Iberas incolit  
 Vrbes, Philippi Regis inclytus nepos,  
 Cor molle teli cuspide affixit, iacet  
 Nunc vulnere graui, caeco et igni carpitur  
 Fruique uita non potest diutius,  
 Illi negetur nympa si pulcherrima.  
 Iaculator iste nympham eodem spiculo  
 Transfixit Illa sed tacita vulnus tegit,  
 Casto et pudore coelat occultam luem,  
 Sed illa serpit, nec potest diu tegi,  
 Quare iubemus vt beatis nuptiis  
 Faueatis omnes, atque amore maximo  
 Hos prosequamini haec mea est sententia.  
 Hic explicabit elegans vates Deum  
 Quanta illa fuerint gaudia, hic mille modulos  
 Hic mille cantus promet, hic dulci cheli  
 Sacraque Cythara Apollo clarus concinet,  
 Nouem et sorores, candidaeque gratiae,  
 Tacite at dolorem pectus itra suppriment  
 Iuno beabit opibus illam maximis,  
 Firmoque pallas pectore et sapientia,  
 Miro et decore et gratia mira venus  
 Illam expolabit, pectus eloquentia  
 Nepos Athlantis viuidum praemuniet  
 Carites et ipsa pytho in ore gratiam  
 Summam locabunt nemo non aliquid dabit  
 Rerumque promet omnium affluentiam  
 Donare larga cuncta qui potest manu,  
 Ab his ad alia transitu grato effluet,  
 Noster poeta, ac nil omittet sedulus.  
 Cum classis altum radet aequor Belgicas  
 Dum quaeret vrbes, occinent, Nereides  
 Tritonque laetus laeta panget carmina.  
 Nos ista at aliis deseramus vatibus,  
 Figmenta veterum queis poetarum placent  
 Queis floret aetas, pectoreque sanguis viget  
 Nostroque more deprecemur omnia  
 Mariae secunda. Virgo virginum inclyta  
 Materque Maria huic adsit, huic sit pro nuba,  
 Huic sit benigna et mitis aura, huic anchora  
 Tutela, prortus, ara, praesidium, decus.  
 Isabella mater hanc quidem desideret,  
 Sed prospere agere, sed beate viuere  
 Inter potentes laeta populos audiat.  
 Hanc Eduardus frater aereis potens  
 Visat cateruis, dum manu inuicta truces  
 Turcas adibit, aut redibit laureis  
 Cinctus coronis, omnium haec suspiriis  
 Vt nunc recedit, omnium sic plausibus

Excepta in oris sic triumphet Belgicis.  
 Ac post in Italis, vota quae pro virgine  
 Facimus beata, pro beato principe  
 Sponsoque facimus. Cuius vt formae decor  
 Est similis astris nocte candicantibus,  
 Sic summa virtus, clara tanget sydera  
 Auique famam aequabit altam Caroli  
 Vt rebus ille bellicis, ut gloria  
 Late micabit par auo illustrissimo,  
 Pietate uera sic auo ille antistiti  
 Rerum sacrarum maximo, similis erit,  
 Farnesiorum gloriam in coelum uehet,  
 Cuncta ergo fausta cuncta nos felicia  
 Optamus illi, cuncta foecundet Deus,  
 Vbi sponsus ergo candidos bellus pedes  
 Vbi bella plantas sponsa collocauerit,  
 Fiant uirentes uiolae, et hiacinthi et rosae  
 Fiantque thimi sarta, fiant lilia,  
 Fiatque mirtus dedicata Cypriae.  
 Tellus odores pulsa spiret indicos.  
 Cedant molesta cuncta, cedant nubila,  
 Procul recedat noctis obscurae chaos,  
 Lux clara ab alto semper illis fulgeat,  
 Sint cuncta laeta, cuncta sint felicia,  
 Haec ista claris uocibus proceres iuuent,  
 Iuuetque populus. Inter omnes maxime  
 Catarina magnis procreata regibus,  
 Regina regum mater, et regum soror,  
 Auique Regis maximi ac pulcherrimi,  
 Summisque clara dotibus matertera  
 Illa illa magnis expetita regibus,  
 Qua nullus vsquam est dignus inuentus tamen:  
 Iuuetque patruus ille florentissimus,  
 Henricus ille gentis Hispanae decus  
 Cui veluti Athlanci incumbit ingens Sarcina  
 Nec ipse te magnus ferre quam potest Athalas  
 Sebastianus, ille cuius aetas florida est  
 Et pauculi anni, summa sed maturitas,  
 Qualis fuisse nunquam in illa creditur  
 Aetate visu, quae in dies crescit magis.  
 Has clarus aether nuptias, hos florida  
 Tellus secundet, has maris vasti aequora.  
 His cuncta spirent, ac benigne consulant.  
 Sed maximi ille maximus rerum parens,  
 Est qui bonorum fons parennis omnium,  
 Qui primus animos stabili amore coniugum  
 Deuinxit, ille fausta promat omnia,  
 Et longum in aeuum vinculo firmo liget.  
 Perpetua et illos vinciat concordia,  
 Veroque amore vt alere possint liberos  
 Possint nepotes patribus dignos suis.

FINIS

[Diogo de Teive, *Epodon sive Jambicorum Carminum Libri tres*, Lisboa, 1565, II, fol. 41r-49v.]

**PARTIDA**  
**de Lisboa e entrada em Bruxelas da Princesa D. Maria.**

Sahio a Armada Real das saudosas prayas do Tejo em 14. de Setembro, consagrado à exaltação da Cruz de Christo, e surcando o Oceano, não muito distante da costa de Portugal se cerrou improvisamente o dia, e crescendo o vento se alterou de sorte o mar, que todos os navios impellidos do impeto da tempestade lutavaõ com as ondas, e vagavaõ espalhados sem governo, de que se seguio, que topando hum delles com a Capitania se abriu por diversas partes, e em cada huma dellas se via a sepultura dos navegantes. Distava pouco da Capitania este horroroso spectaculo, e como ouvisse a Princeza os lastimosos clamores dos naufragantes, chea de piedade, e commiseração mandou ao General da Armada, que salvasse promptamente aquelles miseraveis, que em cada onda bebiaõ a morte. Duvidava o General executar esta ordem receando, que com aquelle soccorro poderia expor a Princeza a hum evidente perigo; mas ella confiada na Divina protecção lhe seguiu, que para alcançar a serenidade desejada não havia outra esperança mais infallivel do que acodir a huma afflicção tão deploravel. Persuadido o General da efficacia destas vozes expedio lanchas e bateis para recolher aos naufragantes, os quaes tanto que entraraõ na Capitania se submergio o navio, que os levava, e para testemunho da heroica fé, e piedade da Princeza se converteo instantaneamente a furia da tormenta em serena tranquillidade. Poucos dias passaraõ, que a Armada não experimentasse outra tormenta, cujo furor obrigou ao General a arribar a hum dos portos de Inglaterra, e significando à Princeza, que mandasse cumprimentar a Rainha Isabel, que naquelle tempo com escandalo da Religião Catholica governava aquella Coroa, repugnou executar esta cerimonia por ser aquella Princeza inimiga declarada da Igreja Romana. Para alivio dos incommodos de tão molesta jornada pareceo conveniente, que a Princeza desembarcasse até que estivesse capaz o tempo de continuar; porém não approvaraõ esta resolução alguns Senhores da sua comitiva julgando não ser decoroso, que huma Princeza Catholica se expuzesse a algum desacato, que contra a sua Real pessoa podiaõ os hereges impiamente commetter, principalmente naquelles tempos, em que a liberdade, com que viviaõ, os fazia mais atrevidos, e petulantes. A este receyo fundado no amor, e na veneração respondeo a Princeza com animo verdadeiramente Catholico, que não era digna de que o Ceo lhe concedesse a coroa do martyrio lavrada por mãos tão sacrilegas, offerecendo a vida em obsequio da Fé, que professava.

Innumeraveis foraõ os argumentos de zelo Catholico, que em toda esta jornada manifestou o coração desta virtuosa Princeza. Entre a numerosa multidão de gente, que de hum, e de outro sexo concorria a ver a Armada, e muito mais a Serenissima Princeza, chegou uma mulher nobre com dous filhos ornados de gentil presença, e logo que os vio a Princeza não sómente os admittio com grande affecto, mas pedio à mãy permittisse, que os levasse em sua companhia, prometendo-lhe, que pelo amor, com que haviaõ ser tratados, não experimentariaõ a falta da sua assistencia; querendo com esta piedosa acção livrar da condemnação eterna aquellas duas almas, que pela impia educação de seus pays eternamente padeceriaõ. Ateou-se casualmente o fogo na Capitania, de cuja voracidade consternados os navegantes intentavaõ confusamente salvar huns as vidas, e outros as fazendas. Sahio da camera a Princeza, e lembrada de que não trazia hum cofre, que era deposito de varias Reliquias, abrazada de outro mayor incendio rompeo intrepidamente por entre as chammas a salvar da sua voracidade aquelle devoto thesouro, com o qual depois de extincto o fogo se restituiu à Capitania. Tanto que o tempo correo opportuno para proseguir a jornada levantou ferro a Armada, e chegando à Ilha de Zelanda em Middelbourgh no porto de Flessinga, onde costumaõ ancorar os navios de alto bordo, que vem a Flandres, lançou ancora em 2. de Novembro, e desembarcando a Princeza com o Conde, e a Condessa de Mansfelt, e todas as Damas, e Cavalheros, a estava esperando Monsignor di Buffo com huma numerosa comitiva de Gentis-homens, e a acompanhou por ser já noite com trezentas tochas. Assistio a Princeza em Middelbourgh sete dias para descançar da molestia padecida na jornada por espaço de cincoenta dias, e a este Lugar a mandou visitar sua sogra D. Margarida de Austria por Monsieur de Montigni, Cavalheiro do Tusaõ, e pelo seu Estribeiro mór o Marquez de Lecca-Corvo, e o mesmo obsequio praticou seu sogro o Duque de Parma Octavio Farnese pelo Conde de Troilo de S. Secondo.



De Middelbourgh partio a Princeza para Sas de Gante, onde estavam esperando seus moradores com hum sumptuoso banquete. Logo que o Principe Alexandre Farnesio recebeu a noticia certa de ser chegada a Flandres sua Esposa partio em 7. de Novembro com quarenta criados vestidos preciosamente, e o Principe de Orange, a quem esperava o Marquez de Berghes, e caminhando até Sas acharam ao Conde de Egmont. Cavalleiro do Tusaõ, que tinha vindo esperar com huma luzida comitiva a Princeza para a congratular da sua chegada àquelles Paizes. Desembarcou a Princeza em Sas, onde de huma janella occulto o Principe vio a S. Alteza, que foy conduzida pelo Cidadões de Gante ao Palacio, e em huma das suas falas Alexandre Farnesio acompanhado do Principe de Orange, Conde de Egmont, Marquez de Berghes, Monsieur de Montigni, Monsieur de Sameri, Mordomo de Madama Margarida, e outros Cavalheiros, cumprimentou a Princeza com profunda reverencia, e querendo o Principe beijar-lhe a mão, o não consentio, e fallando-lhe em lingua Hespanhola, que a sabia taõ perfeitamente como a materna, conservou entre o decóro da Magestade tal modestia no semblante, que não levantou os olhos para o Principe em todo o tempo, que duraram estas politicas ceremonias. Partio a Princeza em 10. de Novembro para Bruxellas, onde foy recebida entre applausos, e affectos por seu sogro o Duque Octavio Farnesio, a quem acompanhavam o Principe de Orange, o Duque de Arescot, o Conde de Orn, Almirante do mar, o Marquez de Berghes, o Conde de Meghen, e dos Cavalheiros daquelles Paizes, os Condes de Nassau, de Strambourg, de Ligni, e de Reus, e outros muitos Fidalgos, que para distincção das suas pessoas traziam por equipagem cento e cincoenta cavallos preciosamente ajaezados. Entre este magnifico concurso vinham quarenta Gentis-homens de Casa da Princeza Margarida de Austria, montados em cavallos cubertos de veludo carmezim.

Às portas da Cidade de Bruxellas estavam quatro coches, entre os quaes se admirava hum de admiravel architectura. entalhado todo de primoroso relevo com quatro estatuas que serviam nos angulos de termos. Os capiteis, e a cornija eram de obra Corinthia; o forro de preciosissimo brocado; as cortinas de tela encarnada, orladas de grandes franções de ouro, participando deste precioso ornato as cuberturas e jaezes dos cavallos. Nesta carroça entrou S. Alteza com a Condessa de Mansfelt, e huma Dama Portugueza, e acompanhada de todos os Cavalheiros, e Senhoras, que a seguiam entrou em Bruxellas, a cujas portas, por ser já noite a estavam esperando os pagens do Principe seu Esposo vestidos de veludo carmezim bordado de ouro, e prata, com tochas acesas, e a conduziram ao Palacio, que estava illuminado com o reflexo de tantas luzes, que parecia a noite dia. Trajava a Princeza huma roupa branca, bordada de ouro batido, preza com hum cinto de preciosas pedras. Compunha-se o tocado de admiraveis diamantes, rubis, e esmeraldas, cuja brilhante confusão cegava os olhos de quem a queria contemplar. Na primeira sala do Palacio a estava esperando a Princeza D. Margarida com seu filho Alexandre Farnesio, aos quaes fazia Corte D. Diogo de Gusmaõ da Sylva, Embaixador delRey Catholico, o Conde de Egmont, a Princeza de Orange, as Condessas de S. Secondo, e de Caorsa, e outras muitas Damas, e Senhoras da primeira grandeza. Acompanhava a S. Alteza o Conde de Mansfelt, D. Manoel de Almada, Bispo de Angra, e D. Diogo de Mendonça, e tanto que a avistou D. Margarida de Austria desceu alguns degraus a buscar a Princeza, que lhe fez duas cortezas com tanto garbo, que arrebatou os affectos dos circunstantes, e querendo beijar-lhe a mão, o não consentio D. Margarida; antes levantando-a nos braços a beijou na face, e pondo-a à sua mão direita a conduziu à Capella Real, onde estavam duas almofadas de brocado, sobre as quaes fizeram oração, a qual acabada, chegou o Principe Alexandre Farnesio, e posto de joelhos com a Princeza sua Esposa receberam da mão de Arcebispo de Cambray Maximiliano de Bergés as benções nupciaes, para cuja cerimonia meteo entre os dedos dos dous Principes hum anel de valor de dez mil cruzados, e no fim deste acto se ouviu huma harmoniosa consonancia de instrumentos, que publicavam o jubilo de taõ festivo dia. Estava preparado hum esplendido banquete em huma galaria do Palacio, para onde conduziu a Princeza Margarida a sua nora, em que assistiram todos os Principes, e Cavalheiros de ambos os sexos, que tinham concorrido a esta plausivel função. No fim do banquete houve hum baile, em que dançou o Principe com a Princeza, e como no vestido tivesse huma cauda de extraordinaria grandeza, para lhe não servir de embaraço ao movimento a envolveo com tal garbo no braço, que suspendeo os olhos de todos os circunstantes. Prosseguiram este divertimento os outros Principes, e Cavalheiros em que se consumio a mayor parte da noite. Ao dia seguinte 12. de Novembro celebrou Missa de Pontifical o Arcebispo de Cambray na Capella Real, a que assistiram os dous Principes debaixo de um precioso docel. Quizeram o Duque Octavio, e Madama Margarida testemunhar o affecto, com que amavam a

sua nora, e para demonstração delle lhe mandaraõ hum adereço de pedras preciosas de valor de vinte e cinco mil cruzados; vinte e cinco pellas de brocado de ouro, primorosamente lavrado em Milão, e Florença; dez pellas de tã de ouro, dez de prata, e dezasseis tecidas de ambos estes metaes.

Huma das mais soberbas fabricas, que tem a Europa, he o Palacio de Bruxellas, sendo taõ espaçosa a sua grandeza, que no mesmo tempo se hospedaraõ em diversos quartos o Emperador, e seu filho o Príncipe de Hespanha; o Duque de Saboya; as Rainhas D. Maria, e D. Leonor; a Duqueza de Lorena com o numero de criados competentes à soberania de taes pessoas. Em huma sala deste magnifico Palacio, que tinha de comprimento settenta passos, vinte e oito de largo, e trinta de alto se levantou huma mesa sobre tres degraus de doze passos de largo, e vinte e oito de comprido para nella comerem os Príncipes, a qual para mais decente ornato estava cercada de huma balaustrada; e na parte inferior outra mesa do comprimentos de toda a casa, em que haviaõ comer todos os Cavalheros, e Damas que assistiraõ a estes desposorios. Nos angulos da casa se admiravaõ quatro copas ornadas de todo o genero de pellas de ouro, e prata, com tanta delicadeza fabricadas, que eraõ mais estimaveis pelo artificio, que pela materia; e entre ellas se via com mayor admiracão huma grande taça de ouro, que fora tomada a ElRey de França Francisco Primeiro na batalha de Pavia. Cobria as paredes desta espaçosa sala huma preciosissima tapessaria tecida de ouro, e seda, em que se representava a Historia de Gedeão, onde as figuras estavaõ taõ animadas pelo artifice, que só lhe faltavaõ fallar para serem vivas. Augmentavaõ os reflexos de tanto ouro, e prata as brilhantes luzes, que ardiaõ em cento e trinta e quatro candieiros de diferentes fórmas. Despojaraõ-se os montes, os bosques, e os rios para regalo, e abundancia dos convidados, que assitiaõ neste suptuoso banquete. Conduziraõ-se os vinhos de todas as partes em que a natureza os fez mais generosos, como eraõ as Malvazias da Ilha da Madeira, e Candea; os Claretos de França, Artois e Borgonha; os Gregos de Napoles, e Romania. Por espaço de quinze dias trabalharaõ cento e dez cozinheiros nas viandas, e iguarias, que haviaõ ornar as mesas, competindo a delicadeza com a abundancia. Seria empreza difficil relatar individualmente a magnifica profusaõ ostentada nos banquetes, justas, e torneys pelos Príncipes, e Cavalheros de Bruxellas, Flandres, Artois, Cambray, Lucemburg, Gueldres, e Hollanda em obsequio destes augustos desposorios. As machinas, que se levantaraõ para demonstracão do seu jubilo animadas com inscripções allusivas à prosperidade dos dous Soberanos Consortes; os carros triunfaes, em que as Divindades Gentilicas confessavaõ a sua obediencia ao imperio daquelles Príncipes; e as poesias, com que os povos pelas vozes de metricos acentos explicaraõ a sinceridade dos seus votos.

Coroou-se toda esta pomposa magnificencia com a funçãõ mais solemne, que se podia desejar. Chegou a Vespera do Apostolo Santo André, Padroeiro da Ordem do Tusaõ, e todos os seus Cavalleiros, que se achavaõ em Bruxellas, se juntaraõ na Capella Real, e se sentaraõ sem disputarem a precedencia, como lhes ordenaõ os seus Estatutos; de tal sorte, que se concorrerem Reys, que sejaõ Cavalleiros da Ordem, cono naquelle tempo eraõ D. Fernando de Austria, ElRey de Boemia, ElRey de Polonia, ElRey de França, e ElRey de Castilla, não precedem no lugar aos que saõ mais antigos na Ordem. Os Cavalleiros desta insigne Ordem, que estiveraõ presentes, eraõ o Duque Octavio Farnese; o Principe de Gaure, e Conde de Egmont, Governador de Flandres, e Artois; o Conde de Mansfelt, Governador de Lucemburg; o Conde de Aremberg, Governador de Frizia; Philippe de Croy, Duque de Arescot; o Senhor de Barlemont, Governador de Gueldres; o Conde de Orn, Almirante do mar; o Marquez de Berghes, Governador de Henau; o Principe de Orange, Governador de Hollanda, e Zelanda; o Conde de Frizia Oriental, Governador de Limburgo; Florencio de Memoranci, Senhor de Montigni, Governador de Tornay; o Conde de Ligni; e o Conde de Hocstrat, os quaes assistiraõ às Vesperas sentados, que cantou o Abbade de Filighen, officiadas por grande numero de Ministros, e mayor de vozes, e instrumentos, estando presente o Bispo D. Manoel de Almada em hum banco cuberto de veludo fronteiro aonde estavaõ os Cavalleiros. Ao dia seguinte, dedicado ao Santo Apostolo, vieraõ todos os Cavalleiros vestidos de cerimonia com as insignias da Ordem, e ornados de preciosa pedraria, e entrando na Camera de Madama Margarida, que estava com a Princeza, as foraõ conduzindo, e acompanhando de dous em dous até a Capella para assistirem à celebração da Missa, que foy cantada com trinta e seis vozes, e grande multidaõ de instrumentos, onde a variedade não offendia a consonancia. Ao offertorio se levantaraõ todos os Cavalleiros, e de dous em dous fizeraõ obsequiosas reverencias à Princeza, que as recebia com agradavel modestia, renovando-se com estes obsequios a illustre memoria de que naquelle dia, em que se cumpriaõ cento e trinta e quatro annos fora instituida taõ

insigne Ordem em veneração de outra Princeza de Portugal, qual foy a Serenissima Infanta D. Isabel, filha do nosso invicto Monarcha D. João o Primeiro, quando em Bruges se despozou com Filippe Terceiro, Conde de Flandres, e Duque de Borgonha. Acabada a Missa conduzirão os Cavalleiros até o Palacio a Princeza na mesma fôrma, que tinhaõ vindo, onde estava preparado hum banquete, que na magestade, e abundancia era superior a todos os que se tinhaõ dado, desprezando o appetite as iguarias mais delicadas por estarem suspensos os ouvidos com a harmonia dos instrumentos. De tarde se fez na Camera da Madama hum bayle, em que entraraõ cincoenta e duas Senhoras da primeira grandeza, vestidas com taõ precioso, e exquisito ornato, que não podiaõ os olhos desejar mais agradavel espectaculo.

Chegou finalmente o dia, em que a Princeza havia deixar aquelles Estados, e foy incrível o sentimento, com que a nação Flamenga lamentou a ausencia de taõ amavel Senhora, sendo escusada a Magestade para dominar a todos os corações, conservando-se nelles taõ saudosa memoria das suas virtudes, que foy inexplicavel o alvoroço, que conceberaõ com a noticia de que hia governar aquelles Paizes, quando o foy segunda vez sua sogra D. Margarida de Austria. Entrou em Parma a 24. de Junho de 1566. onde a esperavaõ com grande ancia os seus Vassallos, competindo a fineza dos seus affectos com a magnificencia de sumptuosas fabricas, que erigiraõ para dignamente receber a sua Princeza, de cujas heroicas virtudes aprendeo aquella Corte taõ altos documentos, que serviraõ de reformação aos costumes. As acções virtuosas, que esta insigne Princeza exercitou no espaço de onze annos, que viveo em Parma, foraõ argumento das pennas de muitos Escritores, das quaes para que sejaõ exemplar eterno das Testas Coroadas formaremos hum elogio quando chegarmos com estas Memorias ao anno de 1577. no qual recebeo no Empyreo a coroa merecida pela santidade das suas obras.

CARTA

do Padre Sebastião de Moraes de Parma pera hum Padre de Sam Roque a 12 de Agosto de 1566.

Pax Christi etc.

Continuando com a derradeira que foi a nossa partida partimos a des de Maio de Brusselas buscar esta parma e esta perlacencia certo com tanto trabalho que merecia boa palma. Forte Italia he esta que tanto custou a Aeneas querer reinar nella e tanto passou por mar e por terra e tanto custa ainda a quem não a quer reinar. Ora emfim chegamos ao cabo depois de caminhar 40. e sinquo dias, boa parte de Alemanha a Baixa e polo meio da alta e parte da belá Lombardia, boa peregrinação pera curiozos de uer mundo mas bemaumentado quem menos ue e sabe delle nem ueio que bem se sigua de o uer senão he aborrecelo conhecendo qual he. Diga *Vossa Reuerencia* ao Padre Ignatio que brade bem por esses pulpitos e se aqueixe como não são sanctos os que uirão o Mundo e tratarão no passo. Eu cuidaua que erão palauras e gracas o que escreue o eloquente espanhol Gueuara no seu Relogio dos Principes das miserias e trabalhos dos Cortezãos mas ia sei que he mais do que dizem e bem podia fazer huma boa addição a sua obra ainda que não podia chegar ao estilo e eloquencia. Mas tornando a continuar fomonos a pequenas jornadas apartando da baixa Alemanha e de boa uontade nos apartuamos della polla terra estar tão mal como escreui a *Vossa Reverencia* caminhamos cedo e a tarde e não tão pouquo que eram 4.5 legoas Tudescas que são tamanhas como não sei que. Viemos gosando o bem daquella terra porque as manhaãs porque mais que madrugauamos achauamos os Roixinois polas estradas e nos bosques que os ha mui frescos en toda a Alemanha assi alta como baxa que nos recebião com as suas suauissimas musicas e despedião iuntamente pareciam que lhe entendia á letra que cantauão. *Ite felices* e quando bradauão ou entoauão seus altos parecia que dizião: *Fugite crudelles terras et littres auarum* etc. Ainda na baxa alemanha passamos por huma Cidade que se chama Aquisgrana onde se coroão os Emperadores com a Coroa primeira de ferro e ainda que não he das mais celebres he todauia assi por esta cauza, como tambem polo riquissimo thesouro de Riliquias que ha na See. E por sua antigidade digna de ser mui conhecida. Por mandado do Bispo do Lege (que he principe do Imperio e grande Senhor) e recebeo a Princeza em suas terras com Magnificencia Real.) se mostrarão estos thesouros a Princeza consolome com o que ui e quero que me dure o gosto emquanto escreuo e por isso o direy. Ha naquella Igreja Padre meu o que se não pode contar tudo ali trazido por Emperadores. Espinhos daquella altissima Coroa que coroou o Emperador do Ceo e terra e huma pequenina de carne que com a forza dos acoutes ou espinhos se despedio daquelle Sacratissimo Corpo, a qual se não pode uer sem forcar a lagrimas. Esta a Corda com que foi atado Christo Nosso Senhor he de linho e delgada. Esta o proprio cinto con que se sengia Christo Nosso Senhor inteiro he huma correa simples de couro branco de cordouão me pareceo. Esta celado com o celo de Constantino por sua mão. Esta o pano inteiro que cubrio a Christo Nosso Senhor naquelle grande desamparo seu e nudeza quando espirou na Crus: foi aqui tanta a deuacão da Princeza e de todos os que ai estauão que me rogou que lhe tomasse hum fio pequenino e assi o fis meio com uontade dos Conegos meio sem uontade. Quem teria Padre paciencia a uer este pano que entre as creaturas todas não ueio outra que acudisse a seu Deos en tão grande nudeza senão esse pano pois quem no ueria que o não dezeiasse comer e meter na alma. He de linho como huma das toalhas que se la trazem não esta gastado bem que logo mostra antigidade e tambem mostra que cobrio hum corpo ensanguentado qual estaua o de Christo. Estão Padre meu aquelles coeirinhos com que enuolueo Nossa Senhora o Menino Jesu. Não me fartaua de os beijar e tocar com a boca. Quizer a Princeza levar hum bocado mas disseme que tiuera escrupolo mas não perdoara a tal golodice são de hum pano como feltro branco ali se tem por certo que forão calcas de Sam Joseph. O Pobreza de Deos por nos enriquecer. Vimos huma camiza inteira de Nossa Senhora e paresse que deuia ser camiza que trazia em cima do uestido branca etc. bem que parece com pano da India não muito fino mas mediocre e chão no cabo tinha hum certo lauor chão branco. O cinto com que se singia que he branco de linhas bem feito. Huma toalha emcopada em

sangue de Sam João Baptista e outras muitas que não se podem escrever. Mostranse estas reliquias de sete em sete annos e foi grande fauor mostrarense á Princeza. Estão muitos Imperadores enterados e Carlo Magno ao menos cabeça, mão, espada, etc. E foi certo mui grande da estatura.

Assi nos fomos chegando a Colonia Cidade das principais da Alemanha. (Não sofre carta mais que ir contando a *Vossa Reuerencia* algumas couzas principais e que me parece darão relação a *Vossa Reuerencia* e aos mais Padres e Irmãos porisso uou soltando o que andei passeando). Foi esta cidade ia mais abundante de Herejes do que agora he louuado seia Nosso Senhor porque não podem pregar dentro na Cidade disto he comum uos dos Bons que são boa parte com a ajuda de Nosso Senhor. Temos ahi hum Collegio de bom numero e doutos e tem muitos estudantes que se confessão com tanta deligencia como em qualquer Collegio da Companhia em Portugal e guardão as mais regras dos Estudantes da Companhia. A Uniuersidade que ali auia quasi esta consumida e assi ueio que hão de uir offercer tudo aos nossos e muito he que não tem huma renda e todauia se sustenta tambem. Estão as Reliquias com muita ueneração e são frequentadas as Igrejas e uisitadas as Reliquias ja *Vossa Reuerencia* sabera quam rica he esta Cidade desta mercadoria. Visitamos algumas que todas não era posiuel senão em muitos dias como a Igreja maior que he hum fermoso e grande Templo o maior que tenho uisto não he acabado mandou fazer Sancta Helena. Ali estão enterrados os corpos dos tres Reis Magos. Vimos o Templo de Sancta Ursula que esta todo armado da mais rica tapeçaria que pode auer no Mundo que he dos mesmos ossos e Cabeças daquella Angelica Companhia com huma Rede que os tem mão e esta dentro huma Capela que chamão Aarca que esta chea de Cabeças encastoadas em ouro. A daquelle Capitão deste exercito Sancta Ursula. Aqui disse Missa com muita consolação de minha alma porque tem aquella Capella algum influxo do Ceo de deuação. Visitamos a dos sete Machabeos onde uimos seus proprios corpos. He este o proprio lugar onde foi o Martirio das onze mil Virgens que esta da mesma maneira ornado da tepecaria e toda a Igreja esta chea de tumbas de ossos e sangue etc. Aqui esta tambem o proprio uero de Nossa Senhora que teue ao pe da crus. He de hum pano de linho mediocre e outras muitas que não posso escrever. Alguns Portugezes furtauão outros tinham escrupulo mas de feito o furto eu lhe perdoaua. Aqui fes o Padre Reitor auer huma Cabeça pera a princeza e ouuera muitas mas acertou de não ser presente a Abadessa da Sancta que estaua fora da Cidade sem a qual se não podem dar. Bem me alembrou Sam Roque alguma couza negoceei tudo a seu tempo. Daqui nos fomos algumas jornadas em barcas polo Rio Reno que creio he o mais ameno e mais fertil que ha no mundo porque todas as ribeiras fraldas das serras de huma parte e doutra estão occupadas de uinhas e bosques. Eu folgaua mais de ir por terra ao longo do rio porque uinha mui impetuozo pera baxo e os barqueiros ião deuagar. Esta este rio acompanhado de huma parte e doutra de muitas Cidades, e Vilas e muitos Castelos polos altos e as uezes no meio do rio todos mui fortes e mui bem assentados e isto a cada duas tres quatro legoas e em muitas partes a cada legoa a cada meia legoa parece couza pintada. Desta boa terra quasi toda que he mui grande he Senhor o Conde Palatino Principe Elector do Imperio depois passamos polas terras de Saxonia. O Duque Olemters por cuias terras passamos mandou receber mui bem a Princeza por suas terras com gente e gasto etc. E o mesmo todos os Principes por cuias terras passauão porque são os alemais como *Vossa Reuerencia* sabe liberaes magníficos etc. tambem o Conde Palatino do Reno de que falei asima uinha de Augusta da dieta e ueio em companhia de seu filho a uisitar a princeza e se apeou e ueio as andas dizendo que lhe pezaua não se ter achado em suas terras pera a agasalhar como dezeitaua mas o que lhe caio em muita graça que lhe disse que elle rogaria a Deos que lhe desse boa uiagem todos nos rimos porque he hereje por entre esta boa gente uiemos caminhando todauia consolauame que os uia frios e pouco zelosos de sua seita e não sabem que crem ainda os mesmos pregadores seus como experimentados pregão friamente eu creio que com Deos dar alguns bons principes e catholicos em Alemanha que toda sera remediada porque quasi todos estão como forçados e não se entendem. E fora daquelle fervor heretico e assi lhes espero remedio Deos ajude por quem he.

A Princeza todos os dias ouuia missão senão forão alguns dias poucos que se não pode mais fazer. Caminhando noso caminho por Augusta pera a Princeza ahi uer o Imperador e a Imperatris. huma Jornada antes de Augusta que mandou o Cardeal de Augusta que estaua em Delingua Cidade sua uisitar a Princeza e por seu Confessor que hum Padre da Companhia antiguo Espanhol que se chama Luis porque lhe fosse mais grata a visitação e porque he pera de quem elle faz muita conta uinha acompanhado de alguns trinta de caualo

hia eu diante com huma ou duas pessoas porque este he ca mui caminhar não sei como me conheceu e eu me ui asaz embarcado no principio e porque a Princeza não podia ir por Delingua como lhe mandaua pedir o Cardeal me fui eu com o Padre a Delingua por me consolar e uer hum nosso Collegio que ali tem feito o Cardeal. Certo acertei muito em ir por conhecer aquelle tão bom prelado de Alemanha tão nosso amigo e tão zeloso recebeome tam bem que saberia dizer. Beije-lhe a mão por sua dignidade e obrigação minha e elle tambem ma beijou por sua humildade de que não pude defender tem feito alli hum bom Collegio e huniuersidade he outra Euora sem falta. Estiue ali quasi dia e noite mas fes o Cardeal huma ma obra que me fes comer e dormir no paco e não me deu tempo pera uer bem os Irmãos e Padres. Mostroume seu thesouro de Reliquias que he couza pera pasmar. E de agastado de a Princeza não ir por la nem a ella nem a mim deu nada bem que he elle disto mui bem auaro que nem a Imperatriz deu huma Reliquia que lhe pedio. O dia seguinte uim ter a Augusta aonde estaua a Princeza que foi bem recebida do Emperador e Emperatrix duque de Saboia e outros Principes que ahi estauão ainda que os mais erão idos por ser acabada a Dieta na qual ainda que se não fes muito bem ao menos se impedio muito mal porque se tratou da Religião. E isto se perguntou por iustas cauzas. O Duque de Bauaria era dos Catholicos e mui Catholico que quando em suas terras entramos parece que saíamos do Inferno e entrauamos no Parayso e assi tratarão doutras couzas que fazião ao bem do Imperio tambem se seguiu hum grande bem porque os Herejes parece cudando que terião ao Imperador da sua parte entre outras couzas que lhe pedirão era huma que se declarasse. Elle se declarou por muito Catholico como dezeitaua morrer na fee catholica romana e essa confessaua e confessaria ate morte etc. Da qual declaração elles fiquarão mal contentes com os catholicos mui animados. Folgauão de se aconselhar com os nossos e estauão ali o Padre Doutor Canisio, o Padre Mestre Nadal, o Padre Doutor Ledesma que uierão de Roma mandados do Papa pera tambem aconselhar o Legado do Sumo Pontifice o Padre Nadal não o ui porque era ido uisitar os Collegios de Alemanha todauia se conuerteo hum pregador Luterano dos que uierão com o Duque de Saxonia que ueio acompanhado de 800 caualos com elle ueio hum homem honrrado e de sua caza mui Catholico e sempre o foi. Este parece que por uelho honrrado o deixarão uiuer. Diziãoome os Padres que poim tão bons argumentos aos Herejes que os fazem aiuntar pera responder porque tem algumas letras e mui bom iuizo. Tambem se reduzio hum Conde cuias terras todas perdidas mas não se ouza ategora a declarar cedo o fara e assi espero em Deos que ei de uer ou ouuir que se redus Alemanha porque ueio que muitos Padres da Companhia e que tem muito feito nela como ui em Augusta que foi tão chea de Herejes que nenhum ouzaua confessarse por Catholico agora louuado Nosso Senhor andão mui animados os Catholicos muitos se tem reduzidos. As Igrejas dos Catholicos são frequentadas e celebrarão seu diuinos offiços, tem aqui muito feito os nossos em special o Padre Canisio que me pareco dignissimo do nome que tem em toda a parte. Prega com outro Padre na Igreja maior o dia do spiritu Sancto que ahi estiue certo que me parecia huma terra de Espanha tiuerão os Padres que ali estauão bem fazer nas confissõis e eu me moui a ajudar e confessei sinquo ou seis dei a comunhão a alguns 20 ou 30 pessoas e mais não foi destes nenhum portugueses muitos comungarão em huma Igreja pequena onde celebrão os Padres, muita confianca tenho em Deos primeiramente e depois nos Ministros bons da Companhia polo que ui que sera como digo porque tambem em Spyra que he Cidade mui principal imperial por onde passamos esta o Padre Reitor do Collegio de Maguncia que ahi prega na See e se dis publicamente que tem remediada aquella Cidade de perdida que estaua porque creio que he mais soberba esta gente de toda Alemanha e esta fama tem. Não deixarei de contar ainda que ua fora de fio huma couza que ui em Spyra na Igreja major. Esta huma imagem de Nossa Senhora que falou a Sam Bernardo. He isto couza tão certa que confissão os mesmos Herejes o qual uindo por aqui estaua ahi na Cidade a Corte do Emperador que o recebeo com todo o pouo. Elle se quis ir a Igreja e entrando se pos de joelhos a entrada da porta e disse. *O Clemens*. depois no meio da igreja dizendo. *O Pia*. E iunto da Imagem a terceira ues. *O Dulcis Virgo Maria*. a imagem se lhe inclinou e lhe disse alto o ouuiu todo o pouo. *Bene uenisti Bernarde*. Fas notauel deuiação uela. Daqui de Augusta nos partimos nosso caminho a primeira oitaua do Spirito Sancto e dahi por diante louuado Nosso Senhor não estauão as terras tão perdidas e quanto mais nos iamos chegando a Italia milhores e tudo são continuando o caminho mais direito a Espruach que he huma mui linda terra e Corte Imperial que foi do

Emperador Fernando me lembra que passamos por huma Vila pequena onde ui huma couza notauel e muito pera saberem os Fidalgos portuguezes que nem com Deus querem decer de seus pontos chamase o lugar Scelfed. Auera se bem me lembra alguns duzentos annos que hum Senhor de hum Castelo o principal uindo o dia de pascoa que auia de comungar parece que quis o Padre que comungasse com outros. Elle pareceolhe que não conuinha a sua fidalgia e disse que lhe desse parece a elle so o Sacramento e mais que auia de ser huma Hostia grande como a que consume o Sacerdote, o Sacerdote parece que com medo fes o que elle quis e estando o bom Fidalgo pera comungar e o Sacerdote pera lhe dar a Hostia e ia lha punha na boca. Eis que a terra se abre iunto delle como pera o soruer pois ouzaua o soberbo receber a Deos tão humilde e na hostia começarão apparecer gotas de sangue como que suaua de entrar em tão soberba alma e a terra queria uingar a Deos tornou este homem en si apegandose ao altar bradando misericordia. Dahi o leuarão em bracos e dahi a pouquo morreo. E bem a Deos lououres ficou a terra ategora assi aberta e o sinal da mão no altar e o que espanta a mesma Hostia com as mesmas gotas de sangue nella e de maneira que parece a teue na boca grão gerra fazem Deos os Soberbos grande Ousadia de hum Soberbo atreuerse com Deos dentro em Caza.

Aqui achei huns seis Padres da Companhia que uinhão de Italia e ião a Delingua entre elles ia hum portuges. O Padre Pais esteue não a muito em Portugal a Caza uierão ter comigo porque os deitauão fora da Villa que não auia gasalho porque se aposentaua ahi esta noite a Princeza a qual mandou logo chamar e mandou assentar ao Portuges e emfim os mandou bem agasalhar. Chegamos a Espruach que he como disse huma Cidade mui fresca aqui temos hum mediocre Collegio e melhor fora se uiuera mais o Emperador Dom Fernando porque esse o edificaua de nouo hum belo Collegio. Estão aqui tres suas filhas irmãs do Emperador que fazem uida sancta e confessãose as duas cada oito dias e a outra a cada mes com os nossos Padres são frequentes em nossa Igreja quizerás em Lisboa pera tirar o medo a gente honrada de frequentar os Sacramentos. Muito me consolei com o Padre Doutor Canisio que ahi achei passamos tambem por Trento que folgei muito de uer o bom nome que tem nesta terra e em todas por onde passamos deixarão os Portugeses e em especial o senhor Embaxador que nos perguntauão por elle por as ruas com dizerem delle e dos senhores seus sobrinhos mil bens e assi de todos os mais. O senhor Dioguo de Paiua crea *Vossa Reuerencia* que não sei dizer o nome que ca tem em toda Alemanha de letras emfim tem no na conta que he rezão. Ho galante do Chennitri lhe respondeo agora ao seu livro e he huma grande a quem chama o Soberbo Hereje. Examen consilij tridentini etc. Creio lhe dara boa occupação e proueitosa responderlhe. O Padre Nadal de Augusta mandou o liuro ao Cardeal por seia de Frandes pera lho dar por ir assi mais seguro *Vossa Reuerencia* se o uir lhe offrega minhas encomendas se lhe bem parecer. Tambem me consolei muito de uer aquelle lugar onde ouue tão special assistencia do Spirito Sancto etc. O dia de Corpus Christi não podemos aqui ser como dezeíamos mas o tiuemos em huma Villa a quem huma jornada do Arceduque de Austria fizerão huma solenissima festa. A Princeza se confessou e comungou esse dia com muita edificacão da gente e assi nos entramos por esta gauada Lombardia uiemos descansar huns tres ou quatro dias nas ribeiras de Lago Guarda que são muito frescas e á laranjas e cidras etc. Esta huma Insula dentro no meio em que esta so hum Mosteiro de Religiozos de Sam Francisco que primeiro habitou Sam Bernardino. Esta huma lapa em que esta hum altar em que celebraua he lugar amenissimo e mui apto pera contemplacão e estudos e assi aqui floreceo e leo muito tempo o grande Escotista Liqueta e aqui compos sua obra agasalharãome hum dia e noite que estiue em huma camara pintada de gerras de Escotistas com Thomistas etc. Logo começaraõ acorrer os Embaxadores de Parma e Placencia fazião suas oracois artificiozas, o de Placencia ueio com huma bella inuensão disse que não sabia que dizer senão o que a Anjo dicera a Nossa Senhora *Aue Maria a gratia plena* e disse tanto sobre o gracia plena quanto não dizem os Sermonarios todos juntos. E das festas não queira *Vossa Reuerencia* saber mais forão certo muitas que fizerão a esta Senhora todos os Principes por cuias terras passou de presentes. As Uillas e Cidades e Principes mandauão gente que acompanhasse em suas terras fazião agasalho etc. mas de His nihil ad nos, emfim seia Deos muito louuado chegei a Parma achei aqui hum pequeno Collegio chamasse Sam Roque pareceo en tudo com esse na Igreja e no mais senão he que este tem Sam Roque no Altar mor ela tem no na Capela que serue mais huma ues

no anno achei hum Padre Portugues que se chama Gaspar Rodriguez que ha muitos annos que por ca anda e fala tam bem portuges como eu Italiano emfim tudo achei e todos. O Padre Geral me escreueu que agora polas calmas não me mouesse e passadas nos uiriamos em Roma seia de mim e de todos o que mais seruico e gloria de Deos. Não mais Padre meu não mais ueio a pena cansada o papel gastado e dezeio de falar com *Vossa Reuerencia* agora comecaua mas he uerdade que todo o gosto ade ter fim na tera por isso demolo por acabado. Facama *Vossa Reuerencia* Charidade de guardar esta carta melhor depois que a ler ate que á mande aos Irmãos de Coimbra e dos outros Collegios que a quizerem uer porque sinto em mim que me fas Deos por elles muitas merces pecame huma grande bênção o Padre Prouincial e ao Padre Luis Gonçalves. Deus de a *Vossa Reuerencia* muito de seu amor Amem. De Parma a 12 de Agosto de 1566.

[*Memorial de Várias Cartas e Cousas de Edificação dos da Companhia de Jesus*. (Reconstituição do texto e nota preliminar de José Pinto), Porto, 1942, 60-69.]



**DEDICATÓRIA**  
**da Exposição do Simbolo dos Apostolos (Lisboa, 1566), de João de Cointa a**  
**D. Maria**

A Serenissima e muy alta Senhora a Senhora Dona Maria princesa de Parma & Plazencia regente de Frãdes Borgonha Brabante & Holanda &cetera J. C. des Bolez.

Posto que nessas partes de Aquilão, tem V. A. aqueles dous escolhidos generos de lotos, que a douta antiquidade finge ser fruta de tão sabor que por ella se esqueça a doce patria & a cara casa paterna (isso he o alto dominio polo qual mais queria viuer Iulio Cezar en as Alpes, que en Roma, & o amado coniugio que desterrou tantas nymfas de suas terras, pelo qual enicitou Ulisses a Imortalidade (si creemos aos poetas) que Circe & Calipso le promitião & a Reynha Dido se matou pera hir viuer no inferno cõ seu amado Sicteo. Parecendo me toda via ser impossivel que a V. A. não fiquasse sabor & amor aa fruta do pomar onde se ella criou. De Lixboa lhe embio esta para seu desenfadamento & pera antidoto aos seus contra a mortal epidimia & pestilente lepra que dos Reynos comarcãos por arte de Sathan se va achegando aas terras de sua diçam. Ho açafate he pequeno mas a fruta he excelente, a obra he de poucas palauras, mais de muita doutrina, & tal he bastante pera mostrar a obediencia que lhe tenho é deuo é a lembrança dos cõtinuos fauores é quotidianas merces que do Serenissimo Senhor ó Senhor Dõ Duarte seu irmão recebo, principe dino doutro segre se por elle este não fora milhorado esclarecido & ordenado. Viua V. A. muitos annos é neste parindo hum principe varão, seja cõsumada nossa alegria é cõpridos seus dezejões.

[*CATHOLICA* -E religiosa amoestação á asubjetar, o homem Seu entendimento a obediencia a fé con breue & crara & douta exposiçã do Simbolo dos Apostolos, pelo Senhor des Bolez./ Deregido Aa Serenissima & muy alta senhora a Senhora Dona Maria princesa de parma & plazencia, & regente de frandes.&tc. Agora nouamente feyto & impresso nesta cidade de Lixboa, em casa de Marcos borges a nossa senhora da palma Aos X de Março de 1566]

**CARTA**  
**de D. Maria para seu irmão D. Duarte**

S E N H O R

Tenho meu Senhor mil cartas vosas a que vos não tenho respondido nem agora o poso fazer sem dizer quanto quisera por iso fazeime merce de me perdoar ser esta tão curta, e mandai-me muitas novas de vos, e do que vos ElRej meu Senhor tem respondido porque me fino polo saber e tambem o que pasa no negocio do Senhor Duque ambos encomendo eu muito a noso Senhor elle me ouça, e vos de os contentamentos, e gostos que vos eu dezejo de noivos não darei nesta novas porque as vereis nestas cartas que escrevo a minha Mana abrias meu Senhor, e mandailhas, e consolaia porque me parece que ade sentir muito esta ida do Principe meu Senhor a guera, e o meu movito mas ainda que tudo tomo da mão de noso Senhor não poso deixar de sentir em estremo ver cada dia ir noso cunhado a se meter em tamanhos perigos e com tão pouqua autoridade sua e o Duque ficou diso bem enfadado, eu parece-me o á Madama de tomar muito mal e o Cardeal, mas o Senhor Dom Joaõ andoulhe tanto com a cabeça a roda, que lhe fes faser isto de que estou com pouqua paciencia, e a isto me respondais mas fazejme merce de me mandar emcomendar a noso Senhor, e escrevej a vosa colaça o trabalho em que eu estou pera majudar de la com as suas orações, e pola presa não digo mais mas por outra via vos escreverej largo Nosso Senhor a vida e estado de V. Alteza goarde, e acrecente como dezejo; de Parma a 12 dagosto...

Beijo as mãos a V. A.  
M A R I A.

*Sobrescrito*

Ao Muito alto e Serenissimo Principe o Senhor D. Duarte meu Senhor.

**CARTA**  
**de D. Maria para o Cardeal Farnese**

Ill.mo et R.mo Signore

Io stò infinitamente mal sodisfatta di non poter dar nuova à V. S. Ill.ma che il mio parto sia stato d'un figlio maschio, ma io mi vò consolando col vedere che N. S. Dio mi ha fatta gratia di questa figlia senza alcuna sorte di difetto, di che io mi rallegro con V. S. Ill.ma et la prego à voler restar sodisfatta di me et ricevere volontieri tutto quello, che ci viene dalla mano di Dio, et voglia sperare nella bontà sua, che con altra occasioe sia per donarci la gratia che desideriamo tanto per servitio della casa. La figlia sta benissimo et io vò aquistando tuttavia miglioramento, et spero presta salute, Et à V. S. Ill.ma bascio le mani.

Di Parma à di xiii di Novembre 1567.

Di V. S. Ill.ma et R.ma

per servirla

(Rubricado:) MARIA

All'Ill.mo et R.mo Sig.re il Sig.re Cardinal Farnese

**CARTA**  
**de D. Isabel de Bragança para o duque de Parma**

Illustrissimo e Eccell.mo S.nor

Estímei tanto os alvoroços com que V. Ex.cia me escreveo esta carta e as boas novas que me dá da S.nrã Dona Maria minha filha, e a festa que fez à neta, como a merce que me nosso Senhor fez, de ma alumiar e tirar de perigo: porque huã das cousas que me faz sofrer a sua saudade, he escreverme ella, as merces e mimos que lhe Vossa Eccell.cia faz, que são tantos que passam polos que lhe eu ca fazia. Prazerá a nosso S.nõr que m.tos anos lhos poderá ella servir, e eu os que viver lhe pedirei a prosperidade de V. Eccell.cia com tanta vontade, como tenho para todas as cousas de seu serviço. Confesso que hey enveja de V. Eccell.cia ver sua neta, e eu estar tam longe que a não posso ver, porque me dizem que he muito fermosa, e se parece m.to com [o] S.or Principe, mas com seu retrato folgo tanto, porque vejo todos nelle, que passo um pedaço deste desejo. Muito folguei em extremo de lhe V. Eccell.cia por nome Margarida por que este he o nome agora a que quero mór bem, por ser de quem he e mais polo ter nossa neta. Nosso S.or a vida e Ill.mo e Eccell.mo estado de V. Eccell.cia guarde e acrecente como desejo. De lisboa a 4 de Março de 1568.

Beijo as mãos a Vossa Eccell.cia

(Ass.:) Infante dona Isabel

[Ao duque de Parma]

**CARTA**  
**de D. Duarte de Portugal para o Duque de Parma**

Il.mo e Ecc.mo Sñor

A nova do parto da S. ra Dona Maria me deu grande contentamento assi por saber que S. A. estava bem dele como pola ocasião que deu a Vosa Exçelemcia de me escrever; querera noso Sñor que apos esta filha que deu ao Sñor princepe lhe dara outros filhos cõ que V. Ex.cia tenha muytos contentamentos e a esta neta dé tambem todos os que lhe V. Ex.cia deseja e os que eu folguararia de lhe ver tanto por neta de V. Ex.cia como da Ifante minha S.ra. A S.ra Dona Maria me escreve sempre as muytas merces e mimos que ordinariamente recebe de V. Ex.cia que ella sabe estimar como deve e pagar com o Amor que he obriguada. V. Ex.cia me faça merce me mande muytas vezes em que que o sirva e emtenda que o ey de fazer cõ tanto guosto como o S.or princepe. Nosso S.ñor a vida e o Il.mo e Ex.mo estado de V. Ex.a guarde e acresente como deseja. De lisboa e de março a 4. 1568

Beija as mãos a V. Ex.a seu servidor

(Ass.º) Dom Duarte

[Ao duque de Parma]

**CARTA**  
**de Alexandre Farnese a D. Sebastião**

S. M.ta

L'obbligo della servitù che tengo co' V. M.ta m'astringe a darle conto d'ogni successo di casa mia. Onde le diro come al S.or Iddio é piaciuto di consolarme et a la principesa mia moglie dandoli un' figlio maschio di che ringratiamo di continuo sua divina bontà et io ho comesso al conte Giulio Rangone qual mando costí per visitar V. M.ta che a bocca le diro conto della contentezza mia et di tutta la casa nr'a; la quale hora no desidera altro, se no' d'haver occasione di servir V. M.ta et mostrarsi grata dell' infinita gratie ricevute da lei; et remittendo il resto alla relatione del detto Rangone. Bacio le reali mani di V. M.ta et prego dal S.or Iddio ogni maggior felicità. Di Piat.<sup>a</sup> alli xii d'Aprile MDLXVIII

Aff.mo Servitore

(Ass.) Aless.<sup>o</sup> Farnese

CARTA  
de Santo André Avellino a D. Maria

Alla Signora Principessa di Parma.

Serenissima Signora, e Padrona mia in Christo Osservandissima.

La consolatione dello Spirito Santo sia sempre nel suo cuore. Da Frà Petronio Cappuccino in nome di sua Altezza m'è stato scritto, qualmente la mia lettere le sia stata grata, e che le farrei piacere in scriverle qualche volta, e specialmente in questi giorni che ella stà alquanto afflitta, per la futura partenza dell'Eccellentia del Sign. Principe. Signora mia, quanto io di tutto cuore in Christo l'amo, e quanto desidero ogni sua Christiana consolatione, testimonio m'è Dio (a cui cospetto ogni di affettuosamente la represento) ma non pensava scriverle, non che mi rincrescesse la fatica (havendo io animo di poner l'honor, e'l sangue, e la propria vita per la sua salute, e consolatione) ma considerando, che costì sono i vivi martiri di Christo dico i Padri Cappuccini (la cui vita mostra, che conto dobbiamo fare delle consolationi, e vanità del Mondo) ci sono ancora i Padri Gesuini (per la cui dottrina, e vita io hò lasciato il Mondo) per questo non mi pareva necessario di scriverle, ma più presto giudicava esser bisogno attender all'orationi, con pregare il Signore che li facci eseguir quello, che questi buoni padri pono colla vita, e dottrina persuaderle. Ma poiche sua Altezza (secondo questo Padre mi scrive) dimostra havere care le mie lettere, non mancherò prendere questa fatica. E sempre che per alcuna sua lettera sarò certificato di questo suo desiderio, non solamente non reputarò à fatica, ma mi farà gratia, e favore il scriverle spesso. Sì che senza rispetto mi comandi tutto quello, che conosce io poter servirle, che il farò più volentieri, che il dico. Figliuola, e Signora mia: Non pensi, chè mi scandalizzo intendere, ch'ella s'affligge, pensando alla futura partenza del suo caro Signor Consorte; anzi m'edifico, peroche la vera, e fedel sposa, sempre desidera la presenza del suo caro sposo. Il sentire dispiacere delle cose care, non è peccato, essendo cosa naturale, ma peccato sarebbe, se per questo dispiacere si lamentasse d'Iddio, ò mancasse dal bene operare, ò commettesse altra cosa, che fosse in danno dell'anima, e del corpo suo. Il sentir dispiacere col rassignarsi à Dio, che si faccia la sua volontà è cosa Christiana, e meritoria. Sentiva dispiacere, e tristezza nostro Signore, quando pensava alla sua crudel passione, e morte; ma contutto questo se rassignò alla volontà del suo padre: così la gloriosa Madre sentiva gran dolore della passione, e morte del suo Unigenito figliuolo, ma con tutto questo non si lamentò del Celeste Padre, che così havea disposto, nè de giudei, che à torto l'accusavano, nè de i gentili, che così malamente lo trattavano, ma sostenendo ogni cosa per amor del Celeste Padre, e della nostra salute, offeriva il dolor suo, e del figliuolo suo alla Divina Maestà in redentione de credenti. Ecco Signora, e figliuola mia cara la regola, che il figliuolo, e la Madre di Dio c'insegnano, che dovemo osservare nelli nostri affani, dispiaceri, e dolori. Non dubito, che sua Altezza (essendo d'animo, così ben composta guidata dalla sana dottrina di questi buoni padri) habbia osservata, e osserva questa Christiana regola, considerando, che questo moto di sua Eccellentia, non è senza la divina ordinatione, alla quale non dovemo far mai resistenza (essendo scritto dall'Apostolo, che acquistano dannatione à se stessi tutti coloro, che alla divina ordinatione resistono). E tanto più sua Altezza hà causa di consolarsi, che sua Eccellentia, come vero figliuolo della santa Madre Chiesa, e Cavalier di Christo, vada à questa honorata impresa, non per ambitione, nè per lucro temporale, ma per difensione della Christiana Religione, e per confessar Christo. Di più sia quanto si voglia buono un gran Signore, quando stà senza guai, nelle delitie, è in certo modo quasi impossibile che non offenda Iddio (si come si vede dall'esempio di David huomo secondo il cuor d'Iddio, qual mentre fù travagliato in tante persecutioni dall'ingrato, e crudel Saule, e battuto da tante tavagliese guerre, si conservò in gratia del Signore, ma poi stando à piacere, et in sollazzo nel suo regal palaggio, commesse l'adulterio, e l' homicidio insieme). Essendo dunque il suo Signor Consorte, giovane, bello, e prosperoso, difficilmente può passar questa corrottibil vita senza offension di Dio. E però è bene che per amor d' Iddio vada à patir qualche disagio, acciò purghi i peccati commessi, faccia qualche bene. Imperoche ritrovandosi nelli pericoli bisogna che ricorra à Dio, e si doglia delle sue passate colpe, et impari coll'esperienza, che non è altro bene, che amare, e servire

à Dio, quale solo ne può dar la morte, e la vita; se dunque sua Altezza ama di cuor (come l'ama) il suo Signore Consorte, si deve non doler, ma consolar del bene del suo dolcissimo sposo; E se bene il senso si duole dell'assenza della carne, lo spirito si deve consolar del bene dell'anima, e del honor di Dio, per lo quale l'Eccellentia del Signor Principe, come generoso Cavalier della Santa Chiesa si pone in questi pericoli, da i quali dovemo sperar, che sarà dalla Divina Bontà presto liberato e ritornerà alla sua dolcissima consorte con doppio trionfo dell'anima, e del corpo. Vinca dunque in lei la ragione il senso, lo spirito la carne, l'amor di Dio l'amor del Mondo. Haverei molto da dir' intorno à questa materia, ma sapendo che ella da se stessa può consolarsi, et havendo questi Reverendi Padri, quali verbo, et opere mi sono superiori, potranno miglior di me consolarla; farò fine, con raccomandarmi con tutta questa mia picciola famigliola alle gratie di sua Altezza, e dell'Eccellentia del Signor Principe, pregando il Signore li conservi nel suo santo timore, et amore, e le doni ogni salutifera consolatione. Di Piacenza, il dì 15. di Giugno 1571.



CARTA

de Santo André Avellino a D. Maria

Alla Signora Principessa di Piacenza.

Serenissima Signora mia in Christo Osservandissima.

Lo Spirito Santo sia sempre nel suo purissimo, e christianissimo cuore: Son otto dì, che dalla Signora Contessa Giulia mia carissima figliuola hò da Milano havuta una lettera di sua Altezza delli 26. di Maggio, quale molto volentiere più d'una, e di due volte hò letta, con mia sodisfatione, e la ringratio, sì della sua gran cortesia, havendosi degnata di rispondere ad un vilissimo servo, come son' io, sì ancora della gran consolatione, che colla sua m' hà donata. Io non havrei havuto ardire di più scriverle, s'ella per la sua non m' avesse imposto ch'io debbia perseverare in darle spesso degli avvertimenti, per li quali possa far qualche profitto nel servizio del Signor. Non giudico sua Altezza avere bisogno de' miei avvertimenti, havendo appresso di se di continuo questi buoni Padri del Giesù, e Cappuccini, quali di vita, e di dottrina mi superano di gran lunga. Ma acciò non le venga pensiero che' io lodo questi Reverendi Padri per fuggire la fatica, non mancherò di perseverare in scriverle, secondo il Signor m'inspira, e di pregar per lei, ch'l Signor la confermi nei suoi santi desiderii, e le doni le forze di ponerli in opere.

Non accade, che mi preghi à perseverare à scriverle, perche questo ufficio il fò più che volentieri. E s'al Figliuolo d'Iddio, non rincrebbe di far tante fatiche, e di patire tanti opprobri, e villanie, e al fine sostenere una sì crudel passione, e morte per la salute dell'anima sua; come potrà mai rincrescermi il scrivere per la sua consolatione, e salute? Testimonio m'è Iddio (à cui non si può mentire) come non solamente prenderei ogni fatica, ma come ponerei l'honore, il sangue, e la vita mia per la salute dell'anima sua: E s'altrimente facessi. indarno usurperei il nome di religioso. Imperoche il religioso, che non imita Christo in cercare la salute dell'anime, invano tiene l'habito, e'l nome di religioso.

Ne bisogna, che sua Altezza mi dica che mi resta in obbligo della bona volontà, e dell'amore, che in Christo le porto, perche questo è mio debito, amare, e servire à chi desidera amare Christo; E tanto più sua Altezza, per lo cui esempio si spera gran profitto spirituale di suoi sudditi, e manifestatione della gloria della Divina Maestà. Se io dunque amo, e desidero la salute dell'anime, e la gloria del Signore, conoscendo, che Iddio have eletta sua Altezza per instrumento di questa santa opera, debito mio è, che l'ami, honori, e serva sempre, e cerchi per ogni via consolarla, e ajutarla nell' amor del Signore. Nè accade dunque ringratiarmi, ne restarmi in obbligo per quello, che per debito sono obligato à fare. E perciò stia ben sicura, che mentre io viverò, spero di pregar sempre per lei, che'l Signor le sia guida, e protettore in tutti i suoi desiderii, che possa eseguirli à salute dell'anima sua, ad edificatione de i suoi sudditi, et à gloria della sua Divina Maestà. Troppo è grande l'obbligo, che sua Altezza have al Celeste Padre, quale s'è degnato accettarla, non per sua serva, ma per sua cara figliuola, posciache dal fiore della sua gioventù l'hà chiamata al suo divin' amore, facendole conoscere, quanto sia fallace questo Mondo, e quanto siano vani gli humani disegni, il che ella sperimenta, e tocca con mani ogni dì, poiche nè la nobiltà del sangue, nè la grandezza del stato può fare, che ella non senta gli affanni di questa misera vita. E questo permette Iddio, acciò da tutti si conosca, che questo Mondo non è altro, se non un dispietato essilio, una valle di lagrime, et un carcere pieno d'amaritudine. Posciache nè poveri, nè ricchi, nè ignoranti, nè savii, nè debili, nè forti, nè servi, nè padroni, nè sudditi, nè Signori ponno ritrovare quiete; Imperoche se qualche stato, e conditione si ritrovasse nel Mondo, c'havesse quiete, quei, ch'in un tale stato, non si trovassero, forse potriano in un certo modo lamentarsi d' Iddio. Ma poiche in tutti i stati, e conditioni, non si ritrova atro, che affanni, e dolori, niuno si potrà lamentare del suo stato, nè d' Iddio, quale vuole che in nullo stato di questo Mondo si ritrovi riposo, acciò ch'ogni uno sia costretto desiderare la Celeste patria, e desiderandola, s'affatichi colle bone opere, e colla pazienza, et altre christiane virtù di pervenire à quella felice patria, dove pienamente l'anima, e poi il corpo saranno satii di tutto quello, che desiderar si può. E però Serenissima Signora mia, sostenemo con pazienza gli affanni, che'l Celeste, e benegno Padre

ci manda in questa misera vita per purgarci di nostri peccati, e farci degni della Celeste heredità, la quale non dona à i suoi diletti figliuoli senza il peso de i flagelli. Chi non vuole i flagelli, non haverà l' heredità, posciach' I suo Unigenito figliuolo, benche fusse senza peccati, nondimeno non entrò alla gloria sua senza flagelli. Stia dunque sua Altezza animosa à sostenere tutti gli flagelli, e dolori, che' I benegno Padre le manda, acciò sia degna di ricevere la corona della Celeste gloria, qual' è apparecchiata à tutti coloro, che l' amano, e per amor suo sostengono i flagelli; veramente ella potrà sempre lodare, e benedire Iddio dal singolar favore, che l' hà fatto, in darle saggio del suo Divin' amore, quale se concede à poche gran Signore, quasi spesso occecate dall' ambitione dell' essere più grandi, et affocate da i piaceri, e delitie della carne, e del Mondo, non sono capaci dell' amor d' Iddio, nè gustar ponno le delitie spirituali, quali non si concedono à chi ama le delitie del Mondo, e della carne. E però è gran favore il suo, che nelle grandezze del Mondo, s'è distaccata dalle sue delitie, e fatta capace del Divino lume, à conoscere quanto gran differenza sia trà le delitie della carne, e quelle dello spirito; trà l'humane, e le divine. Mercè della Divina Bontà (che l' hà prevenuta colla sua gratia) e alla provida scorta del suo prudente padre, à quale deve ogni riverenza, come ad instrumento della Divina volontà: E havendo tanto bona guida, non bisogna, che io più m'affatichi in ammaestrarla nella via del Signor; quanto è scritto sarà bastante à mostrarle, quanto in Christo l'amo, e come per sua consolatione, e salute, non temo fatica. E con ciò facendo fine, humilmente con ogni rivrenza mi raccomando alla sua bona gratia, pregando il Signore la conservi nella sua gratia, e riduchi à salvamento l' Eccellentia del Signore Prencipe. Di Piacenza il dì 9. di Luglio 71.

CARTA  
de Santo André Avellino a D. Maria

All' istessa Signora Principessa di Piacenza.

Serenissima Signora mia in Chrito sempre osservandissima.

La gratia, e pace del Signor sia sempre nel suo purissimo cuore. La sua delli 25. del passato m' hà insieme confuso, e consolato. M' hà confuso, considerando la sua profonda humiltà, poiche non solamente si degna accettare, e leggere le mie lettere, et à quelle fare sì amorevoli, e cortese risposte, ma ancora sempre m' invita à rescriverle spesso. Che son' io, che sia degno di tanta gratia, e di tanto favore? Se io fosse Illustre di dottrina, ò di santità di vita (se ben che fosse vile, come sono) non sarebbe forse gran cosa, che sua Altezza desiderasse le mie lettere. Ma essendo io non solamente vile, ma ancora ignorante, e senza spirito, e di nulla perfettion di vita (e ciò dico, non per cerimonia, et hipocrisia, ma così con ogni verità mi conosco, e sono) mi confondo, vedendomi da lei invitato à scriverle, con farmi indubitata fede che le fò piacere, con speranza di far servizio al Signore, e profitto nella vita spirituale, per occasione de i miei ricordi. Piaccia alla Divina Bontà, per li meriti della viva fede di sua Altezza di darmi spirito, e d' insegnarmi parole tali, che possano accendere il suo Christiano cuore all' amore della sua Divina Maestà, dalla quale con tanta abbondanza di gratia ella è stata prevenuta. Imperoche se dalla Divina gratia ella non fosse stata illuminata, et infiammata, non havrebbe tanta cognitione della miseria di questa misera vita, e del bisogno, c' hà del divino ajuto; nè tanto desiderio di piacere al suo Creatore. E da qui viene, ch' ella tanto s' humilia à i servi d' Iddio, sapendo per certo, che il Signore fà resistenza à i superbi, e dona la gratia à gli humili. Conoscendosi dunque bisognosa della Divina gratia per poter piacere, e servire alla sua Divina Maestà, bisogno è, che s' humilii, non solamente al suo Creatore, ma ancora à i suoi servi, acciò l'impetrino l'ajuto della sua Divina gratia. E però dalla sua lettera, confondendomi ancora mi son consolato, vedendo, che tanto s'humilia, desiderando l'ajuto dell'orationi, et insieme le sante essortationi: veramente segno, ch'ella sia, e desidera più essere vera figliuola d' Iddio; posciache tanto desidera udire da tutti la parola del suo Celeste, e dolcissimo Padre, di cui vuole sempre sentire ragionare. Ben disse la somma Verità: *Qui ex Deo est verba Dei audit*. E però essendo ella tanto setibonda delle divine parole, non contenta solamente di quele, che spesso ode dal suo dolce, et amorevole padre, e da tanti altri servi d' Iddio colla viva voce, ancora invita gli assenti à ragionar con lei colla muta penna. Piaccia al Signor dare à queste semplici, e mute parole, tanto fuoco del suo divino spirito, che non manco di quelle, che colla viva voce sono proferite, l'habbiano da apportare nuovo gusto spirituale, col quale possa ricreare il suo piissimo cuore affannato dell' assentia del suo Signor Principe. E tanto sia la suavità, che senta dell' amor divino, che vinca il dolore, e l'affanno, che sente dall' amor, che porta al suo Signor Consorte, quel' amor essendo laudabile, e degno d' un' amorevole sposa, non è da biasmarsi, purché stia soggetto, e non superiore al Divino amore.

Signora mia, io non posso non pregare per l' Eccellentia del Signor Principe: prima perche così richiede la christiana charità, per la quale siamo obligati pregar l' un per l' altro, e tanto più per li Principi Christiani, quali difendono la fede di Christo. Appresso è caro Consorte di sua Altezza, à quale deggio ogni riverenza, et ogni purissimo amore, per lo merito della sua virtù, e de' suoi santi desiderii. Et anco per l'obbligo, che l' hò per la grande amorevolezza, e cortesia, che senza ogni merito, per le sue lettere mi dimostra. Di più è l' Unigenito, e caro figliuolo dell' Eccellentia del Signor Duca, per la cui gratia, e favore siamo in questa sua Città. Talche per ogni rispetto, non solamente io, ma tutti siamo obligati pregare per la loro salute, essendo nostri singolari Signori, e protettori. Sia dunque più, che certa, che ogni di prego per loro salute, e essorto i miei fratelli à fare il medesimo, stia di buon animo, che spero, ch' il Signor la consolarà spiritualmente, e corporalmente, sì così sarà espediente per la sua salute, e le nostre orationi havranno efficacia dalla viva fede di sua Altezza. Attenda dunque, quanto sia possibile, ad amar il Signore, e non si contristi molto dell' assenza del

suo Signor Consorte. Imperoche la sua molta tristezza non porta salute al Signor Prencipe, ma si ben gran nocumento apporta al corpo, et all' anima di sua Altezza. Il che sarà causa di travagliar la mente del suo Signor Consorte. Non dico che stia in giuochi, in balli, et in sollazzi, perche non conviene in questo tempo vivere in delitie. Ma forzisi stare colla mente quieta, acciò possa attendere all' oratione per se, e per la salute dell' anima, e del corpo del suo Signor Prencipe, e questo certo sarà grato al Signore, et utile à lei, et al suo Signor Consorte. E se ben' il Demonio per turbarla, l' appresentasse molti pericoli, e molti disaggi del Signor Prencipe, non creda cosa alcuna, perche ciò farà il nemico per impedire il frutto del suo meditare. E però quando si sente perturbare da queste varie representationi, dica col Santo profeta: *Quare tristis es anima mea, et quare conturbas me? Spera in Deo, etc.* E con questa viva fede, e ferma speranza otterrà dal Signore ogni suo giusto desiderio.

Signora mia, son' agitato da due pensieri l'uno è di timore, e l'altro è d' amore. Sua Altezza m' invita à scriverle spesso, il che fò molto volentieri per amor, ch' io porto all' anima sua (per la quale è morto Christo) e per il gran desiderio, ch' hò di consolarla sempre: Dall' altra banda sempre temo di non essere tenuto troppo presentuoso, ch' io vile ardisca scrivere con tanta fiducia, e con tanta familiarità ad una così gran Signora. Al fine mi lascerò vincere dall' amore, e desiderio c' hò di consolarla, chiedendoli perdono della mia loquacità . E per non più fastidirla farò fine colla penna, ma non col cuore, quale sempre pregherà per la salute di sua Alttza, del suo Signor Consorte, e del mio Signor Duca. Con raccomandarmi sempre alle loro gratie, desiderendole ogni felicità.

Di Piacenza il dì primo d'Agosto 1571.

CARTA  
de Santo André Avellino a D. Maria

Alla Signora Principessa di Piacenza.

Serenissima Signora mia in Christo sempre osservandissima.

La pace di Giesù Christo, e la consolatione dello Spirito Santo sia sempre nel suo castissimo cuore, Amen. Se ben qualche volta io tema di scrivere à sua Altezza, conoscendo la sua grandezza, e la mia bassezza di sangue, e di spirito, nondimeno alcuna volta sento nel cuor mio una inspiratione, che mi dice: Don Andrea, perche temi di scrivere à questa Signora? Non t' hà ella scritto, dicendo, che li fai piacere sempre, che le scrivete? Questa Signora è christiana verace, che non ti direbbe una buggia per la sua vita. Di più nel scrivere à questa Signora cerchi tu favore, e gratia mondana? Non piaccia à Dio. Non cerchi solamente la gloria d' Iddio, e la consolatione di quella bona Signora, quale s' tá afflitta, per l' assentia del suo caro Signor Consorte? Si discacci dunque il timore, e vinca la carità il timore, e come dolce, et amorevole Padre consola quella tua bona figliuola. (Perdonimi sua Altezza, s' io tanto vile, hò ardire chiamar lei, tanto Illustre, mia figliuola). Questo fò, perche non sò ritrovare nome, che possa esplicare il christiano amore, che le porto, eccetto il nome di Padre, e di figliuola. Servo dunque le sarò sempre per conditione, e debito, e padre per lo sincero, e sviscerato amore, col qual' io l'amo, et amerò sempre, meritando così la sua innata bontà, ch' Iddio l' hà donata. E però con ogni fiducia, e libertà le scriverò più spesso, quando à lei piacerà, perche altro non desidero, se non la sua salute, e consolatione. Figliuola mia hò inteso, ch' oltre l'afflittione dell' assentia del suo Signor Consorte, è ancora tribolata da febre, e da altre infirmità, quale nova m' have afflitto, e parimente consolato. M' have afflitto, ch' amandola in Christo sì teneramente, hò dispiacere del suo patire (sapendo ella per esperienza, che'l dolore de i figliuoli affligge più il Padre, e la Madre, che i figliuoli stessi.) Mi sono parimente consolato, considerando, che la mia cara figliuola, è tanto cara à Dio; poiche la tratta, com' hà trattati sempre tutti i suoi cari; imperoche, s'io vò conoscere, se son' amato da un gran Re, bisogna, che sapia chi è più caro del Re; e sapendo chi è il più caro, bisogna investigare, che segni d'amore il Re dimostra à questo suo carissimo. Se dunque il Rè dimostrerà verso di me quelli istessi segni d' amore, sarà inditio manifesto, ch' io sono carissimo al Re, com' è colui, à cui mostra l' istessi segni del grande amor suo. Hor sappiamo figliuola benedetta, quali sono stati i più cari, e favoriti d' Iddio, e come questi suoi favoriti dalla sua Divina Maestà son stati trattati, se così noi saremo trattati, è segno che siamo cari, e favoriti del Signore. I cari, e favoriti d' Iddio sono stati, il giusto Abel, il fedele Noè, l'obediente Abramo, l'humile Isac, il costante Giacob, l'innocente Giosepe, il paziente Giob, il mansueto David, e tutti gli altri Profeti, et eletti del vechio testamento. Nel nuovo testamento, i cari sono stati gli Apostoli, i Martiri, e Confessori, le Vergini, et altri Santi. E sopra tutti l'unico suo Figliuolo Giesù Christo, à cui dal Padre fù detto: *Hic est filius meus dilectus, in quo mihi benè complacui*. Ecco già sappiamo, quali sono stati i cari d' Iddio.

Hor vediamo un poco, come dalla sua Divina Maestà sono stati trattati? Il giusto Abel innocentemente fù dal suo crudel' et iniquo fratello ucciso. Noè, cento anni deriso da quei increduli, che non credevano, che' I diluvio venir dovesse. Abramo fù tentato con perdere due volte la sua Moglie, con essergli tolto il suo caro nipote, et al fine gli fù comandato, che colle proprie mani occidesse, e sacrificasse il suo diletto figliuolo. Isac fù legato per essere ammazzato dal suo padre, et andò peregrinando con molti disaggi in terra aliena. Giacob fù dal suo fratello perseguitato, dal suo socero distratiato, et afflitto per la perdita del suo diletto figliuolo Giosepe, quale tanto pianse per morto. Giosepe fù venduto per invidia dalli suoi fratelli, et incriminato à torto dalla sua padrona, e posto in carcere dal suo Signore. Chi potria mai raccontare le tribulationi, che patì il paziente Giob nella robba, ne i figliuoli, nella persona, e nell' honore? Il mansueto David, quanto patì essendo per invidia da Saul perseguitato, tribolato per la morte di tre figliuoli, discacciato dal Regno, et afflitto per la morte di settentamillia huomini del suo popolo. Chi potrà mai raccontare le tribulationi, et affanni, che sostenerono tutti i Profeti, et altri eletti dei vechio testamento? Ma chi potrà mai narrare le tribulationi di San Paulo solo, lasciando tutti gli altri Apostoli, e Martiri di Christo? A tutti

è manifesto, che' l Figliuolo d' Iddio, Santo de i Santi. più caro al Padre de tutti gli altri insieme, fù più maltrattato, et afflittito in questa vita di tutti gli altri Santi. Ecco figliuola mia cara, come Iddio tratta quelli, ch' ama. Se dunque sua Altezza è tribolata, et afflitta nel animo per l' assenza, e timore de i futuri pericoli del suo diletto sposo, e nel corpo è molestata dalla febre, et altre infirmità, s' hà patientia, e benedice il Signore, è segno, ch' è cara al Celeste Padre, quale in questo modo castiga, corregge, et affligge tutti i suoi cari figliuoli, e figliuole, trà quali spero, che sia sua Altezza. Allegresi dunque di tanto singolare favore, ch' Iddio le fà, e se mi domanda, perche Iddio flaggella quelli, ch' ama? Le rispondo, che per molte cause, prima per dare spavento alli scelerati, imperoche se tanto affligge in questa vita i giusti, quali ama, que pena aspettano nell' altra vita i scelerati, quali non vogliono emendare la loro pessima vita. Appresso flaggella i giusti, per farli più belli, si come si vede, che se ben l' oro è il più pretioso metallo di tutti gli altri, nondimeno per farsi più bello, si pone al fuoco, e sotto il martello, e'l marmo si fà più bello col scalpello, così i gusti si fanno più belli colla tribulatione. Di più (eccetto Christo, e la Madona gloriosa) niun' è senza qualche picciola macchia, colla quale non si può entrare al Celeste Regno, e pero non volendo Iddio, che sia purgata nel Purgatorio, il purga con questi legieri flaggelli. Lascio molte altre cause per le quali Iddio flaggella i suoi eletti, basteranno queste poche per sua consolatione, acciò conosca, quanto Iddio particolarmente l' ama, poiche non li dona i suoi contenti in questa vita. Felice quella persona, che in questo Mondo è tribolata, e con patientia sostiene ogni cosa per amor d' Iddio, che già è scritta nel numero degli eletti del Signore. Questa filosofia non ponno intendere quelli che sono affectionati alle cose del Mondo, e giudicano quelli essere felici, che in questa vita hanno i loro contenti, non ponno sentire Christo, che dice: *Beati, qui lugent, quoniam ipsi conolabuntur. Et Beati qui persecutionem patiuntur, quoniam ipsorum est Regnum Caelorum.* Beati coloro, che seguitano Christo, et i suoi Santi negli affanni, e tribulationi, che con Chrsito, e suoi Santi saranno consolati nel Celeste Regno, et in questo modo senteranno manco affanno. Imperoche tutti coloro, che si contentano patire in questa vita, quando patiscono sentono poco affanno, perche Christo abitando ne i loro cuori, ò poco, ò niente li fà sentirele tribulationi di questa vita, ma coloro, che non vogliono patire per amor di Christo, sempre stanno afflitti, se non hanno alcuna consolatione mondana, e carnale, quale presto si volta in sconsolatione. E però figliuola mia cara tengamo l'anima purgata da peccati, acciò Christo possa habitare nel nostro cuore, et havendo Christo con noi, poco ò niente sentiremo gli affanni di questa misera vita, piena, e carica di croci. Stia dunque di buon' animo, e non si lasci vincere dalle tentationi del nemico, quale sempre ricerca di turbarci, e sconsolarci colle sue false suggestioni. E se non può farci cascare i peccati, cerca tenerci inquieti col vano timore de i futuri mali. Allegramoci nel Signore, e saremo sempre consolati. E con questo con ogni riverenza, e humiltà, mi raccomando alle gratie di sua Altezza, e dell' Eccellentia del Signor Duca, pregando il Signor le faccia presto sentire bona nova dell' Eccellentia del Signor Principe, quale spero, che ritornerà con salute, con vittoria, e con trionfo. Di Piacenza, il dì 7. d'Ottobre delli 1571.

CARTA  
de Santo André Avellino a D. Maria

Alla Signora Principessa di Piacenza  
Serenissima Signora

Sono molti mesi c' hò tenuto silentio colla penna, ma non col cuore, quale ogni dì presenta sua Altezza alla Divina Maestà, pregandola per la sua salute, e che le doni gratia, che non sia ingrata alla sua Divina Bontà di tanti ricevuti beneficii; sapendo, che nulla cosa provoca Iddio à farci nuove grazie, quanto la gratitudine delle ricevute. E però figliuola in Christo benedetta, siamo sempre ricordevoli de i divini beneficii, ma più dell' amore, per lo quale il Signor s'è mosso ad arricchirci di tanti duoni, non per altro, se non che per questi siamo sforzati ad amarlo, con tuto il cuore, et amandolo osserviamo i suoi santi comandamenti, per la cui osservanza ci vuole fare suoi figliuoli, et heredi della Celeste, e eterna heredità. Ecco figliuola nel Signor carissima, quanto è grande il amor, che Iddio ci porta, che quanto ci dona, e quanto da noi richiede, tutto è per nostra salute, per nostra consolatione, e per nostra essaltatione; imperochè quale maggiore grandezza à noi miseri mortali sbanditi in questa valle di lagrime, e di miserie, conceder si può, c' haver ferma speranza d' haver ad essere figliuoli d' Iddio, et heredi della Celeste gloria? E però San Giovanni diceva, che maggiore carità di quella, non poteva l' huomo da Dio aspettare, che l' essere suo figliuolo per gratia. E chi tale speranza tiene, sempre cerca farli più giusto, e più santo, sapendo, che Iddio non accetta per suoi figliuoli huomini superbi, avari, lascivi, iracondi, golosi, et iniqui. Miseri noi, che pochi sono, che pensano à questo gran favore, che Iddio ci hà fatto. E non ci pensano, e non conoscendolo, pochi sono quelli, che facciano una vita corrispondente a questa divina figliuolanza, e mancando per la mala vita d' essere figliuoli d' Iddio, diventano schiavi del Demonio. Deh gran pazzia, ma da pochi conosciuta. Laonde ben disse il Savio: *Stultorum infinitum est numerus*. Imperochè più si ritrovano schiavi del Demonio (sequendo la superbia, la vanagloria, la carnalità, le pompe, et altre vanità, vitii, e peccati) che si ritrovano figliuoli d' Iddio, imitando Christo nella povertà di spirito, nell' humiltà, nella patientia, mansuetudine, e nell' altre virtù, quali sono i veri segni de i figliuoli d' Iddio. E però figliuola benedetta tutti coloro, che sono stati da Dio illuminati à conoscere la verità della vita christiana ( trà quali spero, che sia sua Altezza) devono pregare la Divina Misericordia per coloro, che stanno nelle tenebre dell' ignoranza, e de i peccati. Imperochè le membra sane ajutano l' inferme, l' illuminati guidano i ciechi, i dotti insegnano gl' ignoranti, i ricchi soccorrono à i poveri, e i giusti pregano per i peccatori. Spero ch' ella sia membro sano, illuminata della Divina gratia, dotta, ricca de i Celesti doni, e giusta dinanzi à Dio. E però le bisogna, che colle sue orationi ajuti gli altri. La Regina Hester col suo celitio, colle sue lagrime, digiuni, et orationi liberò dalla crudele morte tutta la sua gente. Così sua Altezza benche sia di stirpe regale, il Signor non l' hà fatta gran Signora, per stare in delitie, ma per essere avvocata appresso della sua Divina Maestà per lo suo popolo, nè senza misterio ella hà sortito il nome di Maria Regina degli Angeli, et avvocata de i peccatori; imperochè questa gratia l' è stata concessa, acciò siccome quella gloriosa Vergine di stirpe regia nata, colla sua profonda humiltà, invitò il Figliuolo d' Iddio ad habitare nel suo vergineo ventre, et à prendere carne da i suoi purissimi sangui, per la redentione dell' humana generatione. Così sua Altezza imitando colei, di cui hà il nome, colle sue orationi voglia provocare Iddio à compassione di tanti peccatori del popolo di Parma, e di questa Città di Piacenza, ov' è tanto amata, e desiderata. È certo hà molto bisogno della sua presentia, per eccitarli col suo essemio alla vita christiana, nella quale per gratia del Signore molti gentil' huomini, e gentil donne appoco appoco si vano incaminando, ma per esser loro principianti hanno bisogno della sua guida, acciò più espeditamente possano camminare nella via del Signore, perche non mancano delle tentationi, e di quelle persone, che dicono, che tanto confessare, e comunicare? ma se su Altezza fosse quì, col suo favore cessariano tante baje

Figliuola in Christo diletissima, hò sentito gran piacere della sua consolatione ricevuta dal felice ritorno del suo Signore Consorte con tanto trionfo, e gloriosa vittoria, ma siccome

colle sue lagrime, et orationi hà impetrato la liberatione di tanti nemici, e pericoli vesibile, voglia ancora impetrargli la liberatione da i nemici invisibili, da quali tutti siamo offesi, e non n' accorgemo, e però poco ne curano, e se ben sono crudeli nemici il Mondo, il Demonio, e la carne, più crudel nemico è l' amor proprio, per lo quale solo siamo separati da Dio. Imperoche niente mi pò offendere il Demonio, il Mondo, e la carne, se l' amor proprio non fà il tradimento; da questo traditore nascono tutti i mali, e procedono tutti i peccati, l'amor proprio è quello gran male, da quale desiderare dovemo d' essere liberati, dicendo *Libera nos à malo*. Da questo amor proprio nasce la superbia, la vanagloria, l'avaritia, l'odio, e tutti gli altri vitii, e peccati causa della nostra dannatione. Miseri noi, che pochi fanno guerra con questo crudele tiranno, anzi quasi tutti gli danno albergo nel lor cuore; e non s' accorgono, che mentre questo nemico stà nel lor cuore, non ponno haver mai pace, nè quiete: *Non est pax impiis*, dice il Profeta. Preghi dunque sua Altezza per lo suo Signor Consorte, e per gli altri, che siano liberi da questo crudele nemico. Imperoche tutti coloro, che da questo sono liberi, diventano humili, mansueti, pazienti, compassionevoli, si discordano delle offese, amano, e fanno bene à chi l' have offesi, e mostrano tutti i segni de' veri figliuoli d' Iddio; imperoche sicome l' amor proprio ci fà schiavi del Demonio, così il dispreggio di noi stessi, ne fà figliuoli d' Iddio, et amabili à tutti; E perciò affaticamoci vincere questo nemico, e vinceremo tutti gli altri, et habitaremo trà i confini della pace.

Son stato più lungo, che pensava; patientia, il desiderio c'hò della salute, della consolatione, e del profitto di sua Altezza, m'ha trasportata la mano, e la penna. Farò dunque fine, con pregare il Signore le doni ogni gratia, e consolatione, con raccomandarmi sempre alle sue bone gratie, pregando ancora per l' Eccellentia del Signor Principe, che il Signore lo conservi nel suo santo timore, et amore. Di Piacenza il dì 25 di Gennaro delli 1572.



CARTA  
de Santo André Avellino a D. Maria

Alla Signora Principessa di Piacenza  
Serenissima Signora

Se ben i giorni à dietro di rado l' hò scritto, giudicando che non molto havea bisogno delle mie lettere, havendo la consolatione della presentia del suo amantissimo Signor Consorte. Adesso ch'è privata di questa sensuale consolatione, non mancherò scriverle più spesso (se però così mi comanderà Sua Altezza) per recarle qualche spirituale consolatione (se pure tali saranno le mie lettere.) E se ben non li mancano de i libri, nè le parole della viva voce del rev. Padre Fiamma (che veramente infiammano ogni aghiacciato, e consolano ogni afflitto cuore, che voglia consolarsi) nondimeno per mostrarle che veramente m' allegro, e consolo d'ogni sua allegrezza, e consolatione; e parimente mi doglio, et affliggo d'ogni suo dolore, et afflittione, non hò voluto mancare di scriverle questa mia. Con darle questa bona, e felice nova, che tengo gran speranza, che sua Altezza sia nel numero delle figliuole di Dio; posciache poco, e quasi niente può godere in questa mortale, e misera vita, et ogni onza di sensuale piacere è condita con mille pesi di rammarico, e di affanno: Così, figliuola mia, così trattati sono gli eletti del Signore (trà quali spero, che sia numerata sua Altezza.) E però sicome ogni onza di sensual piacere l'è condita con tanti pesi di rammarico, così deve sperare ch' ogni onza d' affanno, che con patientia sostenerà per amor d'Iddio, con cento mila pesi d' eterna consolatione, le sarà condita, (non essendo condegne le passioni del presente tempo della futura gloria). E però deve consolarsi con questa ferma speranza, che l' Signore la priva della presente, e momentanea consolatione, per accrescere la sua corona dell' eterna vita. E vuole ancora, che sia specchio di patientia, sicome spero, che ella sia dell' humiltà. Sostenga dunque virilmente questi momentanei travagli, acciò il Demonio sia confuso, Christo glorificato, et ella beatificata. Specchisi in tante verginelle, quali con tanta costantia sostenerono tanti crudeli tormenti. E se ben la fragile carne se risenta, dica coll' Apostolo: *Debitores sumus, non carni, ut secundum carnem vivamus. Si secundum carnem vixeritis, moriemini; si autem spiritu facta carnis mortificaveritis, vivetis.* Imperoch' essendo fatti figliuoli del Celeste Padre per la gratia, e merito dell'Unigenito suo figliuolo Giesù Christo, non siano più debitori alla carne, cioè non dovemo più delectarci de i sensuali piaceri; Perche se secondo i sensuali appetiti viveremo, moriremo di morte eterna, ma se collo spirito mortifichiamo l' operationi della carne, viveremo di vita di gratia, e di gloria: imperochè tutti coloro, che sono mossi, e guidati dallo spirito d' Iddio, sono veramente figliuoli d' Iddio. Chi dunque desidera essere figliuola d' Iddio per gratia, et herede della celeste gloria, bisogna, che regoli, e conformi la sua vita à quella dell' Unigenito suo Figliuolo, quale per tutto quel tempo, ch' in questo essilio, e valle di lagrime con noi mortali visse, da questo fallace Mondo non hebbe mai un' hora di piacere, nè di riposo, per dimostrarci, ch' Iddio non ci hà posti, e rilegati in questa valle di miseria per darci consolatione, ma per punirci di nostri peccati. E se la sua santa humanità per gli altrui peccati fù tanto afflitta, che consolatione sperare possemo per li peccati nostri proprii? Mal segno è per coloro, ch' in questa vita hanno le loro consolationi. Imperochè dopo questa momentanea, e misera vita in eterno piangeranno, sicome dice il Signore: e il dannati colla propria bocca confesseranno nel giorno del giuditio, sicome nella Sapientia si legge. Consolasi dunque sua Altezza nel Signore, nel quale si ritrova sempre la vera consolatione, perche Iddio è immutabili, nè mai da noi si parte, se prima noi per nostri peccati da lui non ci partemo. Iddio desidera stare sempre con noi, purchè discacciamo dal cuor nostro il dissordinato amor delle creature, quali sempre cruciano tutti coloro, che l' amano; perche non si ponno havere senza affanno, nè possedere senza timore, nè perdere senza dolore. E però coloro, che sfrenatamente amano i padri, madri, figliuoli, fratelli, mariti, moglie, et ogni altra cosa, ch' è sottoposta alla mutabilità, sempre stanno afflitti, e sconsolati, perche sempre temono di non perderli. O felice vita de i mondani, quali à lor mal grado fanno esperienza di quanto affanno sia l' amare le cose, che sono sotto il Cielo (ove non è altro che vanità, et afflittione di spirito) e con tutto questo affanno vogliono più presto amare le cose mortali,

e transitorie, che Iddio, nel cui amore è posto ogni sommo contento, e vera consolatione. Risolviamoci dunque Altissima Signora di amare Iddio, et ogni altra cosa per amor suo, se volemo entrare ne i confini della pace, e della vera quiete, altrimenti facendo, staremo sempre afflitti, et sconsolati.

Mi dirà forsi, Padre mio, io conosco, che bisogna fare così, ma per la mia fragilità non posso vincere me stessa, e distaccarmi da queste passioni, che mi cruciano. Figliuola mia in Christo diletteissima, io le hò compassione, perche son stato in maggiori affanni di lei, per le mie inordinate passioni, ma col spesso meditare la viltà delle cose del Mondo, e la grandezza delle cose celesti, e col spesso ripensare, che da queste mondane affettioni (benche honeste siano) non se n' hà consolatione, et utilità alcuna, ma solamente affanno, e cordoglio: sforzato fui di gridare al Cielo, supplicando il Signore, che per mio dispetto, mi distaccasse dal dissordinato amore di padre, di madre, fratelli, e d' ogni altra cosa cara, c' havuta avesse. E la Divina Maestà per sua misericordia compatendo alla mia miseria me n' hà liberato, talche' l paterno amore, che porto di tutto cuore alle mie dolcissime figliuole, se ben' è maggiore di quello che portava à i miei cari del Mondo, nondimeno stando sopposto all' amor d' Iddio, non mi crucia, nè m' affligge. Pregamo dunque il Signore, che l' habbia compassione, e li doni il santo timore, et amore, col quale facilmente patirà ogni travaglio, havendo Iddio nel suo castissimo cuore. Di Piacenza il dì 16. di Marzo 1572.

CARTA  
de Santo André Avellino a D. Maria

Alla Signora Principessa di Piacenza

Serenissima Signora mia in Christo sempre osservantissima.

La sua del primo del presente, quanta vera, e spirituale consolatione m' habbia recata, non potrei con questa esprimerlo, e però non una, nè due volte solamente, ma tante, e tante volte l' hò riletta per più consolarmi. Imperoche s' io voglio essere vero servo d' Iddio, e religioso di fatti, e non di nome, e d' habbito solo, con tutto il cuore debbo rallegrarmi della gloria della Divina Maestà, e della salute dell' anime, per quali è morto Christo. Conoscendo dunque dalla sua lettere il suo santo desiderio, c' hà di fare profitto nella via dello spirito, pregandomi tante volte, ch' io li scriva spesso, fandomi indubitata fede, che le mie lettere l' apportano consolatione, e giovamento al profitto spirituale, con certificarmi, che sempre, che le scrivo, li fò cosa grata, non posso far, che non m' allegri, e giubili nel cuor mio. Prima conoscendo la sincerità del suo purissimo cuore tanto infiammato dell' amore d' Iddio, e tanto bramoso della gloria della sua Divina Maestà; imperoche se ella non amasse Iddio, non havrebbe tanto gusto, e diletto delle sue parole, perche è cosa manifesta, ch' à ciascuno piace ascoltare le parole di chi ama. Ascoltando dunque sua Altezza tanto volentieri le parole d' Iddio, e desiderando le mie lettere, quali d' Iddio parlano, è segno manifesto, ch' ella ama Iddio, et amando la sua Divina Maestà, non può se non desiderare la sua gloria, e desiderando la sua gloria, per forza sarà da se stessa costretta à ben operare (perche Iddio non si glorifica solamente colle belle parole, ma colla sincerità del cuore, e colle buone opere, e conoscendo, che dalle sue bone operationi si glorifica Iddio, e si salvano tante anime, quali per lo suo buon essemplio s' eccitano à ben' oprare, son sforzato allegrarmi, e pregare il Signore, che le doni perseverantia, et accrescimento di gratia.

Apresso la sua lettera m' hà consolato, per quella conoscendo, quanto sia fedele, e vera sposa del suo Signor Consorte, posciache non solamente mi prega, ch' io preghi il Signore per la saute del corpo, ma ancora, che sua Eccellentia dirizzi tutt' i suoi pensieri, et operationi à gloria della sua Divina Maestà. Domanda veramente degna di sua Altezza; imperoche le persone vili, e piene di terreni affetti, non sanno domandare se non cose basse, ma gli animi alti, e generosi domandano cose alte, e Celesti, per le quali semo stati creati, ma pochi sanno conoscere il loro vero fine, e però pochi domandano cose Celesti col cuore, e coll' opere (se molti alle parole pareno astratti dal Mondo). Poco giova Altissima Signora, che la persona discenda da Real progenie, se non conserva l' animo Regio, e quella persona hà l' animo generoso, e regale, che sà reggere se stessa raffrenando gli affetti dissordinati, vincendo le sue passioni, dispreggiando le cose terrene, e vili, e transitorie, et amando le Celesti, pretiose, et eterne: conoscendo questo animo generoso in sua Altezza (quale tanto amo con purissimo, e paterno affetto, com' ella ben conosce) non posso fare, che non giubili, leggendo le sue lettere. E però se ben mi conosco indegno, ch' ella mi scriva, nondimeno desidero le sue lettere, non per li favori del Mondo (che di questi niente mi curo) ma per haver questa spirituale consolatione, e per haver occasione di rescriverli, secondo il suo desiderio, e allegrarmi delle gratie, ch' Iddio l' hà concesse, quali sono pure assai, e grandi, e però hà di bisogno di grande humiltà, quale è l' arca dove si conservano i Celesti, e pretiosi tesori. Imperoche le molte gratie, e duoni da Dio concessi, à molti è stata occasione di ruina per non havere havuta la santa humiltà. Ecco quanta gratia, e duono di naturale grandezza fù concesso al primo Angelo, ma per sua malitia non sapendo humiliarsi al suo Creatore, cascò in tanta ruina. Così avvenne à i nostri primi parenti, così à tanti filosofi, e Re del Mondo. E però la gloriosa Vergine essendo stata fatta Madre d' Iddio, e regina degli Angeli (gratia che nè prima, nè poi fù mai à pura creatura concessa) niente s' insuperbi, ma sempre stette humile, e bassa negli occhi suoi, magnificando sempre il Signore. Così farà sua Altezza, à quale io non racconto le gratie che le sono state concesse, acciò s' insuperbisca, ma acciò conosca il grande obbligo che have à Dio, e conoscendosi insufficiente à rendere le condegne gratie alla sua Divina Maestà, s' humilii, e ricorra sotto il manto della gloriosa Madre, per le cui intercessione ottenerà ogni giusta gratia,

poiche l' hà communicato il suo Santissimo nome Maria, nome degno d' ogni riverentia, et honore. E però doverà crescere in virtù, acciò al nome corrispondano l' opere. E se così farà, senza dubio otterrà la salute dell' anima, e del corpo del suo dolcissimo Signor Consorte, sicome la mia devotissima Maria Madalena con le sue infocate lagrime ottene la resurrettione prima dell' anima sua, la resurrettione del corpo del suo fratello, e finalmente prima d' ogni altro, dopo la gloriosa Madre, meritò vedere Christo resuscitato. Ecco Altissima Signora quanto fanno, e quanto ponno le lagrime colla perseveranza di Maria Madalena. Stia dunque sua Altezza di buon' animo, che spero che colle sue lagrimose, e fedeli orationi otterrà quanto sarà espediente per la salute sua, e del Signor Prencipe, e forse le potria dire quelle profetiche parole che disse S. Ambrosio à Santa Monica, quando con grande, e lagrimoso affetto gli raccomandava il suo ostinato, e perverso figliuolo Agostino. A quale S. Ambrosio disse: Và, ove sei tu, sarà il tuo figliuolo. Imperoche è impossibile che perisca un figliuolo di tante lagrime. Io non son S. Ambrosio, ma confidandomi nella Divina Bontà, et alla fede, e lagrime di sua Altezza, le dico, che' l suo Prencipe difficilmente potrà perire, ma spero che' l vedrà ritornare glorioso. E per non più fastidirla farò fine, con ogni humiltà, e riverentia raccomandandomi alle sua gratie, con pregarle dal Signore ogni consolatione, e salute insieme con suoi figliuoli. Di Pienza il dì 22. d' Aprile delli 72.

CARTA  
de D. Maria ao Cardeal Farnese

Ill.mo et Rev.mo Sig.or

Col ritorno di Diego de Lescano intesi quanto pronto V. S. Ill.ma era dimostrata in favor, et servitio del Signor Cardenal Infante mio zio nel particular del Vescovo della Guardia, di che se bene io credo d'haverla ringratiata con un'altra mia, nondimeno faccio di novo volentieri questo offitio, accioche V. S. Ill.ma sia tanto più certa del favor, et gratia, che in questo io ricevo da lei, et perche questo è un negotio, che abbraccia troppo largamente l'autorità, et dignità del Signor Cardenal Infante, et dubitando che il ritrovarsi presente il Vescovo possa facilmente in qualche parte oscurare la verità di quanto passa in questo negotio, sono necessitata à ritornar di novo à supplicare V. S. Ill.ma che voglia haver in protettione la reputatione, et dignità di S. Alteza reiterando con N. Signore gli offitii che hà fatto fin qui, accioche non sia dato orecchia alle domande del Vescovo ne sia conosciuta costà la causa sua, ma che sia rimessa al Signor Cardenal come legato ordinario del regno, et come à giudice, che per bontà, et per prudenza non deve esser da lui recusato, et oltre à gli offitii che da V. S. Ill.ma saranno fatti, hò anco considerato, che non sarà se non bene, ch'io facci dar conto particular à N. Signore di questo fatto, il che hò scritto à ms Ascanio Celso che voglia far in nome mio, ma che prima, che ciò eseguisca intenda, se ciò segue con beneplacito et satisfattion di V. S. Ill.ma con la quale sà come hò io da confrontarmi, così ho scritto à lui che si governi, et che eseguisca quello, che da lei, sarà ordinato, però la supplico ad ascoltarlo et notificargli la mente sua et le baccio le mani con tutto il core.

Da Parma à dì xvi di febraro 1574.

Di V. S. Ill.ma et R.ma

Io non ho parole che possano esprimere quanto mi premi questo negotio pero confidata che lei non mancara daverlo a core quanto sa che mi importa non le diro altro

Per servirla

(*Rubricado:*) MARIA

Al Ill.mo et R.mo Signor Il Signor Cardenal Farnese  
à Roma

**CARTA**  
**de D. Maria de Portugal a Geraldo Geraldi**

Mag.co ms Geraldo

Poiche le Buffale, che à mia istanza havevate mandate à Pisa, acciò insieme con li faggiani fossero condotti in Portugallo, sono restati in detta città; et desiderando io che'l S.or D. Duarte mio fratello non resti deffraudato del favore, che'l S.or Ducca m'hà fatto d'esse, ma di mandargliene con altra occasione, hò voluto dirvi con la presente, che di dette Buffale ne facciàte quel esito, che vi piacerà più, et di poi vi contentiate di provedermene di quatro picciole, due maschi, et due femine; et le facciate allevare in uno loco ristretto, non li facendo dar da mangiare senon fieno, ò paglia, et biada, et farle bere acqua tenuta in casa et in soma avezzarle à quello, che se ne può portare la provisione in Nave che à questo modo mi vien detto, che si condurano vive in Portugallo, come in estremo desiderio, che si possi fare per satisfatione di S. Altezza, alla quale sò che saranno carissime. Io vi prego dunque con molta caldezza, che vi piaccia per rispetto mio di pigliarvi questa cura, et usare la detta diligenza tenendo conto della spesa, che farete, della quale avisarete poi Vespasiano Giandemaria mio Thes.<sup>o</sup> che ve ne rimborsara subito oltre, che io ve ne restarò sempre mai obligata, et non essendo questa per altro prego Dio che vi cons.i

Di Parma a di 17 di Settembre 1574

*(Rubricado:)* MARIA

Al Mag.co ms Geraldo Geraldi mio Car. mo

Nel Stato di Castro

DEDICATORIAS

de *La Description de l'Isola de la Madera* (Piacenza, 1574) de Giulio Landi a D. Maria

A la Serenissima Signora la Signora Principessa di Piacenza et Parma

Non sia maraviglia Serenissima Signora s' io di molto bassa fortuna et a Vostra Altezza non conosciuto, mi sia mosso à farvi un presente d' una mia debole fatica, perche le resplendissime virtù vostre, et la grandissima humanità di V. Altezza, m' hanno in ciò dato ardire, et anco spinto ad essequire questo mio lodevole desiderio: oltre che essendo io servitore d' uno affectionatissimo et obligatissimo servitore dell' Illustrissimo, et Eccellentissimo Signor Duca vostro socero, et non meno dell' Illustrissimo et valorosissimo Vostro Consorte, et parimente di Vostra Altezza, il Reverendissimo Monsignor di Nicastro, hora per Sua Santità Legato appresso la Serenissim Republica di Vinegia, il quale tenendo gratissima memoria de beneficii ricevuti da sua Eccellentia et dal Illustrissimo e Reverendissimo Cardinal Farnese Vostro Zio; perciò sempre tiene un' insatiabil desiderio di havere occasione di poter' far cosa grata a V. Altezza. E havendomi S. Reverendissima Signoria lodata questa mia intentione, tanto maggiormente sonomi risoluto à dedicare à V. Altezza questa mia traduttione de l'Isola di Madera, famoso membro del Regno de la Vostra Regia, et Serenissima Casa di Portugallo. Questa Isola fu già dal Illustre Signor Conte Giulio Landi Descritta latinamente; la cui descrizione è lodata per non meno vera, che vaga e bella; essendo egli stato là in quell' Isola alcuni mesi; Ond'egli (come da lui hò sentito) descrisse le cose parte da lui vedute, et parte referteli dagli habitanti; huomini attempati, et gravi. Et quantunque questa mia tradottione sia in basso, et humil' stile descritta, nondimeno crederei non dovesse à Vostra Altezza dispiacere; si perche molte varie et belle cose in essa i contengono; et particolarmente la descrizione dell' agricoltura del zucchero, di cui quell' Isola è abundantissima; ne da nissun' altro (ch'io sapia) Descritta. Si anche per che in quell' opera, vi si fa honoratissima mentione de li molto generosi, e molto Christiani costumi de li Rè de la Vostra Regia Casa. Supplico adunque V. Altezza si degni et tenermi per un' de minimi Vostri Servitori, et accettare questo mio picciolo presente così volentieri, come accettò il quatrino di quella povera vedova hebrea il Signor Iddio; à cui piaccia (come sempre supplico) felicemente conservare Vostra Altezza; Di cui riverentemente bacio la mano, etc.

Di V. Altezza Humilissimo servitore

Alemanio Fini (fls. 3-5)

A la serenissima Signora la Signora Principessa di Piacenza et Parma, mia Signora

Egli avviene molte fiato Serenissima Signora che quantunque l' huomo in torno à quell' ogetto che se gli preappresenta faccia ragionevole resolutione, non dimeno li puo dipoi avvenire occasion' tale, che egli deve con bona ragione la sua deliberation mutare. Lo che à me hora è avvenuto. Io havendo (son gia circa anni quaranta) per segno de l' amorevole osservanza mia verso il magno Hippolito de Medici, Cardinal di Santa Chiesa, di Illustrissima è Reverendissima memoria, descritto latinamente l'Isola di Madera, è fattogline un presente. Venuto poi egli ad immatura morte, procurai che à le mie mani il libro donatoli ritornasse. Il qual' ho tenuto fin' hora appresso di me nascoto è molto caro, come cosa, che à quello magno Signore fu carissima, ond' io deliberato haveva (mentre Iddio in questa vita me teneva) non mai publicarlo; ma tra le cose mie piu care tenerlo in memoria di quello alto spirito e quasi divino, à cui li Cieli, è la natura tante rare gratie donate havevano, che pareva havessero tutta la lor forza posta in formar un' signore di tutte le belle qualità dotato. Come soggetto ad ogni alta è virtuosa impresa atto et inclinato, à quello Signor servendoio, parevami veramente di regnare, ond' io tenendo nel cuor mio sculpita di lui amorevolissima ricordanza, non ho possuto con manco di haverlo qui ricordato. Hor ritornando al proposito mio, dico Serenissima Signora, che ben che per le sudette ragioni, io havesse deliberato di non dare à la Stampa questa mia latina Descrittione; non dimeno havendola io lascita vedere in Vinegia al Reverendo, et molto virtuoso M. Alemanio Fini, li piacque farla volgare; et à vostra Altezza dedicarla desiderando egli sotto l'ombra vostra farla stampare. Perciò sonomi raveduto, così fra me stesso discorrendo: Adunque sarà Stampata la volgare Descrittione della Madera, et à si alta Principessa dedicata, et tu

che le sei vassalo, et tanto affetionato servitore potrai tenerle nascota la latina? De la cui lingua quella gran Donna anco si diletta. Et come che io quasi co' I mio libro parlassi, dissi, non sarà mai biasmevole, che quantunque io di te ne feci dono à quello Signore, che fu veneratissimo prelato, e di Clemente VII. ottimo è massimo Pontifice nepote, signore veramente nobilissimo, liberalissimo, magnanimo, pieno di cortesia, et di carità, il cui animo era di splendissime virtù circondato, hora io di te faccia presente ad una tanta, e sì alta principessa; la quale per qual' si voglia virtuosa qualità, non è inferiore non solo à quello che già fu tuo Signore, ma ne ad altra veruna degna, et ammirata persona. Impero che essa per nobiltà di sangue pareggia l' alte Reine, essendo da la Casa Regia de li Serenissimi Rè di Portugallo nata, da li quali tante è tante magnanime imprese per esaltatione del nome di Christo Giesù benedetto furono fatte; figlia fù di un sì alto infante Don Odoardo fratello carnale del Serenissimo Don Giovanni Rè di Portugallo, di lui nepota; cugina germana del molto catolico Rè de le Spagne Don Filippo di Austria; parimente cugina de l' Imperatore Massimiano secondo, et della Imperatrice Maria. Qual' nobiltà di sangue può essere maggiore? À questo se aggiunge il grandissimo splendore di tante é tante virtù dell' animo suo. Imperoche di pietà e di divotione verso il Signore Iddio ella pareggia qual' si voglia huom ò donna religioso e santo, de le Sante et Evangeliche leggi osservatrice; de poveri amicissima, di carità tutta infiammata, Signora liberale, e generosa, quanto li tempi richiedono, e le occasioni. Or quanto ella sia humana, benigna, e misericordiosa vedesi manifestamente, quando che con molta amorevolezza, è gratia, volentieri priega lo Illustrissimo, et Eccellentissimo suocero suo per li poveri incarcerati, senza offesa veruna della giustitia, perciò ella è da tutti le suoi popoli, e vassali meritamente amata, e riverita, e per restringere le sue lode, che à spiegarle tutte di longo tempo bisognarebbe, e di longhissima scrittura, essa è in tutte le sue attioni discretissima e prudentissima di tutte le virtù morali, et anco de le intellettuali ornatissima. La onde volle il Signore Iddio per far' una rara copia di due virtuosissime persone, accompagnarla con lo Illustriss. et Eccellentiss. Principe di Piacenza, et Parma, del' Rè Filippo nipote, la cui singulare fortezza, et alto valore, in questa sua giovenile età, dimostrato nella battaglia navale contra li nemici di Christo Giesù benedetto nostro Salvatore, è fatto chiaro e famoso al mondo, onde l'ottimo e massimo Pontifice Pio Quinto, de gli suoi Illustri fatti in quello conflitto, gli ne rendè molte gratie con molto honore. In cui vive la verasimilitudine de le belle e chiare qualità del Illustrissimo, et Eccellentissimo Duca suo padre, e vedesi la viva imagine de le molte e grandi virtù della Serenissima sua madre Madama Margarita d' Austria, del Rè Filippo sorella, d' incomparabile valore, il cui giusto è prudentissimo governo hora è da tutta la Magna Bassa non solo con amorevolissima memoria comendato; ma con calde lagrime, et infiniti sospiri desiderato. La onde posso io veramente concludere, che io non potrei di te fare presente à Donna, ne ad huomo di nobiltà, ne di virtù maggiore. Però non poco honore saratti, se quella sì nobile, e sì virtuosa Principessa di receverti dignerassi; onde io mi risolvo, farti à sua Altezza presentare. Ne dubitar' potrai che essa benignamente non ti accetti; se già qualche tua innettia, e ignoranza non te nocesse, et dal grave, et humanissimo suo conspetto non te ritrahesse. Questo mio discorso Serenissima Signora feci fra me stesso, e quasi co' I libro mio scorrendo, et le vostre nobilissime, e divine qualità contemplando, con che più agevolmente io potesi inanimarmi e risolvermi à farvi un dono di questa mia latina Descrittione, qui ne l' ultima parte Stampata. Acciò possa Vostra Altezza (piacendole) de l'una e de l'altra gustare, confidandomi che ella dignerassi per la sua grande humanità accetarla, venendo massimamente de un animo sincero, et affetionatissimo à Vostra Altezza, di cui reverentemente bacio la mano, pregando sempre Iddio Nostro Signore pel la Vostra, et del Illustrissimo et Eccellentissimo principe, Vostro Consorte conservatione, et per i diletteissimi Vostri Figliuoli, le quali sua Maestà Divina tenga sempre benedetti ne la sua Santa protettione. (fls. 6-12)

[Giulio Landi, *La Descrittione de l'Isola de la Madera, già scritta ne la lingua Latina... et hora tradotta dal Latino ne la nostra materna lingua dal Reverendo Alemanio Fini...* In Piacenza, Apresso Francesco Conti, 1574.]



**CARTA**  
**de D. Maria para o duque de Parma, Ottavio Farnese.**

Ao Illmo. e Ex.mo senhor, o senhor duque de Parma e Piaseça meu senhor

+  
Senhor

Não fiz isto mais cedo por não ocupar o tempo a vosa excelencia pelo caminho, mas agora que me dizem que se deterá em Pesaro alguns dias não quis que pasase mais sem beijar as mãos a vosa excelencia como faço e Noso Senhor, mas a senhora Ersilia e a Margarita dão alguma cousa mais trabalho às suas quartas, porque são as febres mores, mas com tudo julga mestre Scipion que nao será cousa de importância porque alimpão ambas da febre e todos juntos beijão as mãos a vosa excelencia e creia que elles e eu sintimos muito a sua ausencia e porque del Joico entendera vosa excelencia tudo o que qua pasa a elle me remeto. Noso Senhor a vida e estado de vosa excelencia goarde como desejo. De Parma a 5 de outubro.  
Beijo as mãos a vosa excelencia. Maria.

[Original autógrafo (propriedade particular)]

**CARTA**  
de D. Maria, para sua irmã, a Senhora D. Catarina.

S E N H O R A

Bem vejo minha Senhora que em tamanho trabalho, e desventura como foi para nos o falecimento da Iffante minha Senhora, que nosso Senhor tem, não se pode passar, sem huma muito grande ajuda de nosso Senhor, e por isso não sei melhor remedio para se nos metigar esta dor porque tiralla bem sei eu que não podera ser em quanto vivermos, senão fizer milagre por nos tamanho como resuscitar hum morto, porque faltandonos a nossa vida, que nos a todos sustentava, não sei eu como nos poderemos passar a que nos fica sem muito grande desconsolação, mas não devemos de querer minha Senhora que possa tanto comnosco a carne, e o nosso amor proprio, que nos não fique lugar para não ter mais força em noso spirito, e amor que tinhamos a minha Maj, assi para nos confirmarmos com o que nosso Senhor foi servido de ordenar como para folgarmos muito de ver a S. A. fora de tantos trabalhos, e em lugar de tantos descansos, como devemos de ter por certo que terá. A vida, e morte de S. A. foi de maneira, que segundo a nossa fe, devemos de crer que lhe terá nosso Senhor dado o premio dos muitos serviços que lhe sempre fes. E por isso minha Senhora demos muitas graças a nosso Senhor pois quis chamar para si minha Maj, porque ainda que perdemos huma Maj na terra, ganhamos huma santa no Ceo donde pedirá sempre a nosso Senhor, misericordia por nos, e que nos faça tanta merce que a vamos ver naquella gloria, aonde ella está, confesso vos meu pecado minha Mana que nunca tanto dezejei de hir ao paraíso como agora, para poder estar com minha Maj vendo a nosso Senhor sem nunca me apartar della queira Deos que seja este hum meio para eu trabalhar por isso. Beijovos minha Senhora as mãos polla merce que me fizestes, em me dar tão particular conta de tudo o que passou na doença, e falecimento de S. A. e não he pequena consolação para mym lembrarme o cuidado, e diligência com que a servistes, porque ja que eu não mereci a nosso Senhor podello fazer, com cuidar quão bem vos supristes e na vida, e na morte, me fas passar muita parte deste trabalho. S. A. não me escrevia nunca otra cousa, senão os mimos que vos, e o Senhor Duque lhe fazieis, espero que nosso Senhor vo los ha de pagar com muitos contentamentos, ainda que isto era huma obrigação tão devida, pois nunca ouve no mundo May, a que filhos fossem tão obrigados como nos a S. A. a maneira de que S. A. acabou estava muito certa porque não podia deixar de conformarse a morte com a vida, as particularidades que nisto me dizeis he huma obrigação muito grande em que me puzestes, porque não tenho agora maior consolação que ter sempre presente tudo o que nisto passou, e ver com os olhos d'alma todolos termos, e accidentes que S. A. fez, bem podeis cuidar quanto me achegaria a alma saber que para encarecer S. A. quão mal estava, e não poder fazer nenhum gasalhado ao Senhor Dom Duarte, dizer que nem a mym o faria. Bem sei eu quamanho bem me sempre quis, e como mo mostrou, e crede que he huma grande dor para mym cuidar quão mal lho tenho pago, e servido, e a vos minha Mana o que vos devo, e ei por major obrigação que todas a lembrança que naquela ora tivestes de beijar a mão por mym, e por meus filhos a S. A. certo que vos deu nosso Senhor hum grande spirito pois naquele tempo estivestes tanto em vosso acordo, agora he rezaõ minha Mana que vos aproveiteis delle para trabalhades de não sentir esta perda de maneira que vos faça mal a saude, e porque não possa a dor tanto comvosco que vos cause alguma malenconia que despois vos de muito trabalho. Bem sei que estas cousas não se poderaõ escusar nem a saudade, porque em mim o experimento, mas devemos d'alembiar, que dizia minha Maj: Casem minhas filhas bem, e ainda que seja no cabo do mundo eu o sofrerei. Ora se o amor que S. A. nos tinha lhe fazia dizer isto, possa comnosco tanto o que tinhamos a S. A. que soframos tudo o que sentimos de boa vontade com saber que está ella na gloria, e boa testemunha disto he. ver a quietação, e alegria com que partio desta vida, alem de tantos outros sinais que em sua vida, e morte nos deu. Polla merce minha Senhora que me fizeste em me mandar o livro de S. A. vos beijo as mãos. Não sei eu cousa nesta vida com que eu agora tanto folgara, como com elle, por elle a encomendo a nosso Senhor, e lhe rezo as Oras dos finados, donde vinha huma folha dobrada, e afigurasse que pos S. A. alli aquelle sinal para que eu o fizesse, nunca mais tirei este livro de debaixo da cabeceira da cama, porque quando me

deraõ esta triste nova era prenhe e foime forçado lançarme logo na cama, e estar ahi alguns dias, e como me comecei a alevantar movi, e foime forçado tornar outra vez a cama. E porque a maneira de que me disseraõ esta taõ trabalhosa nova escrevo ao Senhor Dom Duarte, não o faço minha Senhora a vos, porque vereis as Cartas hum do outro. Parece que foi nosso Senhor servido que não tomassem estes Senhores o parecer do Senhor Dom Duarte, porque queria que não me dessem esta pancada toda de huma vez senão pouco a pouco porque pode ser que assi não me sobresaltara tanto. Porque eu não sabia que S. A. estava mal desposta. Imaginaj o que a alma com este sobresalto padeceria. Ora nosso Senhor seja louvado com tudo elle por sua misericordia nos de paciencia. E crede que alem do que eu sinto, a lembrança do que vos, e o Senhor Duque, e o Senhor Dom Duarte padecereis me acrescenta o meu mal, e certo tinha eu doer tanto ao Senhor Duque esta perda como me dizeis, porque sei quanto queria a S. A. e quam bem lho mostrou na vida, e na morte. Isto lhe ha de pagar nosso Senhor com muito grandes premios assi nesta vida como na outra, por mjm lhe beijai minha Senhora as mãos por tudo o que fes a minha May, e polla merce que fes a todos nos outros em tomar seus Criados, e em todas as mais que nos fes no enterramento, e sajmentos de S. A. De S. A. Excellencia, e desses meus Senhores me mandai muitas novas de cada hum por si, e das minhas Senhorinhas pequeninas porque sinto muito o seu mal. Nosso Senhor vo las guarde como vos, e eu dezejamos, escreveime como agora estaõ, bejovos minha Mana as mãos pollo cuidado que tivestes de me lembrar que não pusesse do que me faça mal, e assi o fis porque pus huma toalha de panno grosso tinta, e não ousei de por capello porque não me carregasse a cabeça. O abito foi de huma baeta grossa que parece orilhado, e hum manto de sarja porque a minha cabeça não sofre outra cousa, lancei huns poucos de avanos fora por não parecer taõ fea a vosso Cunhado, como eu sou, elle se ouve muito bem neste meu trabalho, e mostrou muito sentimento, pos huma capa de baeta muito comprida, e hum pelote, e huma gorra com muitos veos que este he o mayor do que se ca costuma. O Duque tambem me consolou muito, e quisera me levar a estar alguns dias no Castello a folgar, vede que estado he o meu para gostar agora de nenhuma cousa.

Atequi tinha escrito os dias passados mas o mal me empedio não hir por diante, e por aqui julgareis como eu devia destar, pois não pude nem acabar esta Carta por isso vaj assi imperfeita, bem sei minha Senhora que mo levareis em conta como fazeis todos os outros meos erros.

Estoubê

Beijo as mãos a V. Alteza

M A R I A.

*Sobrescrito*

A muito Alta e Serenissima Princesa a Senhora D. Catharina minha Senhora.

**CARTA**  
**de Paolo Sforza para Alexandre Farnese**

Ill.mo et Ecc.mo Signore

La perdita della S.ra Principessa, Consorte di V. Ecc.<sup>a</sup>, che sia in Cielo, si come io ho sentita con quel dispiacer maggion.<sup>o</sup> choricercano i rispetti di osservanza, et affettione chio ho tenuta sempre con la persona di lei, et tengo con V. E.<sup>a</sup>, cosi vengo a condolermene con questa, non potendo per la distantia venir personalmente si come haverci fatto et priego Il Sig.re Dio a consolarla di tal accidente et a conservarla con quella prosperità che desidera V. E.<sup>a</sup> alla qual bacciando le mani alla sua buona gratia mi racomando di cuore. Di Onano. Alli 23 di Luglio 577

Di V. Ecc.za

Servitore aff.to

(Ass.:) Paulo Sforza

All' Ill.mo et Ecc.mo Sig.re mio Oss.mo il Sig.re Principe di Parma

**CARTA**  
**do Cardeal Colonna para o duque de Parma**

Ill.mo et ecc.mo S.re mio

De la perdita di la S.ra Principessa di fe me hò sentito quel dolore che conviene à la molta affetione ch'io porto à V. Eccelentia et à tutta la Ill.ma sua casa. Piaccia à Dio N. S. donarli la sua gloria et perche mi rindo certo, che, come prudentissima V. Eccelentia consolerà se stessa, et noi altri ancora, non mi diffonderò à dirli altro, si non che mi comandi, et basandole la mano, li prego ogni felicità.

Di Zagarolo à v d'Agosto 1577.

Affettuosimo de V. E.<sup>a</sup>

(Ass.:) Il Cardinale Colonna

All' Ill.mo et Ecc.mo S.re mio, Il S.re Duca di Parma

**CARTA**  
**do Cardeal Colonna para o Cardeal Farnese**

Ill.mo et Rev.mo Sig.re mio Oss.mo

La perdita di la S.ra principessa di fe me à stata sentita da me fin à l'anima per l'affettione et osservanza, che porto à V. S. Ill.ma et [à] sua casa. Dio benedetto le doni la sua gloria. Mi [*palavra ilegível*] do certo, che, come prudentissima consolerà non solo se stessa ma tutti noi altri suoi; et per questo non mi estenderò à dirle altro, se nonche, per favorirmi, desidero mi comandi. Et basandoli la mano, le prego da N. S. Dio ogni contento.

Di Zagarolo à V d'Agosto 1577.

Di V. S. Ill.ma et Rev.ma

Humillissimo servitore

(Ass.:) Il Cardinale Colonna

All' Ill.mo et Rev.mo S.re mio Osservandissimo Il Signore Cardinale Farnese

**CARTA**  
**de Annibale Marliani para Alexandre Farnese**

Ill.mo et Ecc.mo S.r Principe

Benche io sapesse che le mie forze non erano bastevoli à dire quel tanto che convenevolmente non si potea tacere di tante e, tante lodi della felice anima dell'altezza della serenissima et eccellentissima S.ra sua consorte passata à miglior vita, et ch'el raccontarne puoché é senza garbo era uno oscurar la lei dignissima gloria, e cognoscesse questo peso essere d' altri humeri soma che dei miei, e, che forse anche ogni lingua mortal à parlare di tanto suggietto pressuntuosa fosse, pur non havendo possuto per la debita affettione chio porto à V. E. Ill.ma recusar questo gran carico di fare il lamento publico in questo gran pianto che meritamente ha fatto questa sua citta di piacenza, me parse mio debito mandare a V. E. l'istesso sermone qual egli si sia con pregarla ch'ella si degni d' havermi per iscusato, si io non sono pervenuto in questo parlar à quel segno che si doveva, si perche non era possibile raccontare a pieno l'infinite lodi di questa divina S.ra sua consorte, si perche fu mister esser breve, e cosi prego V. E. Ill.ma per sua bontà tenermi in sua gratia, alla qual con riverenza resto servitore. Di Piacenza il 12 d'Agosto 1577

Di V. Ecc.a Ill.ma

Humile servitore

(Ass.:) Hannibal Marliani

All' Ill.mo et Ecc.mo Sig.re il S.re Principe di Piacenza et Parma et mio et patrono osservandissimo.

CARTA  
do Príncipe de Bisiagno para Alexandre Farnese

Ill.mo et Ecc.mo Signore

È stato così intrinseco il dispiacer, ch' ho preso per la morte della Sig.ra Principessa consorte di V. Ecc.tia (che Dio l' habbia in gloria) che non havria potuto sentirlo maggiore in cose mie proprie, si perche in effetto la perdita è stata grave, et d'importanza, et anco per l'afflitione et amaritudine in che perciò l'hà lasciato. Mi ne condoglio adunque grandemente seco (come devo) et benche io sia sicurissimo ch' ella tollerà questo doloroso successo con quella costantia, et prudenza ch'è proprio dell' animo suo, nondimeno mi trovo talmente occupato dal dolore, che non posso pensare come habbia à consolarsene n'io porgerle conforto. In qual caso prego N. S.re Iddio, che presti gratia di poterlo sopportare patientemente che così verrà à consolar lei et me in medesimo tempo, et perch' io non prettermetta in cosa alcuna al debito mio, mando à posta il prudente mag.co Andrea Saurer mio gentilhuomo acìò più pienamente faccia seco quest'offitio, et la visiti, et baci in mio nome le mani, et che rappresenti à viva voce l' affettion mia grandissima verso lei, et il desiderio, ch' è in me, che mi s'offerisca occasione di poterlela manifestare. Prego V. Ecc.<sup>a</sup> à prestarle ampla fede, et ad accettar l' uno et l' altro offitio con quella sincerità d' animo, che da me le vengon fatti, et à lui rimittendomi, baccio à V. Ecc.<sup>a</sup> le mani, et prego la Maestà Divina à darle per l'avvenire propèri et felici successi.

Di Campotenese alli 13 d' Agosto 1577

Di V. Ecc.<sup>a</sup>

Servitore et cognato amor.mo

(Ass.:) Il Principe di Bisiagno

All' Ill.mo et Ecc.mo Signore il Signore Principe di Parma



**CARTA**  
**de Renato Borromeo para Alexandre Farnese**

Ill.mo et Ecc.mo S.re mio Oss.mo

Poiche la mala qualità de tempi ne' quali noi di qua si troviamo, non mi ha permesso sin' hora ch'io ne con la presencja, ne per persona espressa, ne anco con lettere habbia potuto fare con l' Ecc.<sup>a</sup> V. quel che conveneva al debito della servitù mia et al dolore che ho sentito nela morte della Ser.ma Sig.ra Principessa, che sia in gloria, Hora che il S.re Papirio Priedi mi da speranza che questa mia capitarà all' Ecc.<sup>a</sup> V. non lassarò di fare quel ch' io posso, poiche non posso quel che devo, et cosi con tutto l' affetto maggiore che possa havere niuno servitore suo, gli dico haver' sentito grandemente la perdita, che tutto il mondo ha fatto di una tanta signora et poi particolarmente io, come quello che essendo sogietto all' Ecc.<sup>a</sup> V. sentiva singolare gracia della protettione sua, et viveva con grandissima gloria d' havere cosi rara signora per padrona; et veramente che il considerare questa privacione mi reccarebbe dolore intolerabile senon considerasse al guadagno che S. A. ha fatto in passare di questa misera vita piena di tanto travagli à quell' infinito bene che dalla santa vita sua posso certo sperare ch' ella si godi. Supplico adunque l' Ecc.<sup>a</sup> V. che con questa consideratione et con la grandezza del animo suo sopporti questo colpo cosi grave, accioche come desiderano li soi servitori si possi per servitio d' Iddio et utile di soi sogietti conservare. Et cosi prego sua divina Maestà lo faccia, et humilmente offerendoli in tutto ciò che possano le debili forze mie in servitio di V. Ecc.<sup>a</sup> gli faccio riverenza, et gli baccio la mano. Del Castello della Peschera il di 4 settembre 1577.

Di V. Ecc.<sup>a</sup> Ill.ma

affetionatissimo servitore

(Ass.:) Renato Borromeo

All' Ill.mo et Ecc.mo S.re mio Oss.mo il Sig.re Principe di Parma

**CARTA**  
**de Luís Franco para o duque de Parma**

Ill.mo et Ecc.mo Signor mio col.mo et oss.mo

L'incredibil dolore che io presi per la morte di S. A. et l'altissimo giudicio di V. Ecc.ia a chi si scrive, son causa che io non possa dir sopra sì gran perdita parola veruna, solamente raccordar a V. Ecc.ia che la S.ra Principessa viva et immortale stà nel cielo che essa per le sue eccellenti virtu, et christiane opre meritò et già tra le felici et beate anime priega al S.or (et senza dubio spero che l'ottenerà) per la perpetuità et grandezza della casa di V. Ecc.ia, et per la vita di V. Ecc.ia et dell' Ecc.mo S.or Principe che col paterno et hereditario valore la inalzarà, con accrescimento di maggiori, et nuovi stati à quelli chari pegni che quella santa et gloriosa signora lascio a sua Ecc.ia, io quanto posso mene offerisco alla servitù di V. Ecc.ia alla quale infinitamente mi confesso ubligatissimo con quella divotione et fedeltà che potranno affermar a V. Ecc.ia il suo ambasciator, et messer Vicentio cariss.º, si per le gratie et mercedi che la S.ra dona Maria in vita sempre mi fece come anco per quelle che per suo mezo, et per pura begnignità loro mi fecero V. Ecc.ia et l'Ecc.mo Principe suoi figliolo cinque anni che io vissi a Parma sustentato da loro con tanto honor et liberalità; et con questo fine prego al Sig.r Iddio che conservi et prosperi a V. Ecc.ia lungamente, et la Ill.ma et Ecc.ma mano di quella infinite volte humilissimamente bacio, di Lisbona a 28 de ottobre 1577.

humilissimo et divotissimo servo di V. Ecc.ia

(Ass.:) Luis Franco

[Ao duque de Parma]

# AVISOS E DOCUMENTOS

de Dona Maria, Princesa de Parma. Podem servir de exemplo a todo o Cristão, e principalmente as Senhoras illustres, que tem casa, e estado.

- 1 Terei continuamente diante dos olhos aquellas palavras de Christo Senhor nosso: *Quid*
- 2 *prodest homini, & c.* que nenhuma cousa me importa mais que a saude da alma.
- 3 Lembrarmehei de contino, que o caminho do Ceo he estreito & difficultoso; & o do
- 4 inferno largo, & espaçoso: & isto me servirá de seguro remedio para por freo a meus
- 5 a petites desordenados
- 6 Amiude me lembrarei daquelle sancto conselho: *Memorare novissima tua, et in æternum*
- 7 *non peccabis.* E sobre isto terei cada dia oração, ao menos huma meya hora a tarde,
- 8 que me sirva de abater os fumos, que me vão a cabeça de contino; e para fugir os
- 9 peccados
- 10 Persuadirmehei como he verdade infalivel que o mais honrado titulo que tenho, he
- 11 o de Christãa, para que a respeito seu ponha de parte todos os mais
- 12 Terei grande vigilancia de adquirir em minha alma, profundissima humildade, que he
- 13 a escada para o Ceo, para muy necessaria, següendo me vejo tão cercada em meu estado
- 14 de tantas occasioens de soberba.
- 15 Procurarei de conservar em minha alma grãde desprezo das couzas desta vida, & de
- 16 conhecer bem em que estima eu devo ser tida, persuadindome que não pode ser bom
- Christão o que isto não alcança.
- A ley de Deus terá sempre em meu coração o melhor lugar, que he o meyo, onde
- a punha David.
- Serei solicita em corresponder às inspiraçoens do Spiritu Sancto; as quaes por sua
- infinita bôdade, haõ sido em mim continuas desde minha meninice, de o amar, &
- servir perfeitamente.
- Cada dia cinco vezes, ao menos, posta de joelhos, darei graças a Deus pellos grandes,
- & continuos beneficios que de sua piedosa mão tenho recebido.
- Exercitarmehei em mortificar minhas paixoens, & em moderar meus appetites,
- persuadindome ser exercício, não sò de religioso, mas de Christão.
- Lembrarmehei, que a penitencia he muy necessaria, & propria de Christão: & por
- isso não se passara nenhum dia, sem fazer alguma cousa de penitencia; ao menos
- refrear algum appetite; ou deixar algum gosto, ainda que licito, & justo.
- Farei grande caso da oração, & a farei mental ao menos tres vezes ao dia, a saber,
- pella manhã, e meya hora a nona; & meya a tarde. E alem destas vezes, a farei
- entre dia muitas vezes, breve frequente, fervente.
- Em espartando pella menhão logo me offerecerei a Deos, & lhe pedirei graça para
- o não offender, & em me levantando da cama, o primeiro acto que farei, será porme
- de joelhos em terra, & dizer a oração da prima, que se diz em o officio grande *Domine*
- Deus, &c.*
- Quando me vestir não estarão presentes senão as mulheres necessarias, & com silencio
- passarei pello pensamento aquellas graves considerações da Raynha Ester; e as fermosas
- palavras que dizia: *Tu scis necessitatem meam Domine, et quod abominer signum*
- superbiae, et gloriae meae et detesto illud quasi pannum menstruate, & non portem*
- in diebus silentii mei, et nunquam laetata sit ancilla tua, ex quo huc translata sum,*
- usque in praesentem diem nisi in te Domine Deus. ....*
- Quando ouvir Missa me lembrarei, que em aquelle tempo, mais que em outro algum,
- estou obrigada a estar com mais humildade, & reverencia diante da Magestade de
- Deos: & o mostrarei ainda exteriormente quanto seja possivel. Principalmente em
- alevantando o Santissimo Sacramento, me abaixarei, desejando meterme debaixo da
- terra: & sempre notarei algumas palavras do Evangelho da Missa daquelle dia, para
- o trazer a memoria entre dia.
- Serei constante em os exercicios spirituaes & principalmente em o confessarme; &
- & commügar ao menos huma vez em o mez, fora das festas principais: e me confessarei

- alguns dias antes de commungar; & antes, ou depois terei meya hora de oração, & ouvirei outra Missa; & darei ordẽ que ordinariamente ouça hum sermão; ou hũa exortação na capella, ou em a Camera.
- 17 Assentada a mesa, terei sempre presente a temperança que devo guardar no comer; mortificandome em cousa que mais me pedir o apetite. Procurarei tambem impedir com presteza as praticas de murmuração, & de amores perniciosos.
- 18 Depois de comer poderei tomar algũa hora nesta recreação que me apontar meu Confessor, & nessa hora pederei tambem andar tãbem por casa sabendo o que por ella passa.
- 19 Fogirei a ociosidade; porque dana a todos, & principalmente a quem vive entre os regalos, & delicias: e occuparmehei em lavar corporaes, ou cortinas para ornamento do Sanctissimo Sacramẽto; ou em ler; ou tornarei ao estudo da Escritura Sagrada em a qual tão me deleitava âtes de casar.
- 20 Quando for visitada de Senhores, ou mulheres principaes, procurarei impedir praticas, que em taes visitas se uza como de amor, ou de peccados ou de defeitos de outras; e mostrarei particular desprazer de ouvir falar em semelhâtes materias, e principalmente quãdo se trata de mulheres casadas, & tratarei com todas de maneira que se entenda de mim, que mais me contentam as mais honestas, & virtuosas, & que as taes favoreço.
- 21 Não se dançara jamais por causa minha; antes quanto eu poder procurarei impedilo; & quando seja necessario fazerse, se vir cousa que este mal livremente reprehenderei aquelles, a quem me parece o posso fazer; & aos outros mostrarei com bom modo, que me descontenta seu mao proceder.
- 22 Serei diligente em procurar, que entre os de minha casa haja grande honestidade: & terei pessoas que me referirão tudo aquillo que me for necessario para prover a honra da minha familia: farei que não tenham liberdade de lerem qualquer livro.
- 23 Procurarei ter hum Confessor segundo minha necessidade, & com reverencia lhe obedecerei.
- 24 A noite já mais me encostarei, a dormir sem que primeiro faça exame de consciencia & peça a Deos perdão de meus pecados; & quando quizer entrar em a cama, passarei pello pensamento o cap. 8 do livro de Thobias.
- 25 Farei que em minha casa haja ordem em o tempo; & que haja huma pessoa que tenha conta de esperar as donzellas ao tempo devido.
- 26 Porei toda a deligencia por saber como vivem meus criados; & prover do remedio, se algũ estiver em pecado mortal.
- 27 Tendo dividas que pagar, não gastarei se não em cousa que conheça ser muy necessaria: nem ainda isto me fiarei de meu parecer.
- 28 Em as esmolas terei advertencia que as não posso fazer livremente, em quanto durão as dividas, & quando as fizer, serei obrigada a tiralas do necessario.
- 29 Advertirei não me deixar guiar da vaidade em minhas acçoens, senão sempre da rezaõ.
- 30 Em o reprehender a outros, estarei advertida de me não deixar levar da colera, a dizer palavras, or fazer obras, que não convenhaõ cõ a pessoa de minha calidade.
- 31 Não me entreterei em negocios de Frades, ou de outros Religiosos, por lhe não impedir o fruto de sua obediencia.

### TESTAMENTOS

#### Testamentum Serenissimæ Mariæ Parmæ & Placentiæ Principessæ

In Christi nomine Amen Anno à nativitate ejusdem domini milesimo quingentesimo septuagesimo septimo indictione quinta die quinto mensis Julij nocte sequenti circum horam quintam noctis, & tribus luminarijs accensis Pontificatus Sanctissimi Domini nostri Domni Gregorij divina providentia Papa XIII. Anno sexto. Serenissima Maria de progenie Regum lusitaniæ filiaque Serenissimi Odoardi & uxor Illustrissimi & excellentissimi D. D. Alessandri Farnesij, Parmæ & Placentiæ Principis, Parmæ & Placentiæ Principissa, & in Civitate Parmæ commorans, in vicina ecclesiæ majoris & in Palatio episcopali, sana dei gratia mente & intellectu licet corpore languens volens suum pernuncupativum id est sine scriptis facere & condere testamentum suum ultimum & suam ultimam voluntatem mihi Christoforo de Turre Notario infra scripto ad hoc rogato in & ad presentia istorum testium & secundi notarij dedit, tradidit & consignavit infra scriptas duas scripturas in substantia ut dixit conformes unam idioma Italico altera vero idioma hispano seu lusitano scriptas & ejus propria manu ut dixit subscriptas & in eis suum ultimum testamentum & suam ultimam voluntatem scriptum & scriptam fore & esse dixit ac testamentum suum ultimum, & suam ultimam voluntatem ut in eis continetur & dispositum est fecit, condidit & ordinavit ac facit condit, & ordinat in omnibus & per omnia ut in eis continetur dispositum institutum ordinatum & legatum est & quibus se refert legando ordinando disponendo & instituendo ut in eis continetur & quarum duarum scripturarum mihi datur consignatarum & dimissarum ut supra tenor qui minime lectus aut publicatus fuit de ejusdem comisione insertus est hic & sequitur ut infra. Hic describatur tenor dictæ scripturæ Italico idioma scripte signate A.

#### J E S U S M A R I A.

Pola infinita bondade de Deos meu Criador, e Senhor, conheço a fraqueza humana e a incerteza da hora em que será servido de me chamar e em especial o perigo em que estou em todo tempo, polos muitos em que me tenho visto, e por isso dezejo quanto em mym for com a sua graça que espero que me não negará, polo amor infinito com que me criou e remio despoirme de maneira que alcance o fim para que sua divina Magestade me criou, fazendome esta merce que tenho por grandissima, de me fazer Christã e conservarme sempre na pureza da fe Catholica, e assi para não faltar no que toca a minhas obrigações, como para declarar a minha ultima vontade, determinei de fazer este testamento que por tal quero que valha e tenha força, e senão valer como testamento tenha força e eficacia como Codicillo, e primeiramente com todo o effeito da minha alma, e com huma grandissima dor, desejando que fosse major de não ter amado e servido a Deos meu Redemtor e Senhor, como sempre entendi que era obrigada, e sua divina Magestade me lembrava com muitas inspirações, lhe peço que ponha a sua Sacratissima paixão e morte, ante o seu divino Juizo e a minha alma quando diante do seu conspeito for apresentada porque não julgue segundo meus peccados, mas o muito que por amor de mim padeceo, e com a sua infinita misericordia supra minhas faltas neste negocio que tanto me importa. Eu tenho feito humas lembranças em lisboa aprovadas como testamento e por isso declaro que este só que agora faço quero que valha como testamento e do que fis em lisboa repetirei neste o que for minha vontade que se cumpra. Ao Principe meu Senhor e ao Senhor Duque peço que me fação merce de quererem ser meus testamenteiros, e mandar cumprir tudo o que eu declarar neste testamento, e em outras lembranças assinadas de minha mão que se acharão ante meus papeis, ou em poder do Padre meu Confessor porque quero que se lhes de credito como se fossem declaradas dentro neste testamento e se cumprão da maneira que nellas deixo dito, e para minha perfeita satisfação peço a Magestade Catholica delRej meu Senhor e a Magestade delRej de Portugal meu Senhor que assi como me fizerao merce de me prometer de fazer cumprir o contrato do meu casamento queiraõ continuar em me fazer a mesma merce no que toca a meu testamento e obrigações de minha consciencia. E porque muita parte de minhas obrigações

se haõ de comprir em Portugal e o cuidado de os mandar comprir será mais facil a Iffante minha Senhora e ao Senhor Dom Duarte, nesta parte quero que sejaõ meus testamenteiros fazendoas comprir de minha fazenda que para isso lhe deixo como abaixo declararei, e se a fora as obrigaçoins que declaro parecer a Iffante minha Senhora e ao Senhor Dom Duarte que eu tenho outras que deixei de fazer por me não lembrar quero que as façaõ comprir, e certa estou que me faraõ esta merce. Quando Nosso Senhor for servido de me levar para si ordeno que enterrem o meu corpo no mosteiro das frejras da graça dentro no Coro e senaõ puder ser, seja na Capella mor em terra, levemme com muita pouca pompa e vestida no abito das mesmas freiras e estará ahi o meu corpo ate que o Principe meu Senhor ordene donde se ha de enterrar que quererá nosso Senhor que será daqui a muitos annos, e entaõ mudaraõ para lá e peço a S. excellencia que mande que me não abraõ nem embalsamem e que molheres me vistaõ o abito e ao mosteiro se dará de esmola cem cruzados, e no mesmo mosteiro ordeno que se diga huma missa quotidiana perpetua pela alma do Principe meu Senhor e pela minha com huma comemoraçaõ pelo Senhor Duque e por Madama e outra por meos filhos e descendentes e ao Principe meu Senhor peço que me faça merce de comprar renda con que a missa seja segura, e a pessoa que a dirá será a eleiçaõ do ministro do mosteiro donde estiver o meu corpo, e quando o Principe meu Senhor for servido de o fazer passar a outra parte se dirá a missa donde o meu corpo estiver, e os primeiros sete dias depois do meu falecimento se de esmola a todolos Sacerdotes que no dito mosteiro quizerem dizer missa pela minha alma, e se lhes dará a esmola dobrada do ordinario, e se vestiraõ trinta e tres pobres, e folgaria que fossem donas honradas e envergonhadas e a todolos mosteiros pobres de Parma se dará sua esmola, que parecer a suas excellencias e tirarseha hum menino e huma menina de cativo, tambem ordeno que se diga outra missa ordinária perpetua pola Alma da Iffante minha Senhora e pola minha com huma comemoraçaõ por Suas Altezas e outra por meu pai e Irmãos e parentes, e quero que se diga em Portugal no mosteiro de nossa Senhora dos poderes em Vila longa, e será a eleiçaõ de quem a ha de dizer do ministro da Provincia do mesmo mosteiro e se a casa por tempo se desfizer, digase adonde a Iffante minha Senhora estiver enterrada e ahi será tambem a eleiçaõ do ministro da casa, donde S. A. estiver, e da minha fazenda adquirida que lhe deixo mande a Iffante minha Senhora comprar cousa com que a missa seja segura e a Magestade Catholica delRej meu Senhor peço com quanta eficacia posso que tenha lembrança da merce que quando casei me deu esperanza de me fazer dandome nosso Senhor filhos, e pois os tenho e saõ seus servidores o lembro a Sua Magestade nesta minha derradeira hora e ainda que tenha muita confiança que não negará Sua Magestade esta merce ao Principe meu Senhor, não posso deixar de pedir S. Magestade que seja servido de lha fazer, e que tenha sempre a proteiçaõ desta casa e de meus filhos o que peço tambem a Magestade delRej de Portugal meu Senhor e a meus filhos mando que sejaõ sempre muito verdadeiros servidores de Suas Magestades e tambem peço a delRej meu Senhor e a Rainha minha Senhora e ao Senhor Cardeal e a Senhora Iffante que por me fazer merce muito grande se lembrem da Iffante minha Senhora em a consolar e emparar como sempre fizeraõ porque esta he a principal obrigaçaõ que sempre tive, e Suas Altezas sabem com quanta rezaõ. E tambem me faraõ Suas Altezas muita merce em terem lembrança do Senhor Dom Duarte e da Senhora Dona Catharina porque lhes devo muito e bem vejo que he escusado lembrar a suas excellencias a criaçaõ de meus filhos, mas o amor que lhes tenho me obriga a pedir particularmente a suas excellencias como cousa que mais me lembra e desejo, que sejaõ criados em grande temor de Deos nosso Senhor, e inda que tenho por desnecessário encomendar minha filha Margarita ao Principe meu Senhor sendo seu pai, e a Madama e ao Senhor Duque seus avós pois he cousa tanto sua e que todos tanto amaõ, todavia o muito que lhe quero, e o grande dezejo que tenho de todo seu bem me não deixa passar sem o fazer em particular e pedir a Madama que me faça merce que em esta ultima hora para consolaçaõ da minha alma peço a S. A. que queira tomar cuidado della, de a mandar criar em sua casa, e ter consigo ate que caze e passar nella o amor de mãy que me S. A. tem e fazerlhe as merces que eu espero, o meu Dotte he do Principe meu Senhor e folgara que fora muito grande e o gozasse S. excellencia muitos annos, como quererá nosso Senhor que fará e depois sera de meus filhos Ranutio, Margarita e Duarte, e desejo que S. excellencia por me fazer merce tenha mais conta com o que lhe mor bem quizer, e mais obediente for, e assi mesmo de minhas joias que me foraõ dadas e de tudo o acquerido de que eu possa testar livremente polo contrato do meu casamento e finalmente de tudo o que eu posso testar sera S. excellencia meu herdeiro e meus filhos da mesma maneira tirando o que eu deixar a algumas pessoas, com condiçaõ que se dem a Iffante minha Senhora o que

abaixo declararei, para S. A. mandar cumprir as obrigações que tenho em Portugal e legados que deixo lá. E também com esta obrigação que se cumpra em todo caso tudo o que ordeno aqui no testamento como nas lembranças, que se ha de cumprir em Italia como declararei. Porque as dividas e obrigações que tenho em Portugal e deixo a Iffante minha Senhora são de Importancia, e as que tenho a S. A. muitas, por dinheiro que tomei por vezes a S. A. e ao Senhor Dom Duarte e muitas peças com intenção de as pagar quando pudesse, e por algumas obrigações minhas que satisfizeraõ por mym, ja que não posso fazer o que devo farei ao menos o que posso, e assi ordeno que de minha fazenda e adquirido se dem a Sua Alteza dezoito mil cruzados, ou tantas Joias que os valhaõ, para dahi S. A. mandar pagar os legados, dividas e obrigações que deixo declaradas e se haõ de satisfazer em Portugal, e esse pouco que sobejar me fará S. A. merce de aceitar para ajuda de pagar algumas suas dividas, as quais eu me sinto em parte obrigada em consciencia polas cousas que disse e se quando eu morrer for falecida a Iffante minha Senhora deixo da mesma maneira os dezoito mil cruzados ao Senhor Dom Duarte, e se as dividas da Iffante minha Senhora e do Senhor Dom Duarte fossem pagadas ou fosse modo de as pagar, tudo o que sobejar depois de ser satisfeito tudo o que ordeno e o que mais parecer a S. A. que se deve de satisfazer será do Principe meu Senhor e de meus filhos. A Senhora Ersilia minha Irmãa deixo o espelho que me deu o Senhor Duque e folgara eu muito que pudera ella ver dentro nelle o amor que sempre lhe tive, e ao Principe meu Senhor peço que lhe lembre isto para lhe fazer muitos mimos davantage. E a Sua excellencia e ao Senhor Duque peço que me façaõ merce de mandar logo depois de minha morte pagar as minhas dividas que tenho em Italia que me muito premem e de maneira que todos sejaõ satisfeitos e que esta obrigação sejaõ servidos de aceitar como sua, sabendo Suas excellencias bem que foraõ feitas algumas em cousas necessarias para meu serviço, e em gram parte para criação e serviço de meus filhos por não dar pesadume a Suas excellencias e nos casamentos de minhas criadas, e com esta esperança as fis. dizendome tambem algumas vezes o Principe meu Senhor que o Senhor Duque as pagaria, e folgaria eu muito de poder livrar desta obrigação Suas excellencias a que tendo tantas, mas para poder satisfazer a outras muitas minhas sou forçada a deixarlha e quando julgassem Suas excellencias não ter obrigação como eu cuido que tem, pelas rezõins que disse, peço-lhe que por me fazer merce a aceitem, e quando disto não forem servidos o que eu nem devo nem posso cuidar, quero e ordeno que da minha fazenda, e de meus bens adquiridos que deixo ao Principe meu Senhor e a meus filhos, se paguem logo e para isso se desfaca a prata ou se vendaõ as joias que for necessário, e assi peço a Suas excellencias o mandem cumprir. Declaro que deixo nos apontamentos alguma peça das que se contem no meu dotte a alguma pessoa, porque o Principe meu Senhor me deu licença para isso, pedindolha eu para fazer testamento, e deixar o que me parecesse a quem eu quisesse de minhas couzas, o dia que movi derradeiro de Agosto. Declaro tambem que o que deixo a meus criados e criadas nas lembranças para seu casamento, ou por satisfação de seus serviços pretendo que se paguem em parte como obrigação de Suas excellencias polo contrato de meu casamento, nem faço mais que declarar o que me parece que se lhe deve dar para descargo de minha consciencia e para maior satisfação de Suas excellencias porque sempre foraõ servidos que eu declarasse o que lhe deviaõ dar, e isso deraõ a todos por me fazer maior merce, e ainda que não tenho duvida que Suas excellencias lhe mandaraõ dar tudo o que deixo ordenado, pois sempre o fizeraõ com todos os outros como obrigação sua, toda via para minha perfeita satisfação declaro que quando nisso Suas excellencias fizerem alguma duvida em tudo ou em parte, que quero que de minha fazenda e adquirido e do que de deixo ao Principe meu Senhor e a meus filhos se cumpra tudo da maneira que ordeno, e ainda que lhes fiquasse pouco do que eu posso testar bem sei que seraõ elles contentes que eu descarregue principalmente minha consciencia, e a Suas excellencias e a Madama peço me façaõ merce de favorecer muito meus criados e criadas Italianos, de que me ei por muito bem servida e que os queiraõ aceitar todos em seu serviço e mandar satisfazer muito bem, porque sera muito grande merce para mym, e assi tambem encomendo a Suas excellencias e a Madama meus criados e criadas Portuguesas, porque me vieraõ a servir com muito amor, e não poderaõ deixar de estar muito desconsolados, vendo-se sos e fora de sua natureza e aos que quiserem ficar em Italia me faraõ merce de acomodar em seu serviço ou de meus filhos, em bom foro, porque sei que os serviraõ, com o amor que me serviraõ, e aos que se quiserem hir para Portugal queria que Suas excellencias mandassem ordenar seu caminho por mar a todos juntos com companhia segura, porque assi hiraõ as molheres mais honrradamente, e assi para o caminho, como em quanto estiverem se lhe dará a espesa necessária, e alem disto o que deixo ordenado nos

apontamentos e se lhes pague tambem o que se lhes dever de seu ordinario, e a Iffante minha Senhora e ao Senhor Dom Duarte e a Senhora Dona Catharina peço que os favoreçaõ e ajudem e se sirvaõ delles, e toda a honrra que Suas Altezas lhes fizerem, sera para mim grande merce, e particularmente o Padre Sebastiaõ de Moraes meu Confessor porque lhe devo muito e peço a Suas Altezas que o consolem e ajudem porque será grande consolaçaõ para mym, e porque com elle tenho communicado minhas obrigaçoins e tudo o que toca a minha consciência, quero que tudo o que elle disser e lembrar a Suas excellencias, e a Iffante minha Senhora e ao Senhor Dom Duarte se cumpra ainda que seja couza que não esté declarada nas lembranças ou apontamentos que deixo e havendo alguma duvida neste testamento, ou nos apontamentos me remeto ao que o Padre afirmar que he minha vontade, feito em Parma aos dezoito dias de Dezembro de mil e quinhentos e setenta e cinco annos.

Subscripta  
MARIA.

Este testamento torno a confirmar de novo e assi quero que se cumpra com os apontamentos e lembranças que se acharem assinados de minha mã e porque nosso Senhor foi servido de levar para si a Iffante minha Senhora peço a Senhora D. Catharina que me queira fazer merce de ajudar a tomar este peso ao Senhor Dom Duarte, e quando nosso Senhor fosse servido que quando eu morrer seja falecido o Senhor D. Duarte, o que elle não permita, todalas obrigaçoins que eu deixava a Iffante minha Senhora e ao Senhor D. Duarte peço a Senhora D. Catharina e ao Senhor Duque meu Irmaõ que aceitem, e satisfeitas as obrigaçoins que deixava, dos Dezoito mil cruzados do que sobejar mandaraõ pagar algumas dividas da Iffanta minha Senhora ou do Senhor D. Duarte, e sendo pagas ou modo de se pagarem o resto será do Principe meu Senhor e de meus filhos com as obrigaçoins que ja disse, feito oje vinte e seis de fevereiro de mil e quinhentos e setenta e sete annos. Este quero que valha como se fosse feito de minha mã no mesmo dia e anno.

Subscripta

MARIA.

#### J E S U S M A R I A

Ainda que em meu testamento deixe pedido ao Principe meu Senhor e ao Senhor Duque e a Madama que me façã merce de se servirem de meus criados e os favorecerem e honrrarem a todos como me elles tem merecido por seu bom serviço e amor e estou muito confiada que S. A. e Suas excellencias o faraõ com todos de maneira que reste eu satisfazendo a obrigaçaõ que lhes tenho e ao amor e dezejo de lhes fazer merce e que os satisfaraõ da maneira que desencarreguem a minha consciência, toda via por minha satisfaçaõ declararei em particular nestes apontamentos, o que quero que se de a cada hum e porque não será o que eu dezejo supriã Suas excellencias por me fazer merce como lho tenho pedido e agora torno a fazer com quanta efficacia posso e direi tambem outras muitas obrigaçoins e tudo quero que se cumpra e valha como parte de testamento ou Codicillo, e peço a Suas excellencias que o mandem comprir, e tudo faço com mais minha satisfaçaõ porque tenho licença do Principe meu Senhor para deixar as cousas que quizesse a quem me parecesse, que me deu quando agora movi, e lhe disse que queria fazer testamento, que foi o derradeiro de Agosto.

A Condessa de Saõ Segundo quis sempre muito e tive em lugar de mã, e devolve infinito, polo gosto com que deixou sua casa, por me acompanhar, e servir, e pelo amor que me sempre mostrou, ao Principe meu Senhor peço muito por merce que a favoreça, e a todas suas cousas, e por mym lhe mostre quam bem eu conheço a obrigaçaõ em que lhe sou, e assi o mando a meus filhos, e em sinal do dezejo que tenho de lhe deixar muito, se pudesse se lhe de o Joel de hum diamante grande e huma perla, que he compreso no meu dotte para fazer hum anel que traga por amor de mym.

A Senhora Anfrosina me servio por extremo e com muito amor e fidelidade e sem nenhum pesadume e me ajudou a criar meus filhos, a confiança que tenho que a ajudará sempre e favorecerá em tudo o Principe meu Senhor por me fazer merce e consolar a minha alma, como me tem prometido me alivia a pena que tenho de lhe não poder fazer, o que dezejava,



em satisfação de seu serviço se lhe de mil cruzados, e peço a Madama que tome sua neta para servir Margarita minha filha porque lhe tinha eu dado palavra de o fazer, e a meus filhos mando que tenham muita conta com ella e com todas suas cousas.

Hersilia, Victoria, e Soffonisba se nosso Senhor não for servido de me dar vida para lhes mostrar o contentamento que tenho de seu serviço, quero que se lhe dem seus casamentos e hum vestido dos meus, e peço a Suas excellencias que as favoreçam em seus casamentos.

Madona Brigida me tem bem servido e a meus filhos e por isso folgaria que ficasse servindo minha filha deselhe em satisfação de seu serviço cem cruzados.

A Branca se de hum vestido dos meus, e peço a Suas excellencias que a favoreçam.

A Lucrecia Porteira se dem quinze cruzados.

Ao Marques Comparino devo muito amor e serviço, e dezejo dandome nosso Senhor vida de lhe fazer muita merce. Ao Principe meu Senhor o deixo muito encomendado, e peço a Sua excellencia que se sirva sempre delle e faça muito caso, porque lhe enxerguei sempre muito amor a esta casa e he pessoa em quem caberá a merce que lhe Sua excellencia fizer, e mando a meus filhos que tenham muita conta com elle e com seus filhos e que se sirvaõ delles e em satisfação de seu serviço lhe mandara dar o Principe meu Senhor mil e trezentos cruzados, entrando nesta suma a divida que tem comigo e as seguranças que tenho feito por elle.

Todolos outros meus criados Italianos me tem muito bem servido, muita merce me faraõ Suas excellencias em os mandarem satisfazer de minha fazenda e de maneira que fique eu desobrigada e elles contentes hajaõ por bem empregado o tempo que gastaraõ em meu serviço, e porque eu estou confiada que será assi não digo nada em particular e tambem peço a Suas excellencias que favoreça todolos mais criados e criadas que me tem servido e em particular Madona Ana Balia de Margarita e de Duarte meus filhos.

Os Portugueses me lembraõ tambem muito hei grande piedade delles, porque fiquaõ sos e longe de seu natural que deixaraõ por meu serviço mas não duvido que S. A. e Suas excellencias por me fazer merce os favoreceraõ e aceitaõ em seu serviço os que quizerem fiquar, e os que se quizerem hir para Portugal ordenar seu caminho como no testamento lhes peço, e em quanto se não ordenar se lhes dará o necessário, e toda a aspesa para o caminho, e alem disso o que abaixo direi, e aos que ficarem em Italia, peço a Suas excellencias que tenham particular lembrança de os favorecer, e muito consolada estou com a certeza que tenho, que quando chegarem a Portugal, seraõ muito consolados e bem recebidos da Iffante minha Senhorado Senhor Dom Duarte e da Senhora Dona Catharina.

E a elRey meu Senhor e a Rainha minha Senhora peço que me façam merce de ter lembrança de Dona Maior e de seus filhos e filhas para me ajudarem a satisfazer a obrigação em que lhes sou polo amor com que me serviraõ e pesame muito de não poder fazer a cada huma de suas filhas o que dezejava, a Dona Isabel tenho dado hum alvara de ajuda de casamento a Iffante minha Senhora o fará cumprir, com lhe mandar dar quinhentos cruzados, e a Dona Ilena mandará dar trezentos, e a Dona Tareja huma cadeia de cem cruzados, e deixolhe taõ pouco porque a Senhora Iffante tinha dado palavra de a tomar por me fazer merce, e a Dona Catharina mandará S. A. dar a tença que o Senhor Dom Duarte lhe tem assinada e lembro ao Principe meu Senhor e ao Senhor Duque que me mandem ver o contrato do meu casamento e achando Suas excellencias que tem obrigação de dar dotte a Dona Isabel, D. Ilena, e D. Tareja, lhes mandaraõ dar o que mais forem servidos a Iffante minha Senhora e ao Senhor Dom Duarte sei que não he necessario encomendalas pela lembrança que Suas Altezas tem de minhas obrigações.

A Condessa Dona Cezilia tive sempre muito amor, dezejo de lhe fazer muita merce, porque mo tem muito bem merecido, peço muito a Madama e a Suas excellencias que me façam merce de me terem muita conta com ella e com o Conde seu marido e filhos, e que se sirvaõ deles, e assi o mando a meus filhos muito encarregadamente e que a ella e a suas couzas tratem, de maneira que não tenha rezaõ de me achar menos, e S. A. me fara merce de tomar sua filha D. Maria para servir minha filha Margarita. à Condessa mandará dar o Principe meu Senhor hum Coche com hum par de cavallo, e pagar o que se lhe deve de seu dotte e a sua filha D. Maria, quinhentos cruzados. Minha Ama deixou sua natureza por me vir servir e temno feito muito bem, eu lhe quis muito como quem me criou e assi lho mostrara se vivera, peço a S. A. e a Suas excellencias que a favoreçam e a Iffante minha Senhora e ao Senhor Dom Duarte que a consolem muito e tenhaõ muita conta com ella e com seus filhos, deixolhe quarenta mil reis de tença em sua vida em satisfação de seu serviço e hum vestido dos meus para sua nora.

Almeida me tem bem servido e a meu gosto, porque tudo me merece peço a elRei meu Senhor que ainda que o eu não tenha servido pelo desejo que sempre tive de o fazer, me faça merce para ella poder casar mais honrradamente de lhe tomar seu marido em bom foro, e assi nisto como em tudo, peço a Iffante minha Senhora e ao Senhor D. Duarte que a favoreçaõ e ao Senhor Duque e ao Principe meu Senhor lhe mandaraõ dar para seu casamento mil cruzados e hum vestido dos meus e a Senhora D. Catharina me fará muita merce em a ter em sua caza ate que case.

Da Guarda ei grande dó, peço a Iffante minha Senhora que a favoreça porque em quanto ella pode me servio muito bem, Suas excellencias lhe mandaraõ dar trezentos cruzados em satisfação de seu serviço. E se a Iffante minha Senhora lhe ouvesse huma mercearia com que possa viver, seria muito grande merce para mym.

Joana fernandes me tem muito bem servido e com muita fidelidade e amor a Iffante minha Senhora me fara muita merce de a favorecer, e a todas suas cousas Suas excellencias lhe mandaraõ dar quatrocentos cruzados em satisfação de seu serviço.

Maria de Mello me servio muito tempo, por isso desejo que Suas excellencias a favoreçaõ e a seu marido, e o mesmo peço a Suas excellencias que façaõ a Joana Gomes e a seu marido porque são pessoas que o merecem e a que dezejava de fazer merce, e a Joana Gomes mandará dar o Principe meu Senhor cem cruzados.

Guiomar da Costa e seu Marido me faraõ Suas excellencias merce de favorecer e fazerlhe a graça a seu cunhado o mais cedo que for possivel e o Senhor Duque me fara merce de lhe mandar pagar o resto que ha de haver, dos trezentos cruzados que S. excellencia me fes merce de me prometer que lhe mandaria dar por seu dotte, e o Principe meu Senhor lhe mandara dar cincoenta cruzados ou hum bom vestido.

A Simona mandaraõ dar Suas excellencias duzentos cruzados para seu casamento e hum vestido dos meus, e receberei muita merce em a Iffante minha Senhora trabalhar pola casar, ou meter num mosteiro com isto que lhe deixo, e se ficar em Italia ao Principe meu Senhor peço esta mesma merce.

Maceda he forra, o Principe meu Senhor lhe mandara dar setenta cruzados.

A Isabel e Briatisinha deixo forras e livres, porque me tem servido a meu gosto, e folgaria que ficassem servindo minha filha com lhes pagarem seu serviço, e a cada huma mandará dar o Principe meu Senhor trinta cruzados, mas se toda via se quiserem tornar para Portugal, se lhe dara tambem a espesa para o caminho.

Dona Britis de Castellobranco, ou Britis de São Francisco he huma das pessoas a que quis mais nesta vida, e por isso peço a Iffante minha Senhora e ao Senhor D. Duarte e a Senhora D. Catharina que tenham muita conta com ella e a consolem muito porque alem de o ella merecer por seu serviço e virtude, receberej eu muito grande merce desselhe hum vestido dos meus para fazer alguma cousa para o seu oratorio ou cousa equivalente.

A Maria de Salazar tenho muito amor, peço a Iffante minha Senhora que a favoreça sempre e mande olhar por sua fazenda e lhe mandara dar vinte cruzados para hum abito.

Do Padre Sebastiam de Moraes meu Confessor tenho recebido muita consolaçaõ soulhe em estremo obrigada e peço a Suas excellencias que o favoreçaõ sempre e a Iffante minha Senhora e ao Senhor D. Duarte que tenham particular lembrança delle e de todas suas cousas porque o estimarei em infinito e não se lhe pode fazer cousa que elle muito rnais não mereça, e porque sei que não aceitará nada de mim, quero que a Iffante minha Senhora mande dar aos seus parentes mais chegados, quinhentos cruzados como lhe parecer que o padre tera mais gosto.

Diogo de Lescano e Bastiam Machado meus colaços me tem muito bem servido e ao Principe meu Senhor e por esta causa sou certa que S. excellencia e o Senhor Duque os favorecerão muito e inda que lhes eu não posso fazer o que desejo, suprira o Principe meu Senhor com ter muita conta com Bastiam Machado como com criado seu que por me fazer merce recebeo em seu serviço e a Iffante minha Senhora e o Senhor D. Duarte por me fazer merce os favorecerão sempre muito e o Senhor Cardeal Farnese por me fazer merce tambem tera lembrança de Diogo de Lescano, a Diogo de Lescano se daraõ mil cruzados em satisfação de seu serviço e a Bastiam Machado duzentos por me servir, e não lhe deixo mais porque o Principe meu Senhor a quem servio fará como eu espero e desejo.

Todoos mais Portugueses me tem bem servido e lembrame muito os trabalhos que por meu serviço passaraõ, e se me nosso Senhor der vida desejo de lho mostrar assi aos que de frandes se tornaraõ como aos que me vieraõ servir a Italia, com todos espero que a Iffante

minha Senhora e o Senhor D. Duarte teraõ muita conta, em especial com Francisco Vas e Simaõ Godinho e que os favoreceraõ, porque o tempo que me serviraõ foi muito a meu gosto, e naõ lhe tenho satisfeito, como eu dezejava a Francisco Vas sabem Suas Altezas com quanto amor e quaõ bem me servio e por isso sou certa que o faraõ.

Ao Senhor Dom Duarte peço que me faça merce de tomar Coelho e darlhe algum officio com que possa viver, porque me tem muito bem servido, e em satisfação de seu serviço lhe mandara dar o Príncipe meu Senhor trezentos cruzados e se ficar em Italia, a mesma merce peço ao Príncipe meu Senhor e ordeno a meus filhos que tenhaõ muita conta com elle.

A Serra mandará dar S. excellencia cento e cinquenta cruzados em satisfação do seu bom serviço, e a Senhora D. Catharina me fará muita merce em o tornar a tomar e acrescentar o foro, se se quiser tornar para Portugal, porque me tem muito bem servido, e se ficar em Italia a mesma merce peço ao Príncipe meu Senhor e ordeno a meus filhos que façaõ.

A frei Antonio Galvão se dará embarcação com os outros meus criados se se quizer hir para Portugal, e vinte cruzados.

Quanto a meus criados e criadas Italianos eu tenho remetido a Suas excellencias que a todos mandem satisfazer como lhes parecer, e naõ deixo de falar nelles em particular por me lembrarem menos que os Portugueses porque os nomeei, havendo respeito que quando me vieraõ servir foi com intenção que alem de seus ordenados haviaõ de ser satisfeitos conforme ao costume de Portugal e quis nesta parte descarregar minha consciencia.

*Estas obrigaçoens me lembra que devo mandar cumprir por descargo de minha consciencia e promessas que tenho feitas, assi por alvará como por palavra e assi quero que as cumpra a Iffante minha Senhora e o Senhor D. Duarte.*

A Iffante minha Senhora mandará fazer hum retavolo de Santa Engracia para o altar da Capela onde está enterrado o Iffante meu Senhor e pai, e nelle se gastará o que parecer a S. Alteza.

Quando parti de Portugal dei hum alvará a Diogo de Mendonça e a Dona Maior em que lhe prometi que tornando-se para Portugal com minha licença e justa causa lhe daria duzentos mil reis de tença em sua vida, cento a cada hum, e porque Diogo de Mendonça he falecido quero que se pague a Dona Maior a sua parte e assi o mandará cumprir S. A. e satisfazer de tudo o passado em que eu sou em obrigação.

Obrigueime a cumprir o testamento de D. Maria Manoel Camareira Mor da Iffante minha Senhora peço a S. A. que o que faltar mande que se cumpra, os papeis estaõ na maõ do Juiz dos residuos de Lisboa e Neves sabe o que se nisto ha de fazer.

Parece-me que me obriguei a fazer a Demanda de Maria de Salazar e assi quero que se cumpra peço a Iffante minha Senhora que o faça cumprir, e Neves sabe o que he necessario fazer-se.

A hum sobrinha do Padre Frej Marcos me parece que prometi ajuda de casamento, ou com que se metesse freira, ou ajuda para isso, ou algum officio delhe a Iffante minha Senhora o que lhe parecer, com que eu fique desõbrigada e D. Britis de Castello Branco sabe quem he a moça.

A Senhora D. Vicencia minha tia mandará a Iffante minha Senhora dar trezentos cruzados ou a quem ella ordenar, por hum anel de diamantes e hum roza de Diamantes e hum caixinha de rubis, e se isto parecer a Iffante minha Senhora que val mais, delhe S. A. o que lhe parecer.

A Joana fernes devo algum dinheiro o Príncipe meu Senhor lhe mandara pagar tudo o que mostrar por meus asinados.

A Fernaõ francisco tenho dado hum alvara de des ou doze mil reis de tença em sua vida quero que o cumpra a Iffante minha Senhora.

A Diogo Lopes Cirurgiaõ do Senhor D. Duarte dei hum alvara de quinhentos cruzados, parece-me para casamento de hum filha tambem quero que o cumpra Sua Alteza.

A Francisco Vas tenho dado outro alvara de lhe meter hum filha freira, se a Iffante minha Senhora o tem ja comprido com isso fico desobrigada e senaõ o fara cumprir.

Outras obrigaçoens minhas meudas naõ nomearej aqui e bastará lembralas a Suas excellencias ou a Iffante minha Senhora o Padre meu Confessor ainda que este de minha maõ para as mandarem pagar.

E se outra minha promessa ou divida por escrito se mostrar quero que se satisfaçaõ as de Italia o Príncipe meu Senhor e as de Portugal a Iffante minha Senhora porque naõ deixei de as apontar aqui senaõ por esquecimento e se tambem por outra qualquer via parecer a S.

excellencia e a S. A. que tenho outra alguma obrigação, em consciencia que me façaõ merce de mandar cumprir.

A huma parenta de D. Britis de Castellobranco dei hum alvará de cento e vinte e cinco cruzados para seu casamento, ou emparo a Iffante minha Senhora o mandará cumprir.

O Principe meu Senhor me fara muito grande merce em mandar que se não abraõ os meus escritorios e arcas em que tenho papeis, senão em presença de meu Confessor e visto pelo seu secretario que não tenho nellas outra cousa dê as chaves ao Confessor, e mande os escritorios e arcas em que tenho papeis a Iffante minha Senhora e ao Senhor D. Duarte a muito bom recado, porque saõ o mais cartas de Suas Altezas o não queria que as visse outrem, feito em Parma a vinte e cinco annos.

Subscriptio

MARIA.

A Senhora Anfrosina me tem servido taõ bem que me parece que he pouco deixarlhe somente mil cruzados e assi peço a Suas excellencias que me façaõ merce de lhe mandar dar mais quinhentos de que ella será usufrutuaria e por sua morte fiquem a Isabel sua neta.

Porque a filha da Condessa D. Cezilia he morta deixo a Condessa os quinhentos cruzados que deixava a sua filha D. Maria, mas quero que se metaõ em hum monte donde possa tirar essa pouca entrada para comprar hum brinco cadano.

A minha Ama e a Diogo de Lescano e a Bastiam Machado tenho satisfeito com tres mil cruzados e com outras couzas que lhe dei, os mil me deu logo o Senhor Duque e os dous mil tomej ao hebreo, e tem me o Senhor Duque prometido de mos dar como se verá por hum mandado de S. excellencia que antre meus papeis está e porque ainda que fis com elles tudo o que podia não satisfação ao que dezejo, peço a elRei meu Senhor que me faça merce de aceitar o tempo que me serviraõ como tempo que serviraõ S. Magestade para lhes fazer merce e os honrar.

A Almejda tinha prometido mil e seiscentos cruzados de dotte, como se verá por suas lembranças que ella tem na sua mão ss. mil e trezentos em dinheiro e trezentos em movel e ouro. Suas excellencias mandaraõ avaliar tudo o que lhe dei, quando se tratava de seu casamento e tudo o mais lhe mandaraõ dar em dinheiro ate a dita soma de mil e seiscentos cruzados.

O Senhor D. Duarte me fara merce de mandar dar do que deixo a S. A. cem cruzados mais a Antonia Jusarte alem dos outros cento que lhe deixo porque me tem bem servido depois de casada.

Ao Marques Comparino conheço que tenho muita obrigaçam e por isso torno a pedir a Suas excellencias que o tomem em sua casa com lhe dar alguma provisaoõ porque seraõ bem servidos delle e quando disto não forem servidos peço a Suas excellencias que lhe mandem dar mais quinhentos cruzados.

Coelho me tem servido taõ bem que dezejo de lhe fazer mais merce do que digo por isso peço ao Senhor D. Duarte que alem de o tomar em sua casa como lhe tenho pedido, seja em foro de escudeiro fidalgo e que lhe de hum officio em suas terras o primeiro dos bons que lhe vagarem, e o Senhor Duque e o Principe meu Senhor lhe mandaraõ dar mais cem cruzados.

As pessoas nomeadas neste Rol que ja forem satisfeitas não se lhe de mais.

De novo torno a confirmar tudo o que digo nestes apontamentos em Parma a vinte e seis de fevereiro de mil e quinhentos setenta e sete annos.

Estas lembranças quero que valhaõ como feitas de minha mão o mesmo dia e anno.

Subscripta

MARIA

Antonia Jusarte peço a Iffante minha Senhora que a favoreça muito e lhe mandará dar cem cruzados. Omissum.

Supra ubi & simile signum per errorem Approbo Christophorus de Turre Notarius.

Oge o derradeiro de Junho de 1577, torno a confirmar quanto tenho declarado no testamento que fis a desoito dias de Setembro de 1575, e depois confirmei a 26. de Fevereiro de 1577, e assi mesmo as lembranças que fis a 20 de Setembro 1574, e depois aprovei a 26 de Fevereiro 1577, e tudo quanto digo quero que se cumpra e o que mais agora aqui declararei e será isto como parte ou continuação do testamento.

Porque eu pretendo que pela morte do Senhor D. Duarte que Deos tem me fique Guimaraens por ser morgado, por minha morte será de meu filho primogenito Ranutio e asi

mesmo toda a rezaõ que eu mais possa ter em os bens do Senhor D. Duarte será de meus filhos, e a meu filho Ranutio ordeno que o primeiro officio bom que vagar naquella terra mande dar a Liodel Coelho, e tambem outro a Francisco da Serra e se lembre quando os prover de meus criados que me sirviraõ.

E se as rendas de Guimaraens forem livres de modo que sobre ellas não se pague nenhuma divida da Iffante minha Senhora dellas se contentará o Principe meu Senhor que a Senhora D. Catharina mande satisfazer parte das minhas obrigaçoins que tenho em Portugal os que puderem mais esperar ao parecer da Senhora Catharina, porque a S. A. remeto nesta parte desencarregar-me minha consciencia e tanto menos lhe mandará dar Sua excellencia dos dezoito mil cruzados que disse.

De minha Ama e de meus Colaços me lembro muito e tanto mais quando me lembra que lhe faltou o Senhor D. Duarte que eu esperava que me desobrigasse em graõ parte da obrigação em que lhe sou, a minha Ama deixo alem do que lhe tenho dado oito mil reis de tença em sua vida que lhe dava a Iffante minha Senhora por me ella ter criado e alem disto doze mil reis que lhe o Senhor D. Duarte dava polo ella ter servido, estas tenças lhe dava eu porque me parecia obrigação suprir por Suas Altezas pois ella supria em tantas outras minhas e por isso declaro que se lhe o Senhor D. Duarte deixa alguma cousa a esta conta que se lhe diminua, e quando não, se cumpra tudo isto por entejro como digo e a Diogo de Lescano se dem mais cem cruzados pelos dias que esteve aqui de que lhe faço merce e a minha ama se pagaraõ os mandados que tem na maõ.

Os medicos que me curaraõ, peço ao Principe meu Senhor que mande muito bem satisfazer, porque o fizeraõ com muita deligencia e cuidado mestre Sipion Casola & mestre Pietro Linati, nem eu declaro nada em particular porque espero que Sua excellencia o fará aventajado do que eu poderia declarar e a S. excellencia peço me faça merce de tomar hum filho de mestre Pietro Linati que eu lhe tinha prometido de tomar por page.

Ainda que tenha pedido a Sua excellencia se lembre de Alfonso melleri e dos mais Gentishomens meus criados toda via lembrandome que casou com huma minha criada com pouco dotte, peço ao Senhor Duque de novo me faça merce de lhe dar algum officio com que se possa ajudar, porque he pessoa sufficiente, amorevole, diligente e fiel e me tem muito bem servido.

Don Joseffo meu Capelaõ he hum bom Religioso, me fará o Principe meu Senhor merce de lhe mandar em quanto elle vive dizer a missa que deixo ordenada.

O Doutor Anrique da Costa me tem feito alguns bons serviços em Roma me fará o Principe meu Senhor merce de lhe mandar dar hum cavallo ou sesenta cruzados.

Olimpia encomendo muito ao Principe meu Senhor e a Sua excellencia lhe mandará dar seu dotte e dar ordem com que case honrradamente, porque he boa e temme mui bem servido.

Tambem me fará Sua excellencia grande merce de se lembrar de Madona Madalena e de seus filhos, porque conheci nela muito amor a esta casa, e queria que com toda brevidade possivel fosse satisfeita do dinheiro de que me servio e a mesma merce peço a Sua excellencia mande ordenar logo quanto ao dinheiro de que me servio mestre Claudio d'Aian, para que eles não padeçaõ pela boa obra que me fizeraõ.

A Guiomar da Costa me fara merce o Senhor Duque mandar dar o resto do dotte que lhe prometi com licença de Sua excellencia que saõ mil cento e vinte seis livras como se verá por huma lista em maõ de Giberto Solaro meu compotista e isto não lhe metendo a conta duzentas e sesenta livras que lhe dei em vestidos e roupa branca que disso lhe faço merce e seu marido o recebera como se fora dote seu e conforme a isto se entende o Capitulo que fala nella nas lembranças que deixo.

A Macedo se quiser hir para Portugal se lhe dará a espesa como aos outros Portugueses assi casados como solteiros e alem disto trinta cruzados e fora os que lhe deraõ em dotte e se restará em Italia se lhe daraõ sesenta cruzados e o Principe meu Senhor se lembrará de favorecer seu marido.

A disciplina de San Cosmo e damiano se dará todo o paramento de missa de tela de argento ss. capa vestimenta almaticas frontal e o mais.

A casa das meninas preservadas mandará o Principe meu Senhor dar de esmola cinquenta cruzados, e peço a Sua excellencia me faça merce de ter particular proteiçaõ daquela obra de tanto serviço de Deos e bem da Cidade porque se começou debaixo da minha sombra e dezejo que va sempre em crescimento e outros cinquenta a companhia das cinco chagas para que se destribuaõ polos pobres conforme a ordem da mesma companhia das molheres.

A San Roque me fara merce o Principe meu Senhor de mandar dar os des panos de tapeçaria de Cesare para se ornar a Igreja e encomendo muito aqueles padres a Sua excellencia a que tenho tanta obrigação e como pessoas que fazem tanto fruito nesta Cidade e em particular lhe encomendo o Padre Sebastiam de Moraes e o Padre Pietro Angelo e Sua excellencia me fará merce de não deixar partir o Padre Sebastiam de Moraes de Parma sem primeiro ficar de todo cumprido o meu testamento.

Naõ se faça nenhuma duvida nas lembranças que tinha feito por estar riscado hum Capitulo que fala no Padre Sebastiam de Moraes porque o fis por satisfazer ao dito padre que mo pedio com muita instancia quando lhas mostrei e o testamento que tinha feito antes que elle viesse de Roma e consenti eu nisto muito de ma vontade oje o dia e anno acima escrito.

Subscripta

MARIA.

Et hoc ipsa Serenissima Principissa testatrix voluit & vult esse & esse debere suum ultimum testamentum & suam ultimam voluntatem derogatorium & derogatoriam quibuscunque alijs testamentis ultimis voluntatibus & legatis per eam abhinc retro conditijs & factis quam & quod valere voluit & vult jure testamenti & si jure testamenti valere non potest valere voluit & vult jure codicillorum & cujuslibet suae ultimae voluntatis & omnibus melioribus modo, via jure forma & causa quibus magis & melius valere potest de jure, super quibus ipsa Serenissima Principissa testatrix rogavit me Christoforum de Turre Notarium infra scriptum ut de predicto suo testamento & omnibus in eo dispositis ac legatis in eo contentis & de quolibet legato de per se conficiant unum aut plura, instrumentum & instrumenta prout erit expediens & infra scriptos testes ut essent testes & memores hujus sui testamenti ac infra scriptum secundum Notarium ut interesset pro secundo Notario Acta fuerunt haec Parmae in Palatio Episcopali in quo ipsa Serenissima Principissa habitat sito in vicinia ecclesiae majoris & in ejus Camera cubiculari presentibus ibidem venerabile Dono Joseph de Vilarys ejus Capelano filioque domini Francisci presbitero Parmense Abbate Abbatie Sancti Marcelini Illustre Domino Jeronimo Ambrosio Marchione Malcaspina, Marchione Comparino nuncupato filioque Marchionis federici ejusdem majore domo vicinie supradicte ecclesiae majoris. Magnifico Ar. & me doctore domino Petro de linate filioque domini Joannis vicinie Sancti Pauli. Domino Dominico de Angelis filio Domini Artenij. Domino Alfonso Macetto filioque Domini Federici. Domino Alesandro de Vechijs filio Domini Marci Domino Benedicto de ferrarijs filioque Dominici, oninibus quatuor vicinie ecclesiae majoris, omnibus testibus, notis idoneis, ad predicta specialiter habitas vocatis & rogatis & asserentibus se cognoscere prefatam Serenissimam Principissam testatricem & me notarium infra scriptum & presente etiam Domino Petro de fosio filio Domini Jonite vicinie Sanctae Mariae Magdalenae notario Parmense, notario rogato pro secundo notario.

Ego Christophorus de Turre filiusque Domini Hieronymi civis Parmensis .... Sancti Nicolai, publicus Apostolica & Imperiali autoritatibus Notarius Colligatus Parmensis, quia promissis omnibus & singulis interfui, & de eis prout supra rogatus fui;.... hoc praesens testamentum manu aliena publice Serenissimae Principissae testatrici fide in ea presertim parte scriptum supradictumque Idiomate hispano seu lusitano scripta erat & est fideliter scriptum in hanc publicam formam redegi in praesenti quinterneto cartarum quatuordecim praesenti computata, ac eidem Serenissimae Principissae, viventi, & petenti traditi, meque subscripsi, & signavi in fidem veritatis rogatus.

Nos Erasmus Monticellus & Jacob Ugolinus de Cornasano Proconsules almi Collegij D. Notariorum civitatis Parmensis fidem facimus & attestamur qualiter praedictus Dominus Christophorus qui de presenti rogatus extitit tempore extitit rogitus .... de presenti fuit & erat ... Parmensis fidus & legalis in ipso Col .... admissus descriptus ... & rogitibus ... plena & indubia fides adhibita fuit atque in ... adhibet in quorum fidem ... Parma die septimo mensis Julij anni 1577.

Virg. joya notarius & Canc.

Outro testamento da Senhora D. Maria, Princeza de Parma, que fes antes de ir para Flandres.

*In nomine domini nostri Jesu Cristi.*

Porque não posso fazer testamento deixo estas lembranças a Iffante minha Senhora as quais Sua Alteza comprira por me fazer merce e quando não estiver em despozição pera isso peço ao Senhor Dom Duarte que me faça merce de tomar este cuidado e o mesmo peço a Senhora Dona Caterina quando o Senhor Dom Duarte o não puder fazer e bem sey que em tudo o que cumprir a minha alma favorecera ElRey meu Senhor e a Rainha minha Senhora e o Senhor Cardeal e a Senhora Iffante e polla criação que fizeraõ em mi não quereraõ que padeça a minha alma muitos dias no purgatorio e peço a Suas Altezas que se lembrem da Iffante minha Senhora e a consolar e amparar como sempre fizeraõ e a Rainha minha Senhora peço esta merce em especial e asi tenhaõ muita lembrança de meus Irmãos porque lhe devo muito meus criados queria que Suas Altezas favorecessem muito porque vaõ daqui comigo com muito amor as filhas de Dona Maior se pudera ser folguara que Suas Altezas mas quisessem recolher partindoas antre todas huma tomase a Rainha minha Senhora e a outra a Senhora Iffante e a outra a molher delRey meu Senhor e a mais velha metessem Suas Altezas em Santos com lhe darem de minha fazenda o que parecer Dona Cizilia queria que tomasse a Senhora Dona Caterina porque he filha de seu criado a todos meus criados peço a Iffante minha Senhora que satisfaça de minha fazenda conforme a largueza de sua condição minha ama e minha colaça peço a Senhora Madama que se sirva dellas e meus colaços peço ao Principe meu Senhor que se sirva delles e os aguazalhe como eu espero delle e que folgara de lhe ficar este penhor Simão Godinho peço ao Senhor Dom Duarte que favoreça e honre e faça merce como eu delle confio Francisco Vaz peço ao Senhor Cardeal que lhe de o habito como lhe tenho pedido porque receberey niso grande merce e todolos outros meus criados peço a Suas Altezas que favoreçaõ è recolhaõ os que se vierem pera qua e os que Suas Altezas não tomarem e a Senhora Madama a o Principe meu Senhor peço ao Senhor Dom Duarte que recolha os que puder e eu tiver mais obrigação Diogo de Mendonça e Dona Maior e seu filho peço a ElRey meu Senhor por quanto desejo de lhe fazer muito grandes serviços que mos queira emparar e favorecer deixo a Diogo de Mendonça e a Dona Maior os duzentos mil reis de tença que lhe tenho prometidos cento a cada hum em sua vida aselhe de comprar esta tença de minha fazenda a todos estes criados que nomeyo e todolos outros que vaõ comigo a frandes peço a Iffante minha Senhora ou a qualquer de meus Irmãos a que isto vier ter a mão que corte por minha fazenda e que os satisfaçaõ muito bem a Dona Isabel Pereira deixo trinta mil reis de tença pollo serviço que me tem feito e a Iffante minha Senhora vinte que lhe Sua Alteza dá por me fazer merce em tença que ella tinha de ordenados e dez que lhe agora dou peço a Sua Alteza e ao Senhor Dom Duarte e a Senhora Dona Caterina que sempre a favoreçaõ muito minha ama Isabel Chanoqua fica com duas filhas e tres com huma que eu levo queria que Suas Altezas lhe fizesem toda merce em seus requerimentos que pudese ser a Dona Brites de Castelobranco quis sempre muito grande bem he huma santa peço a Iffante minha Senhora e a meus Irmãos que tenhaõ sempre muita conta com ella e assi com Maria de Salazar que esta freira em Evora e olhem muito polla sua demanda que fica em poder de Neves peço a Iffante minha Senhora que a Dona Brites e a Maria de Salazar faça alguma esmola por minha alma e depois de descarreguada e pagos meus criados e obrigações tudo mais que sobejar deixo para se pagarem as dividas da Iffante minha Senhora porque as fez por amor de mi huma misa mando que se diga cotediana por minha Alma e polla da Iffante minha Senhora com huma comemoração por todas Suas Altezas e outra por meu pay e irmãos e parentes e quero que se diga no mosteiro de Dona Brites de Nosa Senhora dos Poderes e se a casa por tempo se vier a se desfazer digase aonde a Iffante minha Senhora estiver enterrada e de minha fazenda se compre cousa com que fique esta misa segura algumas obras pias quisera mandar fazer mas parece-me que nenhuma sera mais aceita que ajudar a Iffante minha Senhora e eu espero que as que ella ou meus testamenteiros fizerem por minha Alma sejaõ as mais acertadas e peço-lhe que tirem hum menino e huma menina de cativos eu levo o Padre Morais pera me confesar se noso Senhor ordenar que eu acabe ficara elle muito desconsolado e fora de sua natureza peço a Iffante minha Senhora e a meus Irmãos que mandem por elle e lhe façaõ toda a caridade e o tratem muito amorosamente no meu contrato cuido que esta que se se

meus criados vierem que os satisfaça e porque eu não mereço ainda a Senhora Madama esta merce lhe peço que lhe mande dar embarcação e os favoreça com sua Real condição para tornarem a sua natureza Dona Maria Tavares me servio muito bem peço a Iffante minha Senhora que a favoreça e a Caterina Leme que eu criei e a Maria de Moraes e a todas as outras suas criadas porque a todas devo muito amor e muita criação minha ama meus colações e minha colação digo que fiquem em frandes porque me parece que lhe vem bem mas se se quizerem vir peço a Senhora Madama que lhe de boa embarcação e ajuda para o caminho e a Iffante minha Senhora que os favoreça conforme a quanta obrigação ve o que lhe eu tenho não especefiquo mais neste testamento porque com presa e saudade não poso dizer nada e o que digo he tão mal ordenado como se nelle vera mas tenho tanta confiança na Iffanta minha Senhora e em meus Irmãos no bem que me querem e em suas boas consciencias que satisfaraõ todos e os consolarão tão largamente como eu nelles espero estas lembranças de minha Alma fis em Lisboa a ix de Setembro de 1565 e mando que se cumpraõ como se fose testamento.

E se noso Senhor permitir de me levar em frandes peço a Senhora Madama que me mande enterrar em algum mosteiro de freiras de Santa Clara das Portas a dentro para me mandarem por aonde Sua Alteza quizer e a S.A. deixo todos os brinquos da India que eu levava pera a servir como não forem Jarras porque são necessarias para o que a tras tenho ordenado de minha fazenda e porque no que digo a tras de deixar minha fazenda pera se pagarem as dividas da Iffante minha Senhora não sey se vay bem declarado declaro por este que isto se entendera que[r] em sua vida quer despois de sua morte asi divida de dinheiro como de satisfação de serviço e quando não ouver cousa obrigatoria ey por bem que se paguem as de iquidade que parecerem aos testamenteiros de Sua Alteza e não faça duvida os risquados nem os borrois feito no mesmo dia nem as entrelinhas.

Saibaõ os que este estromento daprovação virem que no anno do nacimiento de noso Senhor Jesu Christo de 1565 annos a x dias do mes de Dezembro ja de noite nos paços delRey noso Senhor no apousento da Iffante Dona Isabel estando ahi a Senhora Dona Maria filha do Infante Dom Duarte que esta em gloria e da dita Iffanta e ella Senhora Dona Maria estava sã e em seu mui perfeito entendimento que lhe noso Senhor deu segundo parecer de mi tabaliaõ e ella Senhora Dona Maria com sua mão perante as testemunhas ao diante nomeadas me foi entregue esta cedula e eu perguntei a Sua Alteza se era esta cedula o seu solene testamento e S. A. dise que si que ella o escrevera e asinara de seu sinal e que por testamento o aprovava como de feito aprovou este seu testamento e o ha por bom firme valioso e que inteiramente se cumpra como se nelle contem e em testemunho de verdade asi o outorgou e mandou ser feito este estromento testemunhas que presentes estavaõ o Senhor Dom Constantino tio da dita Senhora Dona Maria e o Senhor Conde de Tentugal e Dom Diogo de Lima e Pedro Dandrade e Fernão de Sande e Simão Godinho e eu Antonio Damaral tabaliam publico delRey noso Senhor na Cidade de Lisboa e seus termos que esto estromento daprovação fis e escrivi e o asiney de meu publico sinal.



VITA, ET MORTE  
DELLA SERENISSIMA PRENCIPESSA  
DI PARMA, ET PIACENZA  
IN BOLOGNA,  
Per Alessandro Benacci.  
1578.  
*Con licenza de' Superiori.*

[fl.2r.] GLI HUOMINI DELL'ORATORIO  
della Chiesa Cathedrale di San Pietro di Bologna  
alle nobili, & diuote Madonne della Compagnia  
della Communione di detta Chiesa.

DELLA VITA, ET MORTE  
della Serenissima Principessa di Parma, et Piacenza.

Tra molti modi don li quali la diuina giustitia nel tremendo giorno del giuditio suo, serà per rimprouerare la malitia & disobedientia nostra, dicono le sacre lettere, che l'vno molto efficace serà in presentare in faccia altre persone dell'istessa etade, & conditione di vita che noi siamo, che hauranno adempito tutte quelle cose, delle quali à noi in presente pare di potersi con varii pretesti escusare: come si alcuno non volendo perdonare l'injuria à chi l'hà offeso, penserà di coprirsì con lo scudo della nobiltà, ò professione militare: li compariranno subito alla presenza altri maggiori di sangue, & di carichi di militia, quali però hauranno christianamente viuuto, & pacificatosi con suoi nemici; & s'alcuno hauendo consentito à desiderii inhonesti, penserà valersi del patrocinio della giouentù, ó complessione, ò compagnie: compariranno in quel momento altri d'età, & qualità più scusabili, che però si sono mantenuti intieri, [fl. 2v.] & saldi che, sotto l'obedienza diuina, & cosi di mano in mano, si scopriranno molti, che confonderanno ciascuno di quei nostri diffetti, da quali noi con vani colori, & tergiuuersationi pensiamo poterci diffendere.

Però la Santa Chiesa madre, & maestra nostra, preuedendo questo rinfacciamento, che ci è apparecchiato, & la miserabile ruina, che è per seguirne, se per tempo non ci emendiamo, ha voluto oltre molt'altri rimedii christiani, di che si ha proueduti lasciarci ancora varii esemplari di virtù espressi nelle vite de Santi, che sono sparsi per tutta la christianità, acciò considerassimo, che quelli istessi, creature come noi, composte di fragile corpo, come noi, nodriti de i medesimi cibi, come noi, educati sotto le medesime leggi, come noi, hāno nondimeno superati tutti i contrasti del mondo, & sono saliti alla gloria eterna & con questi così viui, & chiari essempli, che spesso sogliono più mouerci, che i documenti in carta, douessimo più facilmente raffrenare l'impeto de i nostri appetiti, & con vna emulatione santa, più suegliarci ad abbracciare le vere, & christiane virtù ad imitatione loro.

Mà perche cō tutto ciò tanta è la malitia del cuor nostro, che per proteggere i nostri errori, cerchiamo sempre ricoprirsì d'altri mantelli, proponendo che non essendo nati in quelli antichi tempi, doue fioriu la bontade, & più abondaua la gratia dello Spirito santo, non siamo tenuti ad ogni osseruantia delle legge diuina, però ha voluto quell'altra prouidentia, se bene questa scusa è molto [fl. 3r.] vana, non essend'egli accettatore ne di tempo, ne di persone, per leuarci tutte le difese, produrre continuamente quasi di tempo in tempo, & in diuersi luoghi nouelle piante cariche de frutti religiosi, & di vera pietà, che potessero conuertire à se gli occhi d'altri à riguardarle, ammirarle, & imitarle, se bene non fossero per sante ancora autenticate. Et in questo è abondata talmente la sua clementia, che non solo nelle persone dotate di scientia, d'ingegno, di grado, & authorità, hà voluto che spesso apparisca questa memoria, mà ancor ne gli abietti di conditione, rozzi di lettere, & nudi delle terrene sostanze, ha concesso il medesimo, perche ne resti al mondo come publico documento, tal che non sia stato così sublime,

ò infimo di uita, al quale subito non appariscano varii ritratti d'huomini simili alla professione sua, ch'hanno viuuto con ogni purità, & innocenza.

Mà che diciamo noi degl'huomini? Poi che nel sesso ancor più infermo della Donne, ha pur mostrata la medesima pietà, spargendone infinite in ogni parte de christiani ornate di tanto spirito, & così infiammate dell'amor diuino, che basta il loro nudo nome ad arguire la troppa disuguaglianza nostra: Ne questo ha manifestato solo nelle Virginelle, ò altre sequestrate dal secolo, & dedicatesi alla vita religiosa, mà generalmente in ogni grado di vita loro, ò viduale, ò coniugata, ò con peso de figliuoli, ó senza, ò accasate in villa, ò nelle cittadi, ò priue di robba, ó abondanti di ricchezze, & tutto questo/ [fl. 3v.], lo acciò restassimo affatto certificati, che nissuna di quelle circostanze, è tale, che possa impedire dal corso suo vn'animo generoso, & risoluto di seruire à Dio: Anzi per confondere più i vani pretesti di molte, che per esser nate in Città nobili, & grandi, abondanti di delitie, & lussi, & collocate in famiglie splendidi, & magnifiche, giudicano non conuenirseli alcuni essercitii christiani, che esse chiamano bassi, & che l'usanza del viuere largo, & voluptuoso del luogo gli apporti escusatione; ecco che à proposito la diuina prouidentia fa sorgere alcuno arbore ornatissimo, & copiosissimo de tutti i fiori che esteriormente gl'occhi humani possono desiderare, & dentro così ripieno di vero succo di pietà, & timore diuino, che à merauiglia di chi lo riguarda, si vedono tutti quei fiori conuertirsi alla giornata in frutti saluberrimi, & pieni di mirabile virtù, & perfeitione.

Di questa sorte di piante, è piaciuto alla celeste misericordia vltimamente adornarne in particolare le nobili città di Parma, & Piacenza, concedendole per Principessa la Serenissima Madamma Margherita N. di fel.mem. splendidissima non solo di tutti quei doni, & ornamenti esterni, che nella faccia del Mondo soglio no essere più pregiati, ma molto più interiormente illustre di spirito, di religione, & di christiane virtù. Del che rendendone chiaro testimonio, quello che di lei ha scritto il Reuer. Padre della Compagnia del GIESV, theologo, & confessore suo, raccolto in vn libretto, [4R] che à questi giorni si è letto nell'Oratorio nostro, è stato giudicato dalli diuoti fratelli, per quella christiana pietà, che persuade ciascuno à comunicare i beni dati, & li doni spirituali, che tal scittura debba esser posta in luce, nò solo per conseruare publica memoria di così raro essemplio, accaduto si può dire ne gli occhi nostri per la vicinanza, & cōmercio che tengono quelle Città insieme, ma ancor acciò da essa si possono tanto più eccitare le nostre honorate gentildonne, & quelle d'altri luochi, che la leggerāno, hà volersi adornare di quegli acconci, & preziose vesti, & uere gioie de quali ella sempre tanto si mostrò vaga, & onde lo splendere suo gionse sino al cielo.

Però che, chi vorrà considerare ch'ella nata di sangue Regio, Principessa di stato si illustre, & collocata in Prencipe così grande, oltre infinit'altre circōstantie grauissime, habbi però con tanta riuerenza frequentate le Chiese, così osseruati li giorni festiui, con tanto feruore adopratasi nella disciplina christiana delle Putte, si affettuosamente riceuuti, & accarezzati i pouerelli, ragionato, & ascoltato sempre così volentieri, & con tanta humiltà, & diuotione delle cose di Dio, con mille altre notabili essemplii, di che è piena tutta la città sua: Come sarà possibile che non resti oltre modo ammirato, se in questa, ò in altra città ueda per l'auenire tal'hora alcuna Donna, se bene nobilmente nata, pur digrado à lei tanto inferiore, stare occupata in cose puerili di soggie noue, & ne [4v.] gli habiti, ragionamenti, & cōuersationi, tutta mostrarsi colma di leggerezza, & vanità? Che facendo tale parāgone, & rimirandolo con gli occhi fissi non resterà totalmente confuso, & pieno d'un pietoso sdegno contra di chi nò s'accorge di così graue errore? Per il che sperādosì, che tale essemplio così viuio, così fresco, & così notabile, possa nò poco giouare ne gli animi ueramente nobili, si è deliberato concordemente da nostri fratelli, con molta sodisfattione di Monsig. Illustrissimo Vescouo, & Pastor nostro, di pubblicare questa scrittura diricciandola à voi nobilissime, & deuotissime Madonne, che mediante la charità, & grandezza del Spirito, che Iddio vi hà dato, possiate più facilmente insinuarla all'altre, & da esse con l'essemplio vostro sia più prontamente abbracciata, seruendosi ciascuna di essa, como di specchio, doue per l'auenire remiri se stessa, & scoprendosi qualche discrepātia, cerchi emendarla, acciò raffettata tutta la vita loro, ne resti il Signor Dio glorificato, & esse con questo mezo saliscano à godere con lei i beni di vita eterna. Il che piaccia à nostro Sig. IESV Christo, & alla sua gloriosissima Madre di cōcederci per sua infinita misericordia.

(fl. 5r)

LETTERA  
SCRITTA DAL R. P. CONFESSORE  
della Serenissima Principessa di Parma, & Piacenza,  
ad vna prencipale Signora Sopra la vita, & morte di Sua Altezza.  
Data in Parma il di xv di Luglio.  
MDLXXVII

Per sodisfare al ragioneuol desiderio di V. S. & per sua & mia consolatione, le scriuo alcuni particolari della vita, et morte della Signora Principessa di Parma, et Piacenza, di fel. Me. & ciò in quel modo, & con quel ordine, è confusione, che mi verrà à memoria, & che mi sarà concesso dalla breuità del tempo.

Volse la Maestà di Dio, che questa Serenissima Signora scriuesse, & dichiarasse senza pensarlo, quale ella fosse, & quanta gratia gli hauesse Dio concesso, & comunicato, & quanti saldi fondamenti ella hauesse fatto nella vita, & perfettione christiana, percioche.

Frà' le sue scritture, ch'erano da lei tenute con molta secretezza, se n'è ritrouata vna scritta di sua mano, accomodata in modo, che si poteua portare nel seno, la quale essendo da me letta, non senza merauiglia, mi fù [5v.] ancora d'infinita contentezza, et voglio riferirla a V. S. in questa, ad verbum; essendo certo, che le sarà gratissima, et che ne resterà molto consolata, che in vero à me pare, ch'ella habbia fatto vn ritratto di se stessa, et anco ad vn certo modo della perfettione christiana, et così comincia.

HAVERO continuamente auanti gli occhi miei, quelle parole di Christo, *quid prodest homini si uniuersum Mundum lucretur, animae verò suae detrimentum patiatur?* Et come nessuna cosa più m'importa, che la salute dell'anima, spesso mi recorderò, che la strada del Cielo è stretta, & difficile, & quella dell'inferno è larga, & spatiosa<sup>2</sup>; & questo mi farà sicuro rimedio, per mettere freno à miei inordinati appetiti.

Spesso mi recorderò di quel santo consiglio, *memorare nouissima tua, & in aeternum non peccabis*,<sup>3</sup> & di questo soggetto farò ogni giorno oratione almeno una meza hora la sera, che mi seruirà per risolvere i fumi, che mi vanno di continuo per la mente, & anchora per fuggire i peccati.

Mi persuaderò (com'è il vero) che il più honorato titolo, ch'io habbia, è questo di christiana<sup>4</sup>, dal che nascerà, che bisognando, più tosto lascerò tutti gli altri, che mai mancare al debito di christiana.

Hauro gran cura di acquistare nell'anima mia profondissima humiltà<sup>5</sup>, che è la scala del Cielo, & à me molto necessaria in questo stato mio, attorniato continuamente da tante, & così varie occasioni di superbia.

[6r] Procurerò di conseruare nell'anima mia gran disprezzo delle cose di questa vita<sup>6</sup>, & di conoscer bene in che conto io debbo essere tenuta, persuadendomi, che non può essere buon Christiano, chi non arriua à questo, Et à tal fine mi seruirò di quei uersi di san Bernardo, quali essendo io giouanetta, tradussi in lingua mia, & sono questi.

Si mihi sint vires, et praedia magna, quid inde?

Auri si species, argenti massa, quid inde?

Si mihi sint nati de Regia stirpe, quid inde?

Longus seruorum mihi seruiat ordo, quid inde?

Si doceam socios in qualibet arte, quid inde?

Et rota fortuna me tollat ad astra, quid inde?

Si foelix annis regnauero mille, quid inde?

Tam cito praetereunt hac omnia, quod nihil inde?

Seruiat ergo Deo quisquè, quoniam satis inde.<sup>7</sup>

---

<sup>1</sup> Memoriale della Serenissima Principessa per viuere christianamente.

<sup>2</sup> Che la strada del cielo è stretta, & quella dell'inferno è larga.

<sup>3</sup> Ricordarsi della morte & del giudicio.

<sup>4</sup> Il titolo do Christiano è sopra gli altri honorato.

<sup>5</sup> L'humiltà è scala del cielo.

<sup>6</sup> Disprezzo delle cose del mondo.

<sup>7</sup> Versi di Sà Bernardo i disprezzo delle grandezza mondane.

La legge di Dio haurà sempre nel mio cuore il miglior luoco, cioè il mezo, oue la riponeua il Re Daud<sup>8</sup>.

Sarò sollecita in rispondere alle inspirationi dello Spirito santo, le quali per sua infinita bontà sono state sino dalla fanciullezza mia in me continue, d'amarlo, & seruirlo perfettamente<sup>9</sup>.

Ogni giorno cinque volte almeno, inginocchiata, renderò gratie à Dio<sup>10</sup>, per li grandi, & continui benefitij, che dalla sua pietosa mano hò riceuuti.

Mi esserciterò nella mortificatione delle passioni, & [6v.] nel moderare gli appetiti miei<sup>11</sup>, persuadendomi questo esser proprio essercitio da Christiano, & non solo da Religioso.

Mi ricorderò, che la penitenza<sup>12</sup> è necessaria, & cosa propria da Christiano, & per questo non passerò giorno alcuno senza fare qualche poco di penitenza, almeno di raffrenare alcuno appetito, o lasciare alcuno etiam lecito gusto.

Farò gran conto dell'oratione, & la farò mentale<sup>13</sup>, almeno tré volte in giorno, cioè mez'hora la mattina, meza à Nona, & meza la sera; & oltre questo procurerò di farla ancora frà il giorno breue, frequente, & feruente.

Suegliata ch'io farò la mattina<sup>14</sup>, subito mi offrirò à Dio, & gli dimanderò gratia per non l'offendere, et leuata di letto il primo atto ch'io farò, sarà l'ingenochiarmi in terra, & dire l'oratione di Prima, che si dice nell'ufficio grande, *Domine Deus, qui ad principum huius diei nos peruenire fecisti*, etc.

Quando mi vestirò<sup>15</sup>, non ui saranno presenti, se non le Donne necessarie, & con silenzio passerò per la mente quelle belle considerationi della Regina Ester, & quelle belle parole, ch'ella diceua, Tu scis necessitatem meam Domine, & quòd abhominer signum superbiae, & gloriae meae, & detester illud, quasi pannum menstruatæ, & non portem in diebus silentii mei, & nunquàm laetata sit ancilla tua, ex quo [7r.] huc translata sum vsquè in praesentem diem, nisi in te Domine Deus.

Quando sentirò la messa<sup>16</sup>, mi ricorderò, che in quel tempo, più che in nessun'altro, sono obligata à stare con più humiltà, & riuerenza verso la Maestà di Dio, & lo mostrerò etiam esteriormente quanto sarà possibile, massime nell'alzare il Santissimo Sacramento mi abbasserò, desiderando mettermi sotto la terra. Sempre noterò alcune parole dell'euangelio, che si dirà nella messa, per ricordarme frà il giorno.

Sarò costante nelli essercitij spirituali<sup>17</sup>, & massime nel confessarmi, & comunicarmi almeno vna volta il mese, & oltre le feste principali, & mi confesserò alcuni giorni prima ch'io mi comunichi: & innanzi, & dopo farò vna mez'hora d'oratione, & sentirò vn'altra messa, & darò ordine, acciò che ordinariamente io senta vna predica, ò vero vna essortatione nella capella, ò in camera.

Alla tauola mi ricorderò della temperanza<sup>18</sup>, & di mortificarmi in alcuna cosa, alla quale mi sentirò più prouocare dall'appetito; procurerò ancora con destrezza d'impedire i ragionamenti di mormorationi, et d'amore perniciosi.

Doppo il präsò, potrò pigliare alcuna honesta ricreatione<sup>19</sup>, secondo che mi serà apparecchiata dal confessore, potrò ancho tal'hora andare per la casa alla sprouista.

Fuggirò l'ociosità<sup>20</sup>, perche nuoce à tutti, & massime [7v.] à chi uiui continuamente fra le delizie.

Mi occuperò in lauorare de corporali, ò cortine, per ornamento del Santissimo sacramento, ò in leggere, ò vero ritornerò allo studio della sacra scrittura<sup>21</sup>, della quale tanto mi delectaua auanti, ch'io mi maritassi

<sup>8</sup> Legge di Dio si dee tenere nel mezo del cuore.

<sup>9</sup> Accettare sollecitamente le buone inspirationi del Sig.

<sup>10</sup> Render gratie à Dio.

<sup>11</sup> Mortificatione.

<sup>12</sup> Penitenza ogni giorno.

<sup>13</sup> Oratione mentale.

<sup>14</sup> Leuarsi del letto.

<sup>15</sup> Vestirsi.

<sup>16</sup> Vdir la messa.

<sup>17</sup> Essercitij spirituali.

<sup>18</sup> Temperanza nel mangiare.

<sup>19</sup> Ricreatione honesta doppo il präsò.

<sup>20</sup> Fuggir l'ocio.

<sup>21</sup> Occuparsi in lauori p. seruijo di Dio.

Quando sarò visitata da Signore<sup>22</sup>, ò Gentildonne, procurerò d'impedire i ragionamenti, che si sogliono usare in simil tempo d'amore, & de peccati, ò diffetti d'altri, etc. & mostrerò particolare dispiacere di sentire parlare di simile materia, & massime, quando si tratta di Donne maritate; & mi porterò con tutte in modo, che s'intenda, che le più honeste, & virtuose, più mi piacciono, & che tali fauorisco.

Non si ballerà mai per causa mia<sup>23</sup>, anzi procurerò, quanto potrò d'impedirlo, & quando pure bisognerà farlo, se vedrò cosa, che stia male, liberamente riprenderò quelli, con chi mi parerà poterlo fare, & alli altri mostrerò con bel modo, che mi dispiace il loro procedere.

Nelle mie di casa sarò diligente in procurare, che ui sia grande honestà<sup>24</sup>, & haurò persone, che mi referirāno tutto quello, che sarà necessario, per prouedere all'honore della famiglia, & farò, che non ui sarà tanta libertà di leggere, qual si voglia libro.

Non anderò mai la sera in letto, prima non habbia fatto l'essamine della mia conscientia, & dimandato perdonanza à Dio de miei peccati, et quando mi vorrò porre in letto, passerò per la mente mia l'ottauo Capitolo [8r.] del libro di Tobia.

Non mancherò vsare diligenza, per sapere come viuono i miei seruitori<sup>25</sup>, & prouedere, se ue ne fosse alcuno, che stesse in peccato mortale.

Cercherò d'hauere un confessore<sup>26</sup>, secondo il mio bisogno, & con riuerēza l'obedirò.

Farò che in casa mia sia ordine del tempo<sup>27</sup>, & che vi sia vna persona, che habbia cura di svegliare le giouani, all'hora debita.

Trouandomi debiti da sodisfare, io non spenderò se non in cosa da me conosciuta molto necessaria<sup>28</sup>, ne anco in questo mi fiderò del mio parere.

Nelle limosine<sup>29</sup> parimente sono stata auertita, di non poterle fare liberamente sino che durano i debiti, e che quando le farò, deurò cauare dal necessario.

Auertiro di non mi lasciare guidare dalle vanità<sup>30</sup>, nelle mie attioni; ma sempre dalla ragione.

Nel riprendere altrui<sup>31</sup> sarò auertita di non lasciarmi trasportare dalla colera à dire parole, ò far fatti, che disdicano grandemente à persona della mia qualità.

Non m'intricherò in maneggi de frati, na d'altri Religiosi<sup>32</sup>, per non impedire il frutto della loro obedientia.

Ogni vno, che haurà visto, & praticato questa Serenissima signora, haurà anchor visto quanto ella diligentemente si sforzasse d'osservare tutto il sudetto da lei raccolto, che seco portaua per ricordarselo; Il che à me [8v.] pare un uero ritratto della perfettione christiana, in vna Principessa, & questo dourebbe bastare; ma dirò pure alcune altre cose di lei, che mi souengono.

Era in sua Altezza il timore di Dio<sup>33</sup>, & sollecitudine di non l'offendere grande, onde quando ella faceua la sera l'essamine della sua conscientia (il che vsò di fare fin da fanciulla) scriueua i suoi peccati, & quando si confessaua, li portaua scritti, notando il numero, etiam de minimi mancamenti, tanto che spesso pareua à confessori, ch'ella accedesse, & la riprendeua, & di qua nasceua, che in ogni cosa benche minima voleua il parere del confessore, et quando era ripresa di alcuna cosa, la sua riposta era talhora con lagrime, & se pure parlaua, diceua ch' era il vero, & dimandaua consiglio, come haueua da fare.

Hora mi ricordo, che stando lei aggrauata dalle infermità, io le dissi, ch'ella hauea fatto male il tal negotio, & subito cominciò à piangere, & leuati le mani in alto, dimandò perdono à Dio<sup>34</sup>, & in modo che quell'atto mi sforzò à lagrimare, & ogni volta che per occasione, ò per farla meritare la riprendeua, il che poteua io fare con quella libertà, che haurei ripreso

---

<sup>22</sup> Modo di essere visitata dalle gentil donne.

<sup>23</sup> Impedire i balli.

<sup>24</sup> Honestà delle persone di casa.

<sup>25</sup> Sapere come viuono i seruitori di casa.

<sup>26</sup> Confessore.

<sup>27</sup> Dispensare bene il tempo.

<sup>28</sup> Non ispendere supersuamente.

<sup>29</sup> Elemosine.

<sup>30</sup> Fuggire la uanità.

<sup>31</sup> Riprendere altri.

<sup>32</sup> Non ingerirsi in maneggi de religiosi.

<sup>33</sup> Timor di dio.

<sup>34</sup> modo di cōfessarsi.

qual si voglia puerina, ordinariamente era necessario tornarla à consolare, tanto s'affligeua, & tanto da douero pigliaua le riprensioni.

Quanto questa Signora fosse sollecita del profitto spirituale, si vede nel soprascritto memoriale: si uede anchora [9r], che quando sentiuua qualche predica, notaua di sua mano i punti, & alle volte procuraua d'hauere le prediche intiere in scritto<sup>35</sup>; & di quelli punti scritti di sua mano, & prediche hauute da gli stessi predicatori ne sono ritrouate parecchie nelle sue scritture.

Era quella Signora molto zelosa di conseruar la purità della fede catholica in se stessa<sup>36</sup>, & ne gli altri, & di qui veniuua, che mai ella volse dire oratione, ò fare alcuna diuotione, che le fosse insegnata, se prima non la facesse uedere al padre Inquisitore, ò uero al proprio Confessore. Le orationi, & operine di diuotione scritte à mano le faceua sottoscrivere all'Inquisitore, si come si può vedere; & soleua dire, io non voglio ne sanità del corpo, ne bene alcuno di mano dello inimico: Ond'io mi ricordo, che subito, ch'ella si parti con l'armata da Lisbona, per andare in Fiandra, ordinò al suo Maggior domo, che facesse vnire insieme la sua Corte de Portughesi, quale all'hora era grande, & la maggior parte, come l'hebberò accompagnata in Fiandra, se ne ritornarono, venendo lei in Italia, & à me disse che à loro dessi alcuni ricordi del modo, con che doueuan conseruarsi in quei paesi infetti di heresia, doue andauano. Di questo son ben certo, che ancor che si credesse, che nell'armata, & nella Capitanea istessa ui fossero molti Fiaminghi heretici, come seppe di poi, ch'erano la maggior parte: nientedimeno in tutto il viaggio, per rispetto di lei, nessuno si scoperse, anzi dauano ad intendere d'essere [9v] Catholici, et fermandosi l'Armata in un porto d'Inghilterra, parue al Sig. Conte di Masfelto generale di quell'armata, che Sua Altezza mandasse à visitare la Regina, non lo uolse fare per essere heretica<sup>37</sup>, & ben che le fosse detto, che lo poteua fare, & che ui era l'occasione, non la uolse intendere, & vi fa ancor da fare assai, che ella volesse dare audienza ad un principale Signore di quella terra, che venne alla naue à visitarla, & inuitarla à sbarcare, si per vedere la terra, come per rinfrescare le genti, & questo perche gli fu detto, che quel Signore era stato Ecclesiastico, & che hauea profanato la Chiesa, con farne stalla. Doppo che sua Altezza l'ebbe ascoltato, disse che mentre le parlaua tremaua, parendole di ascoltare, non vn huomo, ma un diauolo.

Venne gran gente dalla terra all'armata, huomini, & donne, & vedendo sua Altezza vna Donna fra quelle più honorata, che l'altre, la quale hauea secoudi bellissimi figliuolini, la pregò molto, & la fece pregare da alcuni Signori fiamenghi, che si contentasse donarle quei dui figliuolini, promettendole di tenerli cari, & d'hauerne cura come madre, il che faceua, non potendo patire, che quelli angiolini in apparenza, se ne andassero all'inferno, essendo alleuati dalli parenti heretici.

De qui aueniua, che in quelle cose, nelle quali intoppano gl'heretici mostraua più affetto, & diuotione come nella riuerenza de santi, & all'imagini loro<sup>38</sup>; ella [10r] haueua vn ritratto della Madonna di continuo in camera cauato di quella di santa Maria maggiore di Roma dipinta da San Luca, & per riuerenza lo teneua sempre coperto, eccetto quando voleua fare oratione, & stando molto aggrauata in questa sua ultima infirmità, io gli disse, ch'ella bene hauesse l'immagine del Crocifisso di contro presso il letto, rispose padre, io grandemente lo desidero, pur ch'à voi paia, che non sia irriuerenza, perche, come sapete, mi bisogna voltare spesso volte dall'una, & l'altra parte: liberata da questo sospetto fece porre il Crocifisso vicino al letto, il quale era da lei con molta attentione mirato, & si vedeua l'affetto, & diuotione nelli occhi suoi, il che era con mia edificazione, & de circostanti.

Alle reliquie de santi, portaua notabile riuerenza<sup>39</sup>, ella andaua per la Fiandra, & per l'Alemagna à visitarle tutte, & procuraua d'hauerne, per quanto à lei era possibile, & massime in Colonia Città copiosissima di così degne ricchezze, nel quale luoco si trattenne assai, solo per uisitarle, & lo faceua con tanta diuotione, che tutti s'edificauano à vederla, & di là portò alcune teste della compagnia delle vndici milla Vergini, & altre Reliquie. Nella Città d'Aquisgrana piena di così degno tesoro si fermò per uederle tutte, & essendole mostrato tesoro

<sup>35</sup> Vdire le prediche.

<sup>36</sup> Zelo della fede catholica.

<sup>37</sup> Fuggire la cōuersatione degli heretici.

<sup>38</sup> Riuerenza alle imagini de santi.

<sup>39</sup> Reliquie de santi.

si fermò per uederle tutte, & essendole mostrato quel panno, co'l quale fù coperto N. S. in croce, grandemente s'inteneri, & con molta diuotione pregò vn Sacerdote di quelli, che lo mostrauano, che le volesse dare [fl. 10v.] vn picciol filo che pendeua, & fù cortesemente compiacciuta, & era da lei con molta riuerenza conseruato, & tanto caro se lo teneua, che diceua, non l'haurebbe dato alla Madre da lei tãto riuerentemente amata, & osseruata: & essendole mostrate le fascie, con che fù fasciato Christo quando nacque, ella si gittò per terra, basciandole con tanto affetto, che pareua le volesse mangiare: et à me disse di poi, che gl'era venuto vn gran desiderio di pigliarne un boccone, et ingiotirlo, co'l dimādarmi se seria stato peccato. Dirò vna cosa da lei spesse volte vdità dire, per la quale se gli augumentò molto la diuotione nelle Reliquie, & fù, che stando in Portugallo nell'età sua di 15 anni in circa, la Signora Infante sua Madre alla presentia sua, & di molt'altre persone, mostrò alcune reliquie, frà le quali vi era del legno della Santissima Croce<sup>40</sup>, che sudò sangue con stupore di tutti, il che è stato più uolte da sua Altezza affirmato à più persone, & conseruaua parte di detta Reliquia, con straordinaria diuotione, & il vederni santo passato, essendo lei molto aggrauata da dolori, & parendole, che questo fosse buon rimedio à fare, che li sentisse meno, se la fece portare con molt'altre Reliquie, & a me la mostrò, & alle gentil donne ch'erano presenti, & anchora si vede insanguinata la carta, oue stà dentro, & in tutto quel tempo che se la tenne appresso, che fù per ispatio di due hore, ella nō sentì i soliti dolori. Questa notabil cosa che mi souiene, voglio dire della sua diuotione alle Reliquie [fl. 11r.]

Quando ch'era l'armata, che la cōdusse di Fiādra in Inghilterra, s'attacò il fuoco, nella naue oue ella staua, & ogn'uno procuraua di saluarsi, & essendo andati alcuni Signori per saluare sua Altezza, nell'uscire ch'ella fece della stanza, si fermò sù la porta, dicendo le mie Reliquie non voglio che restino, & ritornò à pigliarle, hauendo memoria delle Reliquie, et non delle sue gioie, ne d'altra cosa cara, ne se gli poteua appresentare cosa più grata, che qualche Reliquia santa.

Vn Reuer. Frate di San Dominico, gli portò vna delle Spine della corona del Saluatore, la quale egli portò di Germania, doue era stato Prouinciale, et benche da lei gli fosse vsato segno di gratitudine, ritrouandosi nōdimeno detto padre qui in Parma, nel tēpo ch'ella staua male, et non le parēdo di hauergli fatto quella limosina, che doueua per gratia fattale di cosi pretiosa gioia, di nuouo gli vsò gran cortesia, co'l donargli altre tanto di quello hauea fatto prima.

Haueua in molta riuerentia gli habiti delle Religioni<sup>41</sup>, & stando male gli entrò in camera il Padre Inquisitore di san Domenico, per concederle l'Indulgentie, ch'hāno quelli della Compagnia della Croce, nella quale sua altezza era entrata per zelo della fede, & doppo l'hauerle con grandissima humiltà pigliate, bascio con riuerenza l'habito loro.

Hauendo sua Altezza fatto dimandare alle Monache delle Gratie, che sono dell'ordine di sāta Chiara, [fl. 11v.] instituito da san Francesco il più uile, & abietto habito, ch'elle hauessero in casa, volendo con quello esser sepolta, non mancarono quelle madri di consolarla, & quando gli fù appresentato, caramente lo basciò, & il simile fece del Cordone di San Francesco, accettando l'uno, & l'altro con molta diuotione, l'istesso fece ancora, quando era in transito, che si fece porre adosso il detto habito, & doppo l'hauerlo basciato, parendole, che fosse corto, & non le compresse i piedi, chiamò vna signora assistente alla persona sua, & gli disse, Signora perche quest'habito è corto, di gratia quando sarò morta, pigliarete vna touaglia, & coprirete mi bene i piedi; Era tanta la riuerentia, & diuotione, ch'ella portaua à quest'habito di San Francesco, che veramente si può dire, che il suo cuōre era di quello istesso vestito.

Quando ch'ella era libera dal legame del matrimonio, hebbe alcune gagliarde inspirationi, d'abbracciare quella religiosa vita<sup>42</sup>, & à me raccontò vna volta, che stando in Portugallo insieme con la Regina, & in un monasterio di monache di San Francesco in tempo, che fece professione vna bella, & ricca Signora, ch'era stata Damma della Regina, la quale con singolare vocatione Dio l'hauea chiamata alla Religione, & sentendo sua Altezza le gran promesse, che se le faceuano da parte di Dio, et dall'esempio di quella Dāma, si commosce tanto à straordinario desiderio di consecrarsi à Dio, che si rissolse buttarsi à piedi della Regina, & pregarla, [fl. 12r] che

<sup>40</sup> Miracolo del legno della santissima Croce.

<sup>41</sup> Habito de religiosi.

<sup>42</sup> Desiderio di entrare in religione.

si contentasse darle licentia d'entrare in quel monasterio, per seruire à Dio, & à me disse, che si leuò in modo senza auedersene, che fece merauigliare le persone, ne sapeua come fosse ritornata à sedere.

La prima volta che sua Altezza entrò nel Monasterio delle Gratie di Parma già sudetto, se ne andò diritto al choro, & doppo l'hauer fatto oratione disse, (mostrando à quelle, ch'erano presenti) questa è la mia casa, & in quel luogo voglio essere sepolita<sup>43</sup>, il che faceua ogni volta, ch'ella andaua in quel venerando luogo.

Era così uiua la fede in lei, che spesse volte accompagnaua il ragionamento della gloria, ò dell'inferno con le lagrime, onde trattandosi vna volta in Inghilterra mentre ch'ella staua sul mare, della sua smontata in terra, & dicendo alcuni Signori principali, che portaua pericolo, che gli heretici facessero qualche insulto, ella rispose, ò beata mè, s'io fossi martire; da questo gran zelo della fede nasceua in lei la pietà, & diuotione; con tutte l'altre virtù, delle quali ella era compitamente dotata, come sano tutti quelli, che di lei hanno hauuto cognitione.

Per questo ad alcuni pareua, & meritamente, che Dio l'hauesse condotta in Italia per la Fiandra, & per la Germania, acciò che mostrasse così fatto essemplio di uirtù, et in tempo, che n'era tanto bisogno in quelle bande. [fl. 12v.]

Ogn'uno sà in questa Città, quanto la giouato questo suo essemplio, nella frequenza del Santissimo Sacramento dell'Eucharistia<sup>44</sup>; & quanto poteua, si delectaua li lauorare di sua mano alcuni ornamenti per seruitio dell'altare, come corporali, & facciotti fatti con bellissimi, & richissimi lauori, sopra le maglie.

Quando che ueniua occasione d'accompagnare il Santissimo Sacramento con esemplare edificazione dei populi, lo faceua.

Teneua per molto importante circostantia, & necessaria di confessarsi<sup>45</sup>, se qualche diffettuccio ella hauesse commesso nella chiesa, doue fosse il santissimo Sacramento, & sempre che si comunicaua, lo faceua con tãto sentimento, & abundantia di lachrime, che spesse volte, non lo poteua dissimulare à circostanti.

Mai haurebbe lasciato per qual si uolgia causa, d'ascoltare la messa<sup>46</sup>, & in questo tempo che staua per morire, essendo pregata da medici, & da altre persone d'autorità, che mutasse camera per essere quella, doue era, caldissima, & come insopportabile à chi seruìua, ella rispose, che volentieri l'hauria mutata per compiacere all'uno, & all'altro, & ancora per suo comodo, ma che per non perdere la messa, non lo uoleua fare, poi che nell'altre camere, non ui era la comodità dell'oratorio; sì che ogni giorno, ella sentì la messa, sino all'ultimo di della sua vita.

Fu veramente cosa molto notabile, & da tutti gli [fl. 13r.] assistenti grandemente considerata, che se bene ella era oppressa da continoi dolori, che sempre la inquietauano, & l'astringeuano à lamentarsi, & à gridare: come cominciua la Messa, sin che era finita, ella staua quietissima, ne si sentìua lamentare, & à me ha detto, che quãdo sentìua la Messa, benché ella hauesse i dolori, sentìua molta consolatione, & sempre faceua chiamare i suoi figliuolini, & li faceua stare appresso di se alla Messa.

Quando ch'ella era priua di questo contento, come fù nel mare, non mangiua mai prima che non l'hauesse sentita leggere.

Passando per la Germania, hauea dato particolare commissione al suo foriero, che quando esso andaua à dimandare il passo alli Principi, o alle Republiche, le dicesse, ch'era una Signora catolica, et che come tale uoleua potere fare dir Messa; & è occorso alcuna volta, che nel dire la Messa, bisognaua stare cõ l'arme in mano, per tema di qualche insulto delli heretici, & in molti luoghi, s'è celebrata con gran dispiacere.

Ella spesso diceua io sarei la più cattua donna del mondo, s'io non mi confessassi, & comunicassi almeno vna volta il mese, il che gli fù ordinario fin da picciola<sup>47</sup>. Quando il Signor Principe andaua alla guerra, si comunicaua ogni quindici, & ogni otto giorni, & desideraua continuoare ogni settimana; mà per parere più seruitio di Dio, ella si priuò di questa

---

<sup>43</sup> Eletione della sepultura.

<sup>44</sup> Frequentare l'Eucharistia.

<sup>45</sup> Confessione.

<sup>46</sup> Ascoltare la messa ogni giorno.

<sup>47</sup> Confessarsi & cõmunicarsi almeno una uolta il mese.



consolatione. Nella infirmità ogni settimana lo faceua, & aui/cinandosi [fl. 13v] all'ultimo ogni giorno si confessaua: pòche hore auanti, che spirasse si confessò, & auisò due di quei padri che erano presenti, con dirli quando sarò al fine, & che più non potrò parlare, state attenti che ui farò qualche segno, s'io mi ricorderò di qualche peccato, come farà di toccare col dito la bocca, & alzarlo al Cielo, all'hora vi contenterete darmi l'assolutione. Per riuerenza del santissimo Sacramento, & di Christo, la cui persona in quel luoco rapresenta il confessore, nel tēpo che si voleua confessare, usaua che quādo il cōfessore entraua, ò uero che s'accostaua al luoco da confessarla, ella si leuaua in piedi, et ui staua tātō, che il cōfessore fosse assentato, ne voleua per suo cōmodo sotto le ginocchia alcuno cossino, onde col'esempio suo, hà incaminato gran parte delle sue Donne à confessarsi, & comunicarsi spesso, con riuerentia, & diuotione, & non solo le sue di corte, mà gran parte di quelle della Città, et similmente molti huomini, i quali essendo da lei adoperati nell'opere pie, si sono con l'esempio suo dati alla uita spirituale, et frequentano i santissimi sacramenti.

Ella si conosceua di natura altièra, & assai inclinata alla vanità, & alla gloria; per questo procuraua di nascondere quel bene, ch'in se haueua, come à fare le sue limosine più secretamente, che fosse possibile<sup>48</sup>, & non mostraua mai quello, che sapeua.

Ella possedeua la lingua latina<sup>49</sup>, più che mezanamente, & in modo, che in quella poteua parlare, & [fl. 14r.] scriuere molto bene, haueua della greca assai buona cognitione; di filosofia, & matematica ne sapeua più che à bastanza; nientedimeno quando occorreua, ch'alla presentia sua si ragionasse di queste virtù, non mostraua saperle<sup>50</sup>, come veramente sapeua, saluo se non fosse stata qualche religioso, cō qualche ella fosse solita famigliarmente parlare.

Haueua ancor gran pratica della sacra scrittura, la quale studiua diligentemente, massime prima che si maritasse. Doppò altro non studiua, che libri spirituali<sup>51</sup>, & particolarmente quelli, che muouono gli affetti: ella gustaua assai nel leggere gli opusculi di San Buonauentura.

Erano le sue penitentie molto secrete<sup>52</sup>, & in modo che nessuno se n'auedeua, come quando che l'Illustrissimo Sig. Prencipe era absente, ella si leuaua la notte à fare oratione.

Dirò à V. Sig. anco questa cosa, nella quale si uede con quanta secretezza ella procuraua di fare le sue cose diuote. Haueua vna cassetina, nella quale teneua le sue cose più care, oue era vno Cilicio<sup>53</sup>, con le sue mani accomodato, & (stando lei male di questa sua vltima infirmità) se la fece portare sul letto, col dire à me, che mi voleua dare quel Cilicio, acciò ch'io l'abrugiasse, perche non fosse veduto da alcuno, & che non pensassero, che lei fosse buona, essendo che poche volte l'haueua [fl. 14v.] adoperato, & io dicendole, che di ciò non si pigliasse fastidio, perche non importaua, se bene fosse veduto, sapendosi già che lei era Christiana, & ch'il portare Cilicio non era cosa sola de santi, mà de peccatori per fare penitentia, di nuouo mi replicò, che in far questo, io la volessi compiacere; stando in questo contrasto entrò in camera l'Eccellentissimo Signor Prencipe, di che lei si uergognò, come se l'hauesse ritrouata in vn gran fallo, & lo pregò, & scongiurò, facendosi dare la parola da Prencipe, & da Caualliero di non dire cosa alcuna, & à me diede il Cilicio.

Mentre chella era aggrauata dal male, le dispiaceua molto, che le fosse detto ch'hauesse fatto dell'opere buone<sup>54</sup>, et particolarmente un giorno, ch'essendo venuto il Padre Inquisitore à visitarla, per darli animo le disse, vostra Altezza si douria consolare, poi che con la gratia di nostro Signore hà fatto col'opere, & esempio suo tanto bene in questa città, la qual è tutta riformata; delle qual parole ella ne mostrò dispiacere istrinicamente con segni, & parole; Dopoi auisò me, & altri Religiosi, che uenuta l'hora del suo trāsito, più tosto le fossero da noi ricordate cose, che la inducessero à contritione, & à dolersi de suoi peccati, & à sperare nella misericordia di Dio, che cose terrene; perche quello, & non questo gli era necessario, con tutto ch'ella fosse certa, che l'opere buone fatte in gratia del Signore siano meritorie nel diuino conspetto,

<sup>48</sup> Elemosine.

<sup>49</sup> Lettere latine, & greche.

<sup>50</sup> Fuggire l'apparenza.

<sup>51</sup> Libri spirituali.

<sup>52</sup> Penitentie.

<sup>53</sup> Cilicio.

<sup>54</sup> Fuggire la uanagloria.

per la virtù del preciosissimo sangue di IESV [fl. 15r] Christo; & à me ordinò ch'io auisasse vn Padre, il quale continuamente le ricordaua le buone opere che da ciò dessi stessee, perche esso nō mi conosce disse ella, ne fa il mio bisogno, essend'io vna superba.

Era molto data all'oratione<sup>55</sup>, & era solita di dormire con la corona in mano, & subito svegliata dire dell'orationi, & oltra l'ordinario, come s'è detto, spesso se ritiraua à stare nell'oratorio due, ò tre hore, massime quando haueua qualche fastidio, per consolarsi cō Dio, & in tutti i suoi negotij, la prima cosa era di ricorrere all'oratione, & à far dire delle Messe, & ancora quanto staua male, non lasciò mai, sino ch'a lei fu possibile la mez'hora della ordinaria oratione della mattina, et fu spesso bisogno, ch'io entrassi in camera, et glie la uietassi, perche al più delle volte in quel tempo erano fuori i Medici, ch'aspettauano, & passaua l'hora di pigliare il siroppo, ò di farli alcune prouisioni già ordinate.

Vna volta la ritrouai voltata verso vn'Imagine, & tanta occupata nella consideratione, che stessee vn pezzo prima che la mi rispondesse à quanto gli haueuo detto.

Quando che s'auicinò alli vltimi giorni, essendo tanto debole, che non poteua fare oratione, faceua ch'alcune persone deuote, & pure, & alcuni Religiosi in camera sua diceuano, secondo che da lei gli era ordinato, o salmi, ò orationi<sup>56</sup>, seguitandoli lei al meglio che poteua, & à me disse, hora bisogna trattare l'anima mia come trattano il corpo, dandomi spesso da ristorarlo poco [fl. 15v] & buono, & da li auanti, si seruiua di dire certe breui orationi diuote, come sarebbe, *Domine si uis, potes me mundare, IESV fili David miserere mei, Deus propitius esto mihi peccatori, &c.* & con questo si tratteneua, & sentiuua consolatione; Ella soleua quando non era impedita, fare oratione con le ginocchia in terra, per tenersi svegliata.

Spesso gli interuenne in questa infirmità, quando i dolori erano eccessiui, farsi portare qualche Reliquia, ò della Manna di santo Andrea, raccomandandosi à Dio<sup>57</sup>, & offerendosi alla sua santa volontà si sentiuua al legerire il male, & spesse volte gli occorreua finire l'oratione con gran certezza d'esser essaudita dal Signore, & in modo che pareva non dubitasse niente.

Dirò per gloria di Dio quello, che lei stessa in così fatto proposito mi disse tre giorni prima che la morisse, raccontandomi le gratie singolari, & gli infiniti beneficij, ch'ella haueua riceuti dalla Maestà di Dio<sup>58</sup>, & quanto gli era obligata; l'estate passata la Principessa Margherita sua prima figliuola stete molto male; per il che sua Altezza ne sentiuua qualche perturbatione: finalmente quella figliuolina venne à termine, che i Medici haueuano poca speranza della sua vita, il che vedendo sua Altezza, subito ricorse dal supremo medico, & con affettuose orationi pregaua Dio, che sana glie la donasse, pigliando per sua Auocata la gloriosa Vergine; finita la sua oratione, vsci dell'oratorio con tanta certezza [fl. 16r] d'ottenere la dimandata gratia, ch'affirmaua, che la sua figliuola viuerebbe; ciascheduno si merauigliaua che ciò affermasse, tanto più hauendo i medici perduta la speranza. Ne mancò sua Altezza di continuoare l'oratione, facendone fare à tutte le Religioni, & à luoghi pij; fece fare ancor generale processione per la Città, et ui andaua lei con molta prontezza, & charità. Ritornata à casa dalla processione, fece ongere il cuore alla figliuola, cō l'olio del Gran Duca di Toscana, et cominciò à star bene, & così hebbe con la sanità della figliuola compitamente la gratia dimandata al Sig. co'l mezo dell'oratione.

Ella desideraua d'hauere un foglio maschio<sup>59</sup>, per il bisogno, che n'era nell'Illustrissima casa Farnese, & lo dimandaua à Dio con molto affetto, & vna volta andò all'Hospitale de Bastardini, & con molta istanza dimandò al Priore di quel luoco vno de quelli putini, & hauutolo lo fece consignare ad vna Balia, che l'aleuasse, & ne hauea cura, come di figliuolo, hauendo speranza che Dio la consolerebbe del suo desiderio. Fù veramente merauigliosa cosa, ch'essendo il Sig. Principe fuori, ne aspettandolo così presto, il seguente giorno venne all'improviso, & de li à nuoue mesi ella partorì il Principe Ranuccio, con tanta allegrezza, & contento di questi Eccellentissimi Signori, & delli stati, che più non si può desiderare.

Era da lei desiderato d'hauere vn altro figliuolo maschio, & essendo un giorno alla chiesa della Madonna [16v.] della scala, nella quale entrandoui dentro à caso il Signor Principe,

---

<sup>55</sup> Oratione.

<sup>56</sup> Vdire uolontieri le orationi, & psalmi.

<sup>57</sup> Speranza nel signore.

<sup>58</sup> Gratie ottenute con la oratione.

<sup>59</sup> Figliuoli maschi.

à lui voltatasi li disse Signore dimandiamo vnitamente à Dio per mezo della gloriosa Vergine, che ci dia vn'altro figliuolo maschio, il che fecero, onde in capo de noue mesi ella felicemente partorì il Sig. Don Duarte, di modo che questi Illustrissimi Signori possono dire d'essere impetrati da Dio, per mezo dell'oratione di tal madre.

Era questa Signora particolarmente diuota della santissima Passione di Christo<sup>60</sup>, & ogni giorno la diceua, sapendola à mentem cioè il Passio di san Giouanni, et quando la settimana santa si ritrouaua (come era suo solito) nel Monasterio, vi staua di maniera, che quando si partiua, vi lasciua grande essemplio di bontà, & diuotione; ella haueua notato dui passi della Passione del Saluatore, ne quali pareua à lei, che nostro Sig. hauesse patito in supremo grado, il che pare, che lui stesso significasse; vno era quando egli ebbe quella eccessiua tristezza, & afflitione nel cuore, che disse, *tristis est anima mea usque ad mortem*. L'altro quando che disse in croce, *Deus Deus meus, ut quid dereliquisti me*, et ella haueua di questi dui passi le Imagini diuotissime, le quali spesso riguardaua.

Vna volta mi ricordò, che andando io à visitarla, la trouai molto afflitta, & particolarmente con tanta oppressione di cuore, che mi disse parole di non potere più uiuere, & che la raccomandassi à Dio<sup>61</sup>, et à darle [17r] qualche rimedio. Io glie risposi, che la si ricordasse della diuotione, che lei haueua à quel passo, *tristis est anima mea usque ad mortem*, & che il Signore voleua che la dimostrasse la diuotione, col conformarsi alla sua diuina volontà, & che spesso dicesse, *paratu cor meum Deus paratum*. La mattina mi disse, che con questo rimedio, la passò bene.

Vn'altra uolta ella hebbe vna simile oppressione di cuore, anzi assai maggiore, & era tale, che io non mi ricordo hauer mai hauuto causa d'hauere tale compassio ne di creatura, come hebbi di lei, poi che solo à vederla prouocaua à lagrimare; ella si fece dire alcune orationi da vno Sacerdote, & furono da lei sentite diuotamente & subito si sentì liberata da quella oppressione, & mi disse in quella notte, che hauea sentita tanta consolatione, & allegrezza di cuore, che gli pareua non hauer mai sentito cosa tale.

Aquella Imagine di Christo in croce, che spiraua, haueua cosi grande diuotione, che spesso la miraua, piagendo<sup>62</sup>, & se ui erano presenti delle genti dissimulaua: La prima cosa, che ella fece quando staua male, fù di farsi portare detta Imagine, la quale sempre tenne seco, hauendola fatta porre in luogo, che di continuo la potea mirare.

La misericordia, & pietà verso il prossimo era grāde in lei, ne potendo prouedere al suo bisogno, come desideraua, di compassione piangeua. Circa l'opere di misericordia<sup>63</sup> [17v.] spirituali, si sà comunemente quante infelici meretrici ella hà cauato di peccato<sup>64</sup>, dalle quali molte ne sono, che viuono ne Monasterij religiosamente, altre che si sono maritate, altre messe ad honesti seruitij; in quest'opere molto s'occupaua, & volentieri, ne mancaua d'interporre la sua autorità, & fauore in cosi sante opere, quand'era ricercata.

L'anno passato, col mezo della sua autorità, & aiuto, fu eretto in questa Città un luoco chiamato la Casa delle Vergini preseruate<sup>65</sup>, che sono figliuole de Madri di mala vita, le quali si saluano dal pericolo, & sono religiosamente ammaestrate nel timore di dio, & datele delle virtù.

Diceua sua Altezza che vna delle maggior allegrezze che mai hauesse, fù quando vna giouane di mala uita se gli gettò à piedi in vna Chiesa supplicandola, che la volesse aiutare à fare bene, & lasciar il peccato per seruire à Dio, il che sentito publicamente l'abbracciò, ne mancò consolarla, facendola entrare doppo la debita probatione nella Religione; di queste tali aiutate da lei con molta spesa, molte se ne possono raccontare.

Non e molto, ch'una nobile Gentildonna in questo soggetto mi disse, che in casa sua ha tenuto in probatione cinque di queste anime leuate dal peccato in nome di sua Altezza in diuersi tempi, & fatta la probatione gli daua conueniente ricapito all'esser loro.

Quando che staua male da morire, essendole venuto [18r] in fastidio tutti gli altri negotii, solo di questo ragionaua volentieri, & pochi giorni auanti la sua morte, fece chiamare l'Abbate

<sup>60</sup> Passione di Christo.

<sup>61</sup> Rimedio nelle afflitioni.

<sup>62</sup> Imagine di Christo in croce.

<sup>63</sup> Opere di misericordia.

<sup>64</sup> Leuare le donne dal peccato.

<sup>65</sup> Erezione della casa delle uergini preseruate.

di Santo Antonio di Parma, benefattore delle Vergini preservate, & seco ragionò del modo di conseruarle; volse sentire i Capitoli, & li corresse, & al detto Monsig. raccomandò affettuosamente vna tal opera, alla quale hà lasciato una larga elemosina.

Sua Altezza trattaua le Cittadine, & Gentildonne della Città, ch'erano date allo spirito<sup>66</sup>, & alla diuotione con molta amoreuolezza, & familiarità, & diceua, che quelle erano le sue amiche, & questo per incitare l'altre ad essere simili, & mentre che staua male vna volta disse, che queste tali volontieri hauria veduto, tutte intorno al suo letto.

Amava molto, & lo diceua, quelle che altre volte erano state vane, & che s'erano date poi allo spirito, & ragionando d'una frà l'altre, che haueua fatto grandissima mutatione, essendo fatta esemplarissima, soleua dire, che glie haueua più inuidia, che alli scapuccini.

Ella molto desideraua d'aiutare la Città in tutti i modi à lei possibili, & per far questo, ella entrò nella Compagnia delle cinque piaghe delle Matrone, nel qual luogo si soccorre à bisognosi infermi<sup>67</sup>, & vi facea buone limosine, & il simile in altre Compagnie, nelle quali spesso ella ordinaua, che continuassero nell'oratione delle cinque hore<sup>68</sup>; delle sette, delle nuoue, delle dodici, [18v.] delle trenta tre, et delle quaranta hore, à tal che continuamente hor l'vna hor l'altra staua in oratione, alle quali concorreua buona parte della città.

Onde essendo io venuto poco fà da Roma, ella con molt'allegrezza mi disse, voi sentirete gran consolatione, à vedere in questa città quanto si tratta, & come è bene introdotta l'oratione.

Sua Altezza fu principal causa che si facesse, & anco si stampasse quella bella, & breue operina del modo di dire il Rosario<sup>69</sup>, & fece ancora stampare vn'operina spirituale per mandarla in Portugallo ad alcune persone diuote.

S'ella hauesse inteso, che qualche giouane licentioso, hauesse dato fastidio à qualche giouane, contro sua voglia, ordinaua che il Signor Governatore lo chiamasse<sup>70</sup>, & gli ordinasse etià da sua parte, che desistesse da quella prattica, et che più non s'intendesse, che la molestasse, col qual modo ella daua rimedio, per uietare molti peccati, & questo interueniu spesso.

S'occupaua volontieri in metter pace particolarmente frà marito, & moglie<sup>71</sup>; & col suo mezo, & con la sua autorità si sono pacificate molte famiglie, & d'importanza.

Con la diligenza, et presentia sua, s'è introdotto d'insegnare alle figliuole la dottrina Christiana<sup>72</sup>, hauendo sua Altezza eletto alle deputate parochie due gentildōne per ciascuna timorate di Dio, che le feste vanno per [19r.] conseruare l'ordine, & à dette parochie sua Altezza vi andaua in persona, hor in un luogo, hora in vn altro, & alle volte con honorati premii per quelle putte, che si portauano meglio, ne mancaua farli animo.

Mentre, che staua aggrauata dal male, si fece dare una lista delle gentildonne di tutte le parochie, & oltre l'ordinarie, n'ellesse alcune per tal opera, & le fece dimandare, & con molto affetto gli raccomandò così santo, & necessario essercitio alla salute.

Era facilissima à commouersi à compassione del male corporale del prossimo<sup>73</sup>, ne mancaua in quanto poteua d'aiutarlo, & haueua vna particolare diuotione in fare elemosina di quello, che li costaua fatica propria, ò ch'ella haueua auanzato del necessario.

Mi ricordo hauer sentito dire ad vna nobile persona, ch'era sola consapeuole di questa cosa, che quando ella era in Portugallo, haueua molta diuotione in liberare qualche pouerello di prigione per debiti<sup>74</sup>, & conguadagno de suoi lauori, & industria, & che oltre il lauoro, ch'ella faceua il giorno, si leuaua secretamente la notte à lauorare, tanto sentiu piacere in questa charità, & in questo modo hà fatto liberarne molti.

Haueua similmente vna particolare diuotione di vestire alcuni pueri miserabili, massime religiosi, oltre il suo ordinario, che era ogni anno di vestire la giobbia santa tredici donne, dodici vedue vecchie timorate di Dio, & di buonissima vita, et vna giouanetta donzella [19v] de quindici anni in circa, alle quali lauaua di sua mano i piedi, con esemplare humiltà, poi

<sup>66</sup> Donne spirituale.

<sup>67</sup> Infermi bisognosi.

<sup>68</sup> Oratione.

<sup>69</sup> Opera del Rosario.

<sup>70</sup> Obuiare che le giouani nō siano molestate.

<sup>71</sup> Pacificare.

<sup>72</sup> Dottrina Christiana per le putte.

<sup>73</sup> Compassione.

<sup>74</sup> Liberare prigioni per debiti.

le faceua porre ad vna tauola sontuosamente apparecchiata, & le daua da desinare seruendo lei con le sue Damme quelle puerine, & se ue n'era alcuna cieca sua Altezza con molto suo gusto la imboccaua; Finito il desinare, & fatto rendere le gratie, quello ch'era auanzato, lo faceua diuidere trà quelle puerine.

Nel suo testamento<sup>75</sup> ordina, & commanda, che siano vestite trenta tre donne pouere, & vergognose, cosa che deue essere di gran merito appresso dio, quando che quelle pouere, *ostendebant D. Petro vestes, quas faciebat eis Dorcas*, perche la resuscitasse come fece, come si legge nelli atti delli Apostoli.

Quando si ammalò seppe, che vna dōna pouera, et uechia staua male dell'istessa infirmità, & subito ordinò che i medesimi Medici l'andassero à visitare, & la medicassero con la medesima diligenza, et con li medesimi medicamenti, che medicauano lei<sup>76</sup>; & così fecero sino alla fine, & ordinò, che in casa, & alla specieria le fosse dato tutto il suo bisogno, & così si è osseruato, fin che nostro Signor si compiacque liberarla di questa vita, & in vero fù cosa notabile, che pochi giorni doppo, che detta donna fù morta, morse sua Altezza non volendo il Signore differire molto à darle il meritato premio; & per che il fare simili opere è notissimo nella Città non dirò altro in questo soggetto.

[20r.] A quelli, che seruiauano sua Altezza nell'infirmità haueua molta compassione<sup>77</sup>, ella fece fare vna lista, & partì le notti, accio che la fatica fosse cōpartita, & parendole che fusse troppo lo stare tutta la notte, senza dormire à chi toccaua ordinò, che due si mutassero di sei in sei hore, et che due sempre vegghiassero, et quando che ella si sentiuua non ne hauere bisogno, le auisaua che si riposassero.

Alle volte le faceua portare da fare colatione, dicendo puerelle, che parete come morte, & gli faceua animo. Mentre che staua male, ella da se si ricordaua di fare riposare i Reuer. Sacerdoti, che la vegghiauano, mà in modo, che sempre ue n'era alcuno, che leggeua.

Hora mi souiene vna cosa, & la voglio dire alla Signoria Vostra. Quando l'armata venne per il mare di Spagna, hebbe vna crudele tempesta<sup>78</sup>, in modo che detta armata andò come dispersa, & vicino alla Capitanea, doue era sua Altezza, si ritrouò vna naue, la quale à caso venne à battere con tant'impeto in essa, che si spezzò, & la gente che vi era sopra, cominciò à gridare, & dimandare aiuto, per che vedeuano la naue aperta, ne altro aspettauano se non, che l'andasse à fondo, ne ui era alcuno rimedio, essendo l'onde grandi, & spauenteuoi, & sentendo sua Altezza il romore venne fuori, & cominciò à chiamare ad alta uoce il Côte di Malsfelt Generale, pregandolo che facesse accostare la Capitanea, acciò si potessero saluare quelle persone, prima che la naue s'afondasse. Il Conte si scusaua con dire, che se ciò facesse [20v], era un mettere à pericolo sua Altezza con tutti gli altri, che ui erano sopra; il medesimo affirmauano i nochieri i quali erano tre de primi, che nauigassero quel mare. Anzi sogionse sua Altezza vedrete, che se prouarete di saluarci, Iddio per questo ci saluerà tutti; onde à sua persuasione s'accostarono, & così si saluaronο eccetto vno, ò due, ch'andarono con la naue al fondo, & fra poche hore passarono, essendo cessata quella horrēda tempesta, hauendo cominciato in quella hora à mancare.

Della modestia, & honestà<sup>79</sup> di questa signora haurei che dire assai; ella soleua alcuna volta dire, quando che riprendeua alcuna delle sue Donne, ò altra, alla donna non solo conuiene, che sia casta, mà ancora, che ella appaia casta.

Quando s'attacò il fuoco nella naue doue ella era, stando nel porto d'Inghilterra, corse à lei vn suo, & la pigliò per vn braccio dicendo, venite signora che la naue s'abbruggia, & ella voltatasi à costui gli mostrò una seuera ciera, dicendo leua la mano, non li parendo l'atto conueniente, & caminò da se fin che senti, ch'era cessato il fuoco.

Mi raccontò vn Sacerdote de quelli che u'erano presenti, quando ch'era molto aggrauata dal male, che dimandando lei vn poco di zucchero candido, esso glie lo porse, & ella stese il faccioletto, & fece poruilo dentro, poi da fe, se lo messe alla bocca, & questo era suo solito, quando gli era data alcuna cosa picciola da huomo.

[21r] Pregò più volte l'Illustrissimo Prencipe, che non la lasciasse sparare, per imbalsamarla, & ne fece memoria nel suo testamento.

---

<sup>75</sup> Testamento.

<sup>76</sup> Fare uisitare infermi.

<sup>77</sup> Gouverne nella sua infirmità.

<sup>78</sup> Pericolo nel mare, & aiuto.

<sup>79</sup> Honestà in affetto, & in apparenzia.

Non leggeua mai libri, che trattassero d'amore, & à lei stessa ho sentito dire, che mai haueua letto ne Petrarca, ne Furioso<sup>80</sup>, se non vna ò due volte venti, ò trenta versi; di quà veniua, che tanto la dispiaceua, quando ne balli uedeua alcuni atti poco modesti, ò poco honesti, & ciò tanto l'affligeua, che molto ne patiua, & per cio non solo abhorriua il ballare, ma lo fugiua.

Della patientia sua<sup>81</sup>, dirò à vostra Signoria sol questo, ch'ella staua molto vnita alla volontà di dio, et se il senso si doleua, subito ella tornaua dicendo, Signore fà secondo la tua uolontà, & se questo non basta, aggiogene dell'altro, ma dami patientia, & per che i dolori, come dicono quelli che n'hanno isperienza, & la ragione dimostra che lei patiua, erano grandissimi, & eccessiui, non si potendo fermare, ne trattenere, che non mandasse fuori alcuna voce lamenteuole, si attristaua pensando che fosse ciò un perdere la patientia, & staua tanto vnita al diuin volere, ch'una volta crescendo in guisa i dolori che li pareua malageuole il poterli sopportare, ella si fece portare il Crocifisso in mano per porgerli preghiere, che la liberasse; & come l'hebbe mirato, & contemplato in lui li eccessiui dolori, che nella croce per amor suo con tanta patientia tollerato haueua, si vergognò di maniera che, non hebbe più ardire di dimandarli [21v] che la liberasse; & si seruìua per hauere patientia d'alcuni rimedij<sup>82</sup>, che gli erano stati insegnati per ciò, & frà gli altri à me disse, che questo gli era stato insegnato da vno Religioso, quando ch'era assalita da dolori, et è, de imaginarsi, che Christo nostro Signor con le sue mani gl'offeriua vn calice da bere, & bacciandoli reuerentemente la mano, lo pigliaua. Et alcuna volta quādo il male, et i dolori gli pareuano insopportabili, tornaua sopra di sè dicendo, ò quāto sono ingrata à Dio, quanti ne sono nella Città, & quanti nel Mondo, che sono da queste, & simili infirmità oppressi, ne hāno in gran parte le commodità ch'io ho, ne tanti Medici, ne remedii, & pure con patientia li sopportano?

Staua alle volte di maniera, che tutta la vita, & il cuore patiuano estremi dolori, all'ora si quietaua col dire io hò con tutte queste parti offeso Dio, è ben giusto, che con tutte io paghi, & ch'io habbia quello ch'io merito.

Quando che le fù data la nuoua della morte dell'Infante sua Madre<sup>83</sup>, mostrò grandezza d'animo, accompagnata da grā tenerezza; nientedimeno mai s'udirono da lei vscire parole se non benedette, anzi frequentemete ringratiaua il Signore d'ogni suo santissimo volere.

Si può dire che questo auiso cominciassse à fare tale impressione nell'animo suo della caducità delle cose mortali, che venne in persuasione di se stessa di hauere à viuere poco<sup>84</sup>, perciò mandò à chiamare il Padre Rettore de [22r] Gesuiti à Nouelara, acciò che si trouasse presente alla sua morte, & in questo tempo essendo mandato dal Signor Duca vn suo Gentiluomo à Roma, sua Altezza gli ordinò, che in suo nome visitasse il Cardinale Farnese, & pigliasse licentia con dirli, ch'ella non lo potrebbe più seruire in questa uita, ma che speraua in Dio, che nell'altra lo potrebbe fare; & il simile ordinò, che fosse detto ad altri prelati suoi amici.

Quand'io tornai da Roma, ella mi diceua, che all'ora moriua volontieri<sup>85</sup> per varij rispetti, de quali vno era per vedere, & conuersare in Cielo con la Madre, & subito tornò à dire, tanto è gran cosa il veder Dio, che credo sarò tanto occupata in contemplare quella bontà infinita, che à me pare douermi scordare di lei: Morirò ancora volontieri per andare in parte, oue non offenda Dio; & vi dico che quello, che più m'apporta spauento dell'Inferno, è che iui si bestemmia Dio, & solo per questa causa quantunque altro male non ui fosse, in quel luoco andare non uorrei.

Doppoi ch'ella seppe la morte della madre, più da douere ella si diede à Dio col mezzo dell'oratione, particolarmente alla consideratione della gloria<sup>86</sup>, & buona parte della notte, come da lei stessa hò inteso, se ne staua in vn camerino, ò Oratorio, che hauea fatto fare uicino alla sua camera, & ui staua dentro l'hore intiere, risguardando il cielo, paragonando con sua infinità consolatione, quel Regno & quel palazzo, con questi della [22v] terra, & le sue donne

<sup>80</sup> Non leggere Petrarca, ne Furioso, ne libri d'amore.

<sup>81</sup> Patientia.

<sup>82</sup> Remedii ne i dolori.

<sup>83</sup> Auiso della morte della Madre.

<sup>84</sup> Principio della infirmità.

<sup>85</sup> Desiderio di morire.

<sup>86</sup> Contemplatione della gloria celeste.

si credeuano, ch'ella fosse in letto.

Nella sua infirmità, spesse uolte si faceua leggere l'opere del Granata<sup>87</sup>, particolarmente doue tratta della gloria, & ausaua il padre che leggesse forte, accio che lei con tutte le Donne lo sentissero, & s'infiammassero del cielo, & faceua ripetere alcuni passi. L'ultima notte che morì, ella volse che continuamente stessero alcuni Religiosi attorno il letto serrate le cortine, et che leggessero alcune cose della sudetta materia, & de Salmi à tal proposito conuenienti, come, *Quemadmodum desiderat ceruus. Quem dilecta tabernacula tua. Lætatus sum in his, quæ dicta sunt mihi*, & in tal modo continuarono tutta la notte; & quando le pareua, che fossero stracchi, gli ordinaua che riposassero, & altri vegliassero, & quando lei poteua gli aiutaua, & li rispondeua, ò ripetuea alcuni versetti, sempre che si diceua il salmo, *Quemadmodum sempre lo ripetuea due, ò trè volte, particolarmente quare tristis es anima mea, & quare conturbas me, spera in Deo quoniam adhuc confitebor illi salutare vultus mei, & Deus meus.*

Stando già aggrauata, & vicina al fine, entrò un Religioso in camera dicendo *Lætatus sum in his, quæ disunt mihi*, & lei subito rispose, con grande allegrezza & con le mani alte al Cielo, in *Domum Domini ibimus*, & alcune uolte questo replicò.

[23r] Hora mi raueo Signora, che dourei dire à vostra Signoria qualche cosa della prudenza<sup>88</sup> di questa Serenissima Signora, nella qual virtù ella era giudicata da tutte le persone che l'hanno praticata prudentissima, il che ha in diuerse occasioni mostrato, particolarmente nell'absentia de gli Illustrissimi, & Eccellentissimi Signori Duca, & Prencipe, gouernando lei li stati, con singolare giuditio, & prudentia, & con integritissima giustitia, il che era con stupore del consiglio; & gouernaua con tanta humanità, & destrezza, che i popoli ne restauano contentissimi.

Dirò sol questo, che à me fù detto da vn Gentiluomo, che il Signor Prencipe seco ragionando le disse, che gli pareua, che Dio hauesse fatto questa Signora per lui, perche veramente conosceua, che con nessun'altra haurebbe potuto uiuere in tanta pace & quiete, & questo per la sua prudenza, & sano giuditio.

Lascio di dire quello, che l'Eccellentissimo Signor Duca ne ragionaua in publico, & in priuato quando che haueua occasione parlare di lei, & perche non è possibile in così breue tempo dilatarsi molto, dirò à Vostra Signoria per sua edificatione, il suo felice transito.

Sua Altezza mi disse al principio di Giugno, Padre sono cinque mesi, ch'io giaccio in letto, s'è Dio piacesse, vorrei ò andarmene al Cielo<sup>89</sup>, ò guarire, perche à me pare di guadagnare poco, & hormai mi sento stracca, pur facciassi la sua santissima volontà, & se vorrà, ch'io [23v] stia qualche anni à questo modo, mi contento; all'hora io gli risposi, forsi che dio vi sentirà, & compiacerà, ò in l'uno, ò nell'altro modo. Al meglio di detto mese gli sopraggiunse la febre gagliardissima, et all'hora si arese dicendo, se così seguitano questi parosismi, presto la finiremmo, & se n'andaua notabilmente declinando, stando così male.

Venne il Sig. Gio. Gomez da Silua, mandato dal Rè di Portugallo à visitarla, & fù necessario scoprirla la morte del sig. Don Duarte suo fratello<sup>90</sup>, la qual morte, s'era tenuta alcuni mesi celata, hauendo l'Illustrissimo Signor Prencipe fatto vsare gran diligenza, acciò che per nessuna via li fosse scoperta, tenendosi per certo, che questa accerba nuoua fosse bastante à darglie morte, il che era con molta compassione de tutti quelli, che lo sapeuano, vedendo che ad una persona da tanti mali afflitta, si douesse aggiungere così crudel ferrita, ne potendosi fare altrimenti, andò il Sig. Prencipe, & con bellissimo modo le dette così inaspettato auiso, il che da lei sentito, stete alquanto senza parlare; mà teneramente lagrimaua, & de li ad un puoco essendo io presente, ella mi disse, dite Padre, di che morte è morto il Sig. mio fratello, & io le risposi, morte da santo, alla soggionse ditemela presto; lo dirò à vostra Altezza, con patto, che mi ascolti senza lagrimare, perche facendo altrimenti ella sarebbe ingrata à Dio, all'hora io gli lessi una longa lettera scritta sopra la vita, & la morte di detto Signore, [24r], la quale hò tradotta in volgare Italiano, & l'ho mandata à vostra sig. con la presente; staua sua Altezza attentissima, & quando arriuai à quel passo, oue si dice, che la Signora Infanta sua Madre essendo in estremo, disse al sig. Don Duarte, Figliuolo non vi uoglio lasciare quà, ui voglio meco, mi rispose sua Altezza, & disse son certa, che il medesimo haurà detto di

<sup>87</sup> Udire la lettione delle opere spirituali.

<sup>88</sup> Prudenza.

<sup>89</sup> Trāsito di sua Altezza.

<sup>90</sup> Auiso della morte del fratello.

me, ne me lo uoglion dire: Finito ch'io hebbi di leggere la lettera, ella alzò le mani, & rese gratie al Sig. dicendo, desidero che tutti m'aiutino à rengratiarlo, & disse è tempo, ch'io m'apparecchi per andare à ritrouarli; & che confusione serà la mia, ch'io son donna, & dourei essere migliore?

Là cosa andò al contrario di quello che si pensaua, perche con gran prudenza ella dissimulaua il dolore<sup>91</sup>, & tanto s'aiutaua, che faceua merauigliare ogn'uno, & mandò lei stessa à far leuare i panni della camera, per sodisfare al Signor Principe, & fece portare le gioie per mostrare, che si voleua rallegrare la vista, & facendo alle uolte restessione sopra di queste cose diceua, à me pare d'esser diuenuta una putta.

Doppò mi raccontò alcune cose di quel Principe suo fratello, così rare come io ne habbia mai sentito, & certamente degne d'essere manifeste al mondo, & in questo modo, & stato andò continuando, con puoco miglioramento.

Il giorno di San Gio. Battista che fù à punto undeci anni [24v], ch'ella entrò in Parma con tant'allegrezza, & gloria di questi stati, si trouò molto aggrauata, et in tal modo, che dicendole vna persona, Hoggi è il dì che vostra Altezza entrò in questa Città, & ella rispose, forse che serà quello, ch'io n'uscirò, & entrerà nell'altra vita, & volse subito fare una confessione generale<sup>92</sup> di tutta la sua vita ben che ella era vsata farla spesso, & ogni volta, ch'haueua qualche gran trauaglio, la faceua, & la fece con tanta tenerezza di cuore, & con tante lagrime, che giudicai necessario non la lasciare seguitare con quel feruore; ella si volse ancor comunicare quel giorno, il che fece con la medesima tenerezza, & lagrime, et in tanta copia, che tutti gli assistenti piangeuano, & ella pensaua, che questa douesse essere l'ultima volta, & per questo mando à dimandare licenza al Curato di comunicarsi, come viatico; Voleua ancora pigliare l'estrema unctione, ma non parue tempo à chi la comunicò.

Volse Dio che subito, ch'ella fù comunicata si sentisse star bene, & così stete tutto quel giorno, & tanto che intrarono molte persone in camera sua di quelli, che ciò desiderauano, con speranza che ella potesse ancor guarrire, & cominciò da lì auanti con maggior diligentia ad apparecchiarsi per andare, ne più trattaua, se non con Religiosi, ne si curaua più d'esser visitata dalle gentildonne, come faceua inanzi, & perche era necessario ben ch'ella stesse si male di expedire il conte Emilio [25r] per Portugallo, non mancò lei stessa di dettare in un giorno cinque lettere, & informò detto Conte, così minutamente che tutti fece stupire.

Il Venerdì, che fù la uigilia di SS. Pietro, et Paolo, ella stette malissimo di maniera, che tutti pensauano, che la douesse finire; nel colmo del male, ella disse in uoce alta, hoggi è venerdì, giorno della passione del Sig. di qua ad otto giorni, che serà ancor venerdì, mi morirò<sup>93</sup>, & certamente si può dire, che se bene quel giorno la non morì, cominciò però ad entrare in transito, come hora le dico.

Non volse più, che gli si parlasse di uita, et per che forse per darle animo, vn Medico le disse, che non haueua in tutto perso la speranza, arriuet'io alla presentia sua, ella mi disse, ciò che gli haueua detto il Medico, ridend'io le risposi non li credete Signora, rispose, io non li credo, ne vorrei, che me l'hauesse detto, per che non vorrei tornare in dietro, mà si andare auanti, & apparecchia mi bene.

Veramente se parlaua qualche volta di uiuere, era per che sempre da Medici era tratenuta cō tal speranza; dal hora innanzi ella cominciò à pigliare licentia dal Eccellentiss. Sig. Duca, et Principe, col dimandarli perdonanza, & raccomandarli caldamète i suoi Seruitori, & il carico della sua coscienza.

Vna volta mi trouai presente quādo sua Altezza raccomandaua al sig. Principe, l'educatione de suoi figliuoli<sup>94</sup>, & lo fece con tãto aspetto, et lagrime, che commosse nelle viscere sua Eccellentia, & lo pregò à farli alleuare virtuosamente [25v.] et nel timore di dio, & soggiunse queste, ò simili paroli simili à quelle, che diceua la Regina di Francia<sup>95</sup> del suo figliuolo Rè Santo Lodouico, lo prego Dio in quest'hora, che se mai hãno da offendere sua D. M. in peccati graui et enormi, che più presto li mandi la morte.

Volendo licentiarli dal Principe Ranuccio suo figliuolo, ch'ella amaua assai, & era da lui teneramente amata, gli disse (mentre che egli andaua seruendola, com'era solito fare con tanto garbo, et tanta diligenza, che più non si poteua desiderare) Ranuccio ti voglio dire due parole; com'haurò finito di mangiare, non ti partire.

<sup>91</sup> Dissimulaua il dolore.

<sup>92</sup> Confessione generale.

<sup>93</sup> Predire il giorno della propria morte.

<sup>94</sup> Alleuare i Figliuoli nel timore di Dio.

<sup>95</sup> Parole della Regina di Francia uerso i figliuoli.



Questo Principino se intenerì di maniera, & gli penetrarono tanto quelle parole il cuore, che cominciò direttamente à piangere, & in modo che non uì fù persona nella camera, che non piangesse, & non si merauigliasse, dell'acortezza, con la quale egli così presto penetrò quello, che gli voleua dire la Madre, ne ci fù mai rimedio per acquietarlo, sin che l'istessa Madre dissimulò, & finse, che gli voleua dire quello, che egli douea mandare a dire al Rè di Portugallo per il Conte Emilio, che staua per partire.

Fece ancor chiamare la Principessa Margherita, & li diede tali ricordi<sup>96</sup>, che tal madre, in tal tempo dar le doueua, con tante lagrime dell'vna, & dell'altra, che fù bisogno, ch'il Sig. Principe li facesse partire.

Tutte l'altre Donne abbracciava, & li dimandaua perdonanza consolandole, & l'ultima parola, ch'ella disse al Signor Principe, fù, pregarlo, che non s'attristasse [26r.] tanto, già che Dio era così seruito.

Alli tre di Luglio la sera cominciò à ripossare, & pareua, che non vi fosse pericolo di morire così presto, di modo che se partirono quasi tutte, restandoli solo quelle Donne, che erano di guardia, & hauendo riposato vn poco, si svegliò, & cominciò à dire non so che con la voce molto debole, & chiamò il Medico, sua Altezza li dimandò, come staua il polso, & rispondendo che staua debole, subito mi fece chiamare, & mi disse, che seria tempo di ricere il Sacramento dell'estrema vntione<sup>97</sup>, di gratia mandatelo à dire al Sig. Principe prima, poi fate chiamare il Curato, & prese questo Sacramēto cō molt'allegrezza, et staua molto attenta alle parole, et perche il Curato diceua piano, lo pregò, che dicesse alto, acciò che le potesse bene sentire, et doppo d'hauerlo pigliato disse, ò quanto desiderarei cōmunicarmi domani<sup>98</sup>, dicendoli il Curato, che nō poteua per essere l'ontione l'ultimo Sacramēto, ella subito rispose, perdonatemi padre, che si può ben fare, & la seguēte matina si comunicò pur con la solita riuerenza, et diuotione, dicendo lei il Confiteor molto adagio, & cō gran sentimento, et subito, che ella vide il Santissimo Sacramēto cō grandissimo feruore disse alto, *Deus propitius esto mihi peccatori*, et lo replicò molte uolte, et cō tanto affetto, che cōmosse tutti quelli, ch'erano presenti à lagrimare; fece ancor in quella notte chiamare il Notario, et cōfirmò il suo testamento, quale già parecchi mesi inanzi haueua fatto, hauendo prima dimandato licenza al S. Principe. [26v.]

Non volse S. A. che i figliuoli li uenessero piu auanti<sup>99</sup>, & ordinò ch'in suo nome si pregasse il S. Duca, che cō bel modo facesse, che il S. Principe non uì andasse più ancor lui, et questo per poter più liberamente attendere à prepararsi, & perche quel giorno, ò il seguente ella ispedì un certò suo negotio, che gli importaua all'anima, disse, ò quāto sono debitrice à Dio, che m'ha conseruata la uita sino adesso, acciò che potessi spedire quest'obbligo di coscienza.

Ne ad altro attese in questi giorni, che à prepararsi per contestare col nemico nell'ora della morte<sup>100</sup>, dimandando rimedij per resistere, tenendo per certissimo di douere partire assai nel transito, ne mai fù possibile leuarle questo pensiero, & fù così à punto, di qui auenne, ch'ella hauea ordinato, che quando stessee per passare, si facesse fare l'oratione delle quarant'hore, & per che questo non si poteua fare, ella ordinò quell'istesso giorno che morì al suo Maggior domo, che mandasse da sua parte à pregare i Monasterii, che tutti pregassero Dio per lei, & alle Monache delle gratie, che stessero di continuo una di loro ināzi al Santissimo Sacramento orando per fin che la fosse spirata.

Fece ritornare il Padre Rettora della compagnia del Giesù da Nouelara, acciò si ritrouasse alla sua morte, della cui virtù, et modo d'aiutare l'anime in quel passo haueua grande opinione; Quindi ancor nasce che spesso faceua atti di fede, & si fece legare al collo vna bella protestatione della fede<sup>101</sup>, & pigliandola con gran diuotione la baciava, [27r.] & à me diceua, quando serò in quell'ultima hora, ricordateui Padre, ch'io hò al collo la protestatione della fede.

Io posso dire in verità, ch'in quell'ultimo giorno d'altro non mi parlò, che dimandarmi rimedij per quel contrasto<sup>102</sup>, ch'ella aspettava, & frà l'altre cose, ch'io le dissi fù questa, ricordateui Signora in quel passo [com'è uero] che sete tutta bagnata nel sangue di Christo

<sup>96</sup> Ricordi dati alla figliuola.

<sup>97</sup> Estrema ontione.

<sup>98</sup> Cōmunicarli doppo l'estrema untione.

<sup>99</sup> Desiderio di non essere visitata più da alcuno per attendere all'anima.

<sup>100</sup> Prepararsi di cōtrastare col nemico.

<sup>101</sup> Protestatione della fede di Christo.

<sup>102</sup> Rimedii per contrastar co'l nemico.

per mezo de sacramenti, & attaccateui à piedi suoi santiss. per che mai hà scacciato da sè, che hà fatto così, & notò così bene questo, che quando già staua nel contrasto nõ disse altro che *Iesus, Iesus*, & staua sempre con la bocca à piedi del Crocifisso, & lo teneua tanto stretto, che volend'io alcuna volta leuarglielo, mai puoti.

I dui ultimi giorni, ella haueua gran paura di riposare, perche diceua che temeua di morire, senza nominare GIESV, fin che i Medici l'assicurarono, che poteua riposare, et così riposaua un pochetto, poi subito cō gran fretta chiamaua, & dimandaua la candela benedetta, quale staua preparata per quell'ora, & era una di quelle benedette da Pio Papa V.<sup>103</sup> il quale era da lei tenuto per santo, & chiamaua alcuno delli padri, che gli raccomandassero l'anima<sup>104</sup>, & alle volte si faceua dire certi versetti diuoti, de quali se n'era seruito l'Infante sua Madre nell'ora della morte, & ordinaua, che se le dicessero quelli del Sig. Don Duarte suo fratello, delli quali se n'era seruito nel suo transito, & sono molto diuoti, & à proposito [27v] di quel passo, i quali lui stesso s'hauea scelti dalla scrittura sacra, et sempre che se diceuano, ancor lei gli replicaua, et spesso ne ripetuea alcuno, come questi, *Si exurgat aduersum me praeliū, in hoc ego sperabo*, & *Maria mater gratiæ, mater misericordiæ, tu nos ab hoste protege, & hora mortis suscipe*, alzando le mani, & fissando gli occhi al cielo.

Fece ancor una cosa, ch'à me me parue notabile, & fù che dicèdo i Religiosi le letanie<sup>105</sup>, ogni volta che rispondeuano *ora pro ea*, ella staua riuolta al Crocifisso, che teneua in mano, dicendo *in manus tuas cōmendo spiritui meu*, et così continuò quasi fino alla fine delle Letanie, & faceua spessissimo quanto hò detto.

Cominciò il Nemico al principio à combattere alla leggiera<sup>106</sup>, et gli apparue una, ò due volte, & la prima li disse, *Ite maledicti in ignē æternum*, si come ella riferì, & ella facendo mostra di ridere, lo rigetò con fare un segno di dispregio, tirando à se l'habito di S. Francesco sudetto, & una Dama, che iui era presente mostrò d'hauer ancora paura; ma S. Altezza li disse non temete, che qui è l'habito di San Francesco, che lo fa fuggire.

Lune, che fu alli otto di Luglio su'l tardi mi disse, sento nel mio cuore una grāde allegrezza, ne sò che cio sta, & io li risposi, indouina il cuore il suo bene.

Gia fattosi quasi notte, i Medici volsero, ch'ella pigliasse alcune cose, il che fece cō molto suo trauaglio; subito cominciò à combattere l'inimico da douero<sup>107</sup>, & si grandemente [28r.] come io ne habbia mai veduto in alcuno: Al principio di questo abbattimēto essendo ancora assai gagliarda, era di gran consolatione il vedere l'animo, & la fede con che ualorosamente cōbatteua, & fece un atto di tanta fortezza, che a pena hauria creduto, che l'hauesse potuto fare in sanità, ella da se stessa s'alzò alquanto secōdo, che prima non haueua forza di voltarsi per il letto oue giaceua, et col Crocifisso nella sinistra mano, con la destra leuata al Cielo, diceua con alta voce, *Si exurgat aduersum me praeliū, in hoc ego sperabo*, repetendo in *hoc ego sperabo*, di poi basciaua gli piedi al Crocifisso dicendo *Iesus Iesus*, & lo teneua stretto, & qualche volta se lo poneua sopra il cuore.

Li Religiosi continuauano con l'oratione, & stauano alcuna volta stuppidi à sentirla.

Passato questo primo accidente, ella con volto allegro disse verso di me, chi la vincerà? diss'io voi con la gratia del Signore, & ella rispose, & così spero.

Da li à poco le tornò vn'altro simile accidente, & si portò nell'istesso modo del primo.

Venne di poi il terzo<sup>108</sup>, che in uero fece tremare quei che erano presenti, & ella mostraua grandissimo affanno, ne parlaua, & pareua che non potesse, ne faceua altro, che uolersi coprire gli occhi, & ascondere il uolto: All'ora i Religiosi aiutauano, & tutti quelli ch'erano presenti, et stādo così & dicendossele, che dicesse GIESV, ò uoi non parlate? (rispose ella, che à pena s'intendeua) non vedete [28v] voi quanti Diauoli? come scusandosi, che haueua quello impedimento.

Cessò l'accidente, & lei restò con riposo, et io dicendole, che vol dir questo Signora, che non parlate? non dite niente? ui manca forse l'animo? & lei due volte si voltò un poco per dirmi il perche, dicendo vi dirò, ui dirò, ne mi puote dir altro, & stando così indebolita, lei stessa accostò la Corona, che haueua in mano alla bocca, nella qual corona, vi era il Grano

<sup>103</sup> Cādela benedetta da Papa Pio V.

<sup>104</sup> Raccōmandare l'anima.

<sup>105</sup> Letanie nell'estremo.

<sup>106</sup> Combattimento col nemico.

<sup>107</sup> Secōdo cōbattimēto del nemico.

<sup>108</sup> Terzo cōbattimēto del nemico.

<sup>109</sup> Grano dell'indulgenza plenaria.

della Indulgentia plenaria<sup>109</sup>, & la basciaua, & pigliaua il Cordone di San Francesco, et lo basciò più volte, et similmente il Crocifisso, che gli accostai, perche più non vedeua, & dicendo alcuna volta GIESV, pian, piano, & *Domine IESV suscipe spiritum meum*, restando col volto sereno, se n'andò all'eterno riposo<sup>110</sup>. Piaccia à nostro Sig. GIESV Christo, concedere gratia à ciascuno di noi, di viuer così santamente in questo mondo, che potiamo renderci meriteuoli di riuederla in cielo, doue dobbiamo sperare, che hora se ne trionfi questa Signora, Per misericordia del Sig. Dio. Il quale viue, & regna ne i secoli de i secoli. Amen. LAVS DEO.

[Sebastião de Morais, S.J., *Vita e morte de la Serenissima Principessa di Parma e Piacenza*, Bologna, 1578.]

---

<sup>110</sup> Ultimo trāsito di sua Altezza.

CARTA

que escribió el reverendo padre confessor De la Serenissima Princessa de Parma y Plasencia a una Señora Principal sobre la vida, y muerte de su Alteza.

Hecha en Parma a 15 de Julio de 1579

Por satisfazer al justo desseo de V. S. y para su consolacion y mia le escribo algunas cosas particulares de la vida y muerte de la Señora Princessa de Parma y Plasencia de felice recordacion y esto en aquel stillo y con aquella orden y confusion que me venga a la memoria y que la brevedad del tiempo me permita.

Quiso la magestad divina que esta serenissima señora escribiesse y declarasse sin lo pensar qual ella era y quanta gracia Nuestro Señor le tenia concedido y comunicado y quan solidos cimientos tenia echados en la vida y perfection christiana, porque entre sus papeles que ella guardava con mucho secreto, fue hallado un quaderno escrito de su mano, y de tal manera ordenado que se podia traer en el seno, y leyendo esto libro quede maravillado y juntamente recebi gran concolacion. Quiero en esta referirselo a V. S. ad verbum siendo cierto le sera muy accepto y que con ele quedara muy consolada, que en la verdad me parece que ella tenia hecho un retrato de si misma, y aun en cierto modo, de su perfection christiana, en qualy empiença desta suerte.

«Tendre continuamente delante de mis ojos aquellas palabras de Christo *Quid prodest homini si uniuersum mundum lucretur, animae uero suae detrimentum patiatur?*, y como cosa ninguna mas me importa que la salvacion de mi alma acordareme muy a menudo que el camino del cielo, es estrecho, y aspero, y el del infierno es muy ancho, y spacioso, y esto me sera un seguro remedio para poner freno a mis appetitos desordenados.

Muchas veses me acordare de aquel sancto consejo: *Memorare nouissima tua, et in aeternum non peccabis*, y desta materia tendre cada dia oracion, a lo menos media hora a la noche, la qual me servira para los humos que de continuo me suben al pensamiento y tambien para huir los peccados.

Persuadireme como en realidad, de verdad es ansi que el mas honrrroso titulo que tengo es el de christiana, de donde nascera que siendo necessario antes dexare todos los otros que falta nunca a la obligacion que tengo de christiana.

Tendre gran cuidado de adquirir en mi alma profundissima humildad que es la escalera del cielo, y a mi muy necessaria en este mi stado cercado continuamente de tantas y tan varias ocasiones de sobervia.

Procurare de conservar en mi alma el despreciar grandemente las cosas desta vida persuadiendome que no puede ser buen christiano quien a esto no llega y para este fin me ayudare de aquellos versos de sant Bernardo que en siendo moça de poca edad saque en mi lengua natural, y son los que se siguen:

Si mihi sint vires & praedia magna quid inde.

Auri sit species argenti massa quid inde.

Si mihi sint nati regia de stirpe quid inde.

Longus servorum mihi serviat ordo quid inde.

Si doceam socios, in qualibet arte quid inde.

Et rota fortunae me tollat ad astra quid inde.

Si felix annis regnavero mille quid inde.

Tam cito praetereunt haec omnia quod nihil inde.

Serviat ergo Deo quisque quoniam satis inde.

La ley de Dios ocupara siempre el mejor lugar de mi coraçon qu'es el medio donde la ponía el Rey David.

Sere muy solícita en responder a las inspiraciones del Spirito Santo las quales por su bondad infinita desde mi niñez fueron en mi continuas de Le amar, y servir perfectamente.

Cada dia a lo menos cinco veses puesta de rodillas dare gracias a Dios por los grandes y continuos beneficios que de su piadosa mano tengo rescebido.

Exercitareme de continuo en la mortificacion de las passiones, y en moderar mis apetitos persuadiendome ser esté el proprio exercicio de christiano, y no solo de religioso.

Tendre siempre en la memoria que la penitencia es necessaria, y cosa propria de christiano, portanto no passare dia alguno sin hazer algun poco de penitencia, a lo menos en refrenar algun appetito o en dexar algun gusto aun licito.

Hare mucho caso de la oracion y la tendre mental, y a lo menos tres veses al dia, es a saber: media hora por la mañana, y media a visperas, y media por la noche, y demas desto, procurare hazerla tambien entre dia breve, frequente y ferviente.

En despertado por la mañana luego me offrecere a Dios Nuestro Señor, y le pedire gracia para no le offender, y despues de levantada de la cama, el primera cosa que hare, sera ponerme de rodillas en tierra, y dezir la oracion de la prima que se dize en el officio divino: *Domine Deus Omnipotens, qui ad principium huius diei nos pervenire fecisti, & c.*

Quando me vistiere, no estaran presentes sino las mugeres necessarias y con silencio passare por la memoria aquellas buenas consideraciones de la Reyna Ester, y aquellas singulares palabras que dezia: *Tu scis necessitatem meam Domine, & quod abominer signum superbiae, & gloriae meae, & detestor illud quasi pannum menstruatae, & non portem in diebus silentii mei, & nunquam laetata sit ancilla tua, ex quo huc translata sum, usque in praesentem diem nisi in te Domine Deus.*

Quando oyere missa me acordare que en aquel tiempo mas que en ningun otro soy obligada a estar con mas humildad y reverencia a la divina magestad y la enseñare aun exteriormente quanto fuere possible, principalmente al alzar del Santissimo Sacramento me inclinare desseando meterme debaxo de la tierra, y siempre notare algunas palabras del evangelio que se dixere en la Missa para me acordar dellas entre dia.

Sere constante en los exercicios spirituales, y specialmente en me confessar y comulgar a lo menos una vez cada mes, y demas desto en las fiestas principales, y primero que comulgue algunos dias me confessare, y antes y despues tendre media hora de oracion, y oyre otra missa, y dare orden para que ordinariamente oyga sermon o una exortacion en la capilla o la camara.

Sentada a la mesa me acordare de la abstinencia y de me mortificar en alguna cosa a la qual sienta ser mas provocada del appetito; procurare tambien lo mejor que pueda impedir qualesquier platicas de murmuracion y cosas lascivas.

Despues de comer tomare alguna honesta recreacion segun me fuere ordenada por el confessor; podre tambien en aquel tiempo andar por casa.

Huyre la ociosidad porque hace daño a todos, specialmente a los que biven continuamente entre delicias.

Occupare el tiempo en labrar corporales o quartinas para el culto [del] Sanctissimo Sacramento, o en leer, o me bolvere a exercitar en el studio de la sagrada scriptura en el lo tanto me deleitava antes de me casar.

Quando fuere visitada de señoras y mugeres nobles, procurare d' impedir las platicas que en tal tiempo se suelen mover, como de amor, y de peccados, o faltas ajenas, y mostrare particular disgusto, de oyr hablar en semejante materia, y particularmente quando se trata de mugeres casadas, y de suerte me sabre aver con todas de manera que se entienda de mi que las mas honestas y virtuosas me son mas acceptas y que las tales favorezco.

Nunca se dansara por mi respecto, antes procurare quanto pudiere de lo impedir y estorvar y con todo huindo vicios que se haga. Veendo cosa mal pareciente libremente la reprehendere a aquellos a quien me paresca puedo reprehender y a los otros dare a entender por buen modo que me desagrada su modo de proceder.

Sere muy sollicita e vigilante en procurar aya grande honestidad en las mugeres de mi casa, y tendre personas que me den quenta y aviso de todo lo que fuere necessario para acudir al honor de la familia y hare no aya tanta libertad en leer qualquier libro sin escoja.

Nunca a la noche me ire acostar sin primero haber hecho el examen de mi consciencia y pedido perdon a Dios de mis peccados, y quando me quisiere acostar trayre a la memoria el octavo capitulo del libro de Tobias.

No faltare en poner diligencia en saber como biven mis criados y proveer en ello quando uviesse negocio que estoviesse, que estoviesse en peccado mortal.

Hare mucho por tener un confessor segun mi necesidad y con reverencia lo obedecere.

Porcurare que en mi casa aya orden en el tiempo y que aya en ella una persona que tenga cuidado de despertar moças a la hora conveniente.

Hallandome con deudas que aya de pagar, no hare gastos sino en lo que viere que es muy necesario y ni aun en esto me fiare de mi proprio parecer.

De la misma suerte lo tocante a las limosnas he sido advertida que no las podia libremente hazer enquanto duran las deudas, y que quando las hiziere, habre de sacarlas de lo necessario.

Tendre advertencia en no me dexar guiar de la vanidad en mis acciones mas siempre de la razon.

Quando reprehendiere alguna persona advertire en no me dexar llevar de la colera, o hazar quantas que sean notablemente indecentes a la persona de mi qualidad.

No me metere en gobierno de frayres ni de otros religiosos, por no impedir el freno de su obediencia.

Todos los que tuvieren visto y conversado esta señora habran tambien visto con quanta diligencia se es esforçava a cumplir todo lo arriba dicho que ella tenia reduzido en suma y lo trahia consigo para su memoria, lo qual me parece un cierto retrato de la perfection christiana en una princesa y así esto deviera bastar, pero con todo esso dire della algunas cosas que me ocurren a la memoria.

Morava en Su Alteza el temor de Dios y un cuydado solícito de no le offender y así quando a la noche hazia el examen de su consciencia (el qual costumbro hacer desde su niñez) escribia sus peccados y quando los confessava los trahia escriptos, notando el numero aun de faltas minimas, tanto que muchas veces parecia a los confessores que excedia el modo, y la reprehendian, y de aqui nascia que en todas las cosas, aun minimas, pedia su parecer al confessor, y quando era reprehendida de alguna cosa, su respuesta algunas veces eran lagrimas, o si con todo esto hablava, dezia así ser verdad, y pedia consejo para lo que avia de hazer.

Agora me acuerdo que estando ella fatigada de sus enfermedades yo le dixe que avia hecho mal cierto negocio, y luego empezo a llorar, y alzadas las manos al cielo pidio perdon a Dios, y hizo aquel acto de tal modo que me forço a mi tambien a lagrimas, y todas las veces que por se offerer ocasion, o por la hazer merecer yo la reprehendia (lo que podia hazer con la misma libertad con la qual tendre reprehendido qualquier pobrezilla), ordinariamente era necessario bolver a consolarla, que tanto se affigia, y tan de veras tomava las reprehensiones.

Quan solicita fuesse esta señora de aprovechar en el spiritu vesse en el memorial arriba escripto, y vesse tambien que quando oya algun sermón notava por su mano los puntos, y algunas veces procurava aver los sermones enteros por escrito, y de aquellos puntos escritos por su mano y sermones havidos de los mismos predicadores se hallo grande copia entre sus papeles.

Era esta señora muy zelosa de conservar la pureza de la fee catholica en si misma y en los otros, y de aqui nascia que nunca quiso hazer oracion o haber devocion alguna que le mostrassen sin que primero, la hiziesse saber al padre Inquisidor o a su proprio confessor. Las oraciones y opusculos de devocion escritos de mano hazia aprovar por el Inquisidor como aun se puede veer y costumbrava dezir: yo no quiero salud corporal ni bien alguno de mano del enemigo, y así me acuerdo que luego en se partindo con la armada de Lixboa para passar a Flandes, dio orden a su mayordomo que hiziesse juntar todos los portugueses de su corte, los quales en aquel tiempo eran muchos, y la mayor parte como la tuvieron acompañado hasta Flandes se bolvieron, bolviendo ella para Italia, y a mi me hablo le[s] diesse algunos avisos que devian tener para se conservar en aquellas tierras inficionadas de haeresia para donde yrian. Desto se bien cierto que aun que se creya que en el armada y en la misma Capitanía avia muchos flamencos herejes como yo despues supo que lo era la maior parte, con todo esso, en todo el viaje por respecto de Su Alteza ninguno se descubrio, antes davan a entender serén catholicos, y hazendo el Armada detencion en un puerto de Inglaterra, parecio al señor Conde de Masfelt, general della que Su Alteza devia mandar visitar la Reyna, y no lo quiso hazer por ser hereje, y aunque le han dicho que lo podia hazer, y que avia ocasion para ello, no lo quiso entender, y aun con trabajo se acabo con ella que quisiesse oyr a un señor principal de aquella tierra, que vino la não a visitarla y a le rogar desembarcasse así por ver la tierra como por la gente tomar refresco, y esta dificultad mostro por se le aver dicho que aquel señor fuera ecclesiastico y que prophanara la yglesia por hazer della cavalleriça. Depues que el se despidio dixo Su Alteza que enquanto le hablava estava temblando, pareciendole que via no hombre sino un demonio.

Mucha gente de la tierra vino Al Armada assy hombres como mugeres, y viendo Su Alteza una muger mas honrada entre las otras, que tenia consigo dos hijuelos muy lindos

y le pidió mucho e hizo pedir por algunos señores flamencos, que fuesse contente de le dar aquellos dos hijos, prometiendole que los trataria con amor y dellos tendria cuydado como madre, lo qual hazia por no poder sufrir que aquellos angelitos en la apparencia exterior se fuesen al Infierno, siendo criados por padres herejes.

De aquí venia que en aquellas cosas en las quales los herejes tropieçan mostrava mas affecto y devocion, como en la reverencia de los sanctos y de sus imagines. Tenia ella una Nuestra señora de continuo en la Camara sacada por la que está en Roma en sancta Maria Maior, que pintou S. Lucas, y por reverencia le tenia siempre cubierta, sino quando queria hazer oracion, y estando muy mal en esta su ultima enfermedad, yo la dixe seria bueno que ella tuviesse frente de si, junto a la cama, la ymagen del crucifixo. Respondio: Padre yo grandemente lo desseo, con tal que a vos os parezca que no sera irreverencia, por me es necessario muchas veces bolver del outro lado y del otro. Quitada y dissuadida desta sospecha hizo poner el crucifixo cerca de la cama, para el qual mirava ella con mucha devocion y veyasele el affecto y devocion en sus ojos lo que era con edificacion mia, y de los circunstantes.

A las reliquias de los sanctos tenia notable reverencia, e yva por Flandes y Alemania visitandolas todas, y hazia por las aver aver quanto era possible specialmente en Colonia, ciudad muy abundante de tan preciosas riquezas adonde hizo mucha detencion. Solo por visitar las sanctas reliquias, lo que hazia con tanta devocion que todos se aedificavan de la ver, y de alli truxo algunas cabeças de las onze mil virgines y otras reliquias; en la ciudad de Aquisgrana llena de tan rico thesoro dellas se detuvo tambien por las ver todas, y siendole enseñado aquel paño con que fue cubierto Christo Nuestro Señor en la cruz, se enternecio mucho y con grande devocion pidió a de aquellos sacerdotes que se lo enseñavan que le quiziessen dar un filo pequeño, que pendia, y liberalmente le fue cumplido su desseo, y ella lo guardava con mucha reverencia, y le tenia tanta affecion que dezia que no lo diera a su propria madre, que ella con tanta reverencia amava y acatava, y siendole enseñados los preciosos pañales en que fue enbuelto el niño Jesus quando nacio, ella se echo por tierra besandolaos con tanto affecto que parecia los queria comer, y a mi me hablo despues que le avia dado un grandissimo desseo de tomar un bocado y de lo engullir, preguntandome si fuera esto peccado. Una cosa dire por la qual muchas veces le oy dezir se le augmentava mucho la devocion a las reliquias, y fue que estando en portugal, siendo de aedad de quinze anos, la señora Iffante su madre, estando ella presente y muchas otras muchas personas enseno algunas reliquias, entre ellas una del leño de la Vera Cruz, el qual sudo sangre con grande admiracion a todos, lo que Su Alteza muchas veces affirmo a muchas personas, y conservava parte de la dicha Reliquia con extraordinaria devocion, y este biernes sancto passado estando ella muy tarjada de dolores y pareciendole seria esto muy buen remedio para no las sentir tanto hizo se le truxesse con muchas otras reliquias y me la enseno a mi y a las señoras que estavan presentes, y aun se vee ensanguentando el papel en que esta, y en todo aquel tiempo que la tuvo consigo que fue fue por espacio de dos horas no sintio los dolores costumbrados.

Quiero aquí dezir una cosa notable que me ocurre acerca de su devocion a las reliquias, estando en el Armada que la truxo a Flandes en Ingalaterra; se apego el fuego a la Nao en la qual ella venia y todos procuravan de ponerse en salvo, y como fuesen algunos señores para salvar a Su Alteza, ella saliendo de su aposento se paro a la puerta diziendo: Las mis reliquias no quiero se queden, y bolvio a buscarlas acordandosse de las reliquias y no de sus joyas ni de otras cosas a que tuviesse aficion, ni se le podia presentar cosa mas agradable que alguna Sancta Reliquia.

Un Reverendo padre del orden de sancto Domingo le truxo una de las spinas de la Corona del salvador la qual avia trahido d'Alemania, adonde sido provincial, y aun que ella le hizo limosna en señal de gratitud, con todo hallandose el dicho padre aquí en Parma, de tiempo que ella stava mal, y no le pareciendo haverle echo aquella limosna que le devia, por la buena obra que le avia hecho de tan preciosa joya, de nuevo uso con el de liberalidad con le dar otro tâto como de la primera vez le avia dado.

Tenia en estima los habitos de las religiones, y estando mal, entro a verla el padre Inquisidor dominicano, que venia para le conceder la Indulgencias que ganan los de la Cofradia de la cruz, en la qual su Alteza avia entrado por el zello de la fe, y despues de con grande humildad las tomar, le bejo con reverencia el habito.

Haviendo Su Alteza imbioado a pedir a las monjas de monasterio de las llagas, que son del orden de Santa Clara que sant Francisco instituyo el mas vil y despreciable habito que ellas tuviessen en casa, queriendo con el ser sepultada, no dexaron aquellas madres de la consolar,

y quando le fue presentado con affecto le beso, y lo mismo hizo al cordon de S. Francisco, recibiendo uno y otro con mucha devocion, y lo mismo hizo tambien quando estava en el transito haciendo echar sobre si el dicho habito y despues de le besar, pareciendole que era corto que no le cobriria los pies, llamo a una señora, que ally assistia y le dixo: señora, porque este habito es corto, suplicoos que quando me muera tomeys una toalla y me cubrays bien los pies. Era tanta la reverencia y devocion que tenia a este habito de S. Francisco que con verdad se puede dezir que su coraçon estava vestido del.

Al tiempo que ella estava libre del vínculo del matrimonio, tuvo algunas bivas inspiraciones de abraçar la vida religiosa y me conto una vez que estando en portugal juntamente con la Reyna en un monasterio de monjas de S. francisco, un día que havia profession una señora dotada de los bienes del cuerpo y de la fortuna que fuera dantes dama de la Reyna, una señora dotada de los bienes del cuerpo e con singular vocacion del spiritu sancto, fue llamada a la religion, y sintiendo Su Alteza las grandes promessas que de la parte de Dios y del exemplo de aquella dama le fueran hechas, fue commovida a tan extrordinario desseo de se consagrar a a Dios que se resolvio en se hechar a los pies de la Reyna pidiendole ubiesse por bien darle licencia para entrar en aquel monasterio y servir a dios en el. Y a mi me ha dicho que de tal manera se levanto de la cama donde estava sin mirar lo que havia que hizo espantar a los que estavan presentes, y no sabia de que manera se bolviera a assentar.

La primera vez que Su Alteza entro en las llagas de Parma, monasterio de que ya arriba se ha echo mencion despues de hazer oracion dixo para las que estavan presentes: esta es mi casa, y en aquel lugar (senalandolo) quiero ser sepultada, lo qual havia todas las veses que yva a aquella venerable casa.

Era en ella la fe tan biva que muchas veses hablando de la gloria o del infierno, acompañava la platica con lagrimas, y tratandose una vez en Ingalaterra enquanto ella estava sobre anchora en la mar, si saliria a tierra, y diziendo algunos señores que havia peligro de hazeren los herejes algun insulto, respondio ella: o bien aventurada de mi si yo fuesse martyr. Deste gran zelo de la fe nacia en ella la piedad y devocion con todas las demas virtudes, de las quales era cumplidamente dotada, como saben todos los que la han conocido.

Por lo que parecia a algunos y con razon que Dios la traxera a Italia por Flandes y por Alemania para que mostrasse tal exemplo de virtud y en tiempo que el era tan necessario en aquellas partes.

Todos en esta ciudad saben quanto su exemplo ha aprovechado en la frecuencia del Sanctissimo Sacramento de la Eucharistia y quando podia se recreava en lavar por su mano algunos ornamentos para el servicio dela altar como corporales y lençuelos hechos con muy graciosos y ricos labores sobre las mallas.

Quando si offrecia ocasion de acompañar el Sanctissimo Sacramento lo havia con exemplar edificacion del pueblo.

Tenia por muy importante circunstancia y necessaria para se aver de declarar en la confession si algun defecto muy venial uviesse cometido en la yglesia adonde estuviesse el Sanctissimo Sacramento, y todas las veses que comulgava lo havia con tanto sentimiento y abundancia de lagrimas que muchas veses no lo podia enoubrir a los circunstantes. Nunca por qualquier causa que uviesse dexaria de oyr missa, y en este tiempo en que estava para morir pidiendole los medicos y otras personas de auctoridad que se mudasse para outra camara por ser aquella adonde estava muy calurosa y quasi intolerable a los que la servian, respondio ella que de muy buena gana la ubiera mudado por complazer a unos y otros y tambien por lo que en ello le iva, pero por no perder la missa no se queria mudar y tambien porque en las otras camaras no havia la commodidad del oratorio, y ansi que cada día oyo missa hasta el ultimo de su vida. Fue cierto cosa muy notable y de todos los que la assistian muy advertida que aunque ella era muy afligida de continuos dolores, que siempre la inquietavan y compelian a gemir y gritar, con todo esso en empeçando la missa hasta se acabar estava quietissima, ni la sentian gemir, y a mi me dixo que, quando oya la missa, aunque huviesse los dolores, sintia mucha consolacion, y siempre havia llamar sus hijuelos y los havia estar junto a ella en la missa.

Quando ella carecia desta alegria como fue en la mar, nunca comia sin que primero oyesse leer la missa.

Passando por Alemania tenia dado particular instruccion a su aposentador que quando fuisse pedir el passo seguro a los principes y republicas les dixiessen que era una señora



catholica, y que como tal queria, que le consintiesen tener missa, y alguna vez succedio que enquanto se dezia la missa era necessario estar con las armas en las manos por temor de algun insulto de los herejes y en muchos lugares se ceñebro con muy grandiscomodidad y desassossiego.

Dezia ella algunas veses: yo seria la mas desventurada muger del mundo si no me confessasse y comulgasse a lo menos una vez cada mes, lo qual fue ordinario en ella desde chica. Quando el señor Principe iba a la guerra comulgava cada quinze y cada ocho dias y desseava de continuar cada semana, mas por parecer mas servicio de Dios ella se privo desta consolacion en tiempo de su enfermedad. Todas las semanas lo hazia; yendose llegando a lo ultimo, cada día se confessava; pocas horas antes que espirasse se confesso y aviso dos de los padres que estavan presentes diziendoles: quando estuviere en el cabo y quãdo no pudiere ya hablar, esta[d] attentos, que yo os hare alguna señal si se me acordare algun peccado, como sera tocar con el dedo en la boca y levantallo al cielo y entonces os habreis por satisfechos para me dar la absolucion. Por reverencia deste santissimo sacramento y de Christo, cuya persona en aquel lugar representa el confessor, al tiempo que se queria confessar costumbrava ella quando el confessor se levantava en pie y se dexava ansi estar hasta que el confessor se sentasse; no queria para su commodidad tener algun coxin debaxo de las rodillas y ansi co su exemplo mobio en orden gran parte de sus mugeres de confessar y comulgar a menudo con reverencia y devocion, y no solamente las de su corte mas mucha parte de las de la ciudad y de la misma manera muchos hombres, los quales ella ocupava en obras pias, y vinieron con su exemplo a se dar a la vida spiritual y frequentar los santissimos sacramentos.

Ella se conocia ser de naturaleza altiva y harto inclinada a las vanidades y a la gloria, y por esso procurava esconder el bien que en si tenia, como en hazer sus limosnas lo mas secretamente que fuesse possible y nunca demostrava lo que sabia.

Estava ella en la latinidad mas que mediocrementemente, de manera que la podia hablar y escribir muy bien, de Griego tenia tambien mucha noticia, y de philosophia y mathematica sabia mas que en abastança, y con todo esso quando se offrecia tratarse en su presencia destas facultades, no dava a entender que las sabia como deveras las sabia, salvo estando con algun religioso con el qual costumbrasse hablar familiarmente.

Tenia tambien gran uso de la sagrada scriptura, la qual estudiava con diligencia, specialmente antes de se casar; despues no se dava a outro estudio sino a los libros spirituales y particularmente aquellos que mueven los affectos y gustava ella mucho de la lecion de los opusculos de sant Bonaventura.

Eran sus penitencias muy secretas y de modo que nadie se las entendia como quando el illustrissimo Señor Principe estava absente ella se levantava de noche a hazer oracion.

Dire tambien a V. S. esto caso en el qual se vee con quanto secreto ella procurava hazer sus devociones. Tenia una bucatilla en qual guardava las cosas a que mas aficion tenia, adonde tenia un cilicio hecho por su mano, y estando ella enferma desta su ultima enfermedad, hizo se le truxesse a la cama, diziendo me queria dar aquel cilicio, para que yo le quemasse y de nadie fuesse visto, que no imaginassen ser ella buena, siendo ansi que poca veses le tenia puesto y diziendole yo que desso no le tuviesse pena porque no importava que fuesse visto, ya que se sabia ser ella christiana, y quel traher cilicio no era cosa sola de santos mas de peccadores para hazer penitencia, y de nuevo me replico que en esto le hiziesse la voluntad; estando en esta diferencia entro en la camara el excellentissimo Señor Principe, del qual ella se turbo como si la hallara en una gran algun gran delicto, y le supplico y desconjuro tomándole la palabra de Principe y de Cavallero, que no diria cosa alguna, y a mi me dio el cilicio.

Quando estava mala en sua enfermedad se disgustava mucho si le dezian que tenia hecho buenas obras y particularmente un día que veniendola a visitar el padre Inquisidor por la animar le dixo: Vuestra Alteza se devia consolar, pues con la gracia del Señor tiene hecho con sus obras y exemplo tanto bien en esta ciudad que esta toda reformada, en lo que ella demostro gran sentimiento con señales exteriores y palabras. Despues me aviso y a otros religiosos, llegada la hora de su transito, mas ayna le accordassemos cosas que la induziessen a contricion y dolor de sus peccados, y a esperar en la misericordia de dios que cosas de la tierra porque aquello y no esto le era necessario con tal que ella era cierta que las buenas obras hechas en gracia del señor eran meritorias ante el divino acatamiento, por la virtud de la sangre preciosissima de Nuestro señor Jesu Christo, y a mi me encargo que yo avisasse a un padre el qual continuamente le acordava sus buenas obras que desistisse dello porque esse padre (dixo ella) no me conoce ni sabe mi necessidad siendo yo una soberbia.

Era muy dada a la oracion y costumbrava dormir con el rosario en la mano, y luego como despertava resava las oraciones, y demas de lo ordinario como se ha dicho muchas vezes, bolvia al oratorio a estar dos o tres horas specialmente quando tenia algun disgusto para se consolar con Dios, y en todos sus negocios la primera cosa recorrer a la oracion y mandar dezir missas, y tambien enquanto estava mal nunca dexo enquanto le fue possible la media hora de oracion ordinaria por la mañana y fue muchas vezes necessario que yo entrasse en la camara y la estrovasse porque comunmente en aquel tiempo estavan los medicos fuera esperando, y passava la hora de tomar el xarave y de le hazer los remedios que ya estuviessen ordenados.

Una vez la halle buelta a una imagen y tan ocupada en la consideracion que estuve un buen rato primero que ella me respondiesse a lo quanto le tenia dicho.

Quando ya estava cerca del fin y tan debilitada que no podia ya tener oracion, procurava que algunas personas devotas y castas y algunos religiosos en sua camara dixiessen y resassen (segun ella lo ordenava) psalmos y oraciones siguiendolos ella lo mejor que podia, y a mi me dixo: agora importa tratar bien mi alma, como me tratan al cuerpo, dandome muy a menudo poco y bueno para lo restaurar, y de ally adelante se ayudava con dezir ciertas oraciones breves y devotas, como seria: *Domine si vis potes me mundare, Jesu fili David miserere mei, Deus propitius esto mihi peccatori & c.* y con esto se entretenia y sentia mucha consolacion y costumbrava ella, quando no avia impedimiento, tener oracion con las rodillas en tierra por estar [mas] despierta.

Muchas vezes la acontecio en esta enfermedad, quando los dolores eran excessivos, hazersele traxessen alguna reliquia, o del manna de sant Andres, encomendandose a Dios y offreciendose a su sancta voluntad, y sentia aliviarsele el mal y frequentemente le sucedia acabar la oracion con gran certidumbre de ser oyda del Señor, de suerte que parecia que ninguna cosa dudava.

Una cosa dire para gloria de Dios que ella misma en semejante proposito me dixo tres dias antes de su muerte contandome los favores singulares y los infinitos beneficios que tenia recebidos de su divina magestad en y quanta obligacion le estava. El verano passado la Princesa Malgarita, su hija primogenita, estuvo muy mal, por lo que Su Alteza sintia algun disgusto y enojo. Finalmente la niña vino a terminos que los medicos tenian poca confianza de su vida, lo qual viendo Su Alteza luego recurrio al supremo medico, y con affectuosas oraciones pedia a Dios se la deesse sana, tomando por su intercessora la Gloriosa Virgen. Acabada la oracion, salio del oratorio con tanta certeza de alcanzar la merced que pedia, que affirmava que su hija biviria; todos se maravillavan como ella esto affirmava, specialmente teniendo los medicos perdida la esperanza, ni dexo Su Alteza de continuar en las oraciones haziendo que las uviessen en todas las religiones y lugares pios. Hizo tambien ordenar una procession por la ciudad y en ella fue en persona con mucha promptitud y charidad. Bolviendo a casa hizo untar la niña sobre el coraçon con el oleo del gran duque de Toscana, y luego empeço a hallarsse bien, y ansi con la salud de la hija alcanço cumplidamente la merced que pedia al Señor por medio de la oracion.

Desseava ella tener un hijo macho por la necessidad que del avia en la illustrissima Casa Farnesia, y lo pedia a dios con mucho affecto, y una vez fue al Hospital de los niños expositos y con mucha instancia pidio al Prior de aquella casa un niño de aquellos, y dandosselo, le hizo entregar a una ama que lo criasse, y tenia del cuidado como de hijo, esperando que Nuestro señor la consolaria; en su desseo fue cierto cosa maravillosa que siendo el señor Principe fuera, ni se esperando tan presto, al día siguiente llevo de improviso, y de ay a nueve meses ella pario el Principe Ranusio con tanto regozijo y alegria destos excellentissimos Señores y de los estados, que mas no se podia desear.

Desseando aver otro hijo macho, y estando un día en la iglesia de Nuestra Señora de la escalera, entro acaso dentro el señor Principe y bolviendose para el, dixo: Señor pidamos juntamente a Dios, poniendo por intercessora la gloriosa virgen, que nos de otro hijo macho, la qual oracion hizieron, y despues de nueve meses passados pario felixmente al señor don duarte, assi que pueden dezir estos illustrissimos señores que fueron alcançados de dios por medio de las oraciones de tal madre.

Era esta señora particularmente devota de la sacratissima passion de Christo, y cada día la dezia, sabiendola de memoria segun la escrivio S. Johan, y quando por la semana santa se recogia como era su costumbre en el monasterio, ay se avia de manera que quando se partia dexava en el gran exemplo de bondad y devocion. Tenia ella notado dos passos de la passion en los quales le parecia que Christo Nuestro señor padeciera en supremo grado, lo que parece

que el mismo le significaria: uno era quando tuvo aquella excessiva tristeza y affliction de coraçon, que dixo: *Tristis est anima mea usque ad mortem*, y el otro quando dixo en la cruz: *Deus meus, Deus meus, ut quid derelquisti me*, y destos dos passos tenia imagines devotissimas, en las quales ponía los ojos a menudo.

Una vez me acuerdo que, yendo a visitarla, la hallé muy affligida y particularmente con tanta angustia de coraçon que me dixo palabras como que no podía mas bivar, y que la encomendasse a Dios y le dicesse algun remedio, yo le respondí que se acordasse de la devocion que tenía a aquel passo, *Tristis est anima mea usque ad mortem*, y que el Señor quería que ella mostrasse su devocion con se conformar con su voluntad, que dicesse muchas veces: *Paratum cor meum Deus, paratum cor meum*. La mañana siguiente me dixo que con este remedio se hallara bien.

Otra vez tuvo un semejante encubrimiento de coraçon, antes mucho mayor y tal que no me acuerdo averseme ofrecido causa de tener tanta compassion de criatura como della tuve, porque solo en la ver provocava a lagrimas. Hizo que algun sacerdote le dicesse algunas oraciones, las quales oyo devotamente y luego se sintió sin aliento con aquella pression y me dixo aquella noche, que sintiera tanta consolacion y alegria de coraçon que le parecia nunca aver sentido cosa semejante.

Tenía tan gran devocion a aquella imagen de Christo espirando en la cruz que muy a menudo la mirava llorando y se estaban presentes algunas personas dissimulava y la primera cosa que hizo quando estava mal fue hazersele traxessen la dicha imagen, la qual siempre tuvo consigo, y en lugar que de continuo pudiesse en ella poner los ojos.

La misericordia y piedad para con los proximos era en ella grande, y quando no podía socorrer como desseava a sus necesidades de compassion llorava. Acerca de las obras de misericordia spirituales, comunmente se sabe quantas miserables mugeres publicas saco de peccado, de las quales ay muchas que biven en monasterios religiosamente; otras estan casadas, otras puestas a officios honestos, y nestas obras se occupava mucho y de buena voluntad, ni dexava de interponer su auctoridad y favor en tan sanctas cosas, quando era requerida.

El año passado mediante su auctoridad y ayuda, se levanto en esta ciudad la casa que llaman de las virgines preservadas, las quales son hijas de madres de mala vida, y aqui se salvan de peligro adonde son religiosamente mostradas en el temor de Dios e doctrina de las virtudes. Dezía Su Alteza que una de las mayores alegrías que havia tenido fue quando una moça de mala vida se le hecho a los pies en una iglesia, pediendole la quisiesse ayudar a se poner en buen estado y dexar el peccado para servir al Señor, la qual ella oyendo publicamente la abraço, haziendola entregar en una religion despues de la debida comprobacion de su proposito y destas tales que ella ayudo con mucha despesa suya se podian contar muchas.

No ha mucho tiempo que una noble señora tratando desta materia me dixo que en su casa uviera en diversos tiempos por orden de Su Alteza cinco destas almas sacadas de peccado, y dando ellas de si satisfacion, les dava remedio y commodidad conveniente a su qualidad y condicion.

Quando estava para morir de outra qualquier platica disgustava, y solo esta le dava contento, y pocos dias antes de su muerte hizo llamar al Abbad de Sancto Antonio de Parma, bienhechor de las virgines preservadas, y con el platico del modo y como ellas se pudiesen conservar. Quiso oyr sus statutos y los emendo, y al dicho Señor encomendo afectuosamente una tal obra para la qual dexó una gruesa limosna.

A las señoras y mugeres nobles de la ciudad que se davan al spirito y devocion tratava Su Alteza con mucho amor y familiaridad, y dezía que aquellas eran sus amigas y esto para incitar a las otras a ser como ellas, y al tiempo que estava mala dixo una vez que estas tales se holgaria de ver al rededor de su cama.

Amava mucho (y así lo dezía) aquellas que en outro tiempo fueron vanas y despues se avian dado al spirito y entre tratando de una entre otras que havia hecho grandissima mudança y dava de si muy singular exemplo, costumbrava dezir la tenía mas invidia que a los capuchinos.

Desseava mucho de ayudar la ciudad por todos los modos posibles, y así entro en la cofradía de las cinco llagas que es la de las matronas, que tiene por statuto y officio socorrer a los enfermos necessitados, y le hazía grandes limosnas y lo mismo hazía en las demas cofradías en las quales muchas veces ordenava que ubiessen oracion continua de las cinco horas, de las siete, de las nueve, de las doze, de las treinta y tres, y de las quarenta, para que continuamente agora una y depues otra estuviessen en oracion, a las quales oraciones concurría buena parte de la ciudad.

Y anssi siendo yo recién llegado de Roma, ella con mucha alegría me dixo: vos padre sentireys grande consolacion en ver quando en esta ciudad se usa y como es bien introduzida la oracion.

Su Alteza ha sido la causa principal de se hazer imprimir aquel singular y breve tratado del modo de resar el Rosario y hizo tambien imprimir un opusculo spiritual para se imbiar a Portugal a algunas personas devotas.

Si ella viniesse a entender que algun mancebo dissoluto dava molestia a alguna moça y la solicitava contra su voluntad, dava orden que el Señor Governador le llamasse, y le mandasse aun de su parte que dexasse de aquel mal trato y que mas no se entendiesse que la molestava, con el qual modo dava remedio a que se evitasen muchos peccados, y acontecia esto muchas veses.

Ocupavase de muy buena gana en hazer pazes, principalmente entre casados, por su medio y con su auctoridad se conformavan e apaziguavan entre, si muchas familias y de mucha importancia.

Con su diligencia y presencia de su persona se introduzo el mostrarse a las niñas la doctrina christiana, teniendo Su Alteza diputado en cada parrochia de las nombradas para esse effecto dos mugeres nobles temerosas de Dios, que los dias sanctos fuesen a tenerlas en orden, y su Alteza yva en persona a las dichas parrochias, oy a una, mañana a otra y algunas veses llevaba premios honrosos para las niñas que mejor aprendian, procurando animar a todas.

Al tiempo que estava enferma hizo se le diesse una lista de las mugeres nobles de todas las parrochias y de las mas ordinarias eligio algunas otras para aquella obra, y con mucho affecto les encomendo y hizo encomendar tan sancto y necessario exercicio para la salvacion.

Era facilissima en se commover a compassion del mal corporal del proximo ni dexava, quanto podia, de socorrer y tenia una particular devocion en hazer limosna de aquello que le costava su proprio trabajo, o que ella avia sacado del ordinario.

Acuerdome que he oydo dezir a una persona noble, la qual sola desto era sabedora, que quando ella estava en portugal tenia mucho desseo y particular inclinacion en librar de la carcel a algun pobrezillo que estuviesse preso por deudas, con lo que ganava por su aguja y industria, y demas del labor que hazia de día, se levantava secretamente de noche a labrar. Tanto gostava desta charidad que desta manera hizo soltar a muchos.

Ansi mismo tenia una particular devocion de vestir algunos pobres miserables particularmente religiosos y esto demas de la limosna ordinaria de cada año, de vestir treze mugeres en la semana sancta, es a saber, doze biudas biejias, temerosas de Dios y de buena vida y una donçella de hasta quinze años, a las quales lavava los pies por su mano con exemplar humildad. Depues las hazia sentar en una mesa, sumptuosamente aparejada, y les dava de comer, sirviendo ella con sus damas aquellas pobrezillas, y si entre ellas avia alguna çiega, su Alteza con mucha alegría le metia la comida en la boca. Acabado el comer y hecho se diessen gracias, todo lo que sobrava hazia se repartiesse entre las dichas pobrezillas.

En su testamento ordena y manda que se vistan treinta y tres mugeres pobres y vergonzosas cosa que deve de ser muy meritoria delante de Dios Nuestro Señor, pues se le en los actos de los apostolos de aquellas pobres que venian a enseñar a S. Pedro los vestidos que les hazia Dorcas, para que la resuscitasse, como hizo.

Quando cayo enferma supo que una muger pobre y vieja estava mala de aquella propria enfermedad, y luego dio orden que los mismos medicos que la curavan a ella, la fuesen visitar y la curassen con la misma diligencia y con los mismos medicamentos con que la curavan, y ansi lo cumplieron hasta el fin de su vida, y dio orden que en casa y en la botica le fuesse dado todo lo necessario, y ansi se cumplio hasta que Dios, Nuestro Señor fue servido librarla desta vida, y fue cierto cosa notable que pocos dias despues de la muerte desta muger, murio Su Alteza, no quiriendo el Señor dilatar mucho el darle el premio merecido, y porque el hazer semejantes obras es muy notorio en la ciudad, no dire outra cosa en esta materia.

De aquellas que la servian en su enfermedad tenia su Alteza gran compassion, y para esto hizo hazer una lista de todas y distribuyo las noches para que el trabajo fuesse repartido, y pareciendole contodo ser gran trabajo estaren las mismas a quien cabia toda la noche o a quien cabia media sin dormir, dio orden que dos se mudanssen e revesassen de seis en seis horas y dos siempre velassen, y quando ella sentia que no tenia necessidad, las avisava que reposassen. Algunas veses les hazia traher con que hiziessen collacion, diziendo: pobrezillas, que parecen que estays muertas y las animava.

Enquanto estava enferma ella per si se acordava de hazer reposar a los reverendos padres que la velavan, mas de suerte que siempre quedava alguno que le leya alguna cosa.

Agora me ocurre cierta cosa que quiero contar a V. S. Quando el armada venia por la mar de España tuvo una gran tempestad de modo que se espargio, y cerca de la Capitania donde venia Su Alteza se hallo acaso una Nao, la qual con la furia de la tempestad vino con tanto impeto dar en ella que se abrio y la gente que trahia començo a gritar e pedir ayuda, porque vey a la Nao abierta, ni esperavan ya outra cosa sino que se fuesse al hondon sin haver algun remedio por serem las ollas grandes y espantosas, y sintiendo Su Alteza el rumor, salio fuera y empeço a llamar a voz alta al conde de Masfelt general, pidiendo le hiziessen llegar la Capitania, para que se pudiesen salvar aquellas personas antes que la Nao se hundiesse. El Conde se escusava, diziendo que si esto hazia era meter en peligro a Su Alteza, con quantos ivan en la Nao, como informavan los pilotos, los quales eran tres de los mejores que navegavan aquel mar, a lo que acudio Su Alteza diziendo antes: se days orden en que se salven, vereys como Dios por esso hade salvar a todos. Y ansi por su persuasion se llegaron y los salvaron, excepto uno o dos que con la Nao se anegaron, y dentro de pocas horas passaron el peligro cessando aquella horrible tempestad, la qual luego desde aquella coniunctura fue empeçando a ablandar.

De la modestia y honestidad desta Señora tendria harto que dezir. Quando reprehendia alguna de sus mugeres o qualquiera outra costumbrava algunas veses dezir: la muger no solo le importa ser casta pero tambien que lo paresca.

Quando se pego el fuego en la Nao en que venia, estando en el puerto de Ingalatierra, fue corriendo uno de los suyos y la tomo por un braço diziendo: veni Señora, que la Nao se quema. Ella bolviendose para el, le mostro un severo semblante, diziendole: quita de ay la mano, pareciendo el acto poco conveniente, y por si fue andando hasta que sintio que el fuego se avia acabado.

Contome uno de los padres que estavan presentes quando ella estava muy enferma, que pidiend un poco de açucar blanco, el lo alcanço y ella tendio un pañezuelo y hizo que en el se lo pusiessen y despues por si lo tomo y lo metio en la bocca y este era su costumbre quando alguna chica se le dava por mano alguna cosa pequeña.

Pidio muchas veses al illustrissimo Principe que no consintiesse la abrisen para embalsamarla, y desto hizo particular memoria en su testamento.

Nunca leya por libros que tratassen de amor, y a ella misma he oydo dezir que nunca avia leydo Petrarcha ni Orlãdo, sino una ves o dos, veinte o treinta versos. De aqui nascia que disgustava tanto quando en algunos bayles vey a algunos meneos poco honestos y modestos, y tanto esto la lastimava que le era causa de gran tormento, y por esso no solo aborrecia el danszar, pero aun lo huya.

De su paciencia esto solo dire a V. S. que estava muy unida con la voluntad de dios, y si el sentido se dolia, luego bolvia sobre si diziendo: Señor haz segun fuera tu voluntad, y si esto no basta puedes añadir mas, pero dame paciencia. Y porque los dolores, que ella padecia, como dicen los que lo experimentaron y la razon lo muestra, eran grandissimos y excessivos, no se podendo quietar ni tener que no imbiasse fuera alguna voz lastimosa, se entristescia pensando ser esto un modo de perder la paciencia. Y tan unida estava a la voluntad divina, que una vez creciendo los dolores de manera que le parecia difficil cosa podellos soportar, hizo que le diessen en la mano un crucifixo, para le pedir la livrasse de aquel dolor, y como en el uvo puesto los ojos, y considerando los excessivos dolores que en la cruz por su amor con tanta paciencia avia sufrido, se confundio de manera que no oso mas a le pedir la librasse; y se ayudava para tener paciencia de algunos remedios que para esse effecto le avian mostrado, y entre otros muchos me dixo que un religioso le avia enseñado este: que quando se hallasse combatida de dolores imaginasse que Christo Nuestro Señor con sus manos le offrecia un calix para ella beber y que besandole la mano con reverencia lo tomava e algunas veses quando el mal y los dolores le parecian insoportables, bolvia sobre si diziendo: o quan ingrata soy a Dios, o quantos ay en esta ciudad y quantos ay en el mundo que destas y semejantes enfermedades estan tormentados y no tienen gran parte de la comodidad que yo tengo ni tantos medicos ni medicamentos y con todo esso se soportan con paciencia.

Estava algunas veses de manera que todo su cuerpo y coraçon padecia[n] insufribles dolores, y entonces se quietava con le dezir: yo que con todas estas partes tengo offendido a dios y, luego añadia, que con todas pague, y que padesca aquello que tengo merecido.

Quando le fue dada la nueva de la Iffante su madre, mostro grandeza de animo acompañada de gran ternura, contodo nunca de su boca se han oydo palabras que no fuessen bien dichas antes muchas veses dava gracias al Señor por toda su santa voluntad.

Puedese dezir que esta nueva començo a hazer tal impression en su anima de la poca dura y firmeza de las cosas humanas, que se vino persuadiendo a si misma que avia de vivir poco, para lo que imbio a llamar al padre Rector de la Compañia de Jesu de Novelara para que se hallasse presente a su muerte, y en este mismo tiempo imbiando el señor Duque un cavallero de su Casa a Roma. Su Alteza le dio orden que de su parte visitasse al Cardenal Farnes, y se despidiesse con le dezir que ella no le podria mas servir en esta vida, mas que esperaba en Dios que en la outra lo poderia hazer, y lo mismo ordeno que se dixiesse a otros Perlados sus amigos.

Quando yo hizo buelta de Roma me dezia que entonces moria de buena gana, por varios respectos de los qualles el uno por ver y conversar en el cielo con su madre y luego bolvio a dezir mas: es tan gran cosa ver a Dios, que creo estare tan ocupada en contemplar aquella bondade infinita, que me abre de olvidar della. Morire tambien de buena gana por yr a parte adonde no offenda a Dios, y en verdad os digo que lo que mas spanto me causa del Infierno es que alli se blasfema de Dios, y solo por esta causa quando outro mal en el no ubiera, no quisiera ir a aquel lugar.

Despues que supo de la muerte de su madre mucho mas del devido modo se dio a Dios por medio de la oracion, particularmente a la consideracion de la gloria, y buena parte de la noche, segun della he entendido, se estava en un retrete o oratorio, que avia mandado hazer junto a su camara, y dentro del gastava horas enteras, puestos los ojos en el cielo cotejando con su consideracion aquel reyno y aquel palacio con estos de la tierra, y sus criadas cuidavan que ella estava en la cama.

En su enfermedad muchas vezes hazia que le leyessen las obras del padre fray Luis de Granada, y particularmente donde trata de la gloria, y avisava al padre que leyesse alto para que ella con todas sus criadas lo oyessen y se inflamassen en el desseo del Cielo, y hazia repetir algunos passos.

La ultima noche en que se murio, quiso que continuamente estuviessen algunos religiosos al rededor de la cama, cerradas las cortinas y que le leyessen algunas cosas de la sobredicha materia y de psalmos acomodados a este proposito, como *Quemadmodum cervus desiderat, Quam dilecta tabernacula tua, Laetatus sum in his quae dicta sunt mihi*, y desta manera continuaron toda la noche, y quando le parecia que estarian cansados, ordenava que aquellos reposassen y que otros velassen, y quando ella podia los ayudava y respondia o repetia algunos versiculos. Todas las vezes que se dezia el psalmo *Quemadmodum*, le repetia dos o tres vezes, particularmente *Quare tristis es anima mea, & quare conturbas me, spera in Deo, quoniam adhuc confitebor illi salutare vultus mei & Deus meus*.

Estando ya muy mal y muy cercana al morir, entro un religioso en la camara, diziendo *Laetatus sum in his quae dicta sunt mihi*; y ella respondio luego con grande alegria y con las manos alzadas al cielo: *in domum domini ibimus*, y repetio esto algunas vezes.

Agora cayo Señora, que devo dezir a V. S. algo de la prudencia de esta Señora princeza, en la qual virtud era juzgada de todas las personas que la trataron por perfectissima, lo que ha mostrado en diversas ocasiones y particularmente, en la ausencia de los Illustrissimos y excellentissimos Señores Duque y Principe, gobernando ella los estados con singular juizo, y prudencia y con muy entera justicia, lo que era con gran admiracion de los oydores de su consejo, y governava con tanta humanidad y buen modo, que los pueblos quedavan contentissimos.

Solo esto dire que supo un cavallero del Señor Principe platicando con el que le parecia que Dios avia hecho esta Señora para el, porque en la verdade le parecia que con ninguna otra pudiera bivar en tanta paz y quietud, y esto por su prudencia y juizo.

Dexo de dezir lo que el excellentissimo Señor Duque dezia ansi en publico como en secreto, quando se offerecia ocasion de hablar della, y porque no es possible en tan breve tiempo dilatarle mucho, dire a V. S. para su edificacion de su felice transito.

Su Alteza me dixo en el principio de Junio: Padre cinco meses ha que estoy en esta cama y si Dios fuesse servido, queria o yrme para el cielo o sanar, por que a mi me parece que gano poco, y ja de hoy mas me siento cansada, contodo hagase su sanctissima voluntad, y si quisiere que yo este de esta manera algunos años, assi sere muy contenta. A la qual yo le respondi: quíças que Dios oyra y sera servido de una cosa y outra y mediado el dicho mes le sobrevino una calentura muy intensa. Entonces dixo reyiendo: y van tanto por delante estas sazones, presto se acabara esta cosa, y notablemente va declinando el mal..

Vino el señor Johan Gomes de Silva, imbiado de el Rey de portugal a visitar esta señora, y fue necessario descubrirle la muerte del Señor don Duarte, su hermano, la qual se le avia

encubierto por algunos meses, habiendo el Illustrissimo señor Principe hazer gran diligencia para que por ninguna manera lo supiesse, teniendose por por cierto que esta amarga nueva seria bastante a le dar la muerte, lo que era con harta compassion de todos los que lo sabian. Viendo que a una persona afligida de tantos males se ubiesse de augmentar tan cruel herida y no se pudiendo hazer de menos, fue el señor Principe, y con buen modo, le dio tampoco esperada nueva, la qual oyendo ella estuvo per algun espacio sin hablar, y llorava tiernamente y de alli a un poco estando yo presente me dixo: dezidme padre de que muerte murio el señor mi hermano. Yo le respondi: muerte de sancto. Acudio ella: dezidmela luego. Yo la dire a vuestra Alteza con condicion que me escuche sin llorar, porque haziendo de otra manera seria ingrata a Dios, y luego le ley una larga carta, escripta sobre la vida y muerte del dicho señor, la qual yo traslade en italiano vulgar, y la imbío a vuestra señoria con la presente. Estava Su Alteza attentissima, y quando llegue a aquel passo adonde se dize que la señora Iffante su madre estando in extremis, dixo el señor Don Duarte: hijo, no os quiero aca dexar, quiero que esteys conmigo. Aqui me respondio Su Alteza y dixo: cierta estoy que lo mismo abra dicho de mí, y que no me lo quieren dezir. Como acabe de leer la carta, alzo las manos al cielo y dio gracias al Señor, diciendo que deseava que todos la ayudassen a le dar los agradecimientos, y dixo: es tiempo que yo me apareje para me yr a ver con el, mas que confusion sera la mia, que soy muger, y deviera ser mejor.

El negocio sucedio al contrario de lo que se imaginava, porque ella con gran prudencia dissimulava el dolor, y tanto se animava a esto que hacia maravillar a todos, y mando sin dar quenta a nadie quitar los panos de la camara por dar gusto al señor Principe, y hizo le traxessen sus joyas, dando a entender que queria alegrar la vista, y algunas veses haziendo reflexion sobre estas cosas dezia: a mí me parece que me he buuelto buuelto una niña.

Despues me conto algunas cosas de aquel Principe su hermano tan raras que yo nunca he oydo y ciertamente dignas de seren manifestas al mundo, y en este modo y estado fue continuando con pocas mejoras.

El día de sant Johan baptista, que hizo onze annos cabales que ella entro en Parma con tanta alegria y gloria de estos estados, se hallo muy indispueta y tanto que diziendole una persona: hoy es el día en que Vuestra Alteza entro en esta ciudad, ella respondió: quiza que sera aquel en el que saldre y entrare en la otra vida. Y luego quiso hazer una confession general de toda su vida, aunque acostumbrava hazerla a menudo y todas las veses que tenia algun gran trabajo y la hizo con tanta ternura de su coraçon y con tantas lagrimas que juzgue ser necessario no la dejar ir adelante en su fervor. Quiso tambien comulgar aquel día, lo que hizo en el mismo sentimiento y lagrimas y con tanta copia que todos los que eran presentes lloravan y ella pensava que esta avia de ser la ultima vez, y ansi mando pedir licencia al cura para comulgar por viatico. Quería tambien tomar la extrema unción, mas no parecio tiempo a quien le dio el Santissimo Sacramento.

Quiso Dios que luego como comulgo se sintiesse bien, y ansi estuvo todo aquel día, y tanto que entraron en su camara muchas personas con esperanza que poderia aun sanar, que era lo que desseavan, mas ella empeço de alli adelante a aparejarse con maior diligencia para la partida, ni tratava ya sino con religiosos ni se curava que la visitassen las señoras, como de antes hazia, y por que era necesario aun que ella estuviesse tan mal despachar al Conde Emilio para Portugal, no dexo ella mesma de dictar en un día cinco cartas, y informo al dicho Conde tan minuciosamente que a todos causo grande admiracion.

Viernes que fue la vispera de S. Pedro y S. Pablo se hallo muy mal de manera que todos pensavan que se acabava, y en el maior crecimiento del mal dixo en alta voz: hoy es viernes día de la passion del Señor, de aqui a ocho días que sera tambien viernes morire, y con verdad se puede dezir, que aun que ella no murio aquel día, empezo con todo esso a entrar en passamiento, como luego dire.

No quiso que mas se le hablasse en vida, y porque un medico por la animar acerto de le dezir que no tenia de todo perdida la esperanza, llegando yo delante della me dixo reyendo lo que el medico le avia dicho. Yo le respondi: Señora no le creays. Bolvio ella: yo no le creo, ni quisiera me lo dixera, porque no queria bolver atras, sino yr adelante y aparejarme bien.

Y en la verdad si alguna vez hablava en bivir era porque los medicos la entretenian con essa esperanza. De ally en adelante empeço a se despedir de los excellentissimos señores Duque y principe pediendoles perdon y les encomendando muy encarecidamente sus criados y las oblicaciones de su consciencia.

Una vez me halle presente quando Su Alteza encomendava al señor Principe la educacion de sus hijos, y lo hizo con tanto affecto y lagrimas que commovio las entrañas a su Excellencia, y le pedio que los hiziesse criar virtuosamente y en el temor de Dios, y añadió estas y semejantes palabras, conforme a aquellas que dezia la Reyna de Francia del Rey san Luis, su hijo: yo desde agora ruego a Dios que si ellos en algun tiempo han de offender su divina magestad en peccados graves y enormes que antes los lleve para si.

Quiriendose despedir del principe Ranucio su hijo, que ella mucho amava, le dixo enquanto el andava sirviendola (lo que costumbrava a hazer con tanto ayre e tanta diligencia que mas no se podia dessear): Ranucio, quiero te dezir dos palabras; como acabare de comer, no te vayas. Este principillo se enternecio de manera y le enternecieron el coraçon aquellas palabras que empezo rotamente a llorar, en modo que no uvo persona en la camara que no llorasse, y no quedasse atonita del juizio y habelidad con que tan ayria penetrara se maravillasse de la discrecion, con que tan presto penetro, lo que le queria dezir la madre, ni jamas uvo remedio, de aquietarle, hasta que la misma madre dissimulo, y fingio, que le queria dezir lo que avia de imbiar a dezir al Rey de Portugal, por el conde Emilio, que estava de partida.

Hizo tambien llamar a la Princessa Margarita, diole tales consejos, y preceptos, quales tal madre, y en tal tiempo, le devia dar, con tantas lagrimas de la una y de la otra, que fue necessario, que el señor Principe la hiziesse apartar.

A todas las otras mugeres abrazava y les pedia perdon, consolâdolas y la postrera palabra, que ella dixo al señor Principe fue rogarle que no se entrístreciesse tanto ya que Dios era servido de aquello.

A tres de Julio por la tarde, empezo a reposar, y parecia no avia peligro, de morir tan presto, de manera que se partiron, quasi todos, quedando alli solamente las mugeres que eran de guardia y aviendo reposado un poco desperto y comenzo a dezirnos no se que, con la boz muy tenue. Llamado el medico, su Alteza le pregunto como estava el pulso, y respondiendo que estava muy debil, luego me hizo llamar, y me dixo que seria tiempo de receber el sacramento de la extrema unction: suplicoos que lo imbieys a dezir al señor Principe, y despues hazed llamar al cura. Y tomo este sacramento con mucha alegria estando muy atenta a las palabras y porque el cura dezia bajo le rogo, que dixiesse alto para que lo pudiesse oyr bien, y despues de averle rescebido, dixo: o quanto dessearia comulgarme mañana, y diziendo el cura que no podia, por ser la extrema unction el ultimo Sacramento, ella subito le respondió: perdonadme padre, que bien se puede hazer, y la mañana siguiente con todo aquello comulgo con su costumbrada reverencia y devocion, diziendo ella la confession con harto trabajo y con muy gran sentimiento, y veendo el Sanctissimo Sacramento, con grandissimo fervor dixo alto: *Deus propitius esto mihi peccatori*, y lo replico muchas veses y con tanto affecto que movio a todos los que estavan presentes a lagrimas. Hizo tambien aquella noche llamar al escrivano y confirmo su testamento, el qual muchos menses havia tenia hecho, pidiendo primero licencia al señor Principe.

No quiso su Alteza que sus hijos le pareciessen mas delante, y ordeno que de su parte se pediesse al señor Duque que con buen modo ordenasse que el señor Principe no entrasse alli mas, y esto por poder mas libremente attender a se preparar, y porque aquel dia o el siguiente ella expedio un cierto negocio suyo que importava a su alma dixo: o quanta obligacion estoy a Dios, que me consevo la vida hasta agora para que pudiesse quitar este cargo de consciencia.

Ni entendio en todos estos dias salvo ense preparar para pelear con el inimigo la hora de la muerte, y pidiendo los remedios para le resistir, teniendo por cosa cierta que avia de padecer mucho en su transito, ni le han podido quita esto de la imaginacion y fue ansi puntualmente. De aqui nascio que tenia ella ordenado que quando estuviesse en transito, se hiziesse la oracion de las quarenta horas, y porque esto no se podia hazer, dio orden aquel mesmo dia que murio a su maiordomo que de su parte imbiasse pedir a los monasterios que todos rogassen a Dios por ella, y a las monjas de las Gracias que estuviesse de continuo una dellas delante del Sanctissimo Sacramento en oracion hasta su falecimiento.

Hizo bolver a Parma el padre Rector de la compaña de Jesus de Novelara para que se hallasse a su muerte, porque de su virtud y modo de ayudar las almas en aquel passo tenia gran opinion. De aqui procedia tambien que a menudo hazia actos de fee, y hizo que le atassen al pescuesso una buena protestacion della, y tomandola con gran devocion la besava, y a mi me dezia: quando estuviere en aquella ultima hora acordad os padre que yo tengo al pescuesso la protestacion de la fee.

Con verdad puedo dezir que en aquel ultimo dia no me hablo en outra cosa que de preguntar los remedios para aquel combate, que ella esperava y entre otras cosas que yo le dixee fue esta una: acordaos Señora que en este passo en que estays (como es verdad) toda



bañada en sangre de Christo por medio de los Sacramentos, y hazeos a sus santissimos pies, porque nunca hecho de si quien ansi se ha havido, y note esto tambien que quando ya estava en el conflicto no dixo outra cosa sino Jesus, Jesus, y tenia siempre la boca en los pies del crucifixo, y tenialo tan aguarrado que quiriendosele yo algunas veces quitar, no he podido.

Los ultimos dias tenia gran miedo de reposar porque dezia que le parecia que avia de morir sin dezir Jesus, hasta que los medicos la asseguraron que podia reposar, y ansi assi reposava un ratillo, y despues luego con gran prissa llamava y pedia la bela benedicta la qual estava preparada para aquella hora y era una de las que havia benedizado el Papa Pio quinto, el qual ella tenia por sancto, y llamava a alguno de los padres que le encomendassen el alma a Dios, y por veses hazia dezir se resassen ciertos versiculos devotos, de que se avia ayudado la Iffante su madre a la hora de su muerte, y ordenava tambien que se le dixessen aquellos de que el señor don Duarte su hermano se servio en su muerte, que son muy devotos y al proposito de aquel passo, los qualles ela misma tenia selectos de la sagrada escriptura, y siempre que se dezian, tambien ella los repetia, y algunos muchas veses, como estos: *Si exurgat aduersum me praelium, in hoc ego sperabo*, y, *Maria mater gratiae, mater misericordiae, tu nos ab hoste protege, & hora mortis suscipe*, alzando las manos y hincando los ojos en el cielo.

Hizo tambien una cosa a mi parecer notable, y fue que diziendo los religiosos las letanias, todas las veses que respondian *ora pro ea*, estava ella buelta al crucifixo, que tenia en la mano, diziendo: *In manus tuas Domine, commendo spiritum meum*, y ansi continuo, quasi hasta el fin de las letanias, y hazia muy a menudo quanto tengo dicho..

Empezo el inimigo al principio a combatila a la ligera, que le parecia una o dos veses, que ella de la primera le dixo: *Ite maledicti in ignem aeternum*, segund despues refirio, y dando a entende que se reya, lo echo de si con hazer una señal de desprecio llegando para si el habito de sant Francisco, y una dama que ally estava mostro haver pavor, pero su Alteza le dixo: no temais que aqui esta el habito de sant Francisco, que le haze huir.

A lunes, que se contaron ocho de Julio sobre la tarde, me dixo: siento en mi coraçon una grande alegria, y no se lo que sea esto. Yo le respondi, endevina el coraçon su bien.

Siendo ya quasi noche fueron de parecer los medicos, que ella tomasse algunas cosas, lo que hizo con muy gran trabajo suyo, y luego la començo a combatir el inimigo de la verdad, y tan fuertemente como yo nunca he en persona alguna. Al principio deste encuentro, estando ella aun bien esforçada, era cosa de muy gran consolacion ver el animo y la fe con que valerosamente peleava, y hizo un reto de fortaleza, que apenas creyera que lo pudiera hazer estando sana; ella por si misma se levanto un poco no tiniendo de antes fuerças para se bolver en la cama adonde estava y con el crucifixo en la mano izquierda y la derecha alzada al cielo dezia en alta voz: *Si exurgat aduersum me prelium, in hoc ego sperabo*. Despues besava los pies del crucifixo, diziendo Jesus, Jesus, y lo tenia apretado y veses lo ponía sobre el coraçon.

Los religiosos continuavan con la oracion y algunas veses eeran espantados oyendola.

Passado este primero accidente, ella con alegre rostro vuelta para mí, me dixo: quien vencera? Dixe yo: vos, con la gracia del Señor, y ella respondio: y ansi espero yo.

De ally a poco le bolvió otro semejante accidente, y se uvo con el del mismo modo que con el primero.

Vino despues el tercero que en verdad hizo temblar a los que estavan presentes, y ella demostrava grandissima agonía, y no hablava y parecia que por no poder ni hazia otra cosa sino querer cubrir los ojos, y esconder el rostro. Ayudavan entonces los religiosos y todos los que estavan presentes, y estando ansi y diziendole que dicesse Jesus, y porque no hablava, respondio ella, que apenas se entendia: vos no veeys quantos demonios? como escusandose que tenia aquel impedimento.

Cesso el accidente y ella quedo con reposo, y diziendole yo que quiere esto dezir señora, que no hablays, ni dezis nada, faltaos por ventura el animo, y ella dos veses se bolvio un poco para me dezir el porque, diziendo: dirosloë, dirosloë, y no me pudo dezir otra cosa, y estando ansi debilitada, ella mesma llevo el rosario que tenia en la mano a la boca, en el qual estava una quenta de la Indulgencia plenaria, y la besava y tomava el cordon de sant Francisco, y lo besava muchas veses y de la misma manera l crucifixo, el yo ally le allegue por que ya no veyá, y diziendo Jesus despacio y *Domine suscipe spiritum meum*. Quedando con rostro sereno, se fue al eterno descanso.

Plega a nuestro señor Jesu Christo darnos gracia a cada uno de nos que bivamos tan sanctamente en este mundo que podamos hazernos merecedores de yr a vella al Cielo; adonde devemos esperar que ora este triumphante esta señora por la misericordia del Señor Dios, el qual vive y reyna para siempre jamas. Amen.

*Laus Deo.*

APÊNDICE

DEDICATÓRIA

da primeira edição da tradução castelhana por Francisco Alvarado, S.J., à Duquesa de Frias, D. Ana de Aragão:

ALA ILLUSTRISS.

y excellentissima Señora Doña Anna de Aragon.  
Duquesa de Frias.

Francisco de Alvarado

En todos tiempos, y edades, ha plazido al inmenso, y piadoso Dios, produzir en la tierra algunos spiritus excellentes, y quasi divinos, ansi de hombres como de mugeres, de maravillosa virtud, y singular sanctidad de vida. Para que con su exemplo diessen luz como estrellas resplandescientes, en la noche tenebrosa deste mundo miserable, y si bien los tiempos antiguos, y mas propinquos al nascimiento de la sãcta yglesia fueron mas fecundos y abundantes, de hombres, y mugeres, verdaderamente sanctos, y espirituales. Con todo esto agora en estos ultimos siglos en los quales esta la charidad muy resfriada, no dexa Dios (por su summa clemencia) de ponernos muchas veses delante imagines, y como expressos retratos de aquella tan celebrada bondad, y innocencia Christiana. En este numero y en principal lugar (si yo no me engaño, excellentissima señora, meresce ser puesta la Princesa de Parma de felice memoria, clara por el resplandor dela sangre Real, y por otras muchas qualidades, de aquellas, que dan maior maravilla al mundo. Pero clarissima, por la egregia piedad para con Dios, Por la charidad, y mansedumbre con los inferiores, y por el ardentissimo estudio de la prefection spiritual, en la qual exercitandose, y perseverando constantemente hasta el fin, ha mostrado que la buena y sancta vida, y la vida spiritual no (como muchos creen) conviene solamente a personas simples, y de baxa condicion, Antes pertenesce mucho mas, a las personas nobles, y de alto estado, Las quales puestas de Dios en lugar sublime, y eminente, y por esta causa miradas e imitadas de todos, tienen grandissima obligacion a atraer a los otros a la virtud, y religion. Portanto aviendome venido alas manos, esta breve relacion de la vida, y muerte exemplarissima desta sancta señora, la grande obligacion que tengo a vuestra excellencia y al excellentissimo Condestable, y a su Illustrissima casa, y la noticia de la gran christianidad de v. exc. (cuya rara fama es publica en todas partes) me ha dado atrevimiento, de offrescersela, en reconocimiento, y señal, delo mucho que devo, La qual obrezilla de lengua Italiana, traduxe en nuestro vulgar Castellano, Lo mejor y mas puramente, que pude y pensando hazer cosa grata a muchos la he hecho estampar a qui, Donde vera v. exc. al vivo, su retrato y lo que es, y parece en los ojos del mundo, para que de nuevo reconosca las mercedes y beneficios, que en este caso mediãte su sancta vida y obras la ha hecho nuestro señor. El qual guarde la illustrissima y excellentissima persona de v. exc. y estado accresciente como yo deseo.

De Roma 25 de Agosto 1580

[B. P. A. D. de Évora, Cód. CIV/1-17. Apêndice: *Vida y Muerte de la Serenissima Princesa de Parma y Placenzia*, Roma, 1580.]

## NOTÍCIA

### da morte da Serenissima Princeza de Parma D. Maria.

Quando todo o Reyno de Portugal se estava preparando para a expedição de Africa, chegou como fatal vaticinio das desgraças, que havia de padecer, a lamentavel noticia da morte da Serenissima Princeza de Parma a Senhora D. Maria, succedida a 8 de Julho deste anno de 1577. Certificado ElRey D. Sebastião da cega barbaridade, com que a morte intempestivamente privara da vida a esta Princeza, merecedora de a lograr por tempo mais dilatado, mostrou no semblante o profundo sentimento, que lhe opprimia o peito, obrigando-o a este excesso não sómente os vinculos do parentesco, mas os gloriosos tymbres, que lograra esta Monarquia com a alliança da Serenissima Casa de Parma.

Tinha nascido esta insigne Heroína em a Cidade de Lisboa a 8 de Julho de 1538 para immortal braço da sua gloria, e de seus Augustos Progenitores os Infantes D. Duarte, Duque de Guimaraens, filho do Serenissimo Rey D. Manoel, e D. Isabel, filha de D. Jayme, quarto Duque de Bragança. A natureza, emula da graça, a formou para exemplar do estado conjugal. Não lhe serviaõ de obstaculos a soberania do nascimento, e muito menos a delicadeza do sexo, para com sumo desvelo aprender as linguas Grega, e Latina, os segredos da Filosofia, as observações da Mathematica, e as mysteriosas difficuldades de hum, e outro Testamento, cujos scientificos dotes se augmentavaõ com a fermosura do rosto, pureza do espirito, e affabilidade do genio. Entre os Principes, que a pertenderaõ para Esposa, preferio a Alexandre Farneze, Duque de Parma, e Placencia, em cujo peito se uniraõ felizmente valor intrepido, e solida piedade. Com eterna saudade deste Reyno sahio em 14 de Setembro do anno de 1565 do porto de Lisboa embarcada em huma soberba Armada, conduzida pelo Conde de Mansfelt, a qual expedira D. Margarida de Austria, Governadora de Flandes, futura Sogra da Princeza, (como largamente se relatou no Tom. II. destas Memorias, liv. 2. cap.13.) e depois de triunfar de dous elementos, conspirados contra a vida de tantas pessoas, que formavaõ a sua comitiva, chegou a Flandes, onde se celebraraõ com magnifica pompa os seus desposorios com o Principe de Parma em o dia do Apostolo Santo André, Padroeiro da Ordem Militar do Tusaõ de ouro, no qual se cumpriaõ cento e quatro annos da sua instituição, feita em obsequio de outra Princeza de Portugal a Senhora D. Isabel, filha delRey D. João I.

De Flandes passou para Parma, onde os seus Vassallos explicaraõ em soberbas maquinas os sinceros jubilos dos corações. Querendo dominar mais as vontades, que as paixoes dos seus subditos, se constituiu a norma mais perfeita de todas as virtudes, pacificando discordias, soccorrendo necessidades, e distribuindo premios. Com piedosa metamorfose converteo o seu Palacio em Mosteiro onde todo o tempo, que restava dos exercicios devotos, occupava com as suas Damas no artificio de preciosos paramentos para ornato dos Altares. Aborrecia a vaidade de vestidos pomposos, usando daquelles, que sem injuria da soberania eraõ mais modestos. Na mesa se abstinha daquelles manjares mais gratos ao gosto, sendo para a sua parcimonia os mantimentos grosseiros delicadas iguarias. Evitava os gastos superfluos, para socorrer com mão mais generosa aos pobres. Erigio hum Recolhimento para nelle conservarem illesa a flor da virgindade as filhas de algumas mulheres, que viviaõ com publico escandalo.

Passados onze annos da sua assistencia em Parma, a cujos instantes corresponderaõ com excesso as religiosas acções da sua vida, permittio a Divina Providencia, que para receber o premio merecido, enfermasse gravemente de huma doença prolongada, que aceitou resignada, e tolerou constante. Despedio-se de seus filhos com catholica ternura, exhortando-os à observancia inviolavel dos Divinos preceitos. Depois de receber os Sacramentos com affectuosos colloquios, chegada a hora, que a havia transferir para a immortalidade, repetindo tres vezes o Santissimo Nome de Jesus, expirou placidamente a 8 de Julho de 1577, quando contava trinta e nove annos de idade, e onze de Princeza de Parma. Divulgada a sua morte, foy universalmente sentida, aclamando-a o povo *Santa*, entre copiosas lagrimas, e ardentes suspiros, por ter perdido na sua Augusta Pessoa o soccorro mais opportuno. Na Cathedral se lhe celebraraõ magnificas Exequias, que officiou o Bispo de Cremona, e recitou a Oração funebre Camillo Platonio, Academico dos Innominatos de Parma. Jaz com o Principe seu marido em sepultura raza em o Convento dos Capuchinhos.

**DO VALOR E DO ÂNIMO  
de mulheres portuguesas.**

... A Princeza de Parma Dona Maria sobrinha daquela mesma seõora Emperatriz filha do Infãte Dõ Duarte seu irmão, molher de Alexandro Farnes Principe de Parma, por sua sanctidade e grãde religiãõ se pode com muita razãõ referir no catalogo dos sãctos deste reino, perque perpetuamente serã lembrada em Italia, e por a grande prudencia com que governou aquelles estados de Parma e Plazencia nas absencias do Principe seu marido: de cuja inteireza e sabedoria os do seu conselho se espantavãõ e do grãde juizo com que tratava e despachava as cousas da justiça, perque todos os subditos daquelles estados erãõ contentissimos. Porque nella achavãõ os poderosos e grandes justiça e inteireza, os pequenos clemencia e igualdade, os maos castigo, os bõs favor e premio, e todos abrigo e amparo.

De suas grãdes virtudes e sanctidade e processo de sua vida exemplar, ha muitos livros scriptos per homẽs graves nas lingoas Latina, Italiana, e Hespanhol, de que todas as molheres podem tomar exemplo de costumes e valor de animo...

Do Augusto consorcio contrahido com Alexandre Farneze foy a primeira producção a Princeza Margarida, què nascendo a 7 de Novembro de 1567 se desposou com Vicente Gonzaga, Duque de Mantua. A segunda producção foy o Principe Raynucio, que nasceo a 28 de Março de 1569, sendo quarto Duque de Parma, e Placencia, Alferes mór da Igreja, e Cavalleiro da Ordem do Tusaõ. Casou no anno de 1600 com a Princeza Margarida Aldobrandina, filha de João Francisco Aldobrandino, Principe de Carpignano, e da Princeza Olympia, Sobrinha do Papa Clemente VIII., de quem teve larga descendencia. O ultimo filho foy o Principe Duarte Farneze, Cardeal da Igreja Romana, creado pela Santidade de Gregorio XIV. a 6 de Março de 1591. Foy Bispo de Sabino, e Tusculi, Legado do Patrimonio de S. Pedro, Protector dos Reynos de Portugal, Aragaõ, Inglaterra, e Suecia; insigne Mecenas de estudiosos, e perfeito exemplar de Prelados. Faleceo em Roma a 21 de Fevereiro de 1626. Nestas tres imagens deixou esta insigne Heroína copiada fielmente a piedade do seu animo, e a excellencia do seu espirito, cujas virtuosas acções celebraraõ varios Authores em diversas linguas, como se póde ler no Tom. III. da *Bibliotheca Lusitana*, que nobilitou com os rasgos da sua penna, sendo igualmente merecedora da memoria perduravel pelo que obrou digno de se escrever, como do que compoz, impossivel de se imitar.

[Diogo Barbosa Machado, *Memórias para a História de Portugal que comprehendem o governo del Rey D. Sebastião*, T. IV, Lisboa, 1751, Cap XV.]

**DA HABILIDADE**  
**das mulheres portuguesas para as letras e artes liberaes**

... Da senhora Dona Maria Princeza de Parma molher do Principe Alexandre Farnesio, sobrinha da mesma senhora Infante, filha do Infante Dõ Duarte seu irmão entre as muitas e raras virtudes que nella houve se deve sempre fazer menção da grande eminencia que tinha nas letras divinas e humanas: porque tinha muita noticia da língoa Latina e da Grega: era nas mathematicas mui docta e na philosophia natural, e muito mais na sagrada Scriptura em que continuamente se occupava. Tudo isto encobria esta modestissima Princeza como encobria as muitas esmollas e boas obras que fazia.

Porque lhe parecia (como se ve do livro que de sua vida seu confessor escreveo) que era culpa saberense algũas boas obras suas em publico. ...

**LIÇÃO PARA MULHERES**  
**A Princesa de Parma Dona Maria, pertence a Villaviçosa.**

Folgara de ter a pena douro, com que se deuião escrever as cousas que temos da serenissima Princesa Dona Maria filha do Infante Dom Duarte, & de sua molher Dona Isabel filha do Duque de Bragança Dom Gemes. Casou com Alexandre Farnes Príncipe de Parma, & Plazencia, filho de Dona Margarita de Austria, & por isso neto do Emperador Carlos quinto. Escreue Duarte Nunes na sua Descrição de Portugal, que foy muy douta nas linguas Latina, & Grega: & que alem do conhecimento das artes liberaes, era por extremo versada na sagrada Escritura, prudente, modesta, humilde: amiga dos pobres, pera os quaes trabalhaua com suas mãos todo o tempo que podia furtar as obrigações publicas de seu estado. Dauase muito ás obras de penitencia, & muito mais á oração, encobrendo tanto todas suas obras boas, que costumaua dizer, que era falta publica saberemse em publico.

Escreueo a vida, e morte de tam esclarecida Princesa seu Confessor em hũa larga carta pera certa Senhora de Italia despedida a quinze de Julho de mil e quinhentos & setenta & sete, a qual depois se imprimio em Hespanhol em Madrid no anno de mil & quinhentos & noventa & hum, por industria de Francisco de Aruaredo; nella vem principalmente a regra, que esta Princesa tinha pera se guiar em o caminho da perfeição de seu estado de casada; & depois se contaõ algumas cousas de grande edificação, colhidas dos muitos serviços que fez a Deos em este mundo.

Quanto a regra de vida, achouse hũ papel depois da morte de tam insigne Princesa, o qual estaua entre suas joyas de mayor estima, dobrado, & çafado de maneira, que parece que o trazia no Ceo, & continha os propositos seguintes.

1. Terei de continuo diante dos olhos aquellas palastras de Christo senhor nosso: *Que aproueita a hum homem ganhar todo o mundo, se sua alma padecer detrimento?* E como nenhũa cousa me importe mais que a saluação, por nenhua trabalharei mais, lembrandome que o caminho do ceo he estreito, & difficultoso: mas o do inferno largo, & facil.

E nunca me esquecerei daquelle conselho tam importante escrito no livro do Ecclesiastico: *Lembrete de teus nouissimos & nunca peccaras.* Estes nouissimos, são Morte, juizo, Inferno, Paraíso. Sobre as quaes cousas terei cada dia a noite, meya hora pello menos de oração, pera desterrar de mĩ todos os fumos da vaidade do mundo.

3. Terei muita conta em procurar o que he melhor, & mais conforme com a vontade divina, desejando, que em tudo se cumpra perfeitamente, e assi me persuadirei, o que he verdade, que o mais insigne titulo que tenho he o nome de Christãa: donde seguir seha que em caso que fosse necessario perder algum, quisesa antes perder todos os outros, que faltar na obrigação de hũa boa Christãa.

4. Serei muy cuidadosa de grangear hũa profunda humildade, que he a escada pera o Paraíso, & a mĩ muy necessaria neste estado rodeado de tantas, & tão diuersas occasiões de soberba.

5. Procurarei conseruar em minha alma hum grande despreço das cousas da vida presente, & de conhecer perfeitamente o pouco caso que se deve fazer de mĩ, persuadindome que aquelle não he digno do nome de Christão, que não chega a este ponto de perfeição, & por isso me aproveitarei daquelles lindos versos de São Bernardo, os quaes sendo moça, tinha traduzido na lingua Portuguesa, & em Latim são estes:

*Si mihi sint vires, & pramia magna: quid inde?  
Auri si species, argenti massa: quid inde?  
Si mihi sint nati regali stirpe, quid inde?  
Longus seruatorum mihi seruiat ordo, quid inde?  
Si doceam socios in qualibet arte, quid inde?  
Et rotæ Fortunæ me tollat ad astra, quid inde?  
Si felix annis regnauero mille: quid inde?  
Seruiat ergo Deo quisquis, quoniam satis inde.*

Querem dizer em Portuguez: Ter grandes forças, rēdosas possessões, varias peças douro, & grossa prata, muitos filhos de real progenia, hum numero infinito de criados, insinar a todos qualquer sciencia, que a Roda da fortuna me suba muy alto, tendo tanta felicidade, que reine mil annos: nada me aproueita, porque tudo passa como vento: serue logo a Deos, & tudo teras em abundancia.

7. A lei de Deos tera sempre o melhor lugar no meu coração, aonde el Rey Dauid a punha dizendo em o Psalmo vinte e noue: *No principio do livro esta escrito de mim que faça a vossa vontade, meu Deos, assi o quis & vossa ley esta no meyo de meu coração.* Pello que terei cuidado de corresponder ás inspirações do Espirito-sancto, as quaes desde sua mocidade foy servido inspirarme, por sua bondade infinita, pera que o seruisse, & amasse inteiramente.

8. Cada dia sinco vezes, pello menos, lhe darei graças de joelhos, pellos grandes & continuos beneficios que tenho recebidos de sua mão liberal.

9. Exercitarmeei na mortificação de minhas paixões, & appetites, persuadindome, que he proprio exercicio de Christão.

10. Sempre me lembrarei que a penitencia he particular acto dos Christãos, & por isso não passara dia, em que não faça algũa pequena penitencia, ao menos refreandome de algũa cobiça, ou priuandome de algũa recreação ainda que seja licita.

11. Farei muito caso da oração, e procurarei de a fazer mental, pello menos tres vezes cada dia, conuem a saber, meya hora pella menhã, meya hora ao meyo dia, & meya á noite, & demais disso trabalharei em outras horas de a fazer curta, mas a meude, & cõ feruor.

12. Tanto que pella menhã despertar me offerecerei a Deos, rogandolhe me dê graça pera o não offender: & logo que sair da cama, a primeira cousa que fizer, sera porme de joelhos, e dizer esta Oração que se reza na prima: *Senhor Deos omnipotente, que nos fizestes chegar ao principio deste dia: livrainos nelle por vossa virtude, pera que nos não inclinemos a peccado algum: mas sempre nossas palavras, pensamentos, & obras procedão, & se dirijão a fazer vossa vontade, por amor de vosso Filho Christo senhor nosso. Amen*

13. Em quanto me vestir, ninguem apparecera, senão as damas necessarias, com silencio me lembrarei daquella bella consideração da Rainha Ester, escrita em o Capitulo quatorze do seu livro assi: *Vos Senhor sabeis minha necessidade, & abomino o ornamento da soberda, & humana gloria, ao qual ponho na cabeça em os dias em que me enfeito, & que aborreço como ao pano com que a molher traz manchado seu rosto, & bem vedes que não vso delle em os dias em que não he necessario.*

14. Quando ouir Missa então mais que nunca terei lembrança que sou obrigada assistir nella com grande humildade, & reuerencia, o que cumprirei interiormente o mais que me for possivel, & no aleuntar a Deos me inclinarei desenhando meterme debaixo da terra, se podera ser.

15. Notarei sempre algũa sentença do Euangelho, que se ler na Missa, ou cantar, pera me lembrar della todo o dia.

16. Não mudarei por nehũa cousa que suceda meus exercicios espirituaes, principalmēte o costume de confessarme, pello menos cada mes, alem das principaes festas. Confessarmeei algũs dias antes da comunhão, & gastarei meya hora em oração antes de comungar, & meya hora depois. & ouuirei outra Missa, dando ordem que se me faça algũa breue exhortação na minha Capella.

17. Estando á mesa me lembrarei da temperança, & mortificação dos comeres, que forem mais de meu gosto, & procurarei muito de estoruar as murmurações, & palauras pouco honestas.

18. Depois de jantar poderei tomar algũa recreação honesta, a qual me seja permitida por meu confessor, & juntamente darei hũa volta pella casa.

19. Fugirei a ociosidade, a qual faz a todos dão principalmente aos que se crião com delicias.

20. Minha occupação sera entre dia fazer corporaes, & cortinas, pera adornar o sanctissimo Sacramēto do altar, & depois me occuparei em ler a Escriitura sagrada, na qual tanto me alegrava antes que fosse casada.

21. Quando tiuer visitas, procurarei estoruar as praticas que se costumão ter em semelhante ocasião, conuem a saber de amor, dos peccados, & faltas de outrem: & mostrarei não gostar de materias semelhātes, principalmente quando se fala de molheres casadas: & darei a entender, que as mais modestas, & virtuosas me serão as mais agradaveis, & fauorecidas.

22. Não permitirei jamais que dancem em meu Paço, antes o impedirei quanto puder: & sendo caso que se faça vendo algũa cousa pouco honesta, a reprēderei liurementemente de modo que se entenda que tais maneiras de proceder me desagradão muito.



23. Procurarei com diligencia que todos os de minha familia guardem muita honestidade, cõstituindo algũas pessoas que se enformem de tudo o que passar, & me auisem do que for necessario pera prouer nisso, & farei que não se leam liuros deshonestos.

24. Nunca me irei deitar, sem que primeiro tenha feito exame de minha consciencia, & pedido a Deos perdão de meus peccados: & metendome na cama repitirei comigo mesma o oitauo capitulo da historia de Tobias. Apontaua este capitulo, porque nelle dezia Tobias que nos tempos da noite não devem assi ajuntarse os casados, como os homẽs que não conhecem a Deos.

25. Não deixarei de saber como viuem meus criados, & notarei, se algum delles anda em mao estado.

26. Eime de prouer de hum confessor tal, qual me conuem, obedecendolhe com toda a reuerencia.

27. Farei que em minha casa seja o tempo bem gastado, & que aja algũa criada pera despertar minhas damas, & donzellas a hora competente.

28. Terei grande cuidado de não fazer gastos superfulos : mas somente gastarei em cousas necessarias, no que não me fiarei do meu parecer, pera que do que forrar possa fazer algũas esmolos.

29. Serei aduertida que me não deixe levar em minhas cousas pella vaidade: mas somente pella razão.

30. Reprendendo â outros me guardarei de me não deixar levar da colera, dizẽdo palauras injurias, ou fazendo cousas não conuenientes a pessoa da minha qualidade.

31. Não me entremeterei em negocios de Frades, nem de outros Religiosos, por lhes não impedir o fruto de sua obediencia. Ate aqui se contem as cousas do papel, quanto a regra de vida; agora se seguem algũas, que sabia della seu Confessor escritas em a carta ja citada.

Primeiramente tinha sua Alteza hum temor de Deos notauel, & grande solicitud de nũca o offender; pello que de noite, quando fazia exame de sua consciencia (o qual costumou fazer desde minina) escreuia seus peccados, & quando se confessava, declaraua o numero, ainda dos minimos defeitos, tanto que algũas vezes parecia aos confessores que excedia : & se a reprendião, respondia com lagrimas, ou se falaua dizia, que era verdade, & pedia conselho pera fazer o que mais conuinha.

Não queria fazer deuação nenhũa, que não fosse aprovada pello Ordinario, dizendo, que nada queria da mão do inimigo.

Fazia summa honra ás imagens, & tinha em seu oratorio a da Virgem nossa Senhora, como a que chamaõ Sancta Maria Mayor de Roma, que fez São Lucas, a qual sempre estaua cuberta, por causa de mayor reuerencia, saluo quando se punha a orar.

Era deuotissima dos lugares que conseruauão Reliquias dos sanctos, & visitauaos com muita piedade; assi, quando esteue em Alemanha, visitou os principaes de Colonia, donde trouxe algũas cabeças das Onze mil virgens, & outras Reliquias de grande excellencia. sendolhe em Aquisgrano mostrado aquelle pano, com que nosso Senhor foy cingido na Cruz, se enterneceo com sinaes notauels de deuação, pello que rogou a hum sacerdote daquelles, que o mostrauão, lhe desse hũ pequeno fio, o qual lhe foy dado, & sempre o estimou muito. Forãolhe mostradas ali algũas das preciosas faixas, cõ que Christo senhor nosso foy embrulhado quando naceo; prostrouse beijandoas cõ tanto affecto, que parece que as queria comer, & meter em seu coração.

Gastaua todo o tempo que podia em laurar com suas mãos algum ornamento pera seruiço do altar. Quando tinha ocasião, acompanhaua o sanctissimo Sacramento, edificando o pouo com singular exemplo de sua pessoa. Tinha por cousa muy importante, & necessaria de cõfessarse, se auia cometido qualquer pequeno defeito em Igreja aonde estiuesses o sanctissimo Sacramento. Comungaua com tanta deuação, & lagrimas, que não podia deixar de ver vista dos circunstantes. Foy muita parte de outras pessoas frequentarem os diuinos sacramentos, porque costumava dizer: *Eu seria a mais mà molher do mundo, se me não confessasse, & comungasse hũa vez no mes.* Assi o fez ordinariamente, & quando o Principe seu marido hia à guerra comungaua cada quinze dias, mas quando estaua doente cada oito.

Toda se occupaua em trabalhar, porque não ouuesse molheres más, pello que deu remedio a muitas, que auião sido publicas peccadoras, & procurou que se fizesse hum recolhimento pera as filhas das que erão más, ou muito pobres, pera que fossem socorridas, & doutrinadas com temor de Deos, & depois emparadas com honra, & virtude. Dezia que hũa das mayores alegrias, que jamais teue, foy quando hũa moça de mà vida se deitou a seus pês rogandolhe que a ajudasse a viuer bem, & como ouuio isto publicamẽte a abraçou, não deixando de a aconsolar ate a fazer receber em hũa Religião depois que foy perfeitamente prouada nos propositos da virtude, vsando o mesmo com muitas outras.

Louuaua muito as mulheres nobres de sua cidade, que se dauão á vida espiritual, & dezia que não tinha mayores amigas, principalmente as que auião sido vãs, & depois se dauão ao espirito. Auia em sua cidade hũa Confraria das mulheres principaes, que tinhão por exercicio socorrer aos enfermos necessitados, a esta Confraria daua muy grandes esmolos, & muitas. Se sabia que algum mancebo inquietaua algũa donzella, trataua que o Govuernador da cidade euitasse todo mal que podia soceder, & fazia de ordinario pazes, particularmẽte entre marido & mulher: pello que com sua autoridade muitas familias se fizerão amigas, as quaes de antes andauão em perpetuo odio.

Tinha em algũas parrochias deputadas mulheres de virtude & exemplo, pera que insinassem as orações & toda a doutrina Christã ás mininas da cidade em que estaua, & ás vezes se achaua presente, dando bons premios ás que dauão melhor conta da doutrina. Vestia algũs pobres Religiosos, & isto fora do ordinario, que era vestir cada anno na quinta feira da somana sancta doze velhas viuuas de boa vida, & hũa donzella que tiuesse ate quinze annos, as quaes lauaua os pès com exemplar humildade, depois lhes daua sumptuosamente de comer, & seruiás com suas damas, & se algũa acertaua de ser cega preparaua-lhe os bocados, & ás vezes lhos metia na boca. Acabada a mesa, & dadas graças a nosso Senhor, fazia repartir tudo o que tinha sobejado por aquellas pobres.

Venhamos a sua ditosa morte. Quando cahio enferma, soube que hũa mulher pobre & velha estaua com a mesma doença que ella. Logo ordenou que os Medicos a fossem visitar, & a curassem com a mesma diligencia, com as mesmas medicinas com que a curauão a ella, & assi o fizerão sempre, dandolhe todo o necessario, ate que nosso Senhor foy seruido de a leuar desta vida, & dahi a poucos dias tambem morreo sua Alteza, não querendo o Senhor dilatar-lhe muito o premio merecido por aquella obra de misericordia.

Sabendo que estaua no ultimo da vida, mandou a hũas Religiosas da Ordem de Sam Francisco, que lhe dessem por amor de Deos pera a mortalha o mais vil habito que em seu Mosteiro se achasse, as quaes lhe quizerão fazer a vontade, & mandarão-lhe hum habito por estremo velho, & muito curto. Vendo esta falta sua Alteza ficou muy consolada, & não quis por humildade mandar buscar outro: mas disse a hũa Senhora, que principalmente a acompanhaua que se lembrasse de lhe cobrir os pès, & suprir onde aquelle habito não chegasse com algũas toalhas de linho. Pedio que por nenhum modo depois de morta a embalsamassem, recebidos com muita deuação os sacramentos fez a protestaço da Fe com notauel aduertencia a cada hum dos artigos della.

Agora he cousa muy digna de notarse, que não passou as vltimas horas de sua vida, sem grauissimas tentações do dẽmonio, as quaes significou claramente: mas todas venceo, tendo em hũa mão hum crucifixo, & a coroa da Virgem com algũas contas bentas, & com a outra beijando o cordão do habito de Sam Francisco, & tendo nella de quando em quando hũa vella acesa benta pello Papa Pio Quinto, repetindo muitas vezes com o coração, & com a boca o sagrado nome de Iesus.

Tinha grande consolação de ver que muitos Religiosos estauão darredor della, rezando Psalmos. Tambem mandou que todos os Religiosos da cidade a encomendassem a nosso Senhor, & particularmente ás Freyras que chamão das Graças, pedio que algũa dellas estiuesse de contino diante do sanctissimo Sacramento, rogando por ella ate que desse seu espirito, como fez, dizendo: *Domine suscipe spiritum meum*. Senhor recebei meu espirito, & assi passou desta mortal vida pera gozar da gloria eterna, aonde piamente podemos crer que está, pello qual seja Deos sempre louuado.

Amen.

## ÍNDICE



<i>Documento n.º</i>	<i>Matéria</i>	<i>Página</i>
1	Carta de Fr. André da Ínsua .....	15
2	Minuta de carta do Cardeal D. Henrique .....	17
3	Minuta de carta do cardeal D. Henrique .....	18
4	Carta de Fr. André da Ínsua .....	19
5	Confirmação dos contratos de casamento .....	20
6	Carta do Cardeal Farnese .....	44
7	Apontamento relativo à partida para Flandres .....	45
8	Apontamento sobre a ida para Parma .....	46
9	Recebimento de D. Maria .....	47
10	Desposório de D. Maria .....	48
11	Celebração do casamento .....	52
12	Epitalâmio .....	57
13	Epitalâmio .....	65
14	Oda .....	79
15	Epístola .....	82
16	Epístola .....	86
17	O «adeus» a D. Maria .....	89
18	Epithalamium .....	91
19	Partida de Lisboa .....	98
20	Carta do P. Sebastião de Moraes, S.J. ....	102
21	Dedicatória de João de Cointha .....	107
22	Carta de D. Maria .....	108
23	Carta de D. Maria .....	109
24	Carta de D. Isabel de Bragança .....	110
25	Carta de D. Duarte .....	111
26	Carta de Alexandre Farnese .....	112
27	Carta de Santo André Avellino .....	113
28	Carta de Santo André Avellino .....	115
29	Carta de Santo André Avellino .....	117
30	Carta de Santo André Avellino .....	119
31	Carta de Santo André Avellino .....	121
32	Carta de Santo André Avellino .....	123
33	Carta de Santo André Avellino .....	125
34	Carta de D. Maria .....	127
35	Carta de D. Maria .....	128
36	Dedicatórias de Alemanio Fini e Giulio Landi .....	129
37	Carta de D. Maria .....	131
38	Carta de D. Maria .....	132
39	Carta de Paolo Sforza .....	134
40	Carta do Cardeal Colonna .....	135
41	Carta do Cardeal Colonna .....	136
42	Carta de Annibale Marliani .....	137
43	Carta do príncipe de Bisiagno .....	138
44	Carta de Renato Borromeo .....	139
45	Carta de Luís Franco .....	140
46	«Avisos e Documentos» espirituais .....	141
47	Testamentos .....	143
48	Sebastião de Moraes, S.J., <i>Vita e Morte...</i> (Bologna, 1580) .....	155
49	Carta do P. Sebastião de Moraes sobre a <i>Vida y Muerte</i> de D. Maria ...	174
50	Notícia da morte de D. Maria .....	189
51	Do valor e do ânimo de mulheres portuguesas .....	191
52	Da habilidade das mulheres portuguesas para as letras e artes liberais ....	192
53	Lição para mulheres .....	193



